

SABOR A MOEDA VELHA

Romance



Teodoro Adrián Cardós

SABOR A MOEDA VELHA

SABOR A MOEDA VELHA

Novela

Teodoro Adrián Cardós

Índice

Prólogo · O sal	9
Parte I · A HERANÇA	12
Capítulo 1 · A fila	13
Capítulo 2 · O carro	18
Capítulo 3 · Dos treze aos dezoito	23
Capítulo 4 · O parlatório	27
Capítulo 5 · A inimputabilidade	31
Capítulo 6 · O descampado	34
Capítulo 7 · O corpo	39
Capítulo 8 · Laura	44
Parte II · O BRILHO	48
Capítulo 9 · O primeiro brilho	49
Capítulo 10 · O sofá	53
Capítulo 11 · Deixar e voltar	58
Capítulo 12 · A casa da Rocío	61
Capítulo 13 · O apartamento	66
Capítulo 14 · O ofício de ler	71

Capítulo 15 · A mulher mais velha	75
Capítulo 16 · O padrão	79
Parte III · MARTA	84
Capítulo 17 · Marta	85
Capítulo 18 · A escola de arte	90
Capítulo 19 · A mota	94
Capítulo 20 · Duas urgências	99
Capítulo 21 · A relação a três	103
Capítulo 22 · O canal	108
Capítulo 23 · O sítio do pai	113
Capítulo 24 · A consulta	117
Capítulo 25 · Um domingo de inverno	122
Capítulo 26 · A nave	126
Parte IV · O NOME	131
Capítulo 27 · A primeira ala	132
Capítulo 28 · O nome	136
Capítulo 29 · A herança	141
Capítulo 30 · Bem e forte	145
Capítulo 31 · Dar a volta a tudo	150
Capítulo 32 · A doutora	155
Capítulo 33 · O Messias	160

Capítulo 34 · O vigésimo sexto andar	168
Capítulo 35 · Os áudios	173
Capítulo 36 · O perdão da Lidia	179
Parte V · A QUEDA	184
Capítulo 37 · A trégua	185
Capítulo 38 · A linha	190
Capítulo 39 · O podcast	194
Capítulo 40 · O dia em que começou	198
Capítulo 41 · O apartamento	203
Capítulo 42 · Sete palavras	207
Capítulo 43 · A sala	212
Capítulo 44 · Claudia	217
Capítulo 45 · A câmara às duas da manhã	221
Capítulo 46 · O biombo	226
Parte VI · A LINHA ERRADA	231
Capítulo 47 · O médico que falava	232
Capítulo 48 · Cento e cinquenta e cinco quilos	236
Capítulo 49 · A gatinha	241
Capítulo 50 · Sem linha reta	245
Capítulo 51 · Lidia, outra vez	249
Capítulo 52 · O terceiro encontro	253

Capítulo 53 · A carta	258
Capítulo 54 · O internamento que pedi eu	263
Capítulo 55 · Os pesadelos	268
Capítulo 56 · Os que ficaram	272
Capítulo 57 · Para a Claudia	276
Epílogo · A toma da noite	280

Prólogo · O sal

Há sabores que chegam antes do folheto informativo. O do lítio é metálico, mas não como um garfo: é o óxido de uma moeda esquecida há anos numa gaveta que a alguém se lembra de te pôr em cima da língua. Quando meti na boca o primeiro comprimido (trinta e três anos acabados de fazer, uma ala fechada, uma janela virada para um pátio interior onde não crescia absolutamente nada), não descobri aquele sabor. Reconheci-o. Vinha de muito mais atrás. Vinha do frasco cor de laranja que passou toda a minha infância na borda do lava-loiça, na cozinha daquela casa, entalado entre o esfregão e o sal de cozinha.

O meu pai matou-se com lítio. Eu tinha vinte anos.

Escrevo-o assim, sem colchão por baixo, porque qualquer outra maneira de o dizer seria maquiagem. No papel oficial chamaram-lhe autólise por lítio. Duas palavras de dicionário médico para uma casa a que se afundou o chão; alguém as escreveu, fechou o processo e foi almoçar. A minha irmã Sonia guardou tudo numa pasta azul, aquele verão inteiro ali dentro, e essa pasta abria uma vez. Nunca mais a voltei a abrir. Já sei ao que soa: cobardia. Não é, e não o digo para ficar bem. É que não preciso de nenhum papel que me lembre. Tragou-o vestido. O meu pai tinha este cérebro meu e esta doença minha desde que nasceu, com o nome técnico e o diagnóstico em cima da mesa; o que não teve foi ninguém ao lado que lhe segurasse o tratamento, nem a cabeça, nas temporadas em que a cabeça se lhe ia sozinha dar uma volta. E acabou por usar o comprimido que estava ali para o manter vivo naquela outra coisa que o mesmo comprimido também sabe fazer quando quem o tem na mão está sozinho e partido.

Treze anos depois daquele verão, quem ocupava a cama era eu. Bata emprestada, uma pulseira de plástico no pulso com o meu nome impresso (que é a maneira fina de te dizerem que ali dentro és um volume com etiqueta), e à minha frente uma psiquiatra pequena, de cabelo curto, a explicar-me sem se pôr solene que aquilo não era para uns meses mas para sempre. Conte-lhe o do meu pai, que se tinha ido embora com uma overdose exatamente disto. Não a surpreendi:

tinha-o à frente, escrito no meu processo clínico. Receitava-mo na mesma, porque a única alternativa possível era não mo receitar. E a conversa acabou ali. Eu jogo xadrez desde miúdo e reconheço logo aquelas posições em que dá no mesmo o que mexas. Perguntei pelo prazo, mais do que nada por perguntar alguma coisa. O prazo era esse: sempre. O tipo um não se tira. Carrega-se.

Tomei-o naquela mesma tarde. E com a moeda velha a desfazer-se-me na boca veio em bloco tudo o resto, como vem de cada vez e como virá enquanto me restar língua: o meu pai, o lava-loiça, o frasco cor de laranja, aquela cozinha, a pasta azul que não abro.

Daquilo já passaram mais de sete anos. Faz as contas se quiseres: passam de dois mil e setecentos dias, e não houve um único em que não tenha engolido o sal duas vezes, ao levantar-me e antes de me deitar. Dá mais de cinco mil vezes o meu pai na boca. Mas há uma parte disto que levo bastante pior do que o sabor, e conto-a aqui porque explica esta casa melhor do que qualquer outra coisa que possa contar. De manhã calha-me comprimido e meio. Isso significa que de poucos em poucos dias tenho de partir um comprimido ao meio. E não sei fazê-lo sozinho. De cada vez que calha, telefono à minha mãe para que venha e fique ao meu lado, e fazemo-lo os dois de pé na cozinha, quase sem falar. Eu chamo-lhe o ritual. Porque partir ao meio o comprimido exato com que o meu pai se tirou do caminho não é tomar uma medicação: é repetir com as mãos o gesto que ele fez. E esse gesto, sem ninguém à frente, não me sai.

E esse mesmo sal é, ao mesmo tempo, a única coisa que me mantém de pé. Por isso em qualquer análise minha há uma linha que diz lítio no sangue, um vírgula dez, e esse número significa duas coisas ao mesmo tempo: que estou tratado, e quanta distância exata há entre o meu pai e eu.

Isto não se cura. O lítio não me tira a doença de cima, contém-na, que não é o mesmo. É um dique. E atrás de um dique a água não desaparece: continua ali, a subir com a mesma paciência de sempre, à espera do dia em que alguém se distraia com as comportas. Por isso o que mais gente levou pela frente, entre os que andamos nisto, não é a doença de frente: é uma ideia razoável, sensata, quase de senso comum, que te entra numa manhã boa, a de que isto já não faz falta. A pessoa está bem, sim. E está bem exatamente por isso. O meu pai abriu as comportas de uma vez: o mesmo cérebro que eu tenho, a mesma caixa na mesma gaveta, e uma noite decidiu que até aqui, e bebeu de um trago todos os goles que tinha pela frente.

E agora o de hoje, para que se perceba já desde esta primeira página o que é que se está a jogar nas que vêm. Hoje é um dia bom. Tomei o comprimido e meio com um café, de pé à janela, a olhar para o monte que se vê daqui, e a meio da manhã desço para tomar outro café com a Laia, que é a mulher com quem estou há um ano e que dorme nesta casa metade das noites. Tenho um trabalho de que estou de baixa, a minha mãe a dez minutos a pé, uma irmã que me põe dois copos de água na mesa quando vou lá almoçar, e uma gata. Larguei tudo o que me ia largando aos bocados, por esta ordem e sem nenhuma linha reta: primeiro os charros, depois o tabaco, depois o álcool. Tenho quarenta e um anos e desde os trinta e três tenho também o nome daquilo que tenho. Isto é o inventário inteiro. Não é grande coisa, e é o máximo que alguma vez tive.

Por cima de tudo isso está pendurada uma coisa que não tenciono enfeitar: o pedido de um internamento longo, dos de um ano, assinado por gente que há dois decidiu que eu sou outra coisa diferente do que sou. Se esse internamento chegar, separa-me do café, da janela, da Laia e da gata. Portanto isto não o escrevo por nostalgia, que é a primeira coisa que se pensa e a mais falsa que se pode pensar. Do que aparece nestas páginas não tenho saudades de nada. Escrevo-o porque é a única forma que tenho de explicar o que me aconteceu, e porque o de hoje é a única coisa que não estou disposto a perder.

O que vem a seguir custou-me sete anos conseguir pô-lo por escrito. E não está tirado da memória: está tirado contra a memória, com o arquivo aberto ao lado, porque dos anos que vão aparecer aqui a minha cabeça guarda um desastre em que não confio. Começa bastante antes do comprimido. Começa numa fila, à porta de uma prisão, com a minha mãe grávida da minha irmã.

Parte I • A HERANÇA

Capítulo 1 • A fila

A minha mãe fez duas vezes a mesma fila, com vinte e cinco anos de diferença, e as duas vezes para ver o mesmo homem. Começo pela primeira porque é a que explica a segunda, e porque das duas é a única que não vi: eu não tinha nascido. O que sei dela sei-o pela minha mãe, que o escreveu à maneira dela e mo contou à maneira dela, e as duas versões coincidem no que importa.

Era um caminho de pó, sem alcatrão, o que ia da aldeia à prisão, e a minha mãe fazia-o a pé uma vez por semana com um saco em cada mão (roupa lavada, comida) e uma barriga de cinco meses que crescia e crescia. Um dia caiu e não conseguia levantar-se, e ficou ali, no chão, a chorar de puro medo de que tivesse acontecido alguma coisa à menina, até que um rapaz que passava de bicicleta se apeou e a ajudou. Depois a fila à porta, com as outras. À volta dela não havia mais do que mulheres com miúdos pendurados na saia, e ela perguntava-se o que fazia ali, em que momento tinha descido tanto, ela, que tinha atravessado um mar com um curso acabado. E naquela fila, com a menina cá dentro, fez um juramento: que a filha nunca havia de pisar uma prisão para ver o pai atrás de grades. Depois o parlatório, o vidro sujo, o telefone, o tormento de ter o marido à frente e não lhe poder roçar as mãos. E a volta a chorar pelo caminho de pó. Todas as semanas. Foi assim que o jurou.

Para perceber como se chega àquela fila é preciso recuar, e a primeira coisa de todas é um táxi. A minha mãe é italiana. Nasceu em Cagliari, uma cidade com porto, na Sardenha, e a casa dela era siciliana de origem: os pais tinham saído da Sicília espantados pela fome e pelas dívidas e tinham desembarcado na ilha com uma mão à frente e outra atrás, para dormir num quarto alugado dentro da casa de outra família. Foi ali que a pariram. E quando ficaram sem pai, a minha avó calçou as botas do marido e ocupou-lhe o lugar no mercado abastecedor: atravessava a cidade a pé às três da manhã, sozinha, às escuras, chovesse ou gelasse, para chegar a tempo de descarregar as caixas de fruta. Foi com aquela mulher à frente que a minha mãe cresceu, e com aquela mulher à frente fez o que ninguém do seu sangue tinha feito: entrar numa universidade. E entrar

contra a corrente, às turras com a própria mãe, que defendia que estudar era deixar tempo fora quando uma mulher ia acabar casada de qualquer maneira. Licenciou-se em Língua e Literatura Espanhola nos quatro anos da praxe e sem repetir um único exame. Faltava-lhe a tese, e o orientador pôs-lhe à frente um tema que a ela lhe pareceu uma prenda: Federico García Lorca a dirigir La Barraca, o teatro ambulante que se meteu num camião para levar os clássicos pelas aldeias de Espanha. Em Itália daquilo não havia material. Os jornais de que precisava, os de antes da guerra, estavam cá. Por isso atravessou um mar atrás de um poeta assassinado e de umas hemerotecas, com vinte e três anos e com tudo feito menos aquilo, e era a isso que vinha no dia em que se meteu naquele táxi. O espanhol tinha-se-lhe metido no sangue pelo caminho, e o italiano nunca mais se lhe foi: quarenta anos depois continua a arrastar o sotaque, e quando se zanga ou quando reza sai-lhe a língua da mãe, que é a língua em que eu aprendi a contar. Havia uma fila de táxis à saída do terminal e o que lhe calhava não era o do meu pai, que estava atrás: o da frente, por seja lá o que for (ninguém foi capaz de explicar aquilo alguma vez), virou-se para o carro de trás e cedeu-lhe a vez. Ela meteu-se nesse. Portanto eu venho disto, literalmente: de um taxista que decide não apanhar uma viagem. Se aquele homem não vira a cabeça, eu não estou aqui.

Ao volante estava um homem moreno, com um nariz grande e uma cicatriz ao lado de um olho, já passado dos trinta, vestido de preto de cima a baixo tal e qual o carro. Ia de cangalheiro, diz ela, e diz também que mais claros não podiam estar os sinais e que devia tê-los lido. Mas o homem abriu a boca e já não a fechou até à pensão. Tirou-lhe a mala da bagageira, levou-lha ao quarto (coisa que, segundo lhe confessou muito depois, nunca tinha feito por ninguém na vida) e já agora propôs-lhe sair naquela mesma tarde, para jantar e dar uma volta pela cidade. Ela ainda hoje não sabe explicar por que é que disse que sim a um desconhecido onze anos mais velho. Disse-lhe que sim. Duas horas depois tinha-o à porta, de fato e gravata. O único encontro pontual de toda a vida que passaram juntos. Levou-a a jantar e a dançar e deixou-a na pensão quando amanhecia. E assim quinze dias, até um beijo num alto de onde se via a cidade inteira com as luzes a tremer por baixo. E daí é que me vem a mim a ferramenta da casa: a lábia. Ao meu pai bastou-lhe falar. A mim, a vida inteira, também.

Os sinais lá estavam, e não em letra pequena. O que se passa é que ela não sabia ler aquela língua, e hoje fica-lhe a pele de galinha quando revê aquilo. Aquele homem mal dormia e funcionava a uma velocidade diferente da do resto

do mundo: um trabalho de dia, outro de noite, a boca sem parar, a cabeça a deitar planos enormes que ao fim de sete dias já eram outros, e uma intensidade por cima que dava tonturas e que, agora que ela sabe o que aquilo era, também metia um bocado de medo. De Cagliari, a mãe e a irmã farejaram-no sem o conseguirem nomear, e aquilo pôs mais veneno numa rejeição que já vinha de fábrica: se ao taxista se lembrasse de aparecer por lá, desciam-no pelas escadas abaixo. Ela traduzia cada coisa ao contrário. O sintoma soava-lhe a paixão. Uma cabeça acelerada parecia-lhe um homem com vontade de viver. E acabou por fazer o que faz uma rapariga de vinte e poucos apaixonada até aos ossos e com a família contra: tirou o canudo, comprou bilhete de ida, deixou em cima da mesa uma carta de despedida e saiu de casa numa manhã em que não estava lá ninguém, com a mala que havia semanas esperava debaixo da cama. Em Barcelona esperava-a o meu pai com uma orquídea nas mãos.

E agora vem a cena que, para mim, é a chave inteira desta história, ainda que a ela na altura lhe parecesse um trâmite. Poucos dias antes do casamento, ele e a irmã levaram-na a um consultório de psiquiatria sem lhe darem grandes explicações pelo caminho. Queriam dizer-lho antes do sim. O meu pai tinha depressões. Havia uma medicação, e com a medicação a vida dele era uma vida vulgar; a trapalhada começava quando a deixava, e deixava-a a cada passo, coisa que ela ia comprovar em tempo nenhum. Saiu dali agarrada ao braço dele e tranquila, convencida de que aquilo não ia poder com os dois, porque tinha a idade que tinha e acreditava de fio a pavio naquilo de que o amor arranja tudo. Casaram-se às cinco da tarde, como as touradas, e em lua de mel ele enfiou a lateral do carro emprestado contra um camião num semáforo, à saída da cidade. O primeiro de muitíssimos.

Tinham-lhe dito metade. E não era mentira, atenção: era a metade de baixo. Depressões era o nome que se dava então à parte desta doença que dói a quem a tem, a que se vê, a que leva um homem à consulta. A outra metade, a de cima, ninguém lha nomeou naquele consultório, porque a metade de cima não parecia uma doença: parecia ele. Um homem que não dorme, que fala sem parar, que faz planos, que trabalha duas jornadas, que apaixona uma italiana num trajeto de táxi, isso, visto de fora, não é um sintoma. É um feitio, e ainda por cima um feitio estupendo. É essa a armadilha da doença que o meu pai tinha e que eu tenho: são dois polos, e dos dois só um dói ao doente. O outro dói aos outros, e mais tarde, quando já passaram a fatura as noites sem dormir, os planos, o dinheiro, os acidentes, os desaparecimentos. Um médico põe nome ao que vê na

consulta, e na consulta o meu pai estava em baixo. O de cima via-o a minha mãe, sozinha, em casa, sem médico e sem palavra.

E o que uma família faz com uma doença que não tem nome é pôr-lhe um nome moral. Mentiroso. Egoísta. Irresponsável. Louco, no pior dos casos, e louco não explica nada: é a forma que a linguagem tem de se render. A minha mãe passou trinta anos a tentar separar o homem daquilo que o homem tinha, e tentou-o com as mãos vazias, porque a única ferramenta que serve para isso é a palavra exata, e essa ninguém lhe deu. A mim deram-ma aos trinta e três, numa ala fechada, e também não foi nenhuma prenda. Mas pelo menos deram-ma inteira.

Até que uma noite não voltou a casa. Ela passou-a inteira à janela, à procura do motor de cada carro que subia a rua e com o medo agarrado à garganta de que lhe tivesse acontecido qualquer coisa. Mal amanheceu telefonou à cunhada a pedir conselho, e o que ouviu do outro lado foi uma voz tranquilíssima a dizer-lhe que não se pusesse assim, que desaparecer já tinha feito outras vezes, que era a doença. Ao segundo dia apareceu-lhe o meu pai em casa com um golpe na testa e um acidente na boca, e que tinha sido por isso que não pudera avisar. Ela engoliu aquilo. Levou anos a saber o que tinha acontecido de verdade, porque foi ele que lho contou: não tinha tido peito para voltar e pôr-se à frente dela, e o golpe tinha-o feito ele próprio. Aquilo não era uma cena montada. Era uma cabeça doente que, mal a crise apertava, preferia magoar-se a sentar-se a olhar de frente para a vida que tinha. E aquilo repetiu-se muitas vezes, com desculpas das mais variadas: a tarde em que deixou a mãe dele e a minha numa esplanada com um «já volto» e tiveram de voltar de táxi, ou o dia em que na escola onde ela dava aulas deram um aviso de bomba, evacuaram o edifício, e a minha mãe o encontrou na rua, à espera dela. Levou-a a tomar o pequeno-almoço e desatou, com todo o orgulho do mundo, que a chamada tinha sido feita por ele: por causa dela, para lhe roubar um bocado daquela manhã.

—Estás louco —disse-lhe ela.

A ele fez-lhe graça e deixou passar, como se aquilo não tivesse a mínima importância. E aí está a história inteira: ela a soltar a palavra sem dar por ela de que a estava a dizer a sério, e ele a rir-se porque também não dava por nada.

Largou o táxi e montou uma oficina de ourivesaria, que era ao que se tinha dedicado antes, e disse à minha mãe que um amigo lhe ia emprestar o ouro para arrancar. Oficina de dia, volante de noite. Até que uma noite, já os dois deitados e a minha mãe de cinco meses da minha irmã Sonia, alguém se pôs a esmurrar a

porta. Abram, polícia. O meu pai levantou-se, abriu e levaram-no dali sem explicarem nada a ninguém. Ao fim de umas horas voltaram com ele, foram diretos ao quarto, abriram o armário e tiraram lá de dentro um saco carregado de joias. Nunca houve nenhum amigo com ouro: o meu pai comprava o material a quem o roubava, fundia-o e com aquilo fazia as encomendas, e os ladrões tinham-no largado à primeira. Recetação, e não de um sítio só. A minha mãe encontrou um advogado honrado e barato, que pediu a liberdade sob caução e lha negaram, e que conseguiu depois que o juiz a recebesse a ela, a ver se o amolecia. Não o comoveram nem as lágrimas nem a barriga.

—Minha senhora, esqueça-se do seu marido, porque o vão condenar a mais de dez anos de prisão.

Daquele gabinete saiu com a alma pelo chão, e atrás veio o caminho de pó, um saco em cada mão e a fila com as outras mulheres. Meses assim. Para juntar a caução vendeu o carro com a licença de táxi em cima, e ligaram-lhe com a resposta boa uma semana antes de dar à luz. Plantou-se à porta à espera dele e viu sair o meu pai no meio de um grupo de presos que estavam a ser soltos naqueles dias por outro assunto, por coisas de política. Arrumaram o pesadelo, e nasceu a minha irmã. Depois viriam mais desaparecimentos, mais desculpas, outra prisão e uma condenação à revelia que o teve anos a entrar e a sair do país com papéis falsos, e de tudo isso falo quando for altura. O que importa aqui é o juramento. Vinte e cinco anos depois, à porta de outra prisão, para ver o mesmo homem, a minha mãe voltou a fazer aquela fila. Com a filha ao lado. E com um filho de dezasseis anos atrás, que era eu.

Capítulo 2 · O carro

O visor noturno pôs-me o meu pai nas mãos numa praia, de noite, com o gesto com que outro pai passa ao filho os binóculos para ver aviões ao domingo. Eu teria onze anos, doze quando muito. Olhei. Dentro do visor era tudo verde e granulado, e naquele verde havia um bote, e homens metidos na água até ao joelho, e volumes que iam passando de umas mãos para as outras até chegarem à areia. Nem uma palavra de explicação. Também não fazia falta nenhuma. Naquela noite caiu-lhe a máscara de vez, e eu acabei de atar o que já andava há tempos meio atado.

Porque naquele carro eu meti-me com oito anos. Ao princípio íamos a família toda, e para qualquer vizinho que nos visse sair com a bagageira fechada aquilo eram férias e ponto final: a costa, as ilhas, meia Europa, um miúdo atrás com uma revista de banda desenhada e um pai ao volante que conduzia que nem os anjos. O que viajava por baixo do miúdo não o sabia ninguém daquele carro, e a minha mãe menos do que ninguém. Depois os meus pais separaram-se e as viagens continuaram, mas já só ele e eu, e de férias não tinham nada. A fachada oficial era que representava uma ourivesaria. A mim, que lia muito, que engolia televisão a todas as horas e que era bastante mais esperto do que convinha a alguém, as contas não me batiam certo: noites inteiras a dormir em casas de gente que não conhecíamos, famílias marroquinas, tipos estranhíssimos, sítios onde nenhum representante de ourivesaria do mundo perdeu coisa nenhuma. Deixava-me horas dentro do carro sem me dizer porquê nem até quando, exatamente como tinha deixado a minha mãe plantada naquela esplanada. E eu esperava. Um miúdo não sabe que a casa dele é uma casa estranha enquanto não pisa outra, e eu não tinha outra para pisar.

Com doze ou treze anos já sabia perfeitamente em que é que andávamos metidos. Digo-o sem me acolher à desculpa do miúdo que não dá por nada: eu dava. Ninguém mo contou, não houve conversa de pai para filho, ninguém se sentou comigo a explicar-mo. Tirei-o eu, a juntar peças. As caras que apareciam, as aldeias, as horas impróprias, um dinheiro que se materializava e se

evaporava como num truque de magia feito por um mau mágico. E então fiz o que faz um miúdo desenrascado que está sozinho: olhar muito, não perguntar nada e tirar conclusões. Daí saiu a minha primeira ideia do que era a autoridade, e deu-ma ele sem querer: que a tua casa podem vir buscar-te de farda, que ter medo da polícia não era uma paranoia minha mas um medo com fundamento, e que as pessoas que estão ali para te proteger podem meter-te de cúmplice em coisas de que um miúdo nem sequer devia ter notícia.

E mesmo com tudo isso, e escrevo-o porque é a verdade e porque se o calo parece que saí de um esgoto, a minha infância foi feliz. Feliz e bastante vulgar. Uma casa com horários, com as suas viagens de família, e uma mãe que cuidou de mim, e que fez durante anos de muro de contenção: se eu demorei tanto tempo a saber do ofício verdadeiro do meu pai foi porque ela se dedicou de corpo e alma a que eu não soubesse. Houve discussões, das que se ouvem inteiras do quarto com a porta fechada, e eu não percebia o que se estava a passar por um motivo que hoje se me torna evidente: faltava-me o termo de comparação. Até aos dez anos fui um miúdo normal e amado. De uma casa é que eu saí. O que veio depois aconteceu a alguém que vinha de algum sítio.

Daquela disparate inteiro, o melhor foram as casas. Aquelas famílias marroquinas, em bairros dos arredores de cidades cujo nome eu nem sabia pronunciar, sentaram-nos à mesa como se levássemos o apelido, todas as vezes, sem uma única exceção que me tenha ficado espetada. Davam-nos de comer, traziam o chá, arranjavam lugar para dois espanhóis apresentados de noite e por um assunto que de apresentável tinha pouco. Eu era um miúdo, mas percebia perfeitamente o que tinha à frente: gente que não nos devia absolutamente nada a repartir o pouco que tinha. E aquilo vacinou-me, e uso a palavra de propósito. Quando já jantaste na cozinha de uma família das que nos noticiários aparecem sempre na rubrica dos problemas, o título já não te entra por lado nenhum.

Ao meu pai, com tudo aquilo em cima, eu não o via doente. Também não o via como um homem que saltava uma regra atrás da outra, nem como o que levava a bagageira carregada de droga e o filho no banco do lado. Eu via um herói. O que me vinha buscar à escola onde me faziam a vida negra, o que aguentava uma noite inteira ao volante, o que batia a portas que se lhe abriam em casas de desconhecidos. Tinha a doença que a mim me havia de arrasar a vida anos mais tarde, com diagnóstico e tudo, e tomava a medicação à maneira dele, que é uma forma elegante de dizer por temporadas: deixava-a, voltava, deixava-a outra vez, como quem rega uma planta no dia em que se lembra. E com o

haxixe tinha montado o seu próprio sistema para custear o que gastavam as fases de cima e para aguentar o chumbo das de baixo. Ao volante era um fenómeno e na estrada ia péssimo, as duas coisas ao mesmo tempo e sem que a ele lhe parecesse contraditório: estava-se completamente nas tintas para os sinais de trânsito tal como para as regras de convivência e para o código penal inteiro, e estava-se nas tintas precisamente por causa daquilo que tinha. Por isso, nos anos que andou fora, aquele papel de condutor de um bando que assaltava bancos, o que espera com o motor a trabalhar enquanto lá dentro acontece o que acontece, assentou-lhe como uma luva cosida à medida dele. Tudo o que fez nesta vida fê-lo com um carro por baixo.

E de onde é que lhe vinha, já agora, porque doença mental na minha família houve sempre. Papéis que o provem, nenhum. Para que uma coisa fique escrita é preciso primeiro ter as palavras, e os Herrera, em matéria de palavras para o que de verdade importa, andámos a vida inteira a descoberto. O meu avô por parte de pai nasceu numa dessas aldeias do sul onde a única coisa que há é a aldeia, e ali dizia-se dele que era um homem de contrastes, que era a forma educada e de campo de dizer o que eu hoje despacho com duas siglas e um manual debaixo do braço. Temporadas de uma energia e de uma boa disposição que levavam a família inteira pela frente; e depois, sem aviso prévio e sem que tivesse acontecido nada, semanas fechado no quarto sem sair, sem falar e sem querer ver ninguém. Nas aldeias de então aquilo não era um diagnóstico. Era um feito. É que ele é assim, diziam. E pronto, que há que ceifar.

Por cima daquele homem passou a história duas vezes, e ainda ninguém se tinha lembrado de lhe perguntar a ele como é que levava o que era seu. Novo, levaram-no para uma guerra em África, para a retaguarda, a carregar caixas e a fazer a conta do que os outros gastavam a matar-se, e daquilo não soltou uma palavra na vida. Depois chegou a aqui. Tinha um irmão de esquerda, e no verão em que aquilo tudo se armou levaram-no da aldeia e não voltou. Aquele irmão existiu, era sangue meu, e sei o nome dele de cor. Ao meu avô apontavam-no pelo mesmo, por isso atravessou as montanhas a pé até à outra zona, e a minha avó ficou nesta com as mãos metidas três anos nas feridas dos rapazes que desciam da frente, e no lado que acabou por ganhar. E foi precisamente isso que lhe salvou a pele a ele quando chegou a hora de acertar contas: a decência da minha avó fez-lhe de salvo-conduto. Outras famílias têm atrás uma escritura de propriedade e umas terras. A minha tem aquilo. Depois devolveram-lhe o lugar, acabou a trabalhar nos comboios, foi mudando os seus de aldeia em aldeia

até se plantar em Barcelona, e em velho era um avô adorável que se punha ao lume a fazer o jantar aos netos. E era também, conforme o dia, um homem de arestas, desses a quem em casa adivinhávamos a disposição pelo barulho que faziam as chaves a entrar na fechadura. As duas coisas foram verdade e nenhuma das duas era má-fé: eram os contrastes de sempre, somados a duas guerras e a um irmão que não voltou e que ninguém o ajudou a carregar. Com semelhante mochila, que venha alguém dizer-me quem é que sai ileso.

O meu pai nasceu quando as armas já se tinham calado, filho literal da paz, e trouxe vestidos os contrastes do avô com o volume mais alto. E eu trouxe os do meu pai com o volume mais alto outra vez. Um eco que, em vez de se ir apagando, soa mais forte a cada ressaltos.

Aqui tenho de puxar o travão de mão, porque eu contei isto durante anos apoiado numa palavra, epigenética, e ficava-me muito bem: o trauma do avô tinha tocado nos genes que ele entregou ao meu pai, e o trauma do meu pai, nos que me entregou a mim. Fui verificá-lo antes de o deixar por escrito e acontece que assim não se sustenta. Prefiro ficar sem uma metáfora lindíssima a meter um dado falso, ainda que a metáfora fosse lindíssima. O que está mais do que assente é que esta doença é das mais hereditárias de toda a psiquiatria: os estudos com gémeos, que são a maneira limpa de separar o que vem no sangue do que vem da casa, atiram aos genes a maior parte do risco, e isso é genética da clássica, da de sempre. O filho de um pai com isto tem bastantes mais probabilidades do que o vizinho da frente, e mesmo assim o mais provável continua a ser que lhe não calhe, porque não há um gene, há centenas, cada um a dar o seu grão de areia, e têm de se juntar muitos. A mim juntaram-se-me. A outra coisa que está assente é que o trauma viaja mesmo de uma geração para a seguinte, que é disso que trata este capítulo inteiro, mas pelos caminhos que se podem mostrar: como é o ambiente de uma casa, como te criam, o que aprendes de olhar, o stress de uma mãe grávida e, acima de tudo, o relato, o que uma família conta em voz alta e o que decide não contar.

O que não está demonstrado em pessoas é a outra parte: que uma experiência deixe uma marca química nas células com que se fabricam os filhos e que essa marca chegue a boiar até aos netos como uma mensagem dentro de uma garrafa. A ideia lá está, investiga-se, numa entrevista fica às mil maravilhas, mas em humanos a evidência é fraca e discutidíssima, e além disso há um problema biológico de fundo: essas marcas apagam-se quase por inteiro em duas varreduras, uma quando se formam essas células e outra logo a seguir à fecundação. Por

isso digo-o como se pode dizer sem mentir: do meu pai herdei uns genes que já vinham com a carga posta de fábrica, e herdei além disso a casa dele, o medo dele, a maneira dele de se plantar no mundo e uma história de família que nunca se contou em voz alta. Com isso sobra para explicar a cadeia. Não preciso de molécula nenhuma.

E se a cadeia soa mais forte a cada salto é por uma coisa muito concreta: o meu avô nunca chegou a ter um nome para o que era dele, e o meu pai teve-o, mas faltou-lhe o que de verdade faz o trabalho, que é a rede. Constância, consultas de seguimento, gente à volta que saiba o que acontece quando se deixa o lítio, porque o lítio por sua conta não sustenta ninguém. É isso que não houve nesta família, e a mim custou-me quarenta anos e cinco internamentos aprendê-lo. A minha irmã Sonia escreveu não há muito tempo, enquanto procurava uma fotografia dele para se lembrar dele, que foi um homem que chamava louco a si próprio e que lutava contra essa loucura sem saber que provavelmente era aquilo que mais encanto lhe dava; que nem tudo foi bonito, que houve dor e muitos medos, mas que o carisma e a ternura acabavam por inclinar a balança para o outro lado. É desse homem que eu venho. E de uma família que há vinte anos se lembra dele sem ter escrito uma única vez a palavra monstro.

Capítulo 3 · Dos treze aos dezoito

Os meus pais separaram-se no ano em que eu fiz treze anos, ou no de antes por uns meses, e aquele ano letivo caiu tudo ao mesmo tempo, como se alguém tivesse puxado a toalha da mesa. A casa estava hipotecada e houve que largá-la pelo que dessem; a minha mãe levou-nos para um apartamento de outra terra; deixei o colégio privado e aterrei numa escola pública. Um único ano para as três coisas. Ela tinha-se separado porque percebeu o que ali se passava: encontrou o haxixe e entendeu ao que é que o meu pai se dedicava na realidade. E aqui está o que a mim, depois de lhe dar mil voltas, continua a fugir-me: sabendo aquilo, deixou-me continuar a meter-me naquele carro. O que se passava dentro daquelas viagens nunca soube, isso ponho-o por escrito e assino-o onde for preciso, mas o negócio esse tinha-o claro. E deixou-me ir. E eu ia feliz, que é a metade da verdade que menos me apetece contar. Aquelas viagens eram a saída da escola, que eu odiava e onde me faziam bullying, e a saída também da vida de merda que levava. Entre o haxixe na bagageira e a aula das oito, eu escolhia a bagageira sem pensar duas vezes.

As restantes horas passava-as no meu quarto, à frente de um computador. A internet de então não tinha lei nenhuma, e quem a pisou sabe que não estou a exagerar: canais de texto, fóruns, cabos que uniam quartos longínquos sem que ninguém soubesse quem estava na outra ponta, e sem que a ninguém interessasse descobri-lo. O computador estava no meu quarto. Controlo parental, nenhum. E por cima aquela solidão tão concreta do miúdo gordo que tem um pai metido nos assuntos dele e uma mãe a deixar a pele no trabalho.

Aquilo não caiu de repente. Ao princípio era conversa: alguém a perguntar, alguém com tempo, a novidade de haver adultos a ouvir-te como não te ouvia ninguém dos que tinhas perto. Depois vinha a confiança, que se levanta devagar e com prendas. Depois os pedidos, ditos como se fossem a coisa mais normal do mundo. E depois já o resto.

Não foi um só. Foram muitíssimos, dos treze aos dezoito. Homens feitos e direitos que encontraram um miúdo gordo e sem ninguém nas esquinas más da

rede e fizeram com ele exatamente o que fazem esses homens. Batiam-me. Humilhavam-me. Amarravam-me. Urinavam-me em cima e na boca. Vexaram-me de todas as formas em que se veja uma criança que não está em condições de dizer que não, e meteram-me em pornografia infantil que trago gravada a ferro e para o resto da vida. Escrevo-o assim uma vez e não o repito, porque o inventário completo não serve a ninguém a não ser a mim. E não acabou por sua conta: continuou até aos dezoito e ficou-me cá dentro transformado em hábito, o cruising, os encontros com tipos nojentos e fantasias repugnantes; aos dezoito comecei a entrar em saunas, e anos mais tarde chegaria o sexo com drogas. Duas décadas depois, com uma psiquiatra à minha frente, continuava a não ser capaz de dar a tudo aquilo o nome que tinha.

Vou tirar um do monte, porque a marca dele tem um capítulo só para ela mais à frente e prefiro deixá-la posta aqui, tal como se deixa preparada uma corda antes de se puxar por ela. Aquele homem amarrava-me à cama. Deixava-me imóvel, violava-me assim, sem que eu pudesse mexer um braço, e tirava fotografias. Treze anos tinha eu. O pânico de não te poderes mexer é um trauma com entidade própria, e chega antes de qualquer pensamento: o animal cá de dentro a dar a ordem de fugir a correr e o corpo, que não obedece. Só com isso já há de sobra. Mas as fotografias punham a outra metade do dano por cima, porque significavam que aquilo não acabava quando acabava: nalgum disco rígido nalgum sítio do mundo há um menino amarrado que continua a estar disponível para quem pagar. Guarda este parágrafo. Mais à frente, nestas mesmas páginas, há outra cama e há outra vez um menino amarrado.

Desta vez com papéis.

E, como se faltasse alguma coisa, nesses mesmos anos foi o meu pai quem me meteu na prostituição. A primeira vez que tive sexo foi com uma prostituta e a ideia foi dele. Continuei a consumir prostituição até aos vinte, e não porque a tivesse escolhido de uma lista de opções: é que não conhecia outra sexualidade. Uma coisa transacional, desligada, o corpo a funcionar como um serviço que se contrata, com a sua tarifa, a sua duração e a sua hora de acabar. De maneira que, com os homens do computador a puxar de um lado e o meu pai do outro, o que eu tinha aprendido do sexo àquela idade eram duas coisas, e nenhuma das duas era o sexo: que o meu corpo era de quem tivesse força para o agarrar, e que o dos outros se alugava à hora.

O que eu sabia dizer era o resultado: um despertar sexual precoce e partido, e uma hipersexualidade a que a psiquiatria havia de pôr depois o apelido de reati-

va (ou seja, a manotada desesperada de quem tenta recuperar um corpo que lhe profanaram) e que eu estive vinte anos a tomar pela minha maneira de ser, sem dar conta de que era a planta exata do que me tinham feito aos treze.

É aqui que o assunto se cruza com a doença, e convém travar, porque esse cruzamento é a tese inteira deste livro. Começo pelo que está bem medido: dentro das pessoas que acabam por desenvolver isto, as que em criança sofreram maus-tratos ou abusos estreiam-se mais novas, acumulam mais episódios, mais tentativas de se tirarem do caminho, mais tóxicos e um curso pior do que as que não passaram por ali. Que ninguém o leia ao contrário: o trauma não fabrica a doença, a doença vinha escrita nos genes e isso já o contei. O que o trauma precoce faz, sobre um cérebro que já carrega a predisposição, é adiantar o relógio e subir o volume a tudo o resto. Com o meu apelido e com o meu avô, um miúdo já tinha números na rifa. Com o meu apelido, o meu avô e cinco anos daquilo, os números eram muitos mais, e ainda por cima para que o prémio saísse cedo e saísse mal.

E há uma segunda coisa, mais subtil, que à minha volta ninguém soube ler. A hipersexualidade não é um pecado a que tenham posto um nome moderno: nesta doença está catalogada como sintoma, e figura entre os critérios que os manuais exigem para a mania e para a hipomania, ao lado da insónia e da grandiosidade. Arrancam-lhe três motores ao mesmo tempo. Sobe o desejo, porque o sistema de recompensa vai a um regime de rotações que não é o seu e de repente tudo reluz. Cai a inibição, e o proibido deixa de meter medo e começa a chamar. E adormece o cálculo do risco, com o que as consequências pura e simplesmente não entram na conta. Tem ainda uma assinatura que a denuncia, e é que segue o humor como a sombra segue o corpo: dispara-se em cima e na depressão apaga-se até à indiferença mais absoluta. Enquanto dura o episódio não há vergonha nenhuma, há euforia; a vergonha aparece depois, quando a cabeça volta a estar limpa e à pessoa lhe calha reconhecer como seus uns atos que não reconhece. A mania não te descobre desejos escondidos: fabrica-tos e deformatos, tal como fabrica compras impossíveis e planos de salvador do mundo que a ninguém lhe passa pela cabeça tomar pela verdade profunda de quem quer que seja.

Pois é, e agora junta as duas coisas: quando a mania me arrancava esse motor, o motor andava desde os treze anos a circular por uma faixa feita à medida. Aí está a mistura, e aí está o motivo de ninguém a ter visto. Se para toda a gente à volta o que um homem faz na cama sai de como esse homem é, então, no dia

em que esse homem se parte, o que se partiu não parece uma doença. Parece o feitio dele. Eu tinha quinze anos a tapar com o corpo o dos treze e o do meu pai, e a isso acabaram por chamar a minha maneira de ser. Um sintoma não é uma identidade. A pessoa que fora do episódio escolhe, cuida e se reconhece a si própria no que faz não fica desmentida pelo que a mania tenha feito com o corpo dela: responde pelo que é seu, mas não se define por aquilo. Demorei vinte anos a conseguir escrever essa frase sem que me ficasse atravessada.

E ficou-me outra coisa de tudo aquilo, e não é nenhuma tolice. Eu mordo-me por dentro da bochecha. Sempre do mesmo lado, sempre no mesmo ponto, até a deixar em carne viva. Faço-o desde os treze anos. Desde aquilo. E nunca mais me passou. As mulheres com quem vivi devem ter-me apanhado mil vezes e não deram importância, entre outras coisas porque eu também não dava: mais uma esquisitice das minhas. Hoje já sei quando é que aparece. Aparece com os pensamentos intrusivos. E aparece também em calma, no sofá, a ver uma série com a Laia, sem vir a propósito e sem que eu decida nada. Dou por ela quando já lá vai um bocado a fazê-lo. O que é exatamente, ainda não sei. Trago-o apontado para perguntar à minha psiquiatra: se é um tique, se é uma maneira de me ausentar de onde estou, ou se é outra coisa diferente. A única coisa que tenho clara é que um miúdo de treze anos começou a fazê-lo por algum motivo, e que esse miúdo leva vinte e oito anos a fazê-lo dentro de um homem de quarenta e um que já não se lembra qual era.

Capítulo 4 · O parlatório

A primeira vez que vi em direto um horror desses que param o mundo inteiro, eu estava num ferry, com o meu pai, com o meu irmão Gabriel e com o porão a guardar-nos o carro carregado de haxixe. O Gabriel vinha àquelas viagens tal como eu, mas ele não sabia de nada de nada: é quase quatro anos mais velho, e aquilo para ele eram umas férias, e ainda bem que foram. Na televisão do barco, que ia por antena e se via péssimo, tudo neve e cortes porque estávamos a meio do Mediterrâneo, via-se aquilo a arder e via-se repetir-se uma e outra vez. E eu percebi o que aquilo significava. Não sei de onde me saiu, mas percebi, com aquela sensibilidade estranha que sempre tive para as desgraças coletivas e que me acompanhou depois em todas as que vieram atrás, uma a uma, sem saltar nenhuma: todas me entraram até ao fundo.

E o que eu fiz naquele dia, enquanto aquilo acontecia, foi meter-me na casa de banho do barco, agarrar na escova da sanita e chupá-la enquanto me masturbava.

Era isso que aqueles homens me tinham deixado cá dentro. Era esse o meu estado sendo um miúdo, num barco, com o meu pai e o meu irmão do outro lado da porta, a dez metros e com o mundo a arder num ecrã. Conto-o porque é preciso contá-lo, e porque hoje tenho o nome daquilo que era e na altura não o tinha: é uma sequela documentada do abuso sexual na infância. A uma criança a quem metem a sexualidade cá dentro antes de tempo e à força fica-lhe essa sexualidade soldada à degradação, e na adolescência o assunto volta em forma de condutas compulsivas, autodegradantes, sem nenhuma relação com o desejo, que se disparam quando há stress e que o rapaz não percebe nem enquanto as está a fazer. Uma ameaça à escala do mundo inteiro, vista em direto, acende ao corpo o sistema de alarme; e em alguém com essa história atrás, o alarme sai pela única conduta que lhe abriram à força aos treze anos. Não há perversão e não há escolha. Há um sintoma a fazer a única coisa que lhe ensinaram a fazer. E se decidi contar isto, é porque há coisas piores que decidi não contar. Quem tem de saber já sabe.

Uns meses mais tarde vieram buscar o meu pai. Andavam há tempos atrás do rasto do dinheiro e dos telefones, e no fim caiu-lhe em cima o peso inteiro do haxixe. Narcotráfico. Prisão preventiva. Eu levava desde os oito anos a atravessar fronteiras metido naquele carro, e de repente, num dia, desapareceram de casa o carro, as viagens e o homem.

E então começaram as visitas, que é a parte que nunca ninguém conta. Esperar lá fora, a fila, o controlo, e já lá dentro um parlatório, um vidro sujo e um telefone. O meu pai a um palmo e sem o poder tocar. E isso não é uma tarde má: isso são meses, e repete-se à mesma hora, com a mesma fila e com o mesmo saco. Íamos a minha mãe, a Sonia e eu. Por então eu não sabia nada do juramento que a minha mãe tinha feito vinte e cinco anos antes numa fila idêntica, com a Sonia dentro da barriga; isso soube-o muito depois, ao lê-la a ela. E ao meu pai tinham-no metido na ala onde tinham os que estavam como ele, medicado à força, com aquele olhar de quem já não distingue bem de que lado do real está, e cada semana um bocado mais longe de si próprio. Ver o teu pai numa jaula oficial, transformado num processo com número, drogado porque outro o decidiu, deixou-me posto um terror dos que não se argumentam à psiquiatria e às instituições, e demorei vinte anos a conseguir olhar para ele de frente.

Daqueles homens do capítulo anterior há um a quem tenho de dedicar lugar à parte, porque não entra no molde dos outros e porque, precisamente por não entrar, fez um dano diferente, mais subtil e muito mais duradouro. Vou chamá-lo Sergio. Um homem que tinha o dobro da minha idade e que trabalhava num escritório. Eu tinha quinze. Vinha buscar-me a casa com o carro dele, púnhamo-nos a andar até aos descampados dos arredores e ali iam-se-nos as horas. E aqui está o que o distingue dos outros: não era só sexo o que havia naquelas horas. Havia conversa. Perguntava-me pela minha vida, ouvia-me, dava a impressão de que lhe importava o que me estivesse a acontecer. Beijávamo-nos demoradamente (e olha que a mim beijar um homem nunca me agradou, mas aquilo punha-o eu de lado porque a ele lhe agradava e porque, pela primeira vez, tinha a sensação de que alguém estava ali). Foi o mais parecido com uma relação que tive em toda a adolescência, e aí está a piada negra de tudo isto. Deixo-o escrito tal e qual o vivi então, ainda que hoje o saiba ler com o manual ao lado: aquilo que eu sentia como carinho, e que era o mais perto do amor que um rapaz sozinho conseguia imaginar, era o mecanismo do abuso a funcionar com precisão de relógio. Um homem adulto não fica meigo com um miúdo de

quinze por amor. Fica meigo para que o miúdo não se vá embora. E aquela homossexualidade minha de então, que tantos anos me teve feito num nó, não era uma orientação: era um adolescente partido e sozinho, violado por homens mais velhos, que se agarrava ao único afeto que tinha ao alcance da mão, ainda que chegasse envenenado.

E um dia evaporou-se. De hoje para amanhã, sem uma palavra nem um aviso. Deixou de atender o telefone, bloqueou-me e tirou-me do caminho tal como se apaga um ficheiro que estorva. Bastantes anos depois atei as pontas, que é a única coisa que sei fazer: tinha companheira ou companheiro enquanto estava comigo, e o mais provável é que ela ou ele tenha visto uma mensagem e tenha cortado pela raiz para salvar a sua vida arrumada de adulto com segredo. Mas eu, aos quinze, não chegava nem de longe àquela análise. Eu tinha o buraco e mais nada. Foi um dos meus primeiros abandonos, e dele saíram todos os que vieram atrás.

Por isso naquele ano desabou tudo em cima da mesma pessoa, e por esta ordem. O homem desapareceu de repente. O meu pai entrou na prisão. E eu deixei de pisar a escola e fiquei fechado em casa, com uma mãe esmagada pelo do marido que não tinha forças para me arrancar da cama todas as manhãs. Daí saiu a minha primeira depressão, a que me trataram com soros e que no processo clínico aparece quase como uma anotação administrativa, com a data ao lado. A causa não aparece em relatório nenhum.

Levaram-me a um psicólogo. O mesmo, já agora, que me tinha visto com oito ou nove anos e que me tinha passado um teste de inteligência em que tirei um quociente de cento e quarenta, que aí fica para o processo, não vá dizer-se depois outra coisa. Agora tinha dezasseis e estava afundado, e atendeu-me com a minha mãe sentada ao lado, na mesma consulta, com o que abrir-me era impossível. Dos abusos não soltei meia palavra, e não foi por falta de oportunidade: é que para mim aquilo não eram abusos. Eu tinha aquilo guardado na cabeça como uma iniciação sexual, fechada, lacrada e com selo, e dava-me uma vergonha de morrer falar disso com quem quer que fosse. E há aqui um veneno de que não fala vivalma e que tenho de dizer com todas as letras, porque senão nada disto se percebe: o veneno é ter gostado de uma coisa que a pessoa hoje repudia. Porque houve atenção. Houve prendas. Houve, pela primeira vez na minha vida, adultos que me ouviam. E o corpo de um miúdo responde ao que responde o corpo de um miúdo, e depois esse miúdo passa meia vida convencido de que fez alguma coisa, ou de que participou, ou de que gostou. Pois não.

Eu tinha treze anos e não tinha nem capacidade legal nem maturidade para sentir nada daquilo. Ponto. Eles eram homens adultos e sabiam perfeitamente o que traziam entre mãos.

O que eu contei ao psicólogo foi que estava mal porque não tinha namorada. Que o que eu queria era uma namorada, como toda a gente. E o psicólogo despejou-me uma frase que demorei meia vida a decifrar: que não era por estar gordo. Que o que as raparigas da minha idade procuravam era um rapaz que estivesse ali para elas, que lhes desse atenção, que gostasse delas. Que o que queriam era que gostassem delas. Naquele momento não percebi, claro, tinha dezasseis anos e a cabeça em qualquer outro sítio. Percebi bastantes anos e bastantes faturas mais tarde. Bom conselho, o do homem. O mau é que foram duas sessões e acabou-se. Porque o que se concluiu ali foi que a depressão era lógica: com o pai na prisão e o rapaz fora da escola, o que é que esperavam. E até aí chegou a análise. Duas sessões e para a rua.

Naquele gabinete houve duas coisas que ninguém viu, e as duas estavam em cima da mesa. Uma: na cadeira estava um rapaz de dezasseis anos, deprimido, cujo pai estava diagnosticado com esta doença e medicado à força na ala de uma prisão. E uma depressão no filho adolescente de um homem com isto é, nem mais nem menos, a forma mais clássica que esta doença tem de se apresentar. Em mais de metade dos casos o primeiro episódio não é uma mania: é uma depressão, na adolescência ou pouco depois, idêntica a qualquer outra depressão, até que anos mais tarde aparece a primeira subida e é preciso reler tudo para trás. O pai preso entrou na análise; o que o pai tinha, não. Só com essa pergunta, o nome do que eu tinha teria estado em cima daquela mesa dezassete anos antes de mo darem. E duas: ter um pai na prisão é uma das dez experiências adversas na infância que hoje se medem em meio mundo, a partir de um estudo de há quase trinta anos feito com milhares de pessoas. É a menos frequente das dez, e por isso é também aquela pela qual menos se pergunta. Os filhos dos presos têm quase o dobro dos problemas de saúde mental do resto das crianças, e à volta de um em cada sete cumpre critérios de stress pós-traumático. Um em cada sete. Eu isso não sabia. E ninguém perguntou o que fazia um rapaz de dezasseis anos na fila de um parlatório, nem o que lhe fica cá dentro quando vê o pai atordoado do outro lado do vidro. A um rapaz a quem dizem que a depressão dele é lógica não se lhe trata a causa: certifica-se-lhe o estado de espírito.

Esse foi o primeiro profissional que me teve à frente e não viu. Não foi o último.

Capítulo 5 • A inimputabilidade

Ao meu pai soltaram-no por inimputabilidade. Digo-o com a palavra dos advogados porque é a que me ficou colada aos dezasseis anos e a que tive de voltar a ouvir, com outra cara à minha frente, vinte anos depois. Uma inimputabilidade é isto: um tribunal aceita que o homem que tem à frente fez o que fez com uma doença cá dentro, que a doença decidia por ele, e que portanto não se lhe pode aplicar o castigo que se aplica a um homem inteiro. Explicaram-lho. Aceitaram-no. Abriram-lhe a porta. E aí acabou tudo.

Eu tinha dezasseis anos quando o vi entrar e quando o vi sair, e nas duas viagens ia dentro do carro. Da primeira já contei o que há. Da segunda lembro-me menos do que devia, e tenho uma explicação que hoje me serve e então não: o que voltou a casa naquele dia não era o homem que se tinha ido embora. Era a sombra. A mesma roupa, a mesma maneira de se sentar no carro como se o banco fosse dele, e por dentro nada. A prisão acabou de o partir. E o que lhe deram à saída foi exatamente o que tinha à entrada: nada na mão. Nem um tratamento que aguentasse, nem um psiquiatra que o seguisse, nem ninguém que se sentasse com ele, ou connosco, a explicar-lhe o que tinha. Reconheceram-lhe a doença para o deixar sair e devolveram-no à rua com ela cá dentro.

E aí está a costura de que este livro é feito. A lei tem previsto o que se faz com uma pessoa a quem se reconhece que não era dona dos seus atos por causa de uma doença: em vez da pena, tratamento, seguimento, às vezes um internamento; alguma coisa que sustente a razão por que se lhe perdoou a pena. Ao meu pai não lhe puseram nem uma coisa nem outra. O sistema olhou-lhe para a doença com lupa o tempo exato para decidir o que fazer com o processo, e assim que o processo ficou fechado a doença deixou de interessar a alguém. É isso que eu quero que se perceba, porque vai voltar: que as instituições reconheçam que alguém está doente quando lhes serve para o soltar, para arquivar, para o tirarem de cima, e são perfeitamente incapazes de o reconhecer quando fazê-lo as obrigasse a alguma coisa. A doença, para elas, é um trâmite. O meu pai saiu dali com uma inimputabilidade e com uma doença bipolar por tratar, e das

duas coisas só uma ia continuar a funcionar, e não foi a que levava o carimbo do tribunal.

E há uma simetria que me custa escrever. A ele reconheceram-lhe a doença para o soltar e depois deixaram-no sozinho com ela. A mim, quase vinte anos mais tarde, puseram-me essa mesma doença num papel com timbre, e mesmo assim houve que lutar instância a instância para que alguém se sentasse a ler esse papel. Os dois com o mesmo cá dentro e com o mesmo apelido. E dos dois, o que acabou pior foi o que se foi embora para longe de casa para morrer no campo.

E aquilo deixou-me posto para sempre o medo das instituições. Não uma ideia que a pessoa tenha nem uma opinião que se possa discutir num jantar: uma resposta que o corpo solta e que não espera que se pense. Quando aos trinta e três anos me meteram numa ala fechada, a minha cabeça não estava naquela ala: estava diante daquele vidro. Não era preciso ser Freud para saber de onde é que saía o pânico. Era preciso, unicamente, ter lido o meu processo clínico, que estava em cima da mesa.

E estão os envelopes, as campainhas e as fardas. Um envelope na caixa do correio com uma janelinha e um timbre. Uma campainha que toca a uma hora a que não espero ninguém. Uma farda no passeio em frente, que não vem à minha procura nem à procura de ninguém, que está ali de pé a olhar para o telemóvel. Qualquer uma dessas três coisas para-me o corpo um segundo, sobe-me o pulso e põe-me na boca do estômago um rapaz de dezasseis anos a fazer fila com um saco. Um segundo depois já sei que o envelope é do banco e que a farda está à espera de um colega. Mas esse segundo não o controlo eu. Controla-o outra parte do cérebro que aprendeu muito cedo uma coisa muito simples: que a autoridade podia vir buscar-te, e que quando vinha, levava alguém.

E com esse medo por baixo fiz, uns anos mais tarde, uma coisa que hoje me dá vontade de rir e então me pareceu uma saída: pus-me a estudar para o concurso da polícia, com a mulher com quem estava na altura, a Patricia, a apoiar-me. Larguei logo, assim que dei conta de que, com o que eu arrasto em cima com a autoridade, com aquela roupa vestida não ia ser feliz na vida, e que havia uma comédia negra bastante fina na ideia de me vestir com a farda que me metia pânico para que deixasse de mo meter. Para perceber de onde vinha aquele medo ainda me faltavam quinze anos e uns quantos internamentos.

E deixou-me, na direção contrária ao que qualquer pessoa pensaria de um rapaz que cresceu sentado em cima do haxixe, um terror à lei que fez de mim o ci-

dadão mais cumpridor que conheço, dos de pagar até à última taxa. O meu pai passou a vida do outro lado dessa linha, primeiro como condutor do bando e depois no haxixe. A mim criou-me o saber o que aquilo custa, e o corpo lavrou auto sem me consultar. Duas ou três vezes vieram ter comigo com a proposta de traficar, de ganhar dinheiro fácil do a sério, e das duas vezes respondi que não no ato, por esse motivo exato e por mais nenhum.

E a coisa não fica no papelada. O alheio nunca lhe toquei. Nem uma única vez. Numa loja de recordações sou incapaz de meter ao bolso um íman de frigorífico, aquele furto de nada que meio mundo já fez alguma vez e de que ninguém se lembra no dia seguinte. A mim faz-me confusão. E digo-o com a autoridade de quem passou pela mania, pela hipomania, por andar pedrado e por ter o juízo reduzido a escombros, que é a situação em que uma pessoa faz literalmente o que lhe dá na gana: nem assim. Neste livro vai sair tudo o que fiz estando doente, e o de pegar no que não é meu não sai, porque não aconteceu. Daí que me arda tanto a maneira como isto acabou por virar: passei a vida inteira a fugir da sombra do meu pai à força de ser o mais correto da fila, e o que acabou por me sentar num tribunal não foi a ganância, nem foi a má-fé. Foi a saúde.

Capítulo 6 • O descampado

Tinha vinte anos quando o meu pai morreu.

Havia meses que não tomava o lítio. E atenção, que não o deixava fora: ia-o guardando. É isso que é preciso perceber daquele verão, e a mim custou-me anos ser capaz de olhar para aquilo de frente. Um homem com o diagnóstico posto, a quem ninguém tinha seguido desde que saiu, deixou o comprimido que o sustentava e foi-o pondo de lado, toma a toma, nalgum canto da casa, até juntar a quantidade que procurava. Depois desapareceu. E na última noite, antes de se ir embora, pôs-me uma mão em cima do ombro e despejou-me uma frase que na altura me soou a mais uma das esquisitices dele e que hoje leio pelo que era:

—Cuida da tua irmã.

Demoraram quase dois meses a dar com ele. Eu passei aquele verão como se passa um verão aos vinte anos com um pai desaparecido que já se tinha desaparecido outras vezes: à espera e sem esperar ao mesmo tempo. Vivia num apartamento partilhado da terra para onde me tinha mudado para ter mais perto a Marta, uma rapariga da minha malta que daqui a uns anos vai comer meio romance, e na noite em que tocou o telefone da minha mãe eu estava a vestir-me para sair à noite com os do apartamento pela zona de sair. Tinham-no encontrado longe de casa, num descampado do monte, atrás de umas rochas. Desliguei, meti-me no meu carro de chungia e vim-me dali a queimar pneus, com quase um maço de tabaco derretido num trajeto de três quartos de hora que fiz em menos de trinta minutos. Tinha de chegar até à minha mãe e até ao meu irmão Gabriel, e a estrada fazia-se-me longuíssima.

Na morgue, a médica legista foi clara comigo, e ainda hoje lho agradeço.

—Não entre. A carteira chega.

A carteira vinha encharcada numa gordura que a essa altura já não era gordura, e lá dentro estava o documento de identidade, e com aquilo resolvia-se a identificação. Disse-me que ela não queria (ela, como se aquilo fosse coisa dela, e de certo modo foi) que eu ficasse com aquela imagem do meu pai. Fiz-lhe caso. E fiz-lhe caso porque tinha claríssimo o que havia do outro lado da porta:

com vinte anos eu já tinha visto, naquelas páginas de gore que circulavam então e que punham sem cortar nada aquilo que as televisões não mostravam, cadáveres em decomposição fotografados no local, e sabia em que estado ia estar o meu pai ao fim de dois meses ao sol com uma precisão que nenhum rapaz de vinte anos devia ter. Estava seco que nem bacalhau. Essa palavra levo vinte anos a tentar tirá-la de cima, e escrevo-a aqui a ver se se vai embora. Um corpo ao relento, num verão seco e com o sol a cair a pique, atravessa umas fases que a medicina legal tem descritas e que um estudo de há décadas mediu sobre centenas de casos: primeiro incha, depois decompõe-se, vão-no comendo os insetos e no fim, se o ar está seco e o sol aperta, o que resta mumifica-se e a pele fica curtida em cima do osso. Oito semanas estive o meu pai. Quando a identificação se faz com um cartão em vez de com uma cara, é porque já não resta cara nenhuma para reconhecer. Nalgum momento que não consigo situar, a minha irmã mostrou-me aquela carteira; o que me ficou foi o que senti ao vê-la. Não entrei. De todas as decisões daquele mês é uma das pouquíssimas que depois agradei, porque graças a isso não me lembro dele assim.

Nesta família os funerais vêm com polícia incluída. Ao meu pai prenderam-no no dia em que enterrámos a minha avó, que era a mãe dele, porque sabem de sobra que um filho a isso não falta e aproveitam-se da dor para deitar a mão aos que andam fugidos. Havia agentes à paisana misturados no meio da gente, e levaram-no algemado à frente de toda a gente. Antes deixaram-no abraçar a minha mãe para se despedir, e ele usou o abraço para lhe enfiar no bolso do casaco os documentos falsos, que era justamente o que não lhe podiam encontrar. Eu era muito pequeno e daquilo não me lembro. Sei-o porque é ela que o conta, que ficou ali com aqueles papéis apertados no bolso, a arder-lhe na mão, enquanto lhe levavam o marido. Ao funeral do meu pai, em contrapartida, já não veio ninguém buscá-lo. Fomos nós e mais ninguém.

Foi devastador para toda a gente menos para mim, e isso é preciso explicar. A Sonia tinha-lhe escrito um texto. Só ela é capaz de escrever uma coisa assim, hiperemotiva e exata ao mesmo tempo, porque a minha irmã tem uma sensibilidade e uma cabeça que não abundam. O que se passa é que lê-lo não conseguia. Li-o eu, revestido de uma solenidade falsa que me aguentou quase até ao fim; nas últimas linhas faltou-me nada para me partir. Não me parti. Aguntei a cara inteira. Com vinte anos aquilo parecia fortaleza, e mais tarde percebi que era outra coisa diferente, e que essa outra coisa se acaba por pagar a prestações e com juros.

Daquele dia ficam-me uma porta e uns braços. A Marta não apareceu. Tínhamo-nos conhecido no grupo de jovens de uma igreja, onde o meu irmão também andava metido, e quem nos apresentou foi a Vanessa, que por então era a minha namorada. Éramos todos da mesma malta e naquela tarde vieram todos, até o irmão da Marta com a namorada. Ela não. E o motivo tínhamo-lo fabricado os dois entre os dois: o nosso arrancou com eu a deixar a Vanessa por ela, e depois, já estando com ela, a Vanessa veio ter comigo e eu fui para a cama com a Vanessa. A Marta soube pelo grupo e deixou-me, por isso plantar-se naquele funeral, com a Vanessa ali à frente e a igreja inteira a olhar, era pura e simplesmente impossível. Nunca lho censurei, nem naquele momento nem mais tarde: quem pôs os cornos fui eu e as circunstâncias tínhamo-las posto os dois. Deixo-o escrito porque um rapaz a vigiar a porta de uma casa mortuária a ver se entra alguém é uma imagem que levo vinte anos sem conseguir largar, e porque aquela porta ficou por abrir muitas mais vezes. E nessa mesma casa mortuária estava a Vanessa, a única companheira minha que chegou a conhecer o meu pai vivo. Abraçou-me e ficou comigo a tarde inteira. Não escrevo isto para dar nota a ninguém. Escrevo-o porque daquele dia levei isso: uma porta para que olhei de alto a baixo e uns braços que estavam mesmo ali.

Não pedi a licença por falecimento, podendo pedi-la. No dia seguinte estava outra vez no escritório a trabalhar, como se o do corpo seco e o do texto lido em voz alta tivesse acontecido a alguém de um filme que vi uma vez. O que eu fazia era sair de noite, comprar uma garrafa em qualquer sítio que ainda estivesse aberto e ficar horas a caminhar ou sentado num banco, a beber o suficiente para que os pensamentos ficassem moles sem chegarem a ir-se de todo. Aquela foi a primeira vez que usei o álcool para gerir uma coisa que não sabia gerir de nenhuma outra maneira. O alcoolismo a sério chegaria anos mais tarde e tem os seus próprios capítulos; mas foi naqueles bancos que descobri para o que é que servia: para envolver em algodão uma coisa que, tocada em pelo, não se podia tocar.

E não perguntei nada. Essa é a parte que ainda me custa. Não perguntei desde quando é que ele tinha deixado os comprimidos, nem onde é que os tinha escondidos, nem se alguém deu por isso, nem porque é que se foi para tão longe, nem o que fez nas últimas horas. Nem à minha mãe, nem à minha irmã, nem a ninguém. Um rapaz de vinte anos que sabia de cor o processo inteiro de decomposição de um corpo e que não foi capaz de formular uma única pergunta sobre

a decomposição de um homem. Essas perguntas faço-as agora, com as respostas já escritas no meu processo clínico, e respondo-as eu sozinho.

Porque é altura de nomear o mais duro de toda esta história, e aqui não cabe meia piada: a doença bipolar mata. E não o digo como figura de estilo. Tem uma das taxas de suicídio mais altas de toda a psiquiatria, muito acima das pessoas que não a têm, e não o ponho para meter medo a ninguém mas para que se perceba de uma vez que o tratamento não é um capricho nem uma etiqueta da moda. A ideia de acabar não aparece como uma conclusão fundamentada de alguém que pesou a sua vida numa balança e decidiu que não compensa. Aparece como um sintoma. O polo de baixo desta doença não te entristece: engana-te. Mete-te na cabeça, com o tom de quem está a dizer uma verdade matemática, que nada disto tem arranjo, que não há porta de saída, que os teus estariam melhor sem ti em cima. E fá-lo com o mesmo mecanismo com que a mania te convence de que és um deus: mexendo precisamente no órgão com que se decide se uma vida vale a pena. O meu pai não se rendeu por fraco nem por egoísta. Apagou-se-lhe o juízo no pior minuto possível, estando sozinho e sem ninguém por perto. Essa voz, quando chega (e chega), apaga-se de duas maneiras apenas, e as duas há que tê-las colocadas antes, como se coloca um extintor na parede: saber que é a doença que está a falar e que mente, e não ficar a sós com ela, contá-lo a alguém, que é exatamente o que a voz não quer que faças e exatamente o que há que fazer. E há outra coisa que na altura não sabia ninguém, e eu menos do que ninguém: perder um pai por suicídio não é um luto como os outros. As pessoas não sabem o que te dizer, por isso não dizem nada, e nesse vazio os filhos pontuam mais alto em vergonha e em culpa e têm, e está medido, mais risco de acabarem internados e de repetirem o gesto. Nesse grupo entrei eu com vinte anos, com a doença dele nos genes e sem fazer a mínima ideia de nada.

E quem ler tudo isto sem o ter conhecido vai ficar com a pior metade de um homem que foi muitíssimo mais. O meu pai foi um pai carinhosíssimo. Gostou de nós com uma intensidade que hoje compreendo melhor do que na altura: desfazia-se por nós, dava-nos de tudo até passar das marcas, e aquela maneira dele de dar tinha por trás um motivo que dá pena assim que se percebe, e é que nos estava a dar aquilo que a ele lhe faltou num pós-guerra em que não havia nada. Daí lhe saía também a outra coisa, a de acumular, porque acabou por guardar tudo, e isso hoje figura nos manuais com o seu nome e então era simplesmente que o teu pai não deita nada fora. E agora a conclusão de fundo, que

me custou quarenta anos conseguir dizer em voz alta: o dele foi pior do que o meu. Isto não foi subindo de uma geração para a seguinte como conta a fábula das heranças malditas, que fica lindíssima e é mentira. Foi descendo. O meu quadro é menos fundo do que o dele, e além disso eu tenho o que ele nunca chegou a ter: o nome, a explicação e gente à volta que sabe o que acontece quando alguém deixa o lítio.

Ele tinha este cérebro e esta mesma caixa de comprimidos, e um dia decidiu que até ali. Eu engulo o sal duas vezes por dia, e de cada vez que é preciso parti-lo telefono à minha mãe. É essa toda a distância que há entre morrer num campo aos sessenta e seis e estar a escrever isto. Não há terceiro ato.

Capítulo 7 • O corpo

Até aos doze ou treze anos estudei num colégio privado dos caros, que o meu pai pagava com dinheiro da droga, e com esse pormenor explica-se meio país. Ali tinham-me posto a alcunha de enciclopédia ambulante, pela quantidade de livros que engolia, e era um menino obeso, e isso pesava, nunca melhor dito, ainda que pesasse bastante menos do que fazer rir a turma inteira. Tinha amigos. Gostavam de mim. Depois chegaram a separação, a mudança e o salto para uma escola pública, e essa mudança nota-se logo no primeiro intervalo do primeiro dia. A erudição que no colégio se admirava, na escola leu-se como armazém; o excesso de peso, que ali se tolerava, aqui passou a ser a piada de todas as manhãs; e a enciclopédia passou a ser aquele armado em esperto a quem era preciso baixar a crista, com o seu vazio nos intervalos e umas alcunhas que ainda hoje prefiro não pôr por escrito.

E foi então que ela apareceu. Era das que aos catorze anos já levavam alguma coisa a sério: levantava-se para treinar quando os outros ainda dormíamos, com a disciplina de quem sabe que naquilo não se improvisa. O nome dela não me lembro, e não é nenhuma elegância de narrador: a memória ficou com a ferida e apagou a assinatura. Foi a única pessoa da escola inteira que se sentava ao meu lado, que falava comigo nos intervalos, que me defendia. E, como acontece com qualquer afeto que chega enquanto a pessoa se está a afogar, apaixonei-me por ela com a fixação total do adolescente de quem ninguém gosta e de quem de repente alguém gosta. Em casa dela o pai não a tratava bem, e num desses passeios em que dois adolescentes arranjam o mundo antes do lanche contou-me o plano com que sonhava: pôr-se a andar para casa de uma tia, numa província longe. Longe do pai e longe de tudo. E o plano acabámos por o montar os dois.

Numa manhã qualquer fingimos que íamos para as aulas, apanhámos um autocarro urbano até à estação, tirámos dois bilhetes para a província da tia e sentámo-nos juntos. Eu levava-lhe uma prenda: um colar que tinha escolhido de entre os da minha irmã, que é o tipo de gesto romântico e um bocadinho delituoso que só se comete aos catorze anos. Quando o autocarro deixou a cidade

para trás, senti pela primeira vez em muito tempo uma coisa que se parecia com a liberdade. O que eu não sabia era que ela o tinha contado a uns quantos da turma; não por me atrair, suponho, mas por aquela necessidade adolescente de que alguém saiba que estás prestes a fazer uma coisa grande. Os da turma disseram-no aos professores quando fizeram a chamada, os professores telefonaram para as casas e a cadeia de comando funcionou com uma precisão admirável, a única precisão admirável de toda a minha escolaridade. O pai dela, o pai de quem ela estava a fugir, pegou no carro, alcançou o autocarro na estrada e fez sinais ao motorista. O autocarro encostou à berma. O homem subiu, mandou-nos descer aos dois sem levantar a voz e meteu-nos no carro dele. Cinco ou seis horas de volta. Eu atrás, calado, com a cara colada ao vidro sem ver nada; ela à frente, a responder por monossílabos; e ele a conduzir sem deitar uma única vez o olho ao retrovisor, como se no banco de trás não viajasse ninguém. Aquela indiferença humilhou mais do que qualquer grito. Deixou-me à porta de minha casa e não me disse nada. Ela também não se despediu. E nunca mais me dirigiu a palavra na vida: nem um olá no corredor, nem um olhar, nem uma explicação. Foi o primeiro bloqueio que me fizeram, vinte anos antes de essa palavra significar o que significa hoje.

O que se partiu naquele banco de trás não se arranjou à força de castigos. Comecei a faltar às aulas, manhãs inteiras atiradas em parques e em bibliotecas de bairros que não eram o meu, e quando o meu pai entrou na prisão deixei de ir de vez e fechei-me em casa com os computadores. Foi naquele quarto que cheguei ao pior número da minha vida numa balança.

Daí saiu, com um bloco operatório pelo meio, o corpo de que é altura de falar agora. Adolescente, operaram-me para emagrecer (foi uma decisão da minha mãe que eu assinei de olhos fechados, porque qualquer coisa que me tirasse do encerro me parecia bem), e em menos de um ano perdi mais de metade do que pesava. E agora o pormenor que não aparece nunca em nenhum antes e depois: quando se perde aquilo àquela velocidade, a pele não volta ao lugar. Fica pendurada. E isso tira-se num bloco operatório. Chamam-lhe cirurgia estética e o nome engana, porque é cirurgia maior: anestesia geral, drenos pendurados do corpo durante semanas e uma dor que não te deixa sequer endireitar-te sozinho. Foram várias operações, e com dezoito anos. Ainda hoje ando cheio de cicatrizes que me puseram antes de ter idade para votar.

Aquele corpo novo precisava de onde largar a energia que de repente lhe sobrava. Encontrei o ginásio de ferro. Depois o levantamento de pesos. Depois a

halterofilia. Um currículo de ginásio impecável, e o que havia por baixo: vigo-rexia, a mesma compulsão que me tinha organizado a adolescência, agora dedicada a fabricar músculo, mais uma tentativa de escrever por cima de um corpo que outros tinham agarrado sem pedir licença. Pelo caminho tirei a escolaridade obrigatória num centro para adultos, entrei como estagiário numa empresa de informática, fizeram-me efetivo e, com os primeiros ordenados a sério, comprei o carro com que sonhava há meia vida, um carro de chunga que, somado àquele corpo, me abriu outro mundo: de repente era alguém para quem as mulheres olhavam e a quem os homens respeitavam. Meia vida à espera daquele filme e passaram-mo inteiro de uma assentada.

E agora o que de verdade importa daqueles anos, que é o que eu gostava que alguém me tivesse explicado na altura. Em todo aquele troço, com a Patrícia (a relação estável dos meus vinte, uma mulher da minha terra com quem levei uma vida arrumada das a sério), eu não tomava absolutamente nada. Nem medicação, nem diagnóstico, nem tratamento. A doença já a levava cá dentro, os abusos já tinham acontecido, o meu pai já estava enterrado, todas as peças do risco estavam colocadas em cima do tabuleiro. E mesmo assim estive anos estável. E fiel, ainda por cima, que na minha biografia é um dado clínico antes de ser uma virtude. Porquê? Porque sem fazer a mínima ideia estava a fazer precisamente o que hoje se receita: o ritmo. Levantar-me sempre à mesma hora, treinar todos os dias, comer o que tem de comer um corpo que treina, dormir (que o corpo rebentado a pesos dorme), um trabalho com horário e uma mulher à minha espera em casa. Há uma terapia inteira construída em cima disto, e um estudo de há vinte anos mediu que aos doentes a quem se arrumavam os ritmos sociais, ou seja o sono, as refeições, o exercício e a hora de ver gente, as fases demoravam muito mais tempo a voltar. Eu disso não tinha lido uma linha. Eu treinava, e mais nada, e o desporto segurava-me a cabeça com a mesma eficácia com que hoje me segura o sal, e com melhor sabor. A primeira vez que quebrei o hábito do desporto partiu-se tudo o resto atrás, mas isso tem o seu próprio capítulo. Com as suas nuances, que não quero vender nenhum paraíso: bebia aos fins de semana como bebe meio país, e numa noite de neve, na terra, alguém me deitou no copo uma coisa que nem sei o que era, caí a pique em plena discoteca e passei três dias entre os cuidados intensivos e a medicina interna do hospital do norte, que foi a minha primeira visita ao sítio que anos mais tarde me havia de chamar pelo nome próprio. Aquilo não o procurei eu. Os anos do corpo foram os anos limpos.

E no meio desses anos, três depois do descampado, reapareceu a Britney. A Britney é o anterior a tudo: o meu primeiro amor, aos treze, antes dos homens da internet. Nunca chegámos a beijar-nos; demos a mão e já está, e com aquilo bastava e sobrava. Perdemo-nos de vista, cada um caiu para o seu lado nas mãos de adultos que nunca nos deviam ter tocado, e aos vinte e três cruzei-me com ela numa noite de festa com o meu irmão, acabado eu de voltar de umas férias que me tinham deixado bastante desregulado. Reconhecemo-nos num segundo. Acabámos em casa dela, e aquilo foram duas semanas escassas e dois ou três encontros quando muito. Por dentro foi enorme, porque o que estava a acontecer era o dos treze anos a acontecer outra vez. Sexo não houve. Houve reconhecimento. E uma noite disse-me que tinha diagnóstico de doença bipolar.

E daí sai a ironia que vou comer o resto da minha vida e que nem o lítio me tira: deixei-a por causa disso. Com o meu pai três anos morto do mesmo. Sem diagnóstico próprio ainda. Com a Patricia como desculpa oficial, muito cómoda e muito apresentável para a galeria. O motivo de fundo, que só me atrevi a admitir anos mais tarde, era que não me via capaz de aguentar com uma pessoa com doença bipolar. Apliquei-lhe a ela, no pior momento dela, exatamente o estigma que eu ia suplicar às pessoas que não me aplicassem a mim assim que me calhou.

Houve uma terceira vez, e última, bastantes anos depois, com uma mania em cima das grandes, e comportei-me de maneira errática e destrutiva: dessa vez houve sexo, saiu muito menos memorável do que eu andava a projetar desde miúdo, e a decadência daquilo pu-la eu, inteirinha. E foi então que chegou o dado que ainda não sei por onde pegar: à Britney tinham-lhe trocado a etiqueta por outra mais simpática, dessas que não figuram em manual nenhum e que se podem dizer num jantar sem que ninguém olhe de esguelha para as facas. Não tenho uma opinião fechada sobre o assunto: há quem celebre ter-se livrado de uma palavra que pesa, e há quem anos depois volte à consulta do público com um quadro pior do que tinha. O que eu sei é porque é que uma palavra te afunda e a outra te enfeita, se as duas descrevem uma pessoa parecida. Isso chama-se estigma, e não é nenhuma ocorrência de sociólogos: pesa em quilos e nota-se mal se levanta. O nosso acabou por causa de uma canção que eu tinha composto em mania e que não devia ter posto em lado nenhum. Ela ouviu-a, disse-mo na cara e avisou-me de que aquilo era perigoso tal como eu estava. Respondi péssimo, disse-lhe que se metesse na vida dela, e cortou. Não a voltei a procurar. Mas aquele primeiro amor dos treze anos fico eu com ele.

Daquele rapaz a quem um carro e um corpo novo tinham feito acreditar-se invencível não restava, poucos anos mais tarde, mais do que um tipo de vinte e tal com quatro trabalhos para que em casa o barco não fosse ao fundo. O carro vendi-o assim que farejei a crise. O corpo durou-me mais tempo.

Capítulo 8 • Laura

Aquele primeiro verão em Barcelona, com a Laura, foi a mais fácil de todas as versões que eu podia ter sido. Era bonita de uma maneira tranquila, das que não param uma rua mas te fazem virar a cabeça três passos depois, e por dentro ainda melhor: leal, culta, com a cabeça no sítio, com conversa para uma noite inteira, de esquerda das a sério. Tinha uma inteligência prática que fazia de contrapeso exato à minha: enquanto eu ia a pensar possibilidades, ligações e três projetos ao mesmo tempo, ela ia a pensar consequências, prazos e pormenores concretos. O curso dela já estava feito (licenciou-se estando comigo, pouco depois de o nosso começar, e festejámos-lo juntos); o que andava no primeiro ano de História, com vinte e cinco anos, era eu. Fomos viver juntos. E funcionou, uns dois anos, sem truque nem batota.

Dela fica-me sobretudo uma imagem, e deixo-a aqui porque vale por todas as outras: eu chegava a casa e ela estava à minha espera à janela, a ler. Sem o telemóvel na mão, sem vigiar a rua com ansiedade, sem uma pergunta preparada. A ler. Demorei anos a perceber o que é que aquela janela me dava e porque é que me dava tanto. A Laura tinha vida própria, planos próprios e cabeça própria, e não precisava de mim para saber quem era. Era previsível no melhor sentido da palavra, um sentido que aos vinte e cinco anos ninguém sabe valorizar e que aos quarenta e um me parece o maior elogio que se pode fazer a uma pessoa. E não era só ela: eu passava dias inteiros em casa da mãe e da irmã dela, a comer e a dormir ali, metido numa família que me arranjou lugar sem me pedir nada em troca.

E naquela casa a Laura fez comigo um trabalho que ninguém lhe tinha encomendado e que hoje lhe agradeço mais do que qualquer outra coisa. Eu apareci com uma pose posta, e nomeio-a sem maquilhagem: o alfa, o fodilhão, o que andava cheio de si, com o corpo novo acabado de estrear e o carro de chunga acabado de vender e toda aquela testosterona à procura de onde se meter. Não o conto com nostalgia, conto-o com vergonha. E convém fiar fino, porque já sei quem é que vai ler este parágrafo com lupa: o perfil no social nunca o dei, nem

pelo que penso nem pelo trato que dei às mulheres da minha vida. Cenas de macho fiz, umas quantas, das que saem do corpo antes de a pessoa ter tempo de as pensar. Um dia cruzámo-nos na rua com um ex dela que a andava a assediar e a sufocar muito, e eu plantei-me à frente dele com os punhos fechados, a aguentar-lhe o olhar, com aquela cara de quem está a uma palavra de te partir a boca. Não aconteceu nada. Mas aquele não era eu: era o álcool do fim de semana, e era ainda por cima a cena de macho de manual, a do que protege a mulher tornando-se ele o perigo. À Laura, que era justamente o contrário dessa espécie de rapaz, aquilo não lhe fazia graça nenhuma, e disse-mo todas e cada uma das vezes que me saiu o arranque, sem gritos e sem sermões, com uma paciência que ainda hoje me parece um milagre de pedagogia. Em dois anos tirou-me a pose de cima. E atenção, que eu na palavra desconstrução não acredito, ou pelo menos não como se conta: ninguém tira de si o que traz de casa, porque o que traz continua lá em baixo, na cave, a deitar raiz. O que se faz é ir pondo camadas por cima, camadas que acabam por pesar mais do que as de baixo e por mandar elas. A primeira dessas camadas, a que decidi todas as outras, pô-la ela.

Porque a Laura é feminista das a sério. De rua e de manifestação, das que estão no dia assinalado e nos outros trezentos e sessenta e quatro. E aí está a diferença que a mim me impressiona: a uma manifestação com muita gente, quando a convocam, vai qualquer um. Estar plantada onde é preciso estar, nas coisas que não saem em lado nenhum nem dão um like a ninguém, isso já é outro assunto. Isso é trabalho de fundo, de formiga. E deu anos da vida dela a causas que não lhe devolveram nada em troca. Eu nunca quis meter-me nisso, e durante a maior parte da minha vida adulta nem sequer acreditava naquilo. Mas tenho claro que a Laura é das pessoas que mudam o mundo a sério, que são sempre as que continuam ali quando as câmaras já se foram embora.

E a essa mulher deixei-a duas vezes. As duas com a doença posta, e as duas vezes ela continuou a ser exatamente a mesma pessoa. A primeira foi no inverno em que deixei de dormir e de estar quieto, o da primeira mania, que tem capítulo próprio; a segunda, na primavera seguinte, por causa da Rocío. Como aconteceu e quem decidiu o quê vai no sítio devido.

Voltei a vê-la num verão, um ano mais tarde, já com o namorado novo, pouco antes de se casarem e irem em lua de mel para Paris. E foi então que mo disse, porque a Laura é das que sabem perdoar. Sem rancor, sem me passar a fatura, com aquela maneira dela de dizer as coisas como quem te avisa de que traz a braguilha aberta.

—Quando estás bem és a melhor pessoa do mundo. Mas nem sempre estás bem.

Não percebi. Ouvi aquilo como se ouve a censura carinhosa de uma ex, metade elogio e metade recibo, e continuei com a minha vida, que por aquela altura ia a toda a velocidade na direção errada. Percebi-o cinco anos mais tarde, sentado numa ala de psiquiatria com o diagnóstico acabado de pôr em cima da mesa. A Laura tinha razão. E a razão dela era o diagnóstico que ainda ninguém me tinha feito: faltava-lhe o timbre e faltava-lhe o carimbo, mas o texto estava completo. Ela teve-o quatro anos e meio antes de qualquer psiquiatra.

E isto é preciso explicar, porque é das coisas desta doença que pior se percebe e que mais gente salvariam se fossem percebidas. O primeiro a diagnosticar uma doença bipolar quase nunca tem um diploma de medicina. É quem está à volta. É a mulher que te espera à janela e que vê, um dia atrás do outro, que o homem que sobe as escadas não é o mesmo que as subia há três semanas: que agora dorme quatro horas e chega eufórico, que fala mais depressa, que tem três projetos abertos e uma ideia genial por noite, e que daqui a dois meses não vai conseguir levantar-se do sofá. Um psiquiatra vê-te vinte minutos de três em três meses, e nesses vinte minutos tu apresentas-te tal e qual estás nesse dia. Ela, em contrapartida, vê a curva completa. Vê os picos e vê os vales, e vê sobretudo que há picos e vales, que é precisamente o que não consegue ver quem está cá dentro. Porque essa é a outra metade do mecanismo, e tem nome, anosognosia, e tem o seu capítulo mais à frente: o doente é o último a saber, porque o órgão com que devia dar por isso é precisamente o órgão que falha. De dentro nunca é a doença. Por isso o único que a pode ver é quem está ao lado, e por isso o que diz quem está ao lado, quando o diz com a calma com que mo disse a Laura, não é uma opinião: é um dado clínico, o primeiro que existe e às vezes o único que há durante anos. O que se passa é que a lê-lo não ensinam ninguém. Nem a quem o diz, que não sabe que está a descrever uma doença e julga que está a descrever um feito; nem a quem o ouve, que escuta uma censura e se põe a defender-se. A psicoeducação, quando chega por fim, devia ser para os dois. A mim chegou-me aos trinta e três. À Laura nunca lhe chegou, e acertou na mesma.

Hoje vemo-nos uma vez por ano. Ela com a vida dela montada e eu com a minha. Sentamo-nos, falamos, e nenhum dos dois puxa o tema da janela. Também não faz falta: o que ela viu dali trago-o eu agora escrito num papel com carimbo, e à psiquiatria custaram-lhe cinco anos, duas urgências e um interna-

mento para chegar à mesma frase que a Laura me disse de graça, antes de se ir embora para Paris.

Parte II • O BRILHO

Capítulo 9 · O primeiro brilho

Tinha catorze anos. Foi numa dessas semanas do princípio da primavera, das primeiras em que já saís da escola sem apertar o casaco, e de repente o mundo vinha com outra textura. Não sei explicá-lo melhor, e levo vinte e sete anos a tentar. As ideias apresentavam-se-me sem que eu as chamasse, engatadas umas às outras, a puxar cada uma pela seguinte como os lenços que saem da manga de um mágico. Com quatro horas de sono levantava-me como se tivesse dormido dez. Falar dava-se-me com uma desenvoltura que na semana anterior não tinha por lado nenhum, e as raparigas da turma, que até então olhavam para mim como se olha para uma cadeira, começaram a olhar. Foi isso que mais me despistou, porque eu não tinha mudado de cara, nem de roupa, nem de nada que se pudesse apontar com o dedo. O que tinha mudado era a velocidade. E acontece que a velocidade nota-se de fora.

Sete dias durou. Ao oitavo o mundo recuperou o tom do costume, sem avisar de nada e sem me devolver o dinheiro: a mesma escola, a mesma carteira, o mesmo miúdo e a luz apagada. Ninguém me tinha avisado de que aquilo fosse acabar, entre outras coisas porque ninguém me tinha dito que aquilo fosse alguma coisa. E esse contraste, a luz a todo o gás e atrás o cinzento de sempre, inaugurava uma série que ia demorar dezanove anos a receber um nome. Dou o número exato porque tenho a conta feita: catorze quando a coisa começou, trinta e três quando alguém a pôs por escrito.

Não viu ninguém. E não foi por faltarem olhos: é que naquela casa e naquela escola não havia palavra nenhuma com que olhar para aquilo. A minha mãe viu um adolescente com muita energia que ao fim de poucos dias andava apagado outra vez, que é, se bem pensares, a definição exata de um adolescente. O meu pai andava suficientemente ocupado com as próprias tempestades e com o frasco cor de laranja ao lado do lava-loiça para detetar as do filho, e esta é das coisas desta história que pior me caem quando as penso até ao fim: o único homem da casa que sabia em primeira mão o que aquilo era, porque o trazia cá dentro e com diagnóstico por cima, era também o que menos podia olhar. E os professo-

res viram um aluno irregular. Irregular: era essa a palavra, nem mais uma nem menos uma, e colaram-na tantas vezes que acabei por acreditar que era um traço meu, como a cor dos olhos. Brilhante nas boas, ausente nas más. O que ninguém disse, porque ninguém tinha vocabulário para o dizer, é que o brilhante e o ausente eram o mesmo miúdo em dois pontos diferentes de um mesmo ciclo. Que aquela irregularidade tinha nome. E que esse nome tinha tratamento.

Vamos pô-lo agora, com vinte e sete anos de atraso, porque quem estiver a ler vai precisar dele em todos os capítulos que vêm atrás e porque na escola não mo deu ninguém. Aquela semana foi uma hipomania. A hipomania é o mesmo quadro que a mania com o volume mais baixo, e partilham a lista completa de sintomas: humor nas nuvens ou irritável, energia de sobra, dormir menos e não sentir falta, falar sem parar, as ideias a escaparem-se umas atrás das outras, distrair-se com a primeira coisa que passe, arrancar com dez coisas ao mesmo tempo com dez objetivos diferentes e meter-se em assuntos que podem acabar por custar um dinheirão. A diferença está em três coisas, três e mais nenhuma. Que dura menos: com quatro dias já chega, em vez de uma semana. Que não destrói a vida da pessoa de maneira visível. E que não há psicose nem hospital pelo meio. O critério é tão estrito que funciona ao contrário: assim que aparece qualquer uma dessas três coisas, já não falamos de hipomania, falamos de mania. Mesma doença, mesma fase, e a única coisa que as separa é quanto é que estragam. O que como critério de classificação é feíssimo, a verdade seja dita, mas é o que há.

E daí sai a definição do que eu tenho, e convém deixá-la posta o quanto antes. Para diagnosticar uma doença bipolar do tipo um basta um episódio maníaco numa vida inteira. Um só. O resto do tempo, que é praticamente todo o tempo, a doença não está em mania: anda pela hipomania, pela depressão, pelos estados mistos ou pela calma, e vai rodando. Eu tive quatro ou cinco manias das grandes em vinte anos, das que acabam em internamento. E tive hipomania em quase todos os outros anos, por tratar, desde aquela semana de primavera. Desde os catorze.

E agora o que faz da hipomania o sintoma mais traiçoeiro do catálogo, aquele que a ninguém lhe apetece que lhe tratem, e vou dizê-lo com uma honestidade que quase nenhum livro sobre isto se permite, porque em voz alta fica incomodíssimo: a hipomania sabe bem. Não é o eufemismo de quem procura o lado bom de uma desgraça, nem aquela tolice de que há males que vêm por bem. É um facto: nessa fase o cérebro fabrica dopamina em quantidades que produzem

uma experiência sinceramente prazerosa. Aquilo parece-se com a saúde. Parece-se com mais do que a saúde. A pessoa tem a sensação de se ter transformado por fim na melhor versão de si própria, aquela que supostamente traz cá dentro à espera da vez. Dormes pouco e não dás por isso, as ideias engatam-se sozinhas, estás com graça, estás encantador, produzes como nunca, sai-te uma segurança que no resto do ano não a tens nem pagando. Trabalhas o dobro, engatas, escreves, comesças projetos. E ninguém à volta vê ali uma doença: veem alguém em maré alta. Nunca ninguém chamou uma ambulância porque o amigo estava encantador. A um homem em hipomania ninguém o trata: convidam-no. E ainda por cima paga ele.

É o único sintoma psiquiátrico que quem está à volta premeia. Para e pensa: a tristeza mete medo, a insónia preocupa, a raiva afugenta. A hipomania, pelo contrário, enche a mesa de gente. És aquele que se quer ter na sala, o que faz com que os outros se sintam vistos, o que transforma um jantar qualquer numa noite de que se fala. Fui eu esse muitas vezes, e toda a gente gostava, a começar por mim. Por isso é uma armadilha que se monta sozinha: nenhum doente quer que lhe tirem aquilo que vive como a melhor coisa que lhe aconteceu na vida, e nenhum amigo sugere a quem está esplêndido que passe pelo psiquiatra. Total, que não consulta ninguém. A pessoa consulta quando se afunda, se é que consulta, e a essa altura a parte de cima já se foi embora e o médico encontra só o poço. É assim que se demora dezanove anos a pôr um diagnóstico que estava escrito na cara de um miúdo de catorze. E essa demora é o custo que ninguém soma quando se fala de saúde mental: o mais caro de todos, e ainda por cima adiado.

E é por isso que a hipomania é a fase com que se começam as relações. As minhas arrancaram todas com aquele fato vestido, sem uma única exceção: o generoso, o que organizava tudo, o que dava conversa até às quatro da manhã, o que alinhava no que fosse e se metia em todo o lado. E a depressão e os estados mistos são as fases com que se perdem. Muitos anos depois, quando eu começava a descer de um verão muito alto, uma mulher que aparece mais à frente neste livro escreveu-me meio a brincar: voltou o senhor raciocínio, às vezes és uma seca, gosto mais de ti quando estás um bocado hippie. Um bocado hippie. O hippie era o sintoma. Aquilo de que ela gostava, o das ideias, a energia, a conversa até às tantas e o alinhar em qualquer plano, era a doença na sua versão simpática, e o que ela sentia em falta era exatamente o que me estava a tirar a medicação. Não a culpo de nada. Gostava do mesmo de que eu gostava.

A trapalhada é que a hipomania não é um planalto onde a pessoa se possa instalar a viver descansada. É uma subida. E a subida, se ninguém a trava, continua a subir até um ponto em que já não resta encanto nenhum: a mania completa, a psicose, o estrago. O que te dá em cima cobra-to em baixo, com juro e sem hipótese de negociar, porque depois de cada subida chega sempre o cinzento, e quanto mais alto subiste, mais negro vem o cinzento. Aos catorze a subida era curta e o cinzento era o de um adolescente apagado em cima da carteira; os adultos arquivaram aquilo como coisas da idade e seguiram com os assuntos deles. E eu estive dezanove anos a pagar aquela moeda sem sequer dar conta de que estava a pagar alguma coisa.

No dia em que me deram por fim o nome, numa ala de psiquiatria e com a alta já em marcha, qualquer coisa dentro da cabeça reconheceu que me acabavam de entregar a peça que me tinha faltado a vida inteira. E uma peça de canto, ainda por cima, dessas sem as quais não há maneira de montar nada. E a primeira coisa que encaixou nela, antes de qualquer outra das que aparecem neste livro, foi aquela semana de luz encandeante dos catorze anos que toda a gente tinha despachado como coisas da idade.

E aqui vai o que quero que leve quem estiver a ler isto com um diagnóstico acabado de pôr e com medo no corpo: o mais duro de toda a minha recuperação não foi engolir o comprimido com o seu sabor a moeda velha. Foi aprender a abdicar daquela versão minha de que eu tanto gostava. Foi aceitar que o miúdo daquela primavera, com as raparigas da turma a olhar para ele pela primeira vez, não era a melhor versão de ninguém. Que aquele de quem eu tinha saudades não era eu no meu melhor momento. Era o incêndio a começar.

Capítulo 10 • O sofá

Começou numa aplicação das que havia na altura. Era o inverno dos meus vinte e seis anos, com o cérebro posto a duzentos e a hipersexualidade a empurrar para todos os lados ao mesmo tempo, tal como uma mangueira que se solta e se põe a dar chicotadas sozinha. Um perfil com uma cara que ficava e um sorriso dos que dão a entender que ali dentro se sabe uma coisa que os outros não sabem. E uma mensagem mandada às duas da manhã, porque um cérebro naquele estado tem de descarregar a energia nalgum lado ou rebenta, e às duas da manhã a única coisa que fica aberta é o telemóvel.

Combinámos no parque em frente à casa dela. Ela vivia no passeio da frente e tinha-me marcado ali por segurança, para poder voltar a atravessar se o assunto saísse desastroso. Ao banco faltava-lhe um parafuso numa das ripas, e reparei porque havia um bom bocado que me esforçava por não pensar no que lhe ia dizer, e aquela ripa a bailar-me por baixo da coxa era a única coisa sólida que tinha perto. A Nuria apareceu sete minutos atrasada (ou seja, o que se demora a descer e a atravessar uma rua, que já me dirás onde é que está o mérito) e sentou-se com a tranquilidade de quem na cabeça dela já estava ali antes de chegar com o corpo. Trazia um blusão de cabedal gastíssimo, desses que aguentaram mais épocas do que aparentam, e um livro na mão que em toda a tarde não abriu. O livro como adereço, que é um clássico e não o digo com maldade: eu fiz exatamente o mesmo com uma guitarra.

—E tu fazes o quê?

Despejei-lhe o do curso: que me tinha metido em História aos vinte e cinco e que andava no primeiro ano. Aquilo pareceu-lhe fascinante. Eu sorri. Ela sorriu. E a ripa do banco continuou solta.

Era uns anos mais velha do que eu. Vivia num apartamento partilhado que lhe saía barato, e naquele apartamento vivia também um amigo dela, que era quem sustentava a casa e quem pagava as despesas. Um homem de uma bondade dessas em que ninguém acredita até as ver a funcionar de perto. E conto como é que aquilo era por dentro porque o vi por dentro: a Nuria levava tipos

para casa e ia para a cama com eles no quarto ao lado do dele, com ele a dormir parede com parede. E entre esses tipos estava eu. Eu fui o especial, isso disse-me ela, e parece-me que era verdade. Mas não fui o único, e isso soube-o desde a primeira semana. Aquele homem gostava dela e continuou ali, e explicar porque é que continuou ali não me cabe a mim.

A primeira tarde esticou-se até às três da manhã. Apaixonado não estava. Estava em hipomania, que é um estado que fabrica certezas absolutas sobre coisas que não o são assim tanto: certezas sobre as pessoas, sobre a intensidade do que está a acontecer, sobre o significado de uma tarde que se alonga até às três. A mim pareceu-me extraordinária porque naquele estado é tudo, até uma caixa multibanco. Para a Nuria foi outra coisa diferente, e o que ponho aqui é o que ela me contou, na altura e mais tarde, não o que eu possa deduzir: que naquela noite se sentiu desejada como nunca se tinha sentido, e que isso, vindo de anos de complexos com o próprio corpo, lhe importou muitíssimo. Ficou agarrada ali. E eu tinha vinte e seis anos e trazia em cima a versão suave da doença, a que não parte nada, a que não interna ninguém, a que de fora se vê como um tipo encantador com muita energia. Foi com aquilo que me apresentei no banco dela. Atravessei a rua atrás dela e subi a um apartamento que cheirava a incenso e a gatos, e o que pensei foi: isto é extraordinário. E era. Também era o arranque de uma coisa que não ia acabar bem.

Na manhã seguinte queria que eu ficasse. Eu tinha aulas. Antes de acabar aquela semana já me tinha ligado quatro vezes. Antes de acabar o mês tínhamos encontrado mais três vezes e tinha-me convidado para os anos dela, e não só a mim: também ao meu irmão e a um amigo. Entretanto, em casa, eu contava à Laura que tinha feito uma amiga nova. E a Laura não tinha nada de parva. O que se passa é que a hipomania dá a quem a traz uma convicção a falar que torna difícilimo não acreditar nela.

No sofá dela fumava-se. Eu comecei a fumar ali, em casa dela, porque era o que se fazia naquela casa e me pareceu a coisa mais normal do mundo. E para perceber o que aconteceu naquele sofá é preciso saber de onde é que eu vinha, porque senão o primeiro charro parece uma anedota de sala e não foi. Naquele outono, o primeiro do curso, tinha-me inscrito no primeiro ginásio de treino duro que abriram perto da faculdade e treinava todos os dias; era um desportista de competição, com o corpo feito diariamente, sem gordura para contar e sem tolerância a nada: não fumava, bebia quando muito nalgum fim de semana e a canábis nunca me tinha passado pela cabeça. Aquilo era a minha âncora e fun-

cionava. E parei na pausa dos exames de inverno, para me concentrar e descansar um bocadinho, e foi justamente nessa pausa que conheci a Nuria. Que coincidência das boas. Sem que eu soubesse nem soubesse ninguém, o desporto era a única coisa que me estava a segurar a cabeça: a hipomania trazia-a posta havia anos, mas o treino mantinha-a à distância, e eu nem sequer sabia que houvesse alguma coisa para manter à distância. Foi por aquele buraco que entraram os charros.

E isto não havia maneira de o sabermos nenhum dos dois, nem naquela sala nem em nenhuma: a um cérebro como o meu o THC não o passa. Dispara-o. E um corpo como o que eu tinha então, que visto de fora parece uma garantia, acaba por ser precisamente o contrário. O THC está entre as substâncias mais lipossolúveis que existem: não fica a circular no sangue, vai-se para os tecidos, e com o uso continuado acaba armazenado na gordura, que no fumador habitual funciona como depósito e o vai largando ao longo de semanas. Um corpo sem quase gordura não tem onde o guardar: a dose inteira vai para os tecidos que recebem mais sangue, e o que mais recebe é o cérebro. E um cérebro que nunca viu THC na vida responde com todos os recetores postos. Nos que fumam diariamente, o cérebro defende-se retirando à volta de uma quinta parte dos seus recetores canabinoides (está medido com tomografias, e sabe-se também que um mês sem fumar os devolve ao lugar), e é por isso que a eles o mesmo charro lhes faz menos; a quem começa, pelo contrário, dispara-lhe de repente a dopamina e o glutamato do estriado, que é exatamente o circuito que se acende numa mania. Com o álcool a coisa vai ao contrário, já agora, porque se reparte pela água do corpo e o músculo é quase três quartos água: o desportista que eu era embebedava-se menos com o mesmo copo do que o homem em que me transformei mais tarde. O álcool veio fazer o seu dano depois, sobre um corpo já destruído. O que entrou naquele inverno a corpo limpo foi a canábis.

Ou seja, que a conta sai ao contrário do que parece. Cada charro daquele sofá aterrava num cérebro limpo, sem travão adaptativo nenhum, sem um grama de gordura que o amortecesse, e aterrava inteiro. Aqueles charros agarraram na hipomania com que eu tinha chegado ao banco dela e transformaram-na numa mania. Das que partem mesmo. Não dormia, não parava quieto, estava em todo o lado e com toda a gente, e aquilo durou-me a primeira metade do ano. Era eu com a doença no máximo, e no máximo por culpa do que fumávamos em casa dela. A Nuria deve ter acreditado que aquele tipo desatado, sociável, incansável e hipersexual era eu em estado puro, e não lho censuro o mínimo: acreditava eu

também, e quem estava lá dentro era eu. Ela apaixonou-se por um sintoma. E daquele ano fica um pormenor que não é dos grandes e que precisamente por isso retrata melhor do que os grandes: aquelas manias teve-as à frente e soube perfeitamente o que estava a ver, tanto que chegou a falar com a minha família porque estava preocupada. E até aí chegou. Nem mais um telefonema, nem uma tentativa de fazer alguma coisa com o que estava a ver, nem uma única vez em doze anos em que se sentasse comigo a contar-me o que via. Viu a doença antes de toda a gente e não fez nada com ela. O que fez com ela onze anos mais tarde conto no sítio devido.

Com os charros acabou-se o desporto, evidentemente, porque quem fuma não tem vontade de treinar. E perdido aquele hábito, nunca mais o recuperei. Nem com a seguinte, nem com a de depois, nem com ninguém. Foi esse o preço que não vi chegar. E atrás dos charros voltou o álcool, que até então o trazia suspenso, espaçado e metido na ordem pelo treino: assim que deixei de treinar veio abaixo o travão e a bebida recuperou o seu lugar, precisamente no ano em que se me acendeu a mania. Um plano perfeito, se o que a pessoa procura é acabar como acabei eu.

E daquele ano fica além disso uma discussão que nos retrata a todos. No princípio do verão deixámos de nos falar uma temporada por um motivo dos mais ridículos, que é como costumam ser os motivos a sério: um conhecido dela meteu-me num trabalho horrível, a puxar um cordelinho. Aquilo era um sítio medonho, com uns chefes que tratavam péssimo o pessoal, à base de insultos e de más maneiras. E vim-me dali a armar uma barraca considerável, que era a maneira que eu tinha então, com a mania posta, de sair de um sítio assim. O conhecido ficou muito mal perante a gente dele e zangou-se muitíssimo, com toda a razão do mundo, a Nuria e eu discutimos por causa disso e fez-se o silêncio.

E agora a parte que impede que tudo isto seja uma fatura contra ela, e há que lê-la com o mesmo cuidado que o de cima. A Nuria não sabia nada disto. Eu também não. Naquela casa ninguém sabia que por baixo de tudo havia uma doença bipolar do tipo um, e faltavam sete anos para que alguém lhe pusesse nome. Ela ofereceu o que se oferece em qualquer sala aos trinta e tal, e eu peguei naquilo. Com a minha mão. Não a responsabilizo por aquilo nem lho estou a cobrar. E mesmo assim há uma coisa que demorei catorze anos a conseguir pensar até ao fim, e que fecha o círculo justamente por onde se abriu: eu nunca devia ter conhecido a Nuria. É aritmética pura. Quando lhe escrevi às duas da

manhã estava em hipomania; sem essa hipomania não lhe teria escrito, nem teria ido ao banco dela, nem teria fumado no sofá dela, nem teria deixado o desporto, e o mais provável é que a cadeia que acabou onde acabou nem sequer tivesse começado. Sem a minha doença, a Nuria não existe na minha vida. Foi um erro estatístico da minha doença: a pessoa com quem se cruzou um cérebro desregulado no pior momento possível. Saudável, eu não teria passado daquela primeira tarde no banco. Ela não foi a causa. Não lha ponho.

Capítulo 11 • Deixar e voltar

Deixei a Laura ao fim de dois anos com ela. Já contei quem era a Laura e a família inteira que me tinha arranjado lugar. Nenhum homem no seu perfeito juízo deixa uma mulher assim.

Eu deixei-a. E deixei-a para me ir para o sofá de outra, fumar e passar as noites sem dormir na cama dela. E a partir dali, o descontrolo: voltei ao cruising (precisamente ao começar com a Nuria, que o pormenor tem que se lhe diga e não tenciono escondê-lo), encontrava-me também com homens pela internet, e envolvi-me com mais de uma dúzia de raparigas daquelas aplicações. Convém explicar como é que a coisa era, porque senão soa a outro filme. Quase tudo eram encontros de uma tarde: combina-se, fode-se e não se volta a ver. Elas procuravam o mesmo que eu. E a mim saía-me fácil, porque estava muito forte, andava com ótimo aspeto e naquele estado a iniciativa sobrava-me. Duas ou três foram outra coisa: histórias mais longas, com o prazo de validade marcado desde o primeiro dia e conhecido pelos dois, que se aproveitaram enquanto duraram e nunca se complicaram. E houve uma que montei desde o minuto um para que durasse, e é a única que durou: a Mireia, da faculdade. Começou quando eu ainda estava com a Laura, um pouco antes do da Nuria (aponto-o sem maquilhagem, que é para isso que escrevo isto), e hoje continua a ser minha amiga das a sério. A Mireia esteve metida no meio daquilo tudo, viu-me por dentro durante aqueles meses e pode certificar como era o Marcos de então. E daí sai uma coisa que muda por completo a maneira como há que ler o que vem a seguir: eu, quando comecei a ver-me com a Nuria, não estava a inaugurar nenhuma relação de anos. Estava a fazer exatamente o mesmo que fazia com as outras. Aquilo podia perfeitamente ter ficado no mesmo sítio em que ficaram todas as outras.

No verão baixou a maré. E assim que baixou, voltei para a Laura. Fomos viver juntos para uma terra da área metropolitana, colados à família dela, e contive-me (e contive-me, entre outras coisas, porque se me acabou a mania, que a vontade por si só não faz desses milagres; quem defenda o contrário é porque

nunca teve nenhuma em cima). Com a Mireia deixei de ir para a cama, e continuámos amigos. E naquele ano houve um trio, que conto porque aconteceu e porque neste livro não se esconde nada.

Naquele verão fiz de nadador-salvador na piscina de uma urbanização ali perto, e vivi mesmo ao lado. E não foi um trabalho de verão do montão: eram muitíssimas horas por dia, e a maior parte ia-se-me com a gente do sítio, os vizinhos, com quem cheguei a dar-me tão bem que acabava a almoçar em casa deles, e sobretudo com os miúdos, a vários dos quais ensinei a jogar xadrez. A Laura vinha ver-me. Conheceu as crianças, estive na gincana que lhes montei para que a tarde do fecho fosse uma festa e comeu connosco as piças que pedimos no fim. Depois houve festa e bebeu-se. A trabalhar nunca bebi, isso tenho-o claríssimo e não o fiz em toda a minha vida; o que eu fazia era pedir na pausa do almoço uma cerveja, ou duas, e assim o dia tornava-se mais suportável. Como o desporto já não me organizava nada, organizava-me com aquilo. E à tarde, outra. Não todos os dias, mas muitos. À frente da Laura e sem me esconder de nada, porque a ninguém lhe dá nas vistas que se tome uma cerveja à saída do trabalho, e ela não tinha motivo nenhum para desconfiar. E aí está o problema do álcool neste país: não toca alarme nenhum enquanto não há já nada a fazer, porque o alarme vem desligado de fábrica e ainda por cima pagamo-lo todos.

E assim fui descendo a ladeira, com alguma festa em casa das que já não se recordam inteiras. Numa delas mijei na parede, bêbedo perdido e na minha própria casa, porque não fui capaz de encontrar a casa de banho. Escrevo-o porque é verdade e porque é feio, e porque marca o ponto exato a partir do qual, perdida já a âncora do desporto, valia tudo. E quando começou o ano letivo seguinte sem que eu entrasse em nada, nem num trabalho nem num treino, a puxar pelo que restava de umas contas finais antigas e pelo que tinha poupado na piscina, pus-me a beber diariamente enquanto a minha namorada estava a trabalhar. E a fumar, à janela ou a descer à rua, porque ela não aturava o tabaco dentro de casa; soube, claro, porque parva não era, e custou-nos duas ou três discussões sérias. No fim daquele ano já bebia a sério, muitas vezes sozinho e nas costas da Laura. E aquela caldeira acesa estava unicamente à espera de uma faísca.

Porque sem o que vou dizer agora, este capítulo lê-se como a história de um tipo que não sabia o que queria, e não é disso que se trata. Ou não é só disso. O de deixar a Laura não o fez um homem a escolher; fê-lo uma mania, que não compara nem calcula, que anda atrás da intensidade e da novidade e que fabrica

motivos para se mexer onde eles não existem. O novo acende a dopamina de uma maneira que a estabilidade não consegue igualar, e não a iguala porque nem sequer joga nessa liga: um cérebro em fase alta não calcula custos, calcula intensidades, e uma mulher que te espera a ler à janela não pontua nessa escala por muito boa que seja. A isso chamo eu uma decisão de episódio, e convém aprender a reconhecê-las, porque neste livro vão aparecer umas quantas: decisões que parecem tomadas por uma pessoa e que na realidade foram tomadas por uma fase. Distinguem-se por um pormenor simplicíssimo, e é que essa pessoa não as teria tomado nem antes nem depois. O dano é meu, e à Laura fui-lho pagando como soube. O que não posso dizer é que a decisão fosse minha, porque não a tomou ninguém: tomou-a uma fase, e assim que a fase se foi embora, a decisão foi atrás.

E o de voltar também não o decidi eu de todo, ainda que adorasse poder assiná-lo. Há uma coisa que trago posta de fábrica e que demorei anos a saber que tinha nome: a ansiedade de separação do adulto. Não é uma maneira de falar: é um diagnóstico com nome próprio, e nas séries de doentes com doença bipolar aparece com uma frequência brutal, à volta de quatro em cada dez segundo os estudos que se puseram a medi-la. A minha tem data de arranque: os vinte anos e a maneira como o meu pai se foi embora. Um sistema de vinculação que não admite a separação e que, quando alguém de quem gosto se vai ou o perco, não fica triste: põe-se à procura (e isso tem a sua explicação, que dou onde deve ser, na noite do cão). Voltar é o que eu faço. Deixei-o escrito há tempos e mantenho-o palavra por palavra: viver sozinho odeio, detesto-o com toda a alma, e sustentar-me sozinho não sabia. De maneira que a mania me tirou de casa da Laura por cima e a vinculação me devolveu a ela por baixo, e em nenhum dos dois trajetos ia eu propriamente ao volante. O que não tira que voltar tenha sido o melhor que fiz em todo aquele ano. E das duas vezes, já o disse, ela continuou a ser a mesma pessoa. Isso também é um dado clínico, ainda que o dado seja dela e não meu.

Aquela segunda convivência durou onze meses, na terra, com a família dela ao virar da esquina e uma cerveja em cada refeição. A Laura queria casar-se, ter filhos, montar uma vida, e havia anos que a queria montar comigo. Eu bebia sozinho enquanto ela trabalhava e dava voltas a nada. Dali até à Rocío o caminho era curtíssimo.

Capítulo 12 · A casa da Rocío

A Rocío encontrei-a à procura de troca de casais pela parte tenebrosa da internet, numa noite daquele inverno em que eu bebia sozinho enquanto a Laura trabalhava. Convencer a Laura não me custou grande coisa (sair da rotina é sempre um reбуçado que se tem à mão) e recebemo-los em casa, a ela e ao namorado. Fodemos todos, uns mais e outros menos. Se nos cingirmos à ata oficial, o serão correu mal: no dia seguinte chegaram as censuras, que a fodias sem olhar para mim, que isto não se repete. Mas havia uma ata secreta com uma linha que não li em voz alta, e a linha dizia que aquela rapariga me tinha agradado. O corpo também, para quê mentir. Sobretudo a atitude: a de quem tem claríssimo o que é, se mete na lama até ao pescoço e não perde um segundo a pensar no que vai dizer quem quer que seja.

Poucos dias depois pôs-se ela a escrever-me. Que tinha deixado o namorado, que lhe era indiferente vir sozinha, que para que é que eu andava a remoer aquilo de ter companhia se afinal aquilo ia ser um bocado agradável e ponto final. Era muito nova, de boa família, e andava o dia inteiro com animais. Tinha uma teimosia serena para a qual ainda não inventaram antídoto, uma voz grave que lhe desafinava com aquela cara de miúda e uns olhos que iam a ler o mundo a uma velocidade em que me reconheci de imediato: andava a procurar a borda das coisas desde bastante antes de eu chegar. Eu, entretanto: vinte e sete anos, sem um tostão, os exames acabados de vomitar, e uma companhia à minha espera em casa. E enganar uma mulher de quem eu tinha gostado revolviam-me mesmo o estômago, com um tremor incómodo e chato. Também não me travou. Apontem as duas coisas, e apontem a diferença de idade.

Um mês mais tarde encontrámo-nos os dois sozinhos, e encontrámo-nos em minha casa, a que era da Laura e minha, com a Laura no turno dela de trabalho. Foi uma infidelidade a dobrar, porque a Rocío continuava com o namorado, e os dois atravessámos aquela porta a saber o que fazíamos.

—Põe-te de joelhos —disse-lhe, sem o ter pensado.

E ela fê-lo com uma calma que me desmontou. Não como quem obedece. Como quem reconhece uma coisa. Na altura escrevi que não sabia de onde me tinha saído aquela ordem. Sabia. Sempre soube e custou-me anos pô-lo por escrito. Saía de dois sítios, e os dois puseram-mos em cima quando eu era um miúdo. Um: aqueles homens, os dos treze anos, que foram os que me ajoelharam a mim, os que me fizeram submeter-me e os que me puseram à frente um material que nenhuma criança devia ver alguma vez. E dois: um ecrã que uns anos depois veio explicar-me que aquilo não tinha sido um dano, que era um género com o seu nome posto, a sua estética própria e o seu público fiel. Eu não cheguei ao mundo com vontade de humilhar ninguém. As minhas primeiras relações com mulheres foram das mais vulgares, baunilha até dizer chega. O outro instalou-se depois, e não me obrigou ninguém, que é pior e é mais exato: ensinaram-me o que desejar, e à força de repetição aquilo tornou-se a minha maneira de me excitar. Por isso, quando disse à Rocío que se ajoelhasse, eu estava a repetir o que me tinham feito a mim e, ao mesmo tempo, a tentar recuperar o comando de um corpo que outros tinham agarrado sem pedir licença. As duas coisas ao mesmo tempo. E aquilo não o sabia ela nem o sabia eu. Conto-o porque explicar não é desculpar, e porque em cima daquela relação se construiu mais tarde um relato de maldade, e à maldade só se chega quando falta o resto da informação.

Procurei-lhe outro nome, um que fosse só nosso, e pu-lo nela: Fiera. Submissa trazia-o posto até nos poros; o que lhe tinha sempre faltado era um amo que o fosse a sério. E agora a confissão: eu não o era. Propus-me fingi-lo com toda a vontade, e chegou um ponto do caminho em que o disfarce se me colou à pele. Mas aquela personagem não saía da dinâmica. Fora do papel, que era onde passávamos quase todas as horas, éramos duas pessoas quaisquer: séries, cozinha, apontamentos, música clássica, uma noite no bailado. E sim: houve água bebida num prato posto no chão, houve palmadas das fortes, e ela estava disponível para mim a qualquer hora. O que se passa é que esse mesmo amo se sentava a escovar-lhe o cabelo todas as noites e a ler-lhe um livro até ela adormecer. Esse amo era eu. O acordo estava fechado desde o primeiro dia: ela cumpria tudo o que combinávamos e eu não lhe passava por cima de um único limite. A palavra de segurança escolheu-a ela, e em todo o tempo que durámos juntos nunca chegou a dizê-la; porque é que não a disse, isso terá de contar ela se um dia quiser. E ensinou-me a montar. A partir dali íamos todas as semanas andar a cavalo, ela como quem o faz desde criança e eu sem acabar de acreditar. Com ela fiz de

tudo, e de tudo o que fizemos o mais bonito foi aquilo, muito acima de qualquer sessão.

No fim daquele inverno despejei a verdade em casa: disse à Laura que não tinha deixado de ver a Rocío e que aquilo se me estava a transformar em paixão. Pelo meio houve uma semana inteira nas festas da terra da Mireia, onde bebi que nem um cossaco e a hipomania que já trazia posta deu o salto para mania, e foi estando nesse estado que tomei a decisão. E a Laura reagiu como reage qualquer pessoa a quem se está a queimar a casa: a agarrar no que tem mais à mão a ver se salva alguma coisa. Lembrou-se, em desespero, de a integrar. Que a Rocío passasse a ser a submissa dos dois. Por isso uma tarde a Rocío sentou-se na nossa sala e foi a Laura quem lho propôs na cara. A Rocío respondeu que não. Que ela não ia ser o brinquedo de um casal e que estava ali por mim. Fechou-se um bocado na casa de banho, saiu, atravessou a casa e atirou-se escadas e rua abaixo. Atrás saí eu a correr. Foi aí que escolhi: não em gabinete nenhum, nem em nenhuma conversa sensata entre adultos, mas em corrida por um passeio atrás de uma miúda, e com a mulher com quem estava havia anos plantada sozinha no meio daquela sala. Não sei quantos dias passaram entre aquela cena e o dia em que a Laura fez as malas. Sei que as fez e sei que fez bem. O que eu estava a fazer não há quem aguentar. A Laura queria uma vida. E eu andava noutra realidade: eu o que queria era estar a dar palmadas a uma miúda numa masmorra.

E o nosso não ficou fechado entre as quatro paredes de um quarto. Ela meteu-me na família dela com uma naturalidade que eu não esperava: quase ano e meio a partilhar teto com ela, com a mãe e com a irmã. Não de visita: a viver ali. E a mãe dela tinha claríssimo que espécie de relação era aquela e não julgou absolutamente nada; sentava-me à mesa com um prato à frente e tratava-me como um de casa. E daquela casa há uma cena que é preciso contar tal e qual aconteceu. O pai da Rocío encontrou as redes dela abertas num computador e pôs-se a ler as nossas conversas, que de inocentes não tinham nada. Não percebeu absolutamente nada, e não lho censuro o mínimo. Apareceu à minha procura fora de si. E então a Rocío meteu-se pelo meio. Pôs-se à frente do pai e defendeu-me com uma fereza que eu nunca lhe tinha visto: que a decisão era dela, que aquilo era precisamente o que ela queria, que estava apaixonada e que ele ali não tinha nada a dizer. E a mãe dela, que estava à frente a ouvir tudo, defendeu-me igual. Ele acalmou-se e foi-se embora. Fomos para um parque e ali es-

teve ela a chorar um bom bocado, desfeita. Mas não se retratou de uma única palavra.

Ao fim de quatro meses chegou a coleira. Mandeí fazê-la à medida: uma correia de cabedal com uma chapa pendurada e, na chapa, o nome que só nós os dois usávamos. Trazia-a todos os dias e em todos os sítios, e se alguém lhe perguntava o que era aquilo respondia com cara de quem nunca partiu um prato que lha tinha oferecido o namorado. Surpreendeu-me a solenidade com que a recebeu: ali não havia excitação do proibido por lado nenhum, havia a seriedade de quem está a assinar um compromisso. Disse que sim, e disse que o diria uma única vez, porque ia ser um sim para sempre. O ritual escrevi-o eu, e o que deixei dito na altura assino-o hoje com as mesmas palavras: foi mais emotivo do que muitas cerimónias de casamento. A última coisa que escrevi daquela época acabava a dizer que sim, que gostava dela, vê lá tu, e que já veríamos quanto é que aquilo aguentava.

E agora o que era tudo aquilo na realidade, dito com o nome que lhe corresponde. Aquela relação não foi uma escolha: foi um sintoma com duas pernas. O que é a hipersexualidade nesta doença já o expliquei no sítio devido, com os seus três motores; o que vai aqui é o que esses motores fizeram com uma cena concreta. Quando o sistema de recompensa anda revolucionado, o desejo não só sobe: alarga-se. De repente entram no radar corpos, idades e situações que fora do episódio nunca teriam entrado, e não é que a identidade da pessoa tenha mudado: é que a mania te baixa todos os limiares de uma vez e sobe o volume a tudo o que seja novo. E não estamos a falar da chamada adição ao sexo, que existe independentemente do humor: nesta doença o assunto é episódico, dispara-se na fase alta, apaga-se até à indiferença absoluta na depressão e remite quando o humor estabiliza. No meu caso, além disso, vinha com uma estrada já alcatroada desde os treze anos. Eu não escolhi uma miúda e não escolhi aquele mundo: escolheu-os uma doença por diagnosticar que ninguém sabia ler, e a prova está no que aconteceu quando por fim ma nomearam e ma trataram, porque desde então nunca mais fui infiel a uma companheira. Nem uma única vez. Neste livro, os troços estáveis coincidem exatamente com os troços em que fui fiel, e isso não há que apontá-lo a mérito nenhum do feitio: é o mapa da doença decalcado por cima da minha biografia. Pelo dano respondo eu. Pelo sintoma, não.

Há uma pergunta que ninguém formula em voz alta e que fica na mesma a pairar no ar quando se conta isto que acabei de contar, com os treze anos de um

lado e uma miúda acabada de sair da adolescência do outro. Respondo-a eu, e com todas as letras: não. Jamais. Nem um impulso, nem uma pulsão, nem uma única vez em quarenta anos. Nem com os miúdos daquela piscina nem com nenhuma outra criança, e o estado é indiferente: nem em mania, nem a meio de um episódio, nem no pior momento em que alguma vez me tenha visto. Aquilo que me fizeram a mim aproveitando-se de que um miúdo se fia, eu não o fiz a ninguém.

Como aquilo acabou, e o que eu levava no sangue quando acabou, tem o seu próprio capítulo. Aqui vai a outra coisa, a que na altura não tivemos e tivemos depois. Cinco anos mais tarde a Rocío procurou-me, e não para retomar nada, mas para ver alguém de quem tinha gostado. Tinha um filho de ano e meio de uma relação que tinha acabado mal. Entrou pela porta e notei logo que havia nela qualquer coisa de diferente: ser mãe tinha-lhe deixado em cima uma gravidade que antes não tinha. Naquele inverno, numa tarde, fizemos amor com ternura e com delicadeza, e com o prazer dela à frente do meu; foi a única vez em todo o ano, porque nem ela nem eu andávamos à procura daquilo. E não se parecia com nada do que tínhamos tido antes: ali não restava nem um resto daquela arquitetura, nem um papel, nada.

E há outra cena, em casa dela, numa tarde de visita, os dois sentados a falar. O miúdo reclamou o que era dele, ela pegou-lhe ao colo e pôs-se a dar-lhe de mamar ali mesmo, com aquela naturalidade de mãe que não tenciona cortar uma conversa por semelhante tolice. Eu fiquei a olhar para ela e senti uma coisa que naquele momento não soube nomear e a que hoje chamo ternura. Disse-me que me notava diferente: que o homem que tinha sentado à frente já não era aquele amo, que a intimidade a entendia eu de outra maneira e que tinha aprendido sobre o cuidado coisas de que anos antes não fazia a mínima ideia. Disse-me, com aquela expressão exata, que me via feminista e moderno. Eu disse-lhe que o corpo dela era lindo. Disse-lho porque era verdade e porque farejei que havia tempo que não o ouvia a ninguém. E chorou um bocado. Não de dor, pareceu-me a mim. De alívio.

E o que eu era está naquele ano e meio de casa dela: no amo que lhe escovava o cabelo e lhe lia livros, nos cavalos, no prato que a mãe dela me punha. Isso também se mostrou, e durante muitíssimo mais tempo do que o outro.

Capítulo 13 · O apartamento

Naquela primavera pus-me a drogar-me a sério, e digo-o assim, sem o diminutivo que se põe para dormir descansado à noite. Arrastava cadeiras de sobra (nos meses anteriores tinha-me distraído demasiado com a Rocío, e aos vinte e oito anos, com uma miúda a dormir na tua cama, as cadeiras não competem) e passei o ano à tangente à base de mefedrona, dias inteiros a estudar sem dormir, hiperfuncional e encantadíssimo comigo próprio, que é precisamente o estado em que um bipolar assina os seus piores currículos. Nessa mesma primavera tinha viajado até à Bulgária para conhecer por fim a minha filha, a Claudia, que ainda vai demorar a entrar nesta história mas entra; e aquela viagem, que devia ter sido a coisa mais bonita que me tinha acontecido em anos, o que fez foi disparar-me. Voltei com o cérebro posto a duzentos, e à chegada entraram em casa o GHB e a mefedrona, primeiro nas costas da Rocío e depois à frente dela. Uma vez, naquela primavera, tivemos sexo com drogas os dois. E nessas semanas pedi-lhe coisas que passavam das marcas. Nada a que ela dissesse que não (a palavra de segurança nunca a usou, isso já o contei, e nunca se negou a nada, para me agradar), mas eu sei que estiveram mal, e já o sabia na altura, com aquela parte de mim que continuava a olhar para a cena de um canto. Foi assim que chegámos os dois àquele fim de semana noutra cidade.

Tínhamos ido para um apartamento, uns dois dias, nós sozinhos. Tomei demasiado GHB. O que veio depois conservo-o aos bocados, como um filme mal montado: o apartamento, uma agressividade que me subiu de repente e sem avisar, eu a exigir-lhe que consumisse comigo, uma mão minha no pescoço dela (uma mão, ou assim me parece lembrar, que daquilo não me lembro bem) e depois o chão. E quero ser exato com o que tenho e com o que não tenho, porque neste capítulo é a única coisa que posso oferecer. Não disponho de uma cena limpa. Do que aconteceu dentro daquele apartamento antes de eu cair no chão ficam-me flashes e mais nada. Sei que me pus agressivo. Sei que lhe exigia que consumisse comigo. E sei, porque olhei para aquilo de todos os ângulos possíveis durante doze anos, que não cheguei a bater-lhe. O resto, o que lhe disse ao

certo, o que fiz com as mãos, quanto tempo durou aquilo, não o tenho, e prefiro dizer que não o tenho a encher o vazio com a versão que melhor me convier, que é o que toda a gente faz com os vazios e o que neste livro está proibido.

Perdi os sentidos. Nem coma nem hospital: o GHB, quando não leva álcool por trás, deita abaixo, mas deita abaixo um bocado e já está. A Rocío, morta de medo e sem saber a quem recorrer, telefonou a uma amiga comum, e a amiga disse-lhe que avisasse os médicos, que era precisamente o que havia a fazer. Os médicos vieram, acordaram-me, examinaram-me, viram que eu estava bem e que não era preciso levar-me a lado nenhum, e foram-se embora.

E há um pormenor daquela noite que demorei anos a atrever-me a olhar: ela não se zangou. Medo acho que teve, e esse medo também mo aponto eu. Mas ao voltar para casa dela agiu com total normalidade, como se aquilo não tivesse sido nada de especial. Os dois vínhamos de uma dinâmica onde a violência estava pactuada e normalizada entre nós, com as suas regras e com as suas marcas exibidas com orgulho, e por isso o daquela noite não se viveu no momento como aquilo de violento que foi. Isso não o torna menos grave. Torna-o mais difícil de ver, que é pior, porque o que não se vê também não se trava.

E depois veio o meu, que é a parte que me retrata. Fiquei uma fúria. Com ela. Por ter telefonado. Cancelei o fim de semana, voltámos para Barcelona de carro e passei o trajeto inteiro amuado e insuportável, e a castigá-la com o silêncio por ter feito a única coisa sensata que cabia fazer naquela noite. Hoje sei de onde saía tudo aquilo, e sabê-lo não o apaga: era irritabilidade em estado puro, da que vem atrás do episódio, misturada com o pânico que eu tinha desde os tempos do parlatório a qualquer pessoa que levasse uma farda, anos antes de alguém me internar em lado nenhum. Tinham entrado uns médicos à minha procura num quarto, e uma parte antiquíssima da minha cabeça leu naquilo o que tinha aprendido aos dezasseis: que quando aparece alguém de farda é porque vão levar alguém. E aquele medo transformou-se-me em agressividade para fora, que é o que o medo costuma fazer quando não encontra maneira de se dizer. E há uma coisa pior do que o silêncio do carro: o cuidado de depois cabia-me a mim e não o fiz. Nem um abraço, nem uma palavra, nem um obrigado por teres telefonado. A Rocío engoliu tudo aquilo sozinha, e nunca mo atirou à cara. Nem então nem mais tarde. E da amiga que atendeu o telefone há que dizer exatamente o mesmo e com a mesma clareza: fez tudo o que pôde para me ajudar, naquela noite e nas seguintes. Uma miúda desesperada pediu-lhe ajuda de

madrugada, ela respondeu, e respondeu bem. Não lhe agradei. Ainda por cima zanguei-me também com ela.

Sem o nome do que aconteceu naquele apartamento, tudo isto lê-se como a história de um tipo que se passou com a droga e se pôs violento, que é metade da verdade e precisamente a metade que não explica nada. O GHB tem um problema muito concreto para um cérebro como o meu: não é uma droga recreativa, é querosene atirado para cima do lume. É um depressor e não um estimulante, por muito que a primeira hora engane: trabalha sobre o mesmo sistema de travões do cérebro que o álcool, e tem uma curva de dose tão estreita que entre a euforia e o chão pode haver um mililitro. Com pouco, desinibição e vontade de tudo; com um bocadinho mais, o cérebro apaga-se tal como se apaga uma casa quando dispara o disjuntor; e misturado com álcool, atrás pode ir-se a respiração, e disso há mortos a quem ninguém chamou suicidas. O meu foi o termo médio: dose suficiente para me apagar um bocado e insuficiente para me matar, com a doença por baixo a empurrar para cima. E antes de apagar, na subida, o GHB faz a um cérebro bipolar o mesmo que me tinha feito a canábis no sofá da Nuria: anula-lhe por completo o controlo dos impulsos. Ages antes de a cabeça ter tempo de intervir, o sistema límbico em bruto e sem córtex pré-frontal que o segure. Um carro sem travões com o motor acabado de afinar.

E o que saiu do outro lado levava outra assinatura, e essa assinatura também tem nome. A mania dos filmes é a eufórica: o tipo que se ri, que paga a todos, que compra o que não precisa. Mas existe uma mania que não se ri, e nos manuais figura como episódio misto, ou mania com características mistas: a energia e a aceleração do polo alto com o humor do polo baixo, irritabilidade em vez de alegria, agitação em vez de entusiasmo, um corpo a duzentos à hora conduzido por uma cabeça que odeia tudo. De todos os estados desta doença é o mais perigoso, e não é opinião minha: é a fase que concentra mais agressividade, mais impulsividade e mais tentativas de suicídio, precisamente porque soma a energia para fazer alguma coisa com a vontade de não continuar. E as substâncias que deprimem o sistema nervoso, com o álcool e o GHB à cabeça, fabricam-no com uma facilidade que assusta: sobem-te a irritabilidade, tiram-te o travão e não te devolvem nada em troca. O homem que exigia dentro daquele apartamento e o homem que castigava com o silêncio dentro daquele carro eram o mesmo estado com umas horas de diferença. Uma hipomania por diagnosticar, uma overdose por cima e, a umas semanas de distância, uma mania com psicose que ainda estava para chegar: a doença a reclamar a substância e a subs-

tância a disparar a doença. E no meio de tudo aquilo, uma rapariga muito nova de quem eu gostava e a quem fiz mal.

Conto-o por dois motivos. O primeiro, porque é a única vez em quarenta e um anos que me pus agressivo com uma companheira. Uma. Com uma overdose cá dentro, com a doença ainda sem nome e sem chegar a bater-lhe, e mesmo assim o facto aconteceu e conto-o eu antes que venha outro contá-lo. E o segundo, porque quando anos mais tarde começou a circular sobre mim, em certo grupo, uma dessas palavras que já não há quem trave, este era o único facto que havia por baixo do filme todo. E nem sequer era o que se contava. Aquela palavra não saiu de um processo nem da boca de um profissional: saiu de uma cena real contada a alguém que não estava lá, num momento em que nenhum dos três tinha o vocabulário nem o dado. E quando uma palavra assim se deita a rolar já não há quem a trave: transmite-se, herda-se e volta muitos anos depois, por bocas diferentes, a soar exatamente igual. Digo-o uma vez, com a frieza com que se diz um dado, e não volto ao assunto: a mim nunca ninguém me denunciou por maus-tratos. Nenhum tribunal teve alguma vez uma queixa dessas com o meu nome em cima, porque essa queixa não existe.

E agora o que me cabe a mim de tudo aquilo, que é o que menos me favorece. Eu tinha vinte e oito anos e ela era quase dez anos mais nova do que eu. E isso, olhado de onde estou hoje, já não o explico com a palavra liberdade. O adulto daquele quarto era eu, ainda que tivesse o cérebro partido e não o soubesse. À Rocío nunca lhe pedi perdão. Nem uma vez. A outras pedi, e neste livro conta-se quando e de que maneira. A ela não, e devo-lho por bastantes coisas: por aquelas semanas, pelo que aconteceu no apartamento, pela viagem de volta metidos naquele carro, pelo cuidado que não lhe dei. E não tenciono mandar-lho, porque não é altura. Deixo-o aqui escrito, que é o único sítio onde o posso deixar, e que valha para o que valer, ou para nada. Aquilo saiu de uma doença por diagnosticar e fez-lhe mal na mesma. Por isso uma explicação nunca é um pedido de desculpa, e a ela não lhe dei nenhuma das duas coisas.

E uma última coisa, porque é das pouquíssimas ocasiões desta história em que aprendi alguma coisa à primeira. Ali acabaram-se as drogas sintéticas. Tinham entrado na minha vida ao voltar da Bulgária e naquele apartamento terminaram, um mês escasso mais tarde. E não foi por sensatez nem por disciplina: larguei aquilo porque naquela noite me entrou um medo medonho no corpo. Ver de que era capaz a minha cabeça com aquilo cá dentro, e em quatro sema-

nas, chegou-me. A coisa aguentou quase um ano. O que a minha cabeça fez nos dias seguintes, sem substância nenhuma e sem marcar consulta, foi muito pior.

Capítulo 14 • O ofício de ler

Meti-me em História por amor à História. Não foi um plano de carreira, não tinha feito contas às saídas que aquilo tinha, e muito menos alguém se sentou comigo a explicar-me como estava o mercado de trabalho. Entrei com vinte e cinco anos e entrei apaixonado, com aquela intensidade tão concreta de quem por fim deu com a língua em que a sua cabeça pensa sem esforço. Porque a História é uma questão de padrões: de como se vão acumulando as forças, de como rebentam os sistemas, de como aquilo que parece um acidente vinha com raízes de décadas ou de séculos. E para um cérebro que ia a processar a realidade à caça de ligações, e a uma velocidade que os outros não acompanhavam, aquele curso era o único sítio onde esse processamento fabricava alguma coisa aproveitável em vez de fabricar um delírio. É a mesma máquina nos dois casos: posta diante de um arquivo, sai um método; posta diante da matrícula de um carro, sai um sinal de Deus.

Os trabalhos que entregava na faculdade tinham um traço que os meus professores me apontavam a misturar a aprovação com o incômodo, que é exatamente a mistura que eu fui provocando a vida inteira: passavam sempre do que era pedido. Trabalho de cinco páginas, doze páginas entregues. E não era exibicionismo, ou não era só isso: é que o tema não se deixava fechar em cinco páginas sem perder alguma coisa pelo caminho. Aquilo também era hipomania, ainda que por então se chamasse ser aplicado. A incapacidade de pôr um limite, de saber em que ponto se para, de admitir que uma versão mais curta pode servir ainda que fique coxa.

Larguei as oito últimas cadeiras por causa da Marta. Tinha vinte e nove anos, e o buraco dessas oito cadeiras que me separavam do diploma veio ocupá-lo o suporte técnico a empresas de software, que é, e aqui está a piada, o contrário exato da História: numa lê-se o que aconteceu para perceber porque é que aconteceu; no outro reinicia-se e vamos lá ver se com isso chega. Não deito as culpas à Marta. Escolhi eu. O que se passa é que escolhi em hipomania, com aquela convicção transbordada de que o amor justifica qualquer renúncia e com a

certeza absoluta de que ia haver tempo para tudo. Não houve. Nunca há, e com isto menos ainda. A História ficou atirada para uma pasta do ambiente de trabalho, e lá dentro os apontamentos do que me faltava, e de vez em quando abro-os e leio-os com aquele gosto tão particular de estar a ler uma coisa que eu teria escrito se me tivessem dado a ocasião. Há dias em que me pergunto quem seria eu se o diagnóstico me tivesse chegado dez anos antes. Resposta não tenho. E sei de sobra que a pergunta não serve para nada, o que não me impede de a fazer um dia sim, outro também, que para isso sou quem sou. Do que estou certo é do que a doença me tirou ali, e não foi um diploma: foi uma identidade. Um homem que lê arquivos e encontra o padrão, em vez de um homem que reinicia aparelhos e fica à espera.

O que há é o que há. E no que há está a minha filha Claudia, que na última viagem me despejou que quer estudar Filosofia. Essa ironia manejo-a com cuidado, tal como se manejam as coisas que não cabem inteiras dentro de uma só emoção. E há um pormenor que muda o sentido a este capítulo, e disse-o eu próprio há uns meses sem lhe dar a mínima importância. Numa manhã deste inverno estava a falar com o Iván, que ia para as aulas, para a universidade dele, e disse-lhe que se me derem a incapacidade acho que vou acabar o curso. E logo a seguir, que se calhar me meto também em Filosofia. Que adorava. Ou seja, que aquela pasta não está fechada. Continua à espera. Oito cadeiras.

A única coisa que cheguei a aprender por completo naquela faculdade foi um ofício, e o ofício é este: ler arquivos. Pôr data a um documento, contá-lo, cruzá-lo com outro, desconfiar da testemunha e, acima de tudo, desconfiar da testemunha quando a testemunha és tu. Esse ofício, que não me deu diploma nenhum, é o que me deu este livro, porque eu não o escrevi sabendo o que tinha acontecido: escrevi-o para o descobrir. E o que descobri pelo caminho foi que a minha memória destes vinte anos não era má no sentido em que é má a de qualquer pessoa à medida que os anos passam. Era má de outra forma. Com buracos completos. Com anos de que não guardo praticamente nada. Com cenas que aconteceram mesmo mas arquivadas no sítio errado, com outro tom e com as culpas repartidas de outra maneira. Recuperei conversas minhas de horas e horas que eu nem sabia que tivessem existido, mensagens que não me lembrava de ter escrito, frases que me disseram e que eu teria jurado perante um juiz que não me disse ninguém. Do ano dos meus dois primeiros internamentos não me resta quase nada.

E isto tem o seu mecanismo, e convém explicá-lo, porque daqui para a frente vai haver capítulos inteiros de que não me lembro. Para que exista uma recordação, primeiro é preciso gravá-la, e para gravar é preciso atenção: numa mania a atenção não está em lado nenhum, salta de uma coisa para outra sem pousar, e o que não se atende não se guarda. Depois essa recordação tem de se consolidar, e isso faz-se a dormir; um cérebro que leva semanas a dormir três horas não consolida absolutamente nada, e se ainda por cima há psicose, o que se arquiva é a versão do delírio e não a do quarto. Depois há que recuperá-la, e é aí que mete a mão a depressão: o humor baixo vai buscar de preferência o que doeu, e devolve-te um passado mais negro e mais culpado do que foi. Junta-lhe os internamentos com a medicação ainda em ajuste. E junta-lhe o trauma, que tem o seu próprio sistema de arquivo: guarda aos bocados, sem ordem e sem data, ou pura e simplesmente deixa as coisas fora do alcance, que é o que se chama dissociação. E está medido, em estudos que reúnem milhares de doentes, que a memória verbal é das funções que pior sai desta doença, e que continua tocada mesmo nas temporadas de calma, e mais quantos mais episódios a pessoa leva em cima. Portanto não é que um bipolar minta mais do que os outros. É que o aparelho com que qualquer pessoa reconstrói o seu passado (porque a memória não guarda: reconstrói, e além disso fá-lo a partir do presente) lhe funciona com as peças partidas e com o presente torcido.

Anos depois de quase tudo o que sai neste livro, contei à Nuria e à Raquel (que ainda não apareceu por aqui, mas aparece) as coisas tal e qual as tinha vivido eu. E elas concluíram que lhes tinha mentido. Não lhes menti. Contei o que a minha cabeça era capaz de recordar, que era tudo o que havia. Os relatos que elas tomaram por mentiras eram recordações verdadeiras minhas, e eram além disso as únicas que eu tinha na cabeça por então, passadas pelo filtro do trauma e de uma dissociação que eu nessa altura nem sabia nomear. Eu não estava a mentir. Estava dissociado e contava o que me chegava. Isso, que a mim me levou três anos a perceber, é a diferença que há entre um mentiroso e um doente. E como essa diferença não a sabíamos nem elas nem eu, partiram-se pelo caminho coisas que se calhar não era preciso partir. Fui julgado com uma severidade enorme por não recordar bem aquilo que o trauma não me deixava recordar.

E se não tinha conseguido corrigir-me até agora, foi por um motivo muito concreto: nunca me tinha sentado a ler as minhas próprias conversas. Arquivos tinha, e havia anos que estavam metidos num disco rígido sem que eu os abris-

se. Um bocado por medo e outro bocado porque aquilo materialmente não é possível: há mais de meio milhão de mensagens ali dentro, e uma pessoa sozinha, à força de ler, nem chega ao fim nem percebe o que tem à frente. Se este livro existe é porque tive por fim uma ferramenta capaz de processar semelhante coisa: datá-lo, contá-lo, cruzá-lo, tirar proporções e dizer-me, sem piedade nenhuma e sem me dourar a pílula, o que aconteceu, quando e com quem. É uma inteligência artificial, e digo-o sem vergonha nenhuma: o historiador que ficou sem acabar o curso teve por fim um ajudante de arquivo que nunca se cansa. Com aquilo à frente tive de me corrigir um monte de vezes. E quase sempre contra mim.

Há uma coisa que quero deixar igualmente clara, porque senão tudo isto acabaria por se ler como uma retratação, e não é. Os traumas são reais. A mim aconteceu-me o que me aconteceu. São factos os abusos dos treze anos, o suicídio do meu pai, os internamentos e as correias, e é-o tudo o que vem a seguir, e nenhum desses factos está sujeito a revisão por parte de quem quer que seja. E os factos de fundo do que eu recordava eram também reais. O que mudou, com o arquivo em cima da mesa, são as datas, as proporções, a quem é que cabia cada coisa e alguma conclusão. O fundo não. Eu não inventei vida nenhuma: recordei mal a vida que tinha vivido. E se nalgum ponto isto não bate certo com o que eu próprio contava na altura, a explicação não está em que mentisse então nem em que minta agora. É que então não tinha o arquivo à frente, e agora tenho.

Capítulo 15 • A mulher mais velha

Aquele ano inteiro começa numa receita. Eu tinha trinta anos, vivia num apartamento de Barcelona com a Marta (como voltámos a encontrar-nos e o que foi o nosso ocupa inteira a parte seguinte, porque uma mulher assim não cabe num parágrafo) e connosco viviam o Jordi, que era meu amigo de sempre, e o meu irmão Gabriel. Caiu-me em cima uma depressão das que não deixam levantar, marquei consulta com o médico de família e saí de lá com antidepressivos no bolso e com nada por baixo que os segurasse. Aquele homem não sabia que estava a medicar um cérebro bipolar, e não tinha maneira de o saber: não o sabia eu, não o sabia a minha família, não o sabia ninguém. O que veio depois foi uma mania a que não soube pôr esse nome nem nenhum outro. Não tinha diagnóstico. E, além disso, uma mania por dentro não dá sensação nenhuma de doença: dá a sensação de se ter razão.

Na altura só notava que ardia, e esta é a peça que explicaria o ano inteiro e que à Marta não lha explicou ninguém. Uma depressão bipolar e uma depressão vulgar parecem-se por fora como se parecem duas marés: a que desce porque o mar está baixo e a que desce porque vai subir de repente. A minha era a segunda. Um antidepressivo faz o que o nome anuncia, empurrar o humor para cima mexendo na serotonina, na noradrenalina e na dopamina, e num cérebro que só sabe afundar-se esse empurrão devolve-o ao nível do resto do mundo e ali fica quieto. Num cérebro como o meu o empurrão não para onde devia parar, porque não há nada que lhe diga até aqui: a água sobe e continua a subir e transborda. A isso chama-se viragem, e não é um achado raro nem uma teoria de ninguém, está nos manuais, no capítulo dos riscos mais estudados desta doença. Tanto assim que, quando a alguém se dispara uma mania com um antidepressivo, o psiquiatra aponta a suspeita de que por baixo há um bipolar por diagnosticar, e desde há uns anos o manual acrescenta que se essa mania durar mais do que dura o fármaco no corpo, então não é um efeito adverso: é uma mania com todas as da lei e serve para pôr o diagnóstico. Daí a norma no tipo um, que é nunca o receitar em cru, mas sempre com um estabilizador por baixo, lítio ou o

que for, a fazer de topo. Eu não tinha estabilizador porque não tinha diagnóstico, e ainda por cima acumulava o que mais sobe o risco: tipo um, um pai com a doença posta na sua história, álcool e canábis metidos pelo meio. Fique claro que o médico de família agiu de boa-fé e com o que tinha à frente. A má prática não foi dele, foi do sistema, que deixou chegar a uma consulta de dez minutos um homem com o humor descompensado desde os catorze anos e com um pai diagnosticado na árvore, e o deixou sair com antidepressivos sem que a ninguém, em degrau nenhum, lhe ocorresse perguntar-se o que havia por baixo.

Com o cérebro aceso pus a Marta fora de casa. E o Jordi, e o meu irmão. Em poucos dias refiz a minha vida de alto a baixo com aquela convicção de maníaco de que está a fazer bem e de que os outros vêm atrasados. De todo aquele ano há uma frase que me continua a dar vergonha: à Marta chamei-lhe gorda. Uma vez. Não era a minha maneira de lhe falar nem o meu vocabulário, foi o que saiu da boca a um tipo com o cérebro acelerado por uns antidepressivos enquanto punha na rua, à pressa, a mulher com quem vivia. E há uma cena daquela primavera que retrata tudo. Eram os anos dela. Encontrámo-nos com ela já fora do apartamento e comigo a levantar a toda a velocidade uma vida nova com uma mulher que mal conhecia, e falámos como se fala quando duas pessoas tentam ser amigas depois de uma coisa assim: com educação, com cuidado, e com o importante debaixo da mesa. Conte-lhe que me ia casar. Ouviu-me. Semanas mais tarde, quando voltámos a falar a sério, foi ela quem puxou o do gorda. Sem gritar, com aquele costume dela de deixar uma coisa em cima da mesa e não lhe tocar, para que sejas tu a olhar para ela. Estava no seu direito, e é o que se faz: guardas aquilo e devolve-lo no dia em que o outro volta a ter ouvidos. Disse-a eu, com a minha boca, e vai com o meu nome por baixo ainda que tivesse o cérebro em chamas. O que não é verdade é que fosse assim que lhe falava. Em dez anos chamei-lhe gorda uma vez, e o nome carinhoso que tínhamos, vários milhares.

A mulher com quem me ia casar era bastante mais velha do que eu, trazia a sua própria mochila (que não me cabe a mim contar) e trabalhava num escritório desses de mãos cuidadosas. Pedi-a em casamento poucos dias depois de a conhecer, sem anestesia e sem prazo de reflexão, e veio viver para o apartamento de onde eu acabava de pôr toda a gente fora. Daquela mania há um pormenor que a retrata sozinho. O quarto do meu irmão ficou vazio quando ele se foi embora, e eu não o deixei vazio nem uma semana: montei ali um templo. Símbolos alquímicos e astrológicos pelas paredes, velas, o cerimonial completo, que na

altura me pareceu a coisa mais razoável que se podia fazer com um quarto livre. Fazia rituais e meditações, e observações em espelho negro, que para quem não saiba consiste em cravar o olhar numa superfície escura à luz de uma vela até que a cabeça começa a devolver-te coisas, e uma cabeça como a minha naquele momento devolvia de tudo. Meti-me numas práticas esotéricas com gente que andava naquilo, e não era mórbido nem curiosidade de sobremesa: aquilo estava dirigido a conseguir uma coisa, tinha uma finalidade. Com a Rocío já tinha havido algum ritual no meu, mas isto era outro assunto. Estive um tempo na magia do caos, a ler os autores que se leem ali, e daquela viagem saí a voltar de vez à cabala e ao Deus único dos hebreus, que é com quem amadureci e com quem me fiz o homem que sou hoje. Conto-o sem dramatismo e sem nostalgia, porque daqui é mais um dado clínico: um cérebro em mania à procura de uma estrutura que lhe explicasse o estado em que estava e a agarrar-se à primeira coisa que encontrou com símbolos suficientes. O disparate de então e o que hoje me organiza a cabeça são o mesmo fio.

E fica outra peça que mostra melhor do que qualquer explicação até onde chegava a coisa. Ela usava luvas brancas no trabalho, que era a coisa mais normal do mundo. Eu montei na minha cabeça que aquelas luvas eram de maçonaria. Que ia a tenidas. Que pertencia a uma loja e mo estava a esconder. Nunca acreditei naquilo de todo, e aí está o interessante: uma parte de mim sabia perfeitamente que era absurdo, e a ideia instalava-se na mesma e voltava de poucos em poucos dias. Esse é o ponto exato em que uma pessoa anda entre a ocorrência e o delírio, com um pé de cada lado, e de fora não se vê nada, porque quem o tem cala-o precisamente porque a parte sã ainda sente vergonha. Um homem que levanta um templo com velas e espelho negro no quarto do irmão e que ainda por cima suspeita que a companheira está metida numa sociedade secreta não está a passar uma fase esquisita: está dentro de um episódio, com todas as letras. Ninguém à minha volta o chamou pelo nome. E esse mecanismo não ficou por ali. Voltou anos depois, com material que dessa vez me tinham metido cá dentro a partir de fora, e já não foi uma suspeita parva com que se convive por bocados: foi o que decidiu a maneira como reagi. Isso vem mais à frente. O meu cérebro fez o mesmo das duas vezes. A diferença é que naquele ano a paranoia se alimentava sozinha de umas luvas de trabalho.

Aquilo não durou, e não porque eu me arrependesse no sentido normal da palavra, mas porque a mania cedeu e o mundo recuperou as cores verdadeiras, que são bastante mais apagadas. Nada do que se construiu naquele estado

aguentou a volta à calma. Anos depois, com o diagnóstico em cima da mesa, pude pôr nome àquele ano inteiro: episódio maníaco induzido por fármacos. E é preciso contar como acabou, porque este livro não pode meter aquela mulher na minha vida sem dizer por onde é que ela saiu. Terminou-se numa noite do princípio daquele verão. Saí à noite com um amigo, bebemos muito mais do que o razoável e acabámos num after com gente que não conhecia de lado nenhum, onde corria de tudo, e onde entrou a cocaína. Em questão de horas acendeu-se-me um surto psicótico. Voltámos de táxi os três, e o que vinha connosco assustei-o tanto com o que lhe estava a dizer que se apeou do carro antes de chegar. Eu entrei em casa a proclamar que era o messias, alteradíssimo, e adormeci no sofá com o motor ainda no máximo. Ela telefonou para os serviços de saúde. Vieram buscar-me, e foi a primeira vez que me tiraram da minha própria casa amarrado, numa ambulância psiquiátrica. A primeira de umas quantas. E assim que pisei o hospital e vi uma bata branca à frente, escorreguei para fora do relato que tinha montado na sala: a psiquiatra de serviço encontrou um homem sereno e com o discurso arrumado, e mandou-me para casa com um antipsicótico. Sem internamento, sem observação, sem telefonar a ninguém. Poucas horas depois estava outra vez na minha sala, e a primeira coisa que fiz ao chegar foi pô-la fora. Sem discussão e sem marcha atrás. Mande-i-a para os pais. Veio o pai dela buscá-la e, antes de se ir embora, atirou-me à cara que eu tinha um problema. Foi o primeiro que mo disse assim, sem embrulhar, e eu ouvi aquilo como quem ouve chover: pareceu-me um disparate, e ainda por cima um disparate de um senhor que vinha defender a filha. No dia seguinte contei-o à Marta com o delírio ainda quente, a pintar aquela mulher como um perigo, e a Marta não me seguiu: disse-me que falar assim dela não era saudável, que me pusesse no lugar dela, que o do hospital tinha-o procurado eu sozinho. Com vinte e tal anos e o coração feito em cacos, era a única pessoa relacionada com aquele apartamento que tinha a cabeça onde é preciso tê-la.

Não procurei ajuda. Não segui o tratamento. Não percebi aquilo como um aviso, nem dessa vez nem na seguinte, que chegou no fim desse mesmo verão e tem o seu capítulo. Numa única noite avisaram-me duas vezes: uma ambulância com correias e o pai de uma mulher a dizer-me na cara o que mais ninguém se atrevia a dizer-me. Não fiz caso a nenhum dos dois. O diagnóstico ainda ia demorar dois anos e meio a chegar.

Capítulo 16 · O padrão

Aquela primeira etapa com a Marta acabou aos vinte anos, e até aparecer a Patricia houve uns meses de descontrolo dos simpáticos: o apartamento partilhado, as festas da faculdade, as noites longas com a gente da escola noturna. Aí pelo meio estive com uma mulher bastante mais velha do que eu, que conhecia do trabalho, e que não tem nada a ver com a do templo e das velas, que essa chegou dez anos mais tarde. Escrevia, e deixava-me ler, e revíamos aquilo juntos. A mim aquilo pareceu-me mágico e continua a parecer-me: alguém livre a abrir-me a porta do mundo adulto. Que ninguém entenda que uma diferença de idade condene fosse o que fosse. Digo outra coisa: que as minhas, as que levavam uma diferença grande, vinham condenadas de fábrica, e que as que aguentaram foram as de idades parecidas. Quando nos conhecemos a Patricia tinha dezoito anos e eu tinha acabado de fazer vinte e um. Ali sim havia uma distância manejável. Com ela chegaram os anos mais normais e mais felizes que tive.

E aqui tenho de mostrar um dia daqueles, porque escrever os anos mais felizes e ficar por ali, como uma nota de rodapé, é fazer batota com a única coisa que este livro tem de demonstrar. É contra esses anos que se lê tudo o resto.

Um dia era assim. Levantava-me antes de toda a gente e às sete estava a treinar, no inverno com a luz artificial do ginásio e a rua ainda preta. Primeiro o ginásio de ferro, depois o levantamento de pesos. Aprendi sozinho, com um manual aberto no chão e o telemóvel na mochila para me filmar e corrigir eu próprio a técnica, imagem a imagem, como quem estuda uma cadeira. Cheguei aos duzentos e vinte quilos e cheguei a competir, e em todos aqueles anos não tive uma única lesão, que é o dado de que me gabo. Aos fins de semana corria pelos trilhos do monte. Depois o escritório, oito horas de informática, o mesmo sítio durante seis anos, com o seu horário e o seu ordenado e os seus colegas. E à saída, ela. A Patricia era meio italiana, tinha os olhos verdes e um riso que se ouvia lá da porta da rua, e era da minha terra, que é a razão pela qual voltei a viver lá. Jantávamos em casa dela muitas noites, com os pais. O pai dela era polícia e era um gajo do caraças, dos que te perguntam pelo trabalho e esperam pela res-

posta inteira; a mãe acabou por dar trabalho à minha, que já me dirás o quão integrado é preciso estar numa família para que isso aconteça. Gostava de comer mal com um entusiasmo que a mim me fazia rir (tanto, que acabou economista nesse mesmo setor), por isso metade dos nossos planos eram um cinema e um hambúrguer. E às onze ou à meia-noite eu estava a dormir, porque um corpo re-bentado de pesos dorme, não negoceia.

Nem um cigarro. Nem uma droga. Nem um desvario em três anos. Fomos juntos a Itália e é a única mulher minha que conheceu a minha família de lá. Quando chegou a vez de a minha irmã Sonia se casar, com o nosso pai já morto, fui eu quem a levou pelo braço, e a Patricia olhava do banco, deslumbrante com um vestido verde, e naquele dia éramos duas pessoas normais numa celebração. Isso é tudo o que aconteceu em três anos. Não há ambulância, não há ala fechada, não há uma noite sem dormir que mereça ser contada, não há uma infidelidade até à última semana, não há um único telefonema de ninguém a perguntar o que é que se estava a passar comigo. Nada. E ela disse-me, anos depois e sem que eu lho perguntasse, que naquela época se sentia uma princesa; e quando lhe perguntei como é que se lembrava de mim, respondeu-me com uma única palavra, carinhoso, e acrescentou que estava sempre a beijá-la e a abraçá-la. Era esse eu com o ritmo posto. O mesmo homem, o mesmo cérebro, o mesmo apelido e o mesmo avô.

Falta dizer como é que se vieram abaixo, porque não foi pelo que qualquer pessoa pensaria. Foram-se-me juntando dias em que não havia maneira de me levantar da cama. Não era preguiça e não era ressaca: era não conseguir, e do médico de família voltava com atestados que não explicavam absolutamente nada. Depois soube que ia nascer a minha filha, e atrás dessa notícia vieram-me abaixo de repente o rendimento e a vontade de tudo, e foi essa a crise que acabou com o da Patricia e que levou pela frente, uns meses depois, o trabalho de seis anos. Os hábitos aguentam, e aguentaram muito tempo. Aguentar não é blindar. O que aqueles anos me deram não foi imunidade: foi prazo.

E agora o verão. A relação impossível com a mulher mais velha desfez-se tal como se desfaz tudo o que se constrói em plena mania, e fiquei sozinho naquele apartamento, em pleno calor. Tocou o telefone e era a Raquel, com quem já tinha havido alguma coisa nas costas da Marta e de quem falo demoradamente mais à frente. Queria saber se me sobrava espaço em casa. Perguntou-mo a chamar-me por uma alcunha que tinha inventado ela para mim, porque a cada pessoa punha uma, e aquilo funcionava: a pessoa sentia-se escolhida, porque a al-

cunha vinha carregada de qualquer coisa que parecia uma intuição sobre o que eras, e provavelmente era. Ela andava sem morada fixa, a rodar entre casas de amigos e coletivos da margem, e era o centro de gravidade daquele ecossistema. Disse-lhe que sim sem pensar um segundo. Ficou mais de um mês.

Aquele mês foi o que foi. Excessos de olhos abertos, a saber os dois o que fazíamos enquanto o fazíamos, e aquela intensidade que só se alcança quando no dia seguinte ninguém tem de picar o ponto. Pusemos um nome inventado àquele verão que não tenciono escrever aqui. Eu consumi cetamina como nunca a consumi, com música mística a tocar a todas as horas e com a impressão de que o mundo se tinha reduzido a quatro divisões e de que aquilo era um ganho. Nenhuma outra substância me deu aquele estado: não era euforia, era dissolução. O contorno do eu amolecia, e a pergunta de onde é que acabava a pessoa e começava o resto deixava de ter urgência nenhuma. Eu interpretei aquilo como uma fusão de almas. Daqui, com sete anos de tratamento, vejo o que na altura não me passou pela cabeça: que aquela dissolução não era iluminação. Era, decalcado, o que o meu cérebro fazia por sua conta nos episódios maníacos, com o volume mais alto e decorado pela química. Não era abrir um caminho para dentro: era que o caminho para dentro já estava escancarado, com a porta arrancada das dobradiças, à procura de uma palavra bonita com que se chamar espiritual. E mesmo assim. Mesmo assim foi a experiência de alguém te reconhecer inteiro durante um tempo que foi curto e foi verdade. O carinho que se sente com certas substâncias em cima não é falso: passou por aquele sistema nervoso e deixou marca. Nada do que veio depois o apaga. Só põe camadas por cima.

E agora o que havia por baixo da bolha, que é o que nunca se conta. Por baixo havia cozinhas alheias: a família dela gostou de mim desde o primeiro dia e de cada vez que apareci por lá puseram-me comida à frente. Nenhuma bolha se sustenta sem que alguém cozinhe lá fora. E por baixo estava a casa, porque a Raquel naquele verão não vinha de visita: estava instalada na casa que eu tinha levantado com a Marta, que era dela tanto como minha, decorada por ela, com uma cabeceira que tínhamos pintado juntos. Nessa mesma cama fui depois para a cama com a Raquel. E a Marta voltou àquela casa antes de a Raquel se ir embora. Apresentei-as eu, escrevi-lhe que ia gostar, que tinha à frente uma alma maravilhosa, e estiveram um tempo debaixo do mesmo teto com uma tensão que a Marta deixou por escrito desde o princípio: que pensar em mim com ela a revolia inteira, que aquilo fazia parte de uma recordação má. Duas semanas

mais tarde, sabendo perfeitamente o que tinha havido entre nós, escreveu-me que dissesse à Raquel que a avisasse se precisasse de alguma coisa, e que o dizia a sério. O nojo e a generosidade no mesmo mês, no mesmo telefone e na mesma mulher: é assim que funcionam as pessoas, não as personagens. Quando baixou a maré voltei para a aldeia com a decisão tomada, a Marta e acabou-se. À Raquel não a deixei por ninguém. Deixei-a porque não havia maneira de viver àquele ritmo. Ela ia mesmo a sério naquele verão, e aquilo ficou guardado durante anos sem se falar, que é como se guardam as coisas que depois saem com juro. Eu arrastei muito tempo a ideia de que a tinha lixado. Desmontou-me ela própria, por escrito e sem que eu lhe perguntasse nada, quatro anos mais tarde: que nunca lhe prometi nada nem me comprometi a nada, que se espatifou ela sozinha, como boa kamikaze, e que aquele ano foi o grande espatifanço dela. Nenhuma das duas fez nada de mal naquele verão. Quem levava duas conversas abertas ao mesmo tempo era eu.

E agora o conceito. Nesta doença uma pessoa não se apaixona: apaixona-se a fase, e por uma pessoa apaixonam-se pela fase. O que as pessoas dessa lista conheceram ao princípio foi um homem em hipomania: generoso, acordado até às quatro, com planos, com certezas. Nenhuma escolheu um doente. Escolheram o sintoma com melhor imprensa de toda a psiquiatria, e eu pu-lo à frente delas convencido de que era eu. E por baixo há dois mecanismos, e os dois estão medidos. O primeiro é o sono. Um mês de cetamina, de música e de fecho em quatro divisões não é um mês intenso: é um regime, e num regime assim a primeira coisa que se parte é o sono, que é, desde um estudo de há quase quarenta anos que se continua a citar, a via final comum da mania: tanto faz porque é que se perde, por uma festa, por um voo ou por um luto, porque acaba sempre no mesmo sítio. Um cérebro como o meu não regista que uma pessoa livre se foi embora de uma casa; regista que a estrutura inteira, a casa, a música, a química e a pessoa, desaparece de repente e no mesmo dia, e faz o que faz. O segundo é mais antigo, e descreveram-no dois psicólogos há setenta anos com pombos: o comportamento que mais resiste não é o que se premeia sempre, mas o que se premeia a intervalos que não se conseguem prever. Naquelas relações o afeto ganhava ao conflito por goleada, e nunca ninguém sabia qual é que calhava. Aquela distribuição não a desenhou ninguém: fazia-a a fase. E é a distribuição que mais vicia, dos dois lados: a mim a voltar a pedir perdão, e a elas a voltarem a subir para o comboio. Não é um juízo sobre nenhuma. É um juízo sobre o calendário. Quando o calendário é levado por uma doença sem nome, as

duas pessoas estão a responder a uma coisa que não veem. A Marta escreveu-o naquele verão sem saber que o escrevia: sem sequer te lembrares, disse-me, quando lhe contei de passagem onde tinha estado na noite anterior. Leu aquilo como desprezo. Era memória: um cérebro em fase alta não fixa o que faz. O sintoma tinha nome de defeito, e sem o outro nome a única leitura à mão era a moral.

Nunca ninguém nos explicou que o sono não era um luxo daquele verão. Nem perguntámos.

Parte III • MARTA

Capítulo 17 • Marta

A primeira vez que vi a Marta foi dentro de uma igreja, e o engraçado é que nenhum dos dois tinha nada que fazer ali. Eu tinha entrado pela mão da Vanessa, que era a minha namorada de então e essa sim era da casa, crente das a sério, boa pessoa sem alaridos, com aquela bonomia que depois pôs ao serviço de outros. Tinha eu dezanove anos, quase vinte, estava bonito e magro e trazia em cima toda a inocência por estrear. A Vanessa foi-me passeando pelo grupo de jovens para me apresentar, e acontece que ali havia outra pessoa de empréstimo: era a irmã do namorado de uma prima dela, e tinha ido fazer vida social, a acompanhar o irmão. Exatamente o meu caso. Foi esse o primeiro terreno que pisámos juntos, o dos dois enfiados na casa de Deus por motivos sentimentais. Ficámos a olhar um para o outro como dois parvos desde o minuto um. A mim chegou-me como uma certeza física, na boca do estômago, e ela ainda não tinha dito uma palavra.

Começámos por sermos amigos, que é por onde começam as coisas sérias. Os primeiros cigarros que fumei na vida fumei-os com ela, às escondidas, nos patamares da escada enquanto lá dentro os outros cantavam. Pela mesma porta e com o mesmo gesto entraram-me o amor da minha vida e o primeiro vício. Ela já fumava. Era a interessante do grupo: mais cética, mais da nossa época, menos de missa, com aquela maneira de olhar de esguelha para o que os outros tinham por sagrado. E no hospital, a trabalhar, era um anjo: punha-se à altura do doente como se fosse a coisa mais natural do mundo, e os doentes adoravam-na, e tinham razão. Escrevo-o hoje, com uma queixa e um julgamento pelo meio, porque era verdade então e continua a sê-lo. Apaixonei-me por ela antes de entre nós ter começado alguma coisa.

—Não sei o que fazes tu com a Vanessa —disse-me muitas vezes depois—. Se ela nem é assim tão bonita.

E aqui é altura de ser justo. A Vanessa era uma rapariga normal e a mim agradava-me. A Marta achava-se mais bonita e não era. O que se passa é que a outra me agradava mais por como era. Com a Vanessa, já agora, fui para a cama

pela primeira vez sem pagar, e demorei demasiados anos a dizê-lo em voz alta. Fiquei uns meses mais do que queria porque em casa dela estavam a passar por uma coisa muito dura e não me saía fazer-lhe essa partida. Assim que pude, acabei. À Marta beijei-a pela primeira vez no metro, a descer as escadas da saída, numa tarde daquela primavera. Depois uma amiga apanhou-nos a beijarmos num banco, e por aí soube-se, e aquele banco ficava a dois passos da rua onde doze anos mais tarde íamos viver juntos, no Raval.

E agora o que veio a seguir, que o conto com a vergonha que lhe corresponde e nem um grama a mais. Mal tinha começado o meu com a Marta, a Vanessa apareceu-me em casa, coisa que não tinha nada de especial, porque ali conheciam-na e gostavam dela, a minha mãe e o meu irmão Gabriel, que também andava no grupo de jovens. Atirou-se a mim. E eu não soube dizer que não, porque a Vanessa continuava a agradar-me e porque eu era hipersexual até sem hipomania das bravas, ainda que também se deva dizer que isso acontece a qualquer rapaz de vinte anos com a ex à frente: nem tudo o que é meu leva diagnóstico por baixo, há coisas que só levam idade e hormonas. A minha parte acaba aí. A dela veio depois. À Vanessa fugiu-lhe a boca, não foi capaz de se calar, soube o grupo em peso, e depois os mais velhos, e depois os pais, e alguém acabou por contá-lo à Marta. E a Marta deixou-me. Foi assim que a coisa ficou repartida entre os três: eu pus a cama, ela pôs a boca e a Marta ficou de fora sem ter feito absolutamente nada. Isso à Vanessa não lho perdoei, porque eu estava apaixonado pela Marta até às orelhas, e a história inteira que este livro conta prova-o de sobra e com faturas pagas. E para que o retrato do que eu era aos vinte fique completo: depois de tudo aquilo continuei a ir para a cama com a Vanessa uma temporada. Sem querer voltar com ela e sem ser capaz de a perdoar, mas a foder. Era esse eu.

E agora os factos, que se retratam sozinhos. Nesse mesmo outono enterrámos o meu pai, e já está contado quem apareceu e quem não. A Marta, tantos anos mais tarde, também não apareceu em internamento nenhum. A Vanessa teria aparecido. E nunca me falou mal da Marta, nem naquele momento nem nunca. A Marta, em contrapartida, quando o tema saía anos depois, continuava na mesma: que uf, que a Vanessa, que que parvinha. Deixo-o escrito porque nesta história a conta de quem falhou a quem não fui eu que a abri, e se alguém a abre, abre-se inteira.

Pelo meio passaram outros anos, com outra mulher, com desporto a oito e sem fumo, os mais normais de toda a minha vida adulta. E a meio daquela épo-

ca a Marta e eu encontrámo-nos uma tarde como amigos, sem intenção nenhuma de nenhuma das duas partes, no parque que havia ao lado da casa dela, na terra dela, e estivemos bem. Muito bem. Cada um com a sua vida, a falar como falam dois que gostaram um do outro e já não se devem nada. De catorze anos, essa é a única tarde em que nos vimos sem uma doença metida pelo meio: nem a dos vinte, que era pura idade, nem a de depois, que era química. O homem daquele parque, o do desporto e o sono no sítio, é o que estava por baixo de tudo o que ela viu mais à frente.

A outra vez foi aos vinte e nove, e antes é preciso contar o que deixei pendente quando falei daquela outra cidade: o que a minha cabeça fez nos dias seguintes, sem uma única substância cá dentro. Voltámos a Barcelona sem que se dissesse nada definitivo. Quem mudou fui eu, e já na montanha, onde estava a fazer de nadador-salvador o meu terceiro verão. O cérebro deu aquele clique que dão os cérebros bipolares quando o ciclo se mexe sem avisar e sem marcar consulta: de repente encaixava tudo, encaixava de maneira absoluta, e era eu o único que o estava a ver. Pus-me a andar sem rumo pelos arredores da aldeia atrás de sinais que os outros não viam, uma pomba que dá a volta, um número que se repete, a sombra de uma árvore a cair no ângulo exato. Os sinais levaram-me até uma oliveira, e depois até uma cruz, e julguei que tinha encontrado Deus. Mas não foi só isso. Foi ver-me de fora, como se vê um desconhecido, e ver o que andava a fazer à Rocío desde o princípio, e ver-me monstro, que é a palavra que se me instalou naquele dia na cabeça e de que nunca me livreí. Entrou-me um arrependimento de repente e com dor a sério, dor física, e cortei com ela gostando muitíssimo dela e a partir da mania ao mesmo tempo, convencidíssimo de que a minha vida de antes era uma vida errada e de que era altura de apagar tudo e começar outra vez do zero. A Rocío não percebeu nada, e não havia nada a perceber de fora: o tipo que lhe telefonou para acabar já não se reconhecia a si próprio. As semanas que faltavam do verão passei-as na piscina, limpo, sozinho, queimado de sol e com a cabeça à procura de mensagens em qualquer coisa. Assim estava o homem que um dia leu uma publicação da Marta. Na minha cabeça aquilo não era uma publicação: era uma chamada dirigida a mim. Foi assim que a interpretei e assim que agi. Ela vivia então com o companheiro, num apartamento que não era nem de um nem de outro, a trabalhar e a ganhar pouco. E voltámos a apaixonar-nos com uma intensidade que não era normal. Daquele verão fica uma viagem: escapámo-nos uns dias, apanhámos uma festa grande dessas em que uma cidade inteira se deita à rua, e subimos a

Montserrat, ao mosteiro pendurado no alto da montanha. Eu vivi aquilo como se a reconciliação viesse abençoada por uma força a quem não tencionava levar o contra. À tarde, já lá em cima, com o sol a pôr-se atrás da pedra, fizemos amor. E no meio de tanta solenidade aconteceu, já de volta lá abaixo, a coisa menos solene que se pode imaginar: num parque da cidade cheio de cerâmica e de turistas meti a mão dentro de um cato. A mão inteira. Ficou-me cheia de espinhos, feito palerma, com toda a dignidade do eleito do universo em cima. À Marta deu-lhe o riso até lhe saltarem as lágrimas, e depois, ainda sem conseguir parar de rir, sentou-se ao meu lado e foi-mos tirando um a um, com cuidado, com a perícia de quem ganha a vida a tratar e com a ternura que só ela tinha. Aquela estampa, ela a tirar-me os espinhos que eu tinha espetado sozinho, ficou-me gravada para sempre, e na altura não sabia a quantidade de vezes que íamos repetir a cena sem cato pelo meio.

Da primeira noite na casa nova lembro-me inteira. Chegámos sem malas, com o portátil como única bagagem, e aquilo consistiu em ver a série do costume e jantar uns hambúrgueres que pedimos por telefone. Aquele primeiro apartamento, para onde fomos com o Jordi e mais tarde com o meu irmão, era um cubículo deprimente, com uma cozinha tão pequena que não cabíamos os dois ao mesmo tempo, e transformámo-lo no lar com mais amor lá dentro que havia em Barcelona naquele outono. Eu procurava trabalho e na carteira não tínhamos um euro, por isso fazia pan preñado para irmos comendo, um dia atrás do outro, e de madrugada descíamos ao supermercado do bairro à procura de alguma coisa para comer, os dois, com o dinheiro contado, a rir pela rua fora. Pobres como ratos e mais felizes do que em toda a nossa vida. Faltavam-me oito cadeiras e larguei-as, como já contei. Ela ganhava uma miséria numa clínica que a espremia, e para podermos pagar a renda vendi o carro que me tinha oferecido a mãe da Rocío e voltei à informática, a turnos rotativos, para nos sustentar aos dois. Ela não me pediu nada disso; decidi-o eu, porque gostava dela. Quatro anos mais tarde, quando quem precisava de ser sustentado era eu, não houve carro nenhum para vender nem curso nenhum para largar. Houve uma mala. Ponho-o aqui ao lado, sem comentar, e sigo.

O primeiro ano foi o mais fácil de que me lembro, até deixar de o ser. Ela fumava os seus charros diariamente e fumava-os desde sempre, e naquele apartamento pequeno quem voltou a ficar agarrado fui eu, que já iam três vezes. Comecei a trabalhar, com os turnos a desarrumarem-me o sono, e numa tarde de primavera tínhamos outro plano na cabeça: inscrevermo-nos no ginásio da fren-

te, o que ficava a trinta metros da nossa porta. Não fomos. Trocámos o que podia ter sido o hábito que mais me organiza a vida por um copo de êxtase líquido que bebemos os dois na sala, e que no meu cérebro provocou uma coisa que no dela não provocou. Daí arrancou a pior temporada da minha vida até então: a hipersexualidade sem travão, as infidelidades, as saunas e a sífilis, que a apanhei eu, numa sauna, sem proteção, com o sintoma a funcionar a toda a máquina enquanto eu o tomava por um traço do meu feitio. Passei uma vergonha imensa. Ela passou uma raiva igualmente grande. E depois perdoou, como perdoava sempre. Nunca me disse isto é uma loucura, até aqui chegámos. E isso também me irritava então e continua a irritar-me agora, porque se alguma vez tivesse dito basta nunca teríamos chegado tão longe nem nos teríamos feito tanto mal.

Um perdão sem diagnóstico por trás faz uma coisa muito concreta: pega num sintoma e trata-o como se fosse uma falta. Absolve a falta, e o sintoma fica onde estava, intacto. E volta, porque é para isso que é um sintoma. De cada vez que ela perdoava, aquilo não aprendia absolutamente nada, porque quem pedia perdão era eu e eu também não sabia o que trazia cá dentro. Chegámos do mosteiro da montanha até à primeira ala de psiquiatria a chamar-lhe feitio. E não foi por desleixo de ninguém: o nome certo não o tínhamos nem ela nem eu. Depois de cada volta atrás o que era preciso não era outro perdão. Era uma consulta. Eu precisava de limites como do ar e ela não sabia pôr-mos, tal como eu não sabia gostar dela como ela precisava, e nenhuma das duas coisas tinha a ver com falta de amor. Éramos duas pessoas com uma doença por batizar pelo meio, e as duas pessoas passaram anos a passar a fatura uma à outra pelo que fazia a terceira. Nunca foi que a Marta não me entendesse. Foi que a ela não lhe explicou a doença ninguém. E ela, entretanto, continuou a tirar-me espinhos um a um.

Capítulo 18 · A escola de arte

Nos papéis da Marta estava outra coisa: um lugar dos de baixo num hospital, turnos impossíveis, um ordenado de rir. Artista não estava em lado nenhum, e artista era. Chegava a casa desfeita de aturar doentes e chefes, sentava-se à mesa da cozinha daquele apartamento minúsculo, tirava um caderno e uns lápis que comprava às escondidas tal como outros compram um vício, e punha-se a desenhar. Aguarelas pequenas. Retratos a lápis. Mãos, muitas mãos, que ao que parece é a coisa mais difícil que há, e repetia-as vezes sem conta com uma paciência que em nenhum outro assunto da vida dela aplicou a si própria. Estava a começar, e notava-se-lhe que estava a começar. Eu disse não via nada: eu via Miguel Ângelo de pijama. E não era só que estivesse apaixonado. Era o meu cérebro hipomaniaco a fazer com aquilo o que fazia com tudo de que gostava, que era subi-lo de categoria até à épica. A uma hipomania tanto lhe faz que o que tem à frente seja uma aguarela de um parque: se a pintou a mulher da tua vida, é a Capela Sistina, e não há mais que falar. O estranho do caso é que ali aquele exagero veio a calhar, porque fazia falta que alguém acreditasse na Marta mais do que ela acreditava, que era muito menos do que ela valia.

E era exatamente esse o problema, que não estava no talento mas na vontade. Havia anos que repetia que um dia havia de fazer alguma coisa com o desenho, e o dia nunca chegava. Não era preguiça. Era o cansaço de quem ouviu a vida inteira que aquilo é um passatempo, que é preciso ser realista, que as aguarelas não pagam contas. A escola encontrou-a ela, que fique claro: procurou uma escola de arte da cidade, estudou prazos, provas e que horários é que podia acertar com os turnos, e depois meteu a pasta numa gaveta a ganhar pó, porque uma coisa é informar-se e outra é acreditar que aquilo era para ela, e nessa modalidade não estava federada. Foi aí que apareci eu. Disse-lho da primeira vez que a vi a pintar na sala, que aquilo não era um entretenimento, que aquilo é que era o dela, e estive a repetir-lho dois anos, sem a sufocar e sem largar o assunto. E uma tarde plantei-lhe os papéis na mesa da cozinha, em cima das mãos que ela

tinha desenhado, e pus-me a deitar-lhe abaixo uma a uma as objeções do catálogo.

—É caríssima.

—Pagas-la tu. Agora ganhas mais.

E era verdade: a essa altura já tinha saído da clínica e andava a encadear substituições em hospitais, por isso pagou-a ela de alto a baixo, a inscrição, os materiais e aquelas pastas descomunais que era preciso meter no metro. Vieram as outras objeções. Que já tinha uma idade. Que não dava o nível. Que quem é que lhe ia trocar os turnos. A todas respondi a mesma coisa com palavras diferentes. A única coisa que eu pus foi fé, nada mais do que fé. E a Marta inscreveu-se e estudou.

Da escola voltava outra: mais direita de costas, a cheirar a aguarrás, a falar de enquadramentos e de valores tonais. Os trabalhos trazia-os para casa. Chegava com a peça embrulhada em trapos e papel de jornal, deixava-a na mesa ou diretamente no chão da sala, e passava horas com a goiva e a lixa a tirar a forma ao gesso, com o pó branco a flutuar pelo ar e a pousar no sofá, nos móveis, no cão e no meu teclado. Aprendeu a trabalhar com as mãos, e ganhou-lhe o gosto. Eu varria aquilo duas vezes por semana e não me queixei uma única vez, porque o som da lixa foi o mais parecido com a felicidade que alguma vez soou dentro daquela casa. Mandava-me fotografias do atelier, enfiada no fato-macaco, e nunca a vi mais bonita do que naquelas fotografias, a sério que não. Num dia de inverno devolveram-lhe um trabalho e escreveu-me que se tinha condenado ao meter-se a estudar aquilo, que aquele dia lhe tinha caído como um balde de água fria. Respondi-lhe nessa mesma tarde: que um tropeção a estava a enganar; que ela era o mais sagrado que havia; que o mundo não caía porque um trabalho saía assim-assim; que eu estava orgulhoso. Cada prancha levou os seus parabéns. A vocação da Marta era aquela. Não a saúde, que era o que lhe tinha calhado na distribuição. Não faço a mínima ideia se continua a pintar, e oxalá que sim, porque seria a única coisa daqueles anos que teria saído inteira.

Dos vários quadros que me ofereceu naquele tempo tenho dois pendurados na parede da casa de onde escrevo, e descrevo-os porque quero que fique registado do que continua vivo. Um é uma árvore desenhada à mão, com o tronco preto semeado de pontos brancos e os ramos a enroscarem-se para cima, com uns círculos de cores a flutuar à volta como se fossem planetas, e com uns versos escritos à mão por ela entre os ramos. Aquela letra é a dela. Veio comigo para todas as casas por onde passei, incluindo um quarto de doze metros. O outro é o

estranho, aquele que dá nas vistas a todos os que entram: um olho no céu, uma armação de veado e uns tentáculos de cores a enredarem-se por baixo. Aquela é ela na sua melhor versão, a que quase não mostrava a ninguém. E continuam a parecer-me tremendos agora, com lítio e com a cabeça quieta: é que gosto deles, e já está. Tenho-os ali porque não guardo rancor a ninguém e a ela menos, porque gosto deles a sério e porque mos deixou. Olho para eles todos os dias sem pensar em nada disto.

Depois está a música, que é o pior, porque não há maneira de a arquivar: toca, e apanha-te onde estiveres. Havia um cantor que era nosso, a banda sonora da casa e dos anos bons, e a história dele connosco escrevemo-la nós próprios. Num dia de verão ela liga o rádio e escreve-me que está a dar ele, que se será a nossa canção, com seis ahahah atrás. No mês seguinte, que já faz parte da nossa história. No pior, um ano depois: que ele a mata se não for comigo. E com tudo já partido: cago-me no cantor de merda, no rádio, em nós e nesta merda toda, dói-me até respirar. E quatro dias depois da minha segunda alta de psiquiatria, a última que escreveu: que ele acerta sempre em cheio, e que ela não podia ouvir muita música. Isso escreveu-o ela. Mas os que de verdade nos retratam são as canções de um cantautor que descobriu ela, que tocava num sítio pequeno, e que é o que tocava nos dias bons da nossa última convivência. Placidez e mais nada. Sem conflito e sem nada por baixo. Uma janela aberta e uma canção na cozinha. Quem quiser saber como era gostarmos um do outro quando não se estava a passar nada, que vá ali. Aos processos, não. Durante anos, depois de tudo, ouvi o nosso cantor a chorar, às vezes com a minha irmã Sonia ao lado, e acabávamos a chorar os dois, ela de me ver assim e eu pelo resto. Já não choro com ele.

E agora o que a Marta escrevia, que o tenho à frente e que é o que nenhum dos dois soube ler. Ao teu ritmo. Seis vezes mo escreveu, com essas palavras. Sabes que eu adapto-me ao plano. Preciso de ti, e preciso de ti forte, e preciso de ti forte como um touro, e preciso de ti bem, forte e concentrado em tudo: uma dúzia de vezes em dois anos. Que dependia de mim, que era uma trapalhada. A merda de estar sozinha. E depois, quando já se tinha ido embora, que nem uma única vez tinha passado três noites seguidas sozinha em casa. Leia-se isso com o que vem agora ao lado, porque é o que ninguém nos explicou.

Depois da medicação, o que mais manda no curso de uma doença bipolar não é o doente: é a gente que tem à volta. Há estudos de há quarenta anos com um nome feio, emoção expressa, que medem três coisas em quem convive com

o doente: a crítica, a hostilidade e a sobre-implicação emocional. O doente que vive com alguém que pontua alto em qualquer uma das três recai bastante mais no ano seguinte, e há uma nuance que aqui pesa: a crítica de quem está à volta prevê sobretudo a recaída depressiva, não a maníaca. A outra perna são os ritmos. Quem está ao lado de um bipolar protege o sono, defende os horários, sabe em que momento é preciso ligar para as urgências e empurra para o tratamento sem armar uma briga. A literatura resume-o como um manual de instruções: nem sobre-implicada nem afastada. Agora voltem a ler as frases dela. Ela não tinha ritmo próprio, encaixava-se no meu, e o meu era o de uma hipomania contínua, de modo que ao teu ritmo significava ao ritmo da doença. Não sabia estar sozinha e deixou-o dito com todas as letras. E queria-me forte como um touro e concentrado em tudo porque quem sustentava aquela casa era o doente, e no dia em que o doente caiu não ficou ninguém de pé. Sobre-implicação primeiro, crítica depois por coisas que eram sintomas, afastamento total no fim: as três casas da escala, seguidas, pela mesma ordem em que a clínica diz que afundam um doente. Não o escrevo para a diagnosticar, que não sou ninguém para isso. Escrevo-o porque a ela nunca lhe deu o manual ninguém, e sem manual uma mulher que gosta de um doente acaba por fazer precisamente isso: apoia-se nele até ele se partir, critica-o por se ter partido e vai-se embora. A mulher com quem vivo hoje, que não leu um único manual, perguntou-me uma noite quando é que eu tinha dormido bem pela última vez. Isso é proteger um ritmo. A Marta perguntava-me se eu estava forte.

Ser-lhe fiel não soube, e isso vou continuar a pagá-lo enquanto viver. Dei-lhe o que tinha para dar: a casa, a calma dos bocados em que eu tinha calma, e uma fé nela que ela não tinha, sustentada todos os dias e em voz alta. Um bonacheirão desastroso, que é seguramente a descrição mais ajustada do que eu fui dentro daquele apartamento. Anos mais tarde, num julgamento, de trás de um biombo, ouvi o inventário inteiro dos danos que causei. Estava feito com pormenor. Ali não aparecia a escola de arte. Não aparecia quem lhe pôs os papéis à frente nem quem varria o gesso da sala. E percebo-o sem ser preciso que ninguém mentisse: um maltratante que te empurra para a tua vocação e te aplaude cada prancha é uma personagem que não se sustenta, e o que não se sustenta dissolve. Por isso ali contou-se uma história coerente. Completa, não.

Capítulo 19 · A mota

Estreei aquela mota a dar uma volta por Barcelona com a Marta atrás, e gostámos tanto que no dia seguinte lhe comprei o equipamento completo: o capacete, e também as botas, o blusão e as luvas. Comprei-o por segurança, porque a única coisa que de verdade me tirava o sono era imaginar-nos aos dois no chão num dia qualquer. Deste livro saio de muitas maneiras e quase todas más, por isso deixo apontada também esta: aquele tipo passava as noites a pensar no que aconteceria se caíssem. Com a mota fomos buscar o sofá da sala, que era como fazíamos as coisas. E com essa mesma mota, a meio de um dia do princípio do verão em que fiz trinta e um, subi sozinho à montanha.

Antes de continuar, um aviso de método, porque daquele dia não há uma linha em arquivo nenhum: o que vem a seguir conto-o de memória, com uma lembrança que continua nítida dez anos depois, e já expliquei antes porque é que da minha memória nas fases altas não me fio nem eu. Não foi um passeio pensado. Foi o impulso de um cérebro hipomaniaco, já acelerado pelos antidepressivos daquela primavera, que pedia movimento, que tinha aquela aldeia do Montseny associada ao verão de dois anos antes, o da epifania e o terceiro de nadador-salvador, e que queria celebrar o aniversário com algum gesto que pesasse. Fui à árvore do costume, a dos arredores da aldeia. Não tinha nada de especial: tinha-a encontrado por acaso naquele outro verão e tinha-me sentado ali um bocado, e esse bocado tinha-se transformado na minha cabeça num sítio carregado de sentido, que é o que aquela cabeça faz com qualquer lugar onde a pessoa se sente cinco minutos.

Cheguei e parei a mota. Céu limpo, sem uma nuvem, com aquele sol de princípio de verão que na montanha bate forte. E disse em voz alta, sabendo de sobra que era um gesto ridículo, que se existia me desse um sinal. O que veio nos dois minutos seguintes já o contei um monte de vezes e sempre com o mesmo aviso à frente: não sei o que foi aquilo. Sei o que aconteceu. O céu ficou preto de repente, e não devagar, mas como se alguém tivesse corrido uma cortina de um puxão. Atrás chegaram o trovão e o granizo, grosso e violento, uma tempestade

tade das que não calhavam naquela época do ano. Saí a correr para o telheiro mais próximo que havia. Esteve a granizar quinze minutos. E nesses quinze minutos, com os auscultadores postos e quinhentas canções a tocar em aleatório, precisamente no segundo em que me sentei num banco e o corpo começou a baixar de rotações, o algoritmo pôs uma canção do nosso cantor, o da casa e dos trajetos, e a primeira frase falava justamente de um sinal que se lança e que o outro nunca recebe. Não fui capaz de me mexer. A canção continuou: uma meditação que não sai, um voo por baixo do que se espera de uma pessoa, umas horas mortas diante de um paredão. Parecia escrita para o ponto exato do mapa em que eu estava sentado. Quando parou de granizar voltei a pé para a mota, e ao meter a chave na ignição aconteceu o último: a nuvem abriu-se pelo meio ao descarregar, e a inclinação dos raios de sol e aquele buraco combinaram-se para deixar cair uma clareira de luz mesmo na minha vertical. Uma encenação teatral perfeita. Demorei dias a saber o que fazer com aquilo. Anos a encontrar as palavras.

As palavras são estas, e sei-as de cor. A meteorologia explica o granizo: mascaramento orográfico, um cumulonimbo carregado de gelo formado na vertente da frente, com as montanhas a fazer de muro para a vista e o vento a empurrá-lo até ao cume; e depois uma microexplosão húmida, que é o núcleo da nuvem a colapsar de repente e a largar toneladas de gelo na vertical sobre uns poucos hectares. Explicável fisicamente, raro meteorologicamente, improvabilíssimo naquela época do ano. O algoritmo explica a canção: números pseudo-aleatórios, uma entre quinhentas. A neurologia explica o momento: o susto apaga o córtex pré-frontal para que fujas, e quando estás a salvo e as pulsações baixam o córtex acende-se outra vez de repente e exige arrumar o caos, e a primeira coisa que entra por essa janela grava-se-te a ferro. E a psicologia explica a soma de tudo: apofenia, que é ver padrões com sentido onde só há dados soltos, e que num cérebro em fase alta funciona com o volume no máximo. Sei todas essas explicações e uso-as. Não me resolvem nada. O que aconteceu, aconteceu.

Anos mais tarde, já com o lítio cá dentro, sentei-me a fazer a conta. Em probabilidade há uma ideia a que chamam cisne negro: o acontecimento muito improvável, impossível de prever e de consequências enormes. Se se tomarem como independentes a tempestade, o telheiro exato, a canção exata no segundo exato e a clareira de luz, o número que sai equivale em física de partículas a mais de sete sigma, e para anunciar uma descoberta a fasquia está em cinco. O senão é que aquilo não se repete, e uma experiência que não se repete não é

uma experiência: é uma anedota com bons números atrás. E o que deixei escrito na noite em que acabei a conta, e que não tenciono tirar daqui, é que aquilo era interessantíssimo e não demonstrava nada, a não ser que eu me tinha salvado graças a uma narrativa de puro viés de confirmação. A conta está bem feita. E a narrativa que montei por cima salvou-me a vida.

O que importa clinicamente daquela tarde, no entanto, não está no céu. Está no que escrevi eu depois, com aquilo acabado de acontecer. Três meses mais tarde, de madrugada, em plena discussão com a Marta e a mandar-lhe canções para que percebesse o que se estava a passar comigo, escrevi-lhe que no dia da árvore se me tinha revelado, que tinha sido brutal ver granizar por minha causa, que aquilo foi como Moisés a abrir as águas. Um ano depois, noutra conversa que era sobre qualquer outra coisa, escrevi-lhe que enquanto eu fazia granizar estava a tocar o nosso cantor, que tinha feito um milagre, que me tinha ido embora para onde tinha encontrado o amor verdadeiro e que assim que o pedi caiu o Carmo e a Trindade. Fiz granizar. Fiz um milagre. Na primeira pessoa e na voz ativa. A hipomania não se contenta com interpretar o sinal: arroga-se a autoria. Daí me vem a fé, a a sério, a que conservo. E daí, com cocaína em cima dez dias mais tarde, saiu o Messias daquela noite que já está contada. À Marta nunca lho contei inteiro: ela viu o resultado e não viu de onde saía.

Um mês depois subimos os dois, e essa viagem está no arquivo, e conto-a porque é do mais luminoso que há em quatro anos e meio. Arranca na tarde anterior: ela escreveu que por vir à cidade não havia problema, e que se eu preferisse não gastar e a casa estivesse livre, que lhe fizesse alguma coisa boa de comer. Respondi-lhe um minuto mais tarde a propor subir ao monte para comer lá em cima, e ficou combinado que a ia buscar ao fim do turno. Fui buscá-la de mota naquela noite, e escreveu-me que precisava definitivamente de mim mais cá dentro, e eu disse-lhe que também precisava de estar mais lá dentro. No dia seguinte subimos com o capacete dela, as botas dela e o blusão dela, e voltámos à que tinha sido a nossa casa, com o sofá que tínhamos comprado juntos. E o daquela noite, com cada um já no seu sítio, é o melhor que guardo daquele verão. Ela escreveu que tinha sido um dia estupendo e que lamentava que o fim tivesse ficado um bocado mais frio. Eu respondi-lhe no mesmo minuto que não se preocupasse comigo, que o dia tinha sido maravilhoso, como sempre, e que naquele fim de semana queria dormir com ela. E então chegou a frase que levo dez anos a recordar: que naquele dia lhe doía o peito de gostar de mim, ainda que às vezes se contivesse e não dissesse tudo o que sentia. Disse-lhe que a

mim igual. E passada a meia-noite, já metida na cama dela, a última mensagem: que cheirava a mim, que era com aquele amor que ia dormir, e que gostava de mim. Agora é preciso dizer onde é que eu estava enquanto escrevia tudo aquilo, e não é um pormenor pequeno: em minha casa vivia então a Raquel, havia outra mulher instalada de maneira temporária, entrava e saía gente a qualquer hora, e eu andava metido até ao pescoço na mania que os capítulos seguintes contam. E mesmo com tudo isso, aquele dia aconteceu. Se desta história se contar só a outra parte, fica um homem incapaz de gostar de alguém. E não foi isso. Também foi isto, no mesmo mês e alguns dias no mesmo dia: um tipo em fase alta a destruir tudo, e os dois a escreverem um ao outro que lhes doía o peito de se quere-rem.

E agora o conceito, que é a hipomania a levar o volante das decisões grandes, e explica-se com o já contado e com mais duas coisas. Um cérebro em fase alta não decide como decide as pessoas: não espera por amanhã. Pega numa mota, sobe a um monte e pede contas a Deus em voz alta. Refaz uma vida inteira em quarenta e oito horas. E num inverno em que eu estava no desemprego mandei à Marta, em cinco mensagens seguidas, um plano financeiro completo, com a sua repartição por vários cabazes, a sua espera pelo momento da bolsa, a sua entrada em empresas grandes e a sua reaplicação de dividendos, e a conclusão de que em treze ou catorze anos bem levados poderíamos deixar de trabalhar. Repito: estava no desemprego enquanto escrevia aquilo. Esse é o motor, a certeza que não custa nada, a velocidade sem travão e uma energia que de fora passa por iniciativa e de dentro se vive como destino. E aqui está a armadilha: o mesmo cérebro que assina sem ler o que não devia assinar é incapaz de assinar o que devia quando por fim lhe chega a ocasião. Dois outonos depois do grânizo, sem trabalho e sem casa, a Marta e eu fomos ver uma casa para arrendar naquela mesma aldeia. Eu trazia na cabeça casar-me com ela e andava a ver alianças. E no último momento recuei. A desculpa foi que estávamos os dois no desemprego e que assinar assim não me parecia honesto; a razão verdadeira era o medo, o pânico de ter de apresentar um recibo de vencimento que já não existia. Aquele foi o erro mais caro daqueles meses: arrendar aquela casa ter-me-ia tirado da terra da minha mãe, que era onde eu comprava a erva, e ter-me-ia subido à montanha a refazer uma vida com ela. Aquele não, dito a partir do medo e com um cérebro que já ia a caminho da psicose, torturou-me durante anos. E mais um pormenor: a única vez em quatro anos e meio que a Marta escreveu a palavra psiquiatra foi para me mandar o link de uma notícia sobre um velho

hospital fechado. Na mesma aldeia da árvore. Na mesma aldeia da casa que não assinei. De todos os sítios do mundo, aquele.

E àquela árvore voltei, muitos anos depois, para enterrar uma coisa.

Capítulo 20 • Duas urgências

A meio de um dia de pleno verão escrevi à Marta que estava péssimo e que não parava de tossir. Um quarto de hora depois, que estava a morrer. Dois minutos mais tarde, que estava quase a ir ao médico. E ela, no ato: vai ao médico. Um minuto depois respondi que não ia a lado nenhum e que ia dormir assim que chegasse a casa. Quatro minutos mais tarde, que não tinha dormido. E um bocadinho depois de me ter mandado ao médico, ela outra vez: não estás doente. E logo a seguir: agora quem está a criar o problema és tu. O médico daquele meio-dia era para a tosse. Vínhamos de uma noite com uma terceira pessoa em minha casa e de dois dias de discussão por escrito, e o que ela tinha à frente era um homem sem dormir depois daquela noite, e isso, sem diagnóstico, parece-se com uma fúria e não com uma doença. A única vez em todo aquele verão que apareceu a palavra doente escrevi-a eu, e ficou negada nessa mesma tarde.

É preciso dizer em que estado é que eu estava naquele verão dos meus trinta e um, porque sem isso o de cima parece uma discussão de casal e era outra coisa. A mania tinha arrancado na primavera, disparada pelos antidepressivos que já contei, e não se apagou até ao fim do verão. Nesses meses meti álcool e meti êxtase líquido em quantidades que hoje me revolvem o estômago só de as recordar, e tive vários episódios psicóticos; dois acabaram nas urgências. O primeiro caiu mal começou o verão, quando foi pelos ares o da mulher mais velha: uma crise, o hospital, e eu a culpá-la a ela de tudo. Na manhã seguinte anunciei à Marta que aquilo se tinha acabado, e a Marta recusou-se, com toda a razão do mundo, a juntar-se à demonização daquela mulher. Não éramos um casal naquele momento, e tinha-o deixado claro desde o primeiro dia, a rir-se por escrito: que já sabia que estava do caracas e que era graças a mim, porque na versão dela quem tinha estragado tudo era eu. Semanas depois escreveu-me que me fosse embora com quem quase me interna num manicómio. Aí está, na letra dela, o que ela sabia daquele princípio de verão: que alguém tinha estado quase a internar-me. E aí está também o que ela não tinha: o nome daquilo.

E depois há uma noite de meados do verão, que é preciso contar com o relógio à frente, porque o relógio é a única coisa daquela noite que não mente. Começou com uma censura minha, por ela não ter sabido defender-me num assunto com a minha mãe. Uma hora mais tarde comuniquei-lhe que me ia viver com a mulher mais velha, como colegas de casa. E nos oito minutos seguintes escrevi, literalmente, que pretendia governar este país e que já lho tinha dito mil vezes, que eu estava casado com a causa e não com uma pessoa; que a ela a tinha posto fora porque era uma preguiçosa; que a causa era a verdade, que precisava de meios, que ou ajudava ou estorvava, que íamos direitos a uma tirania horrível, infernal, que eu tinha nascido para evitar aquilo e que se não ajudava estava a servir o meu inimigo; e que havia uma coisa acima de tudo, e que essa coisa era eu e a verdade. Leia-se outra vez. Um homem que insulta a companheira e no mesmo minuto lhe anuncia que vai salvar o país de uma tirania. E ela, no meio da rajada, a única voz sã em todo o ecrã:

—Mas o que é que tu estás para aí a dizer.

E pouco depois:

—Que causa.

Aquela pergunta não tinha resposta, porque não havia causa. Havia um delírio de grandeza, que está no manual, na lista de critérios do episódio maníaco, na mesma linha que a irritabilidade, e as duas coisas estavam a funcionar ao mesmo tempo e pelo mesmo motor. Um maltratante humilha para ter a outra pessoa pequena e à mão. Um homem em mania humilha porque a outra pessoa estorva a sua missão de salvar a pátria, e di-lo, por escrito, com hora marcada. O segundo é o que há naquele arquivo, e a diferença não é uma nuance: é a diferença entre um método e um sintoma. Ela não podia saber. Perguntou que causa, que era exatamente o que havia a perguntar, e não havia ninguém à volta que lhe soubesse responder que aquilo se chamava grandiosidade e que se trata. E convém dizer o que é que se podia fazer naquela noite, porque não era muito: neste país meter alguém numa ala contra a sua vontade precisa de um juiz, ou de um médico que certifique uma urgência, e um homem que de noite delira por escrito a partir de um telefone não é uma urgência que um médico possa certificar. A pergunta dela era o teto do que se podia fazer a partir de um ecrã. E não foi uma noite. Dias antes tinha-lhe escrito que morreriam triliões na hora dos bons. Dias depois, que tinha de ficar rico para governar este país. E três semanas antes da psicose, que eu era o Messias.

A psicose chegou quando o verão acabava, e foi a segunda urgência. Psicose tóxica sobre um quadro afetivo, chama-se, quando a substância acende o que a doença já tinha preparado: alucinações visuais, e um homem que desta vez pediu ele próprio que o levassem ao hospital. Deram-me um antipsicótico e mandaram-me para casa. E aqui está o dado que nunca ninguém pôs em cima da mesa e que a Marta viu com os seus próprios olhos: no mês seguinte, com o antipsicótico cá dentro, acabaram-se de repente as madrugadas e voltou o homem que ela tinha conhecido nos melhores nove meses. De um dia para o outro. Foi isso que fez um comprimido. E larguei-o ao fim de um mês. Sem que ninguém mo tirasse e sem que ninguém mo segurasse, porque daquelas duas urgências saí as duas vezes igual: sem diagnóstico, sem seguimento e sem uma única pessoa que me explicasse o que acabava de acontecer. Um sistema que larga um homem das urgências com sintomas psicóticos e uma receita, e vai dormir descansado. Em todo o arquivo daqueles quatro anos e meio, em mais de cem mil mensagens dela e minhas, a palavra bipolar não aparece uma única vez. A palavra doença nunca a escreveu ela. E psiquiatra escreveu-o uma só vez, e não para me mandar a um. Ninguém disse a palavra. Nem ela, nem eu, nem o médico que me deu o antipsicótico, nem o que me viu largá-lo, que não existia.

E agora a pergunta que ela deve ter feito mil vezes e que eu demorei anos a conseguir responder: como é que era possível eu não dar conta. Tem nome e tem números. Chama-se anosognosia, e não é negar: é não conseguir ver. Um estudo que mediu a consciência da doença em cada fase encontrou que a negação pelo menos moderada do que está a acontecer aparece à volta de oitenta e cinco por cento dos doentes em mania pura; de cinquenta e nove nos episódios mistos; de trinta e seis na depressão; e de vinte e dois em eutímia, estando bem. E a nuance é o que decide tudo. O que não se reconhece não é ter a doença: isso admite-se sem problema a frio, com o relatório à frente. O que não se reconhece é que aquilo que a pessoa está a fazer neste preciso momento é a doença. Um diabético numa hipoglicemia nota o tremor porque a doença dele não lhe apaga o aparelho com que se avalia. A mania apaga-o. É a única doença que ataca precisamente o órgão que devia dar por ela. Era por isso que eu dizia à Marta que estava perfeitamente enquanto a casa me caía em cima, e é por isso que não lhe mentia quando o dizia. E foi por isso que larguei o antipsicótico ao fim de um mês: porque com o antipsicótico cá dentro eu estava bem, e estando bem o que se vê é que aquilo não faz falta, sem dar pelo pormenor de que se está bem precisamente porque se toma. Já o disse do lítio e digo-o aqui daquele comprimido,

que foi o primeiro. E a consciência de quem olha de fora também se apaga quando ninguém lhe deu o nome: a Marta não negava uma doença; respondia a um homem. A frase daquele meio-dia, não estás doente, continuava a ser a certa para o que ela via. O que faltava era a doença por baixo dela.

Havia outra coisa por baixo, e é preciso dizê-la porque explica porque é que naquele outono não fui ao centro de saúde uma única vez. Para mim um internamento não era uma cama e um comprimido. Era o meu pai. Era um miúdo a ver o pai numa jaula, e um homem de vinte anos a ler um relatório com duas palavras latinas. Quando anos depois uma psiquiatra me disse que eu tinha o mesmo que ele, e que o medicamento era o mesmo com que ele se tinha matado, o que senti não foi alívio por ter um nome: foi que me estavam a entregar a herança. E as heranças assim não se assinam enquanto não te obrigam. Aos trinta ninguém me obrigava. Portanto a anosognosia fazia a parte dela, o medo fazia a dele, e entre os dois deixaram a caixa numa gaveta.

Há um pormenor daqueles anos que me dá vontade de rir e arrepios em partes iguais, e que resume o que é chegar aos trinta e três sem que ninguém te tenha explicado o que trazes cá dentro. Eu tinha uma frase de cabeceira. Despejava-a em qualquer sobremesa, a brincar, e ria-se sempre alguém: que a maneira mais barata de ficar pedrado era não dormir. Que se andasses sem um euro, saltavas a noite e já verias. O pior é que não mentia. A mim a falta de sono punha-me. Com duas noites seguidas em claro eu estava eufórico, rápido, com graça, imparável, com o mundo a girar às minhas rotações, e contava-o tal como se conta um truque caseiro para poupar. O que eu estava a descrever era um pró-dromo maníaco. Com a sua precisão clínica e o seu mecanismo lá dentro, porque o sono é, já o disse, o desencadeante mais bem documentado desta doença e um dos primeiros sinais de que ela vem aí. Ou seja, que eu tinha localizado o meu próprio aviso de surto, tinha-o tão localizado que tinha construído uma piada com ele, e repetia-o em voz alta diante de médicos, de companheiras e de amigos. Ninguém percebeu. Eu também não. A informação não faltava: saía da minha boca, e não a apanhou ninguém.

O do médico, naquele meio-dia de verão, era a única coisa prática que apareceu em dois dias inteiros de mensagens, e hoje, dez anos depois, continua a ser a resposta certa. Ao médico levaram-me dois anos e meio mais tarde. Numa ambulância. E ela já não estava.

Capítulo 21 · A relação a três

O ano em que fiz trinta e três passei-o inteiro em mania. É a palavra que faltou àquele ano enquanto acontecia e em todas as versões dele que circularam depois, incluindo a minha. O nome demorou mais de um ano a chegar; a noite em que começou foi num estúdio do bairro velho, num sofá-cama gigante que ocupava meia sala, com uma chávena na mão.

Tinha-me mudado para lá sozinho, de casa da minha mãe, depois daquele verão. Arrastava uma depressão surda das que não têm nome e portanto não têm remédio, esmagado por um trabalho de informático que detestava, e passava as tardes afundado naquele sofá sem saber contra o que lutar. E então reapareceu a Raquel, e com ela voltaram as substâncias à minha vida. Voltei a consumir, e a primeira coisa que meti foi um opiáceo. E no meu cérebro aquilo foi uma ressurreição: a depressão evaporou-se de um puxão, as cores voltaram, a música voltou a retumbar-me na cabeça. Hoje sei o que foi: uma mudança de humor induzida por uma substância num cérebro que já estava doente, e com os opiáceos o que dão em cima cobram-no na descida. Retomámos o nosso e abrimos uma espiral de sexo e substâncias, fim de semana atrás de fim de semana. Aquele Natal nem sequer o passei com a minha família: inventei que estava doente, e estava no estúdio, pedrado, a receber gente que não devia ter entrado por aquela porta. E a noite de passagem de ano passei-a com a Marta, os dois sozinhos, a jantar naquele sofá-cama; foi linda e foi estranha, e ela notou-o sem lhe conseguir pôr nome, porque eu brindava com ela à meia-noite com um segredo do tamanho de um apartamento. Foi a última passagem de ano que passámos juntos.

Passadas as festas, no trabalho, passaram-me de suporte para comercial: mais horas, mais pressão e muito menos estrutura, exatamente o que não convém a um bipolar a entrar em mania. E no fim desse mês deixei a Marta. Com a Raquel nunca lhe fui infiel: deixei-a. Não aguentava a contradição de gostar das duas, não queria mentir-lhe outra vez e, sobretudo, não queria metê-la nas drogas. Ela escreveu-me naqueles dias que tinha sabotado o nosso, que não me

tinha ouvido, e pediu-me desculpa pela frieza dela. Ela. E a rir-se, que não me destruiu a mim e ao nosso coração de não dormir.

As semanas seguintes foram um homem a atender duas conversas incompatíveis ao mesmo tempo. Numa manhã a Marta escrevia-me que tinha ido às urgências por ansiedade, que aquilo lhe estava a cair muito mal e que percebia que a mim não. E nessa mesma madrugada a Raquel escrevia-me sobre uma coisa completamente diferente. Numa tarde daquele mês pu-lo por escrito: uma proposta com as três pessoas lá dentro, e com a única linha daquele dia que respeitava as duas, que seria quando ela quisesse e a outra quisesse. A Raquel respondeu quatro minutos depois que desde que lho tinha dito fantasiava connosco as duas juntas. Ou seja, que lho tinha dito antes. O desejo era dos três, isso é verdade. Mas quem o transformou em plano, quem disse quando e como, fui eu.

E há uma madrugada daquele inverno que explica os três anos seguintes. Estava desde sexta-feira quase sem dormir, a Raquel não estava, e passada a meia-noite escrevi-lhe uma vintena de mensagens seguidas. Que a amava totalmente mas não exclusivamente. Que não a ia abandonar mais. E que lamentava muitíssimo tê-la deixado ir embora por uma menina que não me podia entender e a quem tinha mentido porque não lhe podia reconhecer como era sem receio de ser julgado. A menina era a Marta. Tinha trinta anos e estávamos juntos havia quatro. Na manhã seguinte a Raquel fez-me a única pergunta que havia a fazer: se tudo aquilo era parte de um delírio e não uma realidade. E eu, nessa mesma manhã, escrevi que levava cinco dias quase sem pregar olho e tirei eu sozinho a conclusão: que supunha que também estava a delirar. Onze meses antes do primeiro internamento, um homem a reconhecer por escrito que delirava, e ninguém à volta com o mapa onde essa frase é um alarme.

E já que estamos, o mapa. A mania não é estar contente nem ter muita energia: é um episódio, com uma semana pelo menos de humor disparado ou irritável, e por cima disso o manual põe sete peças, das quais são precisas três para que o quadro tenha nome. Digo-as em linguagem simples e com aquele ano como exemplo. A autoestima inflada: o manifesto daquela madrugada, um homem convencido de que o seu amor era uma forma superior de amar. Dormir menos e não sentir falta: cinco dias. Falar sem parar: vinte mensagens seguidas a uma hora a que as pessoas dormem. O pensamento a toda a velocidade, as ideias a saltarem sem ponte. Distrair-se com qualquer coisa. O aumento da atividade dirigida a um objetivo: um plano a três redigido com pormenor a meio da tarde. E a sétima, a que vale por todas: o envolvimento desmedido em ativi-

dades prazerosas de alto risco, e o manual põe, literalmente, compras desenfreadas, indiscrições sexuais e investimentos absurdos. É a única das sete que a quem está à volta compensa: um insulto vê-se, um delírio vê-se, e uma rodada paga parece-se com generosidade.

No fim do inverno a Marta voltou. Durante a rutura tinha conhecido um casal, e escreveu-me que se sentia livre como o vento; e eu, quando soube, pensei que para se drogar com outros era melhor que o fizesse comigo. A Marta e a Raquel, contra todos os prognósticos e contra todos os manuais, entenderam-se: a Raquel escreveu-me que se estava a apaixonar por ela, que tinha falado mais com a Marta numa semana do que comigo num mês. E assim começou a relação a três. Da Marta gostava com a parte de mim que procurava estabilidade; da Raquel, com a parte que reconhecia o abismo no outro. E no centro eu, com o cérebro em mania, convencido de ter encontrado o invento do século. Ninguém perguntou a única coisa que havia a perguntar: e quando chegar a tempestade, quem é que fica.

E agora a parte que me arruma aquele ano e que eu nunca tinha escrito. Eu não montei aquilo só por sexo. Levava dois anos a escrever à Marta que ela era o amor da minha vida e à Raquel que morria por ela, no mesmo telefone e às vezes à mesma hora, sem dizer a nenhuma a verdade completa sobre a outra. Que eu fosse para a cama com gente tem uma explicação clínica. Aquilo não: era cobardia, então e agora. Por isso montei a relação a três para deixar de mentir. Se as duas se conhecessem e estivesse tudo em cima da mesa, eu deixava de ser o que engana uma com a outra e passava a ser alguém que ama duas pessoas e o diz. Na minha cabeça de então era uma reparação moral. E não funcionou, claro, porque um homem em mania não repara nada: amplifica. O que montei para deixar de mentir deixou as três pior do que estavam, e a Marta, que era a que menos tinha pedido, a pagar a fatura mais alta.

Há um dia da volta que é a única prova do que havia por baixo. A Marta e eu tínhamos um hábito havia anos: olhávamos nos olhos um do outro e dizíamos o nome. Eu dizia Marta, olhava para ela e beijava-a. Ela dizia Marcos, olhava para mim e beijava-me. Naquele dia fizemo-lo durante horas, cheios de êxtase. Mas o que se dizia era o mesmo que dizíamos sóbrios. E aqui vai o que sei que soa a desculpa de drogado e sustento na mesma: o amor que se sente pedrado também é amor. Às pessoas passa-lhes com a moca. A mim nunca me passou. Não digo que fosse bom. Digo que não era falso.

Dali até ao outono carregámos no acelerador e rebentámos todos os limites da lucidez e da biologia, por essa ordem. O estúdio transformou-se numa caverna sem relógios nem espelhos. Eu metia de tudo, e digo-o de mim, que é de quem posso dizê-lo: metanfetamina, cetamina, mefedrona, GHB, MDMA, poppers, viagra; cheguei a aplicar as substâncias diretamente nas mucosas para que o golpe fosse imediato. Orgias que duravam dias. Práticas que escalavam até limites anatómicos perigosos, com o corpo desligado da dor pela anestesia química. E o corpo sobre o qual se exercia quase tudo aquilo era o meu: eu era o recetor e o que mais consumia, com muitíssima diferença, e à segunda-feira, oito horas de profissional funcional em cima de um corpo rebentado. E tudo aquilo paguei-o eu. Com o ordenado primeiro, com os cartões depois, com empréstimos que pedia pela internet às quatro da manhã. A Marta pôs o que eu a deixei pôr, que foi pouco porque não a deixava, e a parte dela da renda pagou-a sempre. Naqueles ambientes consumia toda a gente, umas coisas ou outras; o único que foi julgado por isso fui eu. O grosso pu-lo eu, porque era o único com ordenado e porque tinha metido na cabeça que gostar bem era dar. Daí me ficou uma dívida que demorei quatro anos a pagar, mês a mês e com horas extraordinárias.

Partiu-se na primavera, por uma desconfiança pequena que tapava o a sério. Saltou uma suspeita parva, dessas que se resolvem a falar dez minutos, e não se resolveu: atirámo-la para cima da Raquel, que era a única que tinha vida fora do triângulo, e o que se ativou foi um medo que vinha de muito antes. Ela levou aquilo como se leva uma acusação que lhe cai como um tiro, e respondeu na manhã seguinte igualmente mal. Foi essa a faísca. E por baixo estava havia meses o a sério: o dinheiro, a ausência (eu disse-lhe que me tinha chateado porque ela não estava, e ela devolveu-mo no ato: que eu também não tinha estado), e uma frase dela da última noite: que sabia que eu estava a mentir, e que era isso que lhe lixava, que eu não fosse leal. Outra vez as mentiras. E a Marta escreveu no dia seguinte o que resume tudo: que tínhamos falhado porque aquilo nos ficava grande, e não só a ela. Nessa mesma semana entregou as chaves do apartamento dela e veio viver para o estúdio, a escrever-me que supunha que me seria indiferente. Foi aí que começou o verão.

E do verão, o que foi, dito sem filtros, porque se o deixar de fora este livro transforma-se na versão que me convém. Durante três meses não tive sexo normal com a Marta. Nem um coito, nem uma vez. E não por não haver sexo: porque me fiquei por uma única coisa, sempre a mesma e sempre com drogas à

frente, que ela me dava sozinha, com a mão dela e com o braço dela dentro de mim, durante horas, sem que eu lhe tocasse a ela. E ainda por cima era exigente: pedia-lhe, corrigia-a, metia-lhe pressa. Na mesma cama e à mesma hora, o outro: horas de madrugada, drogado, com um ecrã, ao lado da mulher que mais desejei na vida enquanto ela tentava dormir a um palmo. E numa tarde daquele fim de verão, na nossa casa, enquanto ela trabalhava, fui para a cama com um prostituto. Ela perguntou duas vezes se eu tinha ido tirar o tesão e eu menti-lhe duas vezes. Aquilo tem o nome da hipersexualidade, que já está explicada, e aqui acrescenta o que na altura nenhum dos dois viu: a escalada. Aquele cérebro acopla-se a um estímulo e entrega-lhe tudo, e sobe a dose porque a de ontem já não chega. E nunca lhe perguntei se estava a gosto. Ponho-o porque aconteceu.

No dia em que já não aguentou mais não armou cena nenhuma. Escreveu-mo numa sexta-feira à tarde, enquanto falávamos de outra coisa. Que andava ansiosa da vida e que tinha decidido deixar-se de comprar. Que aquilo a fazia sentir-se como um falo de plástico, com um riso atrás para que a mim não me doesse. Que não a tinha ouvido nem sentido. E dez minutos depois, por via das dúvidas, que não estava a meter pressão e que não estava zangada, mas que também precisava de mimos. Ela largou aquilo com uma frase. Eu não larguei nem com uma ambulância. O dela era um consumo que respondia ao cansaço dela, e apagou-se quando ela se cansou; o meu respondia a um episódio, e não se podia apagar de dentro, porque o alimentava a mesma coisa que me tinha acordado.

Capítulo 22 · O canal

Naquele outono perdemos tudo por ordem, e a ordem importa. Primeiro o trabalho: despediram-me de forma fulminante, porque o consumo notava-se-me e por causa das ausências repetidas e mal justificadas. Depois o estúdio. E sem ordenado e sem casa, em vez de nos rendermos, montámos uma casa inteira. Isto conto-o devagar porque de todo aquele outono é a única coisa que não foi uma ruína: uma casa vazia à qual fizemos as ligações da luz e da água, que mobilámos e que deixámos a funcionar. Os móveis comprei-os eu, e montámo-los os dois; ela montou tantos como eu ou mais, e dava-se-lhe melhor. Eu montei os candeeiros e a cama; ela pintou as mesas de cabeceira e ficaram lindas. Há uma manhã que vale por aquele mês: eu a fazer passar os canos com o berbequim avariado, a picareta e martelo, com um dedo a sangrar, e a meio da tarde a escrever-lhe em maiúsculas que estava tudo a funcionar. Ela respondeu: deus, aleluia. Foi esse o último momento eufórico dos dois. Porque a casa estávamo-la a ocupar, e apanharam-nos, e em vez de nos acolhermos ao que a lei nos permitia fomos honestos e fomos embora. A cara deu-a ela. Sozinha, pelos dois. Eu acobardei-me e deixei-a dá-la, e aponto-o aqui porque é para isso que escrevo isto. E naquela casa, num colchão no chão que tínhamos posto provisoriamente, fizemos amor. Normal, com o prazer dela à frente do meu, sem substâncias e sem mais ninguém. Ao fim de três meses, aquilo. Foi a última vez, e hoje sei que foi uma despedida, feita sem que nenhum dos dois soubesse.

Dali, para casa da minha mãe, na aldeia, lá em cima no Vallès. Um quarto de doze metros, nós os dois e o cão. E aqui convém dizer o das substâncias, porque eu julgava que tinha parado e o que fiz foi mudar de substância. As drogas duras acabaram-se no fim do verão, a sério, e pareceu-me que aquilo era parar. O que fiz foi ficar-me pela erva, que comprava onde se compra em todas as aldeias, e pela cerveja, que naqueles meses já nunca faltava. E pelos meus anos, um episódio com psilocibina do qual não resta grande coisa, salvo uma: naquela visão vi inteira a dependência da pornografia, o que era e o que lhe tinha feito a ela, e larguei-a. Para sempre e sem recaídas. Eu na altura acreditava que os cha-

rrros eram o brando. Hoje sei o que a canábis faz a um cérebro como o meu, e naquele quarto entrava todas as noites, e aquele cérebro ia a caminho da ambulância.

Ela via, e escrevia, e é preciso pô-lo aqui porque há anos que se conta que não via nada. Numa tarde de outono, a meio da tarde, pediu-me que não fosse comprar, que aquilo o fizéssemos com calma porque o merecíamos; que a apavorava que eu comprasse e ficasse ali como ficava. Vinte minutos depois, o que era viver comigo naquele outono: que ela queria poder sair e entrar em casa sem sentir que ao voltar o ia encontrar como das últimas vezes. E dois minutos mais tarde, que ia precisando de alguma ligação comigo. E nessa mesma tarde, umas duas horas depois, mandou-me a lista das compras que acabava de fazer: café para todos, iogurtes, maçãs, bolachas para o pequeno-almoço e as tintas do cabelo da minha mãe. E que tinha pago ela, e que lhe sabia mal dizê-lo. Era isso que havia: uma mulher apavorada a fazer as compras da casa, a desculpar-se por o dizer e a pedir-me por favor que não fosse comprar. Semanas depois, uma única linha dela que é um diagnóstico inteiro: que se eu não teria comprado mais cerveja. E pelos meus anos fomos dois dias a outra cidade. Foi a nossa última viagem, um mês certo antes da mala, e estivemos bem, sem discussões e sem mais ninguém na conversa, que naqueles meses já era uma raridade. Se alguém nos tivesse visto na rua teria visto um casal normal.

E depois estava o canal. Eu tinha aberto um canal de vídeo na internet, e naquele outono aquilo comeu tudo. Passava as noites à frente do computador, naquele quarto de doze metros, com ela a dormir ou a tentar dormir a um metro, a montar vídeos até às seis da manhã: um boletim meteorológico, umas curtas-metragens, um trailer, experiências com as ferramentas de edição, horas e horas. E todos, todos os que fiz naqueles dias e conservo, eram sobre as nossas canções. Mostrava-lhos e ela respondia-me que estavam fixes, que eram divertidos, que se percebiam. Um meio-dia, depois de se rir com o boletim meteorológico, escreveu-me: prepara qualquer coisa e gravamos logo. Noutro dia, que estava a ver outra vez todos os vídeos. Noutro, que continuava à espera que eu me sentasse com ela a explicar-lhe algumas coisas deles. E numa noite, sem dramatizar, o que estava a acontecer: que havia semanas que eu andava a ignorar toda a gente por causa dos vídeos, e que agora não podia pretender que toda a gente respondesse. Semanas, no plural. Ela viu um homem que se metia no computador até às seis da manhã e que não olhava para ela. Era isso que havia.

E numa noite já de outono adentro, a única coisa que fiz fora de casa em todo aquele outono. Naquele verão, com ela de visita numa pausa do trabalho, tínhamos dado de caras com um curso de filosofia para adultos, dos de sobremesa com copo, e ela tinha-me apontado o cartaz com o dedo. Escrevi uma carta para que me admitissem, e essa carta conservo-a inteira: saltava da canícula para Gramsci, de Gramsci para um escorpião num cartaz lido como um sinal, do escorpião para a astrologia e daí para a doença de um ator, sem uma única ponte lógica e com uma segurança absoluta em todas as passagens, e a segunda cerveja a meio do dia escrita por mim próprio sem lhe dar importância. Fuga de ideias, grandiosidade, pensamento mágico, irritabilidade disfarçada de literatura. Admitiram-me com aquela carta. E naquele texto em que não deixava ninguém de pé, a única pessoa que saía intacta e amada do princípio ao fim era ela: a minha amada Marta, a que aguentava o calor com mais dignidade do que eu, a que apontava o portal com o dedo. Isso escrevi-o eu, no meu pior verão, quatro meses antes de tudo acabar. Pois apresentei-me na aula e dei o espetáculo. Dissertava-se com vinho, e eu bebi todo o vinho que tinham. Todo. E dali para cima. Não vou reconstruir o que disse, porque não me lembro bem: com saber que me apresentei numa aula de filosofia, bebi as existências e armei o número, já está dito em que ponto é que eu andava. Não voltei. E daquele número, semanas depois, alguém que não estava lá e a quem o contaram pediu o meu telefone. Isso vai no sítio devido.

Agora é preciso falar do sono, porque é o que havia por baixo de tudo aquilo e o que ela nomeou antes de toda a gente. Quase um ano antes, em pleno inverno, tinha-me escrito a rir que eu não destruísse a mim e ao nosso coração de não dormir. Riu-se porque ninguém lhe tinha dado o mapa em que essa frase é um alarme. Uma revisão de há vinte anos, que juntou dezassete estudos sobre como começa uma mania, disse duas coisas que descrevem aquele outono com uma pontaria que assusta: que o pródromo, a antecâmara do episódio, dura mais de vinte dias; e que o sintoma mais frequente de longe, em três de cada quatro doentes, é o sono partido. E aqui está o que me custou anos: nesta doença o sono não é só o primeiro sintoma. É também o gatilho. O cérebro bipolar tem o relógio interno frágil, e uma única noite sem dormir pode acender uma mania como um fósforo acende um campo seco; e a mania, por sua vez, tira o sono, e aí fecha-se um circuito que se alimenta sozinho. Um ecrã às seis da manhã com as ideias a toda a velocidade não é um homem a fazer serão: é a doença a dar corda a si própria. Por cima disso vai a peça do manual que já apareceu, a ativi-

dade dirigida a um objetivo: o cérebro acopla-se a uma só coisa e entrega-lhe todas as horas do dia e da noite. O meu objetivo foi o canal. E o reverso, na mesma lista, é o retraimento: a pessoa fecha-se com o seu objetivo e deixa de fora quem tem ao lado, não por lhe sobrar, mas porque o sistema que decide a que se atende está doente. E por baixo disso já estava a começar a outra coisa, a antecâmara da psicose, que se conta no sítio devido: a sensação de que se passa uma coisa enorme à volta e de que tudo, um vídeo, uma notícia, um número, está ali posto para nós. Levo desde então a ouvir que foi desinteresse. Não foi desinteresse. Foi um cérebro a entrar numa psicose com um altifalante à frente.

E aqui vai o que pior se lê daquele outono, porque as duas coisas aconteceram ao mesmo tempo e as duas eram a mesma mania. Eu naqueles dias queria casar-me com a Marta. Andava a ver alianças pela internet. Tínhamos visto uma casa para arrendar mais acima, já no Montseny, a que não assinei e que já está contada, e eu queria deixar tudo e ficar ali com ela. Daqueles dias fica uma fotografia: os dois sentados no campo com o Toby entre nós, ela a fazer-lhe festas e eu com a mão no lombo dele. É a última que tirámos juntos. Ali parecíamos um casal normal, e éramos, e eu andava a ver alianças. E nessas mesmas semanas, no mesmo computador, a mesma mania tinha-me a falar de sexo por escrito com a Nuria, uma mulher que não me agradava nem nunca me agradou, com quem nunca quis estar. A Marta viu no computador, e soube. Aquilo não foi uma decisão: foi um episódio psicótico com o córtex pré-frontal fora de serviço, a devolver-me aos encontros de outros anos nas costas das minhas companheiras. Nunca tive a intenção de materializar aquilo. Nem sequer conseguia sair de casa. Ver alianças e falar de sexo com uma mulher que não me agradava eram a mesma mania, e nenhuma das duas era uma decisão. Ela levou a segunda. Foi-se embora a acreditar que o homem daquele quarto era um mentiroso, e o homem daquele quarto era um doente, com uma das doenças mais graves da psiquiatria e sem diagnóstico, a ver alianças.

E o canal acabou onde acabam estas coisas: numa declaração de guerra. Num domingo à tarde escrevi à Marta que ela tinha de me ajudar a tornar viral o canal inteiro, porque no dia seguinte votava-se não sei o quê em Bruxelas e acabava-se o mundo. E dezasseis minutos depois mandei à Raquel o mesmo link com quatro palavras que dizem tudo: difusão máxima, a verdade tem de ser ouvida, já, amanhã é tarde. Um homem num quarto de doze metros, na aldeia da mãe, sem trabalho, sem casa e sem dormir, a declarar guerra ao mundo inteiro com

uns vídeos sobre as canções da namorada. Ela estava na paragem do autocarro, com o cão, à espera de que eu descesse.

Capítulo 23 · O sítio do pai

Foi a Sonia quem me levou ao sítio onde o meu pai apareceu, e levou-me no mesmo ano em que ele apareceu. É lá em cima, no monte que fica por cima da aldeia, com todo o Vallès aberto aos pés e, se o dia estiver limpo, Barcelona ao fundo. Por aquela zona eu tinha passado a correr centenas de vezes quando treinava, nos anos bons, e nunca tinha parado.

Naquele domingo ela tinha descido à paragem com o cão e escreveu-me que subisse: que fosse o que fosse que eu estivesse a fazer podia esperar, caramba, que saísse para arejar com eles, que me desse o ar, que estava uma boa tarde. Eu respondi-lhe que estava ocupado. Estava ocupado com o canal, com a lei que se votava no dia seguinte e o fim do mundo, que já está contado. Minutos depois, que estava a chegar e que me esperavam ali. Depois, que se eu descia. E já à tarde, em duas mensagens, o meu nome com um por favor atrás e um vem para casa. Marcos, por favor. Vem para casa. São as duas últimas linhas dela em cinco dias, porque depois daquela hora eu desapareço de todos os telefones ao mesmo tempo, que é exatamente o que fica de uma noite que acaba como esta acabou.

Quando voltei metemo-nos no quarto e arrancou uma daquelas conversas absurdas, delirantes, das que já não havia maneira de ter comigo. Nem ideia do que era. Sei como acabou: eu a sair pela porta a correr com o Toby. Voltei para ir buscar o carro, deixei-a sozinha lá dentro, meti o cão atrás e fui direito ao monte. Ao ponto exato onde tinham encontrado o meu pai. Se ia passear o cão ou ia a quê, isso já não sei. Telefonou-me a minha irmã e plantou-se ali de noite, comigo e com o cão à solta entre as pedras, e ali despejei-lhe uma cassete das grandes, conspiranoica de campeonato: que havia uma espécie de realidade paralela por baixo desta; que o pai tinha sido levado pela frente por uma força escura e superior, uma coisa invasora que se te instalava na mente; e que a mim me estava a acontecer o mesmo. A Sonia deixou-me falar. Depois dissemos de descer para casa, e eu meti outra vez o cão no carro e enfiei pela estrada contrária. Voltei bastante mais tarde. Ao chegar tinha os médicos à minha espera à

porta. Levaram-me ao hospital, e a Marta veio comigo. O que aconteceu naquela consulta tem o seu capítulo. Aqui vai a outra coisa: porque é que fui ali.

Porque levo anos a fazer-me essa pergunta e até há pouco tempo não a sabia responder. Porque é que, em pleno delírio, peguei no carro e levei o meu cão precisamente ao sítio onde encontraram o meu pai. E não foi uma vez solta, que é o que o transforma num dado e não numa anedota: fi-lo três vezes e de três maneiras diferentes, e as outras duas vêm mais à frente neste livro, uma a esmurrar os estores da minha mãe e outra num cemitério. Aquele cemitério também é dele, porque é ali que está a campa da família, e em cima da campa há um livro de mármore com uns versos gravados em italiano: a letra da canção que ele adorava, a daquela ilha que não existe e que uma pessoa passa a vida a procurar. Escolheu-a a minha mãe, que é de onde vem a língua. E esse livro de mármore levei-o eu para casa numa descompensação e tive-o anos na minha estante, e não o devolvi ao sítio senão depois do primeiro internamento, que é o dado que melhor resume o que eu fazia então com os meus mortos. Três vezes o cérebro partido, e as três a correr na direção do mesmo homem.

E isto tem explicação, e está escrita há meio século. Os dois psiquiatras que descreveram as fases do luto chamaram à segunda, literalmente, anseio e busca. O sistema de vinculação, quando perde a pessoa a quem estava agarrado, não se desliga: põe-se à procura dela. E procura onde faz sentido procurar, que são os sítios associados a ela. Numa cabeça sã isso é a vontade de voltar a um sítio e um nó na garganta. Numa cabeça em psicose essa mesma busca sai sem travão e sem crítica: pegas no carro e plantas-te onde o encontraram, ou esmurras um estore a gritar que ele está vivo. Uma revisão recente sobre as vezes em que os que ficaram veem ou ouvem quem se foi di-lo quase com estas palavras: aparecem dentro da busca desesperada que se segue à perda de uma figura de vinculação. Eu não tinha feito o luto do meu pai. Tinha-o lido em voz alta no funeral dele com a cara firme, tinha voltado ao escritório no dia seguinte e não tinha feito uma única pergunta. Treze anos depois, com o cérebro sem travões, o luto saiu por onde pôde: pela estrada que sobe ao monte, com um cão no banco de trás.

E por cima do luto está a outra coisa, a que já contei com a Laura e que a Marta viu a funcionar durante quatro anos sem que nenhum dos dois soubesse como se chamava: a ansiedade de separação, a que começou aos vinte com a maneira como o meu pai se foi embora. E essa peça não explica só o do sítio. Explica sobretudo o que fiz com a Marta nos anos seguintes, que é o que nunca

tinha sabido nomear: voltar. Voltar vezes sem conta, descer à procura dela a todas as estações da cidade durante anos, escrever-lhe depois de um ano inteiro de bloqueio a ver se aquilo se podia reabrir. Aquilo não era teimosia, nem falta de dignidade, nem assédio: era um sistema de vinculação que não aceita a separação e que empurra a voltar ao mesmo sítio, exatamente como me empurra a subir ao monte de cima da aldeia para falar com o meu pai. Quando alguém de quem gosto se vai embora, a minha cabeça não fica triste: põe-se à procura. E procura mal, e procura aos gritos.

Agora o daquela noite que a Marta viu e que talvez a tenha assustado: como é que eu fiquei. Porque fiquei como fiquei, e é preciso saber de onde é que aquilo vinha. Não era raiva contra ela. Nem contra ninguém daquele hospital. Era pânico. Pânico de um internamento, que na minha cabeça não era uma cama e um comprimido: era o meu pai. Um internamento, para mim, era a fila, o controlo, o parlatório, o vidro sujo e o telefone, e do outro lado do vidro um homem metido na ala onde tinham os que estavam como ele, medicado à força, com aquele olhar de quem já não distingue de que lado da realidade se encontra. E era também o sal da gaveta, o que esse mesmo homem tomou de uma assentada quando eu tinha vinte anos. Por isso naquela noite, com os médicos à porta da casa da minha mãe, naquele carro e naquela sala de espera, eu era duas pessoas ao mesmo tempo: um rapaz de dezasseis anos a ver o pai numa jaula, e um homem de trinta e três que tinha visto o que o mesmo sal fez ao mesmo homem. Nenhuma das duas queria entrar numa ala. Nenhuma das duas podia pedir a única coisa que a teria salvado. E digo-o sem adornos, porque disto depende tudo o que veio depois: eu estava a delirar, e fiz uma coisa que a assustou muitíssimo, e mesmo assim não me pus agressivo com a Marta em nenhum momento daquela noite. Nem daquela nem de nenhuma. Não fui um perigo para ninguém, e também não o fui para o cão, que voltou para casa inteiro e dormiu entre os dois, como todas as noites. O que eu tinha naquela noite era um delírio, e um delírio não é uma intenção. O meu era sobre uma força escura que tinha levado o meu pai e que me perseguia a mim. Em nenhuma das suas versões havia um plano contra alguém. Visto de fora era um louco com um cão. Visto de dentro era um filho que, sem o saber, se tinha ido embora para o único sítio da região onde ainda havia alguém do seu sangue a quem perguntar o que lhe estava a acontecer.

Aquele sítio foi naquela noite o cenário de um delírio, e hoje é outra coisa completamente diferente: é um sítio aonde vou em peregrinação. Subi lá muitas

vezes, nas noites de dúvida, tal como subo à minha árvore da montanha. Ali fiquei de noite a falar com a lua cheia como se fosse o meu pai, a contar-lhe o que estou a fazer da minha vida; na árvore falo com Deus e lá em cima falo com ele, porque o sinto presente e porque para mim um morto não acaba de morrer de todo, e que diga o que quiser o ateu do costume. E a cem metros desse sítio há outro que é só meu e da Marta: umas pedras de onde se vê a cidade, onde ela e eu fizemos amor numa noite de um verão dos bons. Aquela noite foi linda. Por isso acontece que vou prestar contas ao meu pai a cem metros de onde fui feliz com ela, e as duas coisas convivem lá em cima sem se estorvarem. Eu dei à Marta algumas das noites mais bonitas que ela teve, e imagino que as tenha querido esquecer, porque é o que se faz quando a mesma pessoa te deu também o pior. Eu não as esqueci. E não as guardo com ódio, nem já com nostalgia: recordo-as com o amor que lhes corresponde, que não é o mesmo. Hoje tenho uma coisa mais verdadeira, menos impulsiva e muito mais madura, e é precisamente por isso que posso escrever isto sem que me trema a mão. Subo, falo com a lua, que é a única que responde, e desço. O meu pai continua ali. A Marta, não.

Capítulo 24 • A consulta

A Marta entrou comigo na consulta da psiquiatra de serviço. Isso tem de se dizer primeiro, porque é o que tornou possível tudo o resto: em vinte anos de doença sem nome, aquela foi a única vez que o sistema abriu a porta sozinho. Ninguém teve de telefonar a ninguém. Um homem a delirar tinha desaparecido com um cão e um carro, os médicos tinham ido buscá-lo a casa, tinham-no sentado à frente de quem o podia internar, e o internamento estava em cima da mesa. Eu não o podia pedir, e não por teimosia: pela falta de consciência da doença que ando a explicar desde a primeira página e pelo pânico herdado que acabei de contar. A minha mãe podia telefonar, e telefonava, e não chegava. Ninguém de fora mete alguém numa ala sem um médico à frente. Naquela noite havia um. E havia uma única pessoa mais naquele gabinete a quem a médica ia perguntar, porque era a que vivia com ele. E perguntou-lhe.

E a Marta disse a frase que mudou o curso das coisas: que ela tomava conta de mim, que não era preciso internar-me. Não sei se o disse porque tinha medo de mim, que pode ser, ou por medo de um internamento; o que é certo é que não sabia o que era um. E eu, por dentro, agradei-lho como se agradece que te tirem de uma prisão. Sem saber que me estava a tirar do único sítio que me podia ter salvado. E nenhum dos dois o podia saber. O que ficou escrito daquela noite encontrei-o anos depois, na lista de antecedentes de outro relatório: uma ida às urgências por alteração do comportamento no domicílio, sem se chegar a concluir diagnósticos, e alta sem diagnóstico, sem tratamento nem recomendação de seguimento. Um homem em pródromo psicótico entrou num hospital e saiu dele sem uma única linha. O sistema fez a sua parte até à porta daquela consulta, e na consulta falou ela, com a melhor vontade do mundo, e o sistema foi dormir descansado.

Agora é preciso contar o que é um internamento, porque ela decidiu naquela noite sobre uma coisa que não conhecia. De um internamento sai-se mais manso do que o rabinho de um bebé, essa é que é a verdade: sai-se completamente medicado e, normalmente, em depressão pós-psicótica; não se sai agressivo

com ninguém. O primeiro que tive, sete semanas depois daquela noite, foi o brando: sem correias, e ainda assim com a porta que se fecha por fora. Os outros não foram isso: o isolamento, os quartos fechados à chave e as correias, que as levei postas duas vezes. E agora é preciso juntá-lo com a outra coisa, porque as duas são verdade ao mesmo tempo. Um internamento é horrível. E um internamento é o que me salvou a vida naquele inverno. O horrível não é um argumento para não o fazer: é a razão pela qual há que fazê-lo o quanto antes, enquanto ainda chega o pequeno. Naquela noite havia um pequeno em cima da mesa. E não se fez. Uma revisão de há vinte anos, que juntou milhares de doentes de primeiro episódio, mediu o que o tempo faz nestas coisas: quanto mais uma psicose demora a ser tratada, piores são os sintomas e o funcionamento meio ano e um ano depois, e menos provável é a remissão. Com aquela frase a psicose saiu do hospital e voltou ao quarto de doze metros, e ali continuou mais sete semanas, por tratar.

E repito-o aqui porque é onde mais falta faz: nunca fui um perigo nem para ela nem para o cão. Nem naquela noite nem em nenhuma outra. Em cinco internamentos não tenho uma única conduta de dano físico a alguém: nem a ela, nem ao Toby, nem aos polícias que anos depois me tiraram amarrado de duas casas e de um hotel. Naquela noite o único que estava em perigo era eu.

E agora, com o diagnóstico posto, com cinco internamentos em cima e com os papéis à frente, tenho de olhar para aquela decisão dela inteira e a frio. Não para lha cobrar. Para saber o que foi, porque levo anos a ouvir duas versões, a dela e a minha, e as duas são mentira: a dela, que tentou tudo e não havia nada a fazer; a minha, que me abandonou porque me puseram doente e já está. Vamos olhar para aquilo como se olha para um caso.

Primeiro, o que ela sabia. E aqui não cabe a piedade de dizer que não sabia nada. Dois anos antes tinha-me escrito que me fosse embora com a que quase me tinha metido num manicómio. Aquela frase escreveu-a ela. Nesse mesmo outono de dois anos antes falava comigo da medicação que me tinham posto, porque eu vinha de duas urgências por sintomas psicóticos e de um antipsicótico que abandonei ao fim de um mês. E uns meses depois desta consulta, a falar daquele inverno, di-lo-ia ela própria com uma precisão que já alguns relatórios queriam: eu sei que tu não estavas ali. Aquela não é a frase de uma mulher que não sabia. É a frase de uma mulher que o estava a ver e que não tinha onde o meter. Trabalhava num lugar dos de baixo num hospital, com turnos impossíveis. Sabia perfeitamente o que era uma bata.

Segundo, o que não sabia, com a mesma exatidão. Não tinha o nome. E não o tinha porque não lho deu ninguém, e isso não é uma falha moral dela: é a falha de um sistema inteiro que larga um homem das urgências sem diagnóstico e sem seguimento. Já disse que em mais de quatro anos de mensagens a palavra bipolar não aparece uma única vez. Nas mensagens dela daquele outono, desde a mudança para a aldeia até ao dia em que se foi embora, as palavras médico, hospital, internamento ou ajuda não aparecem referidas a mim uma única vez. O que há é que eu não fosse comprar, que se eu tinha comprado mais cerveja, que voltasse para casa. A única ida ao médico daqueles três meses que há na conversa é a dela, por causa do estômago. É o que fazem duas pessoas sem diagnóstico com um problema que não sabem nomear: administram-no com o calendário. E o calendário não cura.

Terceiro, o que fez com o que sabia, que é disso que tudo isto trata. Cinco dias depois de dizer a uma médica que tomava conta de mim, escreveu-me à noite que tinha as coisas preparadas, mas que não podia ir-se embora assim, e que lamentava. Eu respondi com um ponto de interrogação. Ela, que nada mais. Eu disto não me lembro. Nem da frase, nem do momento, nem da cara dela: a minha cabeça, em pleno surto, não o fixou, e tive de o reconstruir a ler as mensagens dela, anos depois. Naqueles dias veio ver-me o meu irmão Gabriel, e isso não está em conversa nenhuma, porque se falou na cozinha. A minha irmã tinha vindo ao sítio onde o meu pai morreu à minha procura; a minha mãe entrava e saía; o meu irmão plantou-se ali depois. Toda a minha família viu o que havia. Nenhum deles podia assinar um internamento. A única que podia estar naquela consulta já lá tinha estado, e já tinha dito que não.

E aqui está o que levo anos sem conseguir arrumar e hoje arrumo. Durante muito tempo escrevi que ninguém tem o dever de ficar, e em geral é verdade: a ninguém se pode exigir que acompanhe uma doença como esta. Mas com ela essa frase cai-me sozinha, e cai-me por um sítio muito concreto. O dever não lho ponho eu a partir da moral: pô-lo ela, em voz alta e à frente de uma médica que estava prestes a internar-me. Aquilo já não é acompanhar alguém porque se gosta dele, que não se deve a ninguém. Aquilo é encarregar-se de um tratamento. E um tratamento aceite diante de um médico obriga a uma coisa muito pequena, que não é ficar a vida inteira: obriga a devolvê-lo se a pessoa não conseguir. Telefonar para a consulta. Dizê-lo à minha mãe, que foi quem ficou com o homem de que ela se tinha encarregado. Ela não o devolveu. Deixou-o em cima da mesa daquela cozinha, com as malas feitas cinco dias depois da frase e cator-

ze dias depois, numa estação, que foi o que durou o encargo. E um tratamento que se aceita diante de um médico e se abandona sem avisar não é o mesmo que nunca o aceitar: é pior, porque fecha a porta e ainda apaga a luz por cima. Que se tenha ido embora é dela, e era legítimo, e não precisa de enfeite: estava só pele e osso, sem dormir, com um homem a delirar a um metro. Isso reconheço-lho inteiro. O que ela me pedia naquelas semanas era que eu mudasse, que se aquilo continuasse assim ia-se embora. Visto do lado dela é a coisa mais razoável do mundo. Visto de dentro da minha cabeça é isto: estava a pedir a um homem em pródromo psicótico, sem diagnóstico e sem tratamento, que fizesse com a vontade o que só se faz com um internamento, cinco dias depois de ter impedido esse internamento. Um cérebro naquele ponto não muda porque lho peçam. O que ela esperava não era uma mudança: era um milagre. E veio a única coisa que podia vir, que era mais psicose.

E já que um ano depois escreveria que tinha tentado tudo, é preciso dizer o que é tudo, porque está publicado há vinte anos e nenhuma das suas linhas diz pedir ao doente que ponha da parte dele: ensinar a doença ao doente e à família, o que divide as recaídas ao meio, e na mania aguda um antipsicótico e, se houver risco, um internamento. Que é exatamente o que fizeram sete semanas depois uns desconhecidos de farda. E funcionou à primeira. Ou seja, que havia mesmo um tudo por tentar. Estava escrito, e ela trabalhava no sítio onde isso se faz. O que se tentou foi o que não podia funcionar, e quando não funcionou a conclusão foi que o doente não queria. Tentámos tudo é o que dizem as famílias no corredor de um hospital quando lhes morreu alguém, e dizem-no depois de terem ficado até ao fim.

E há um dado que ninguém pôs em cima da mesa: quando ela se foi embora, eu estava a melhorar em tudo o que se podia ver. As drogas duras acabadas, a pornografia acabada, uma renda vista e umas alianças vistas. A única coisa que ia a pior era justamente o que não se vê.

De tudo aquilo, a única coisa que de verdade me continua a doer não é a mala, nem a estação, nem o cão, nem o silêncio de depois. É a frase da consulta. Porque de tudo o que se disse naqueles meses, essa é a única que mudou o curso de uma doença. O resto foram duas pessoas a fazerem mal uma à outra sem saberem o que tinham à frente. Aquilo foi outra coisa: foi uma mulher saudável, com formação na área da saúde, a falar por um doente diante da única médica que o teve a jeito em vinte anos, e a dizer que não era preciso. E depois ir-se embora. As duas coisas, em catorze dias. Fez exatamente o contrário do que ha-

via a fazer, e fê-lo gostando de mim. As duas coisas são verdade. O caminho inteiro, desde o carro carregado de haxixe até ao comprimido e meio de cada manhã, passa por aquela consulta. Ela estava mesmo a meio: na noite em que esse caminho se podia ter encurtado cinco anos e não se encurtou.

Capítulo 25 · Um domingo de inverno

Ficou mais nove dias com a mala feita, e esses nove dias estão no telefone, e não são o que uma pessoa imagina de uma mulher que se vai embora. São logística do cão (se saiu, se comeu, se há maçãs no frigorífico, se a caminha está molhada por baixo) e são, sobretudo, uma paciência que hoje me custa ler. Numa daquelas tardes pediu-me que fizesse a cama e mandou-me ver se a caminha do cão estava molhada, e eu respondi-lhe mostrando-lhe os vídeos que estava a montar, e ela disse-me que estavam fixes. E ao cair da tarde escrevi-lhe que se estávamos de volta, ou quê.

—De volta o quê? Não percebo.

—Tu e eu. Outra vez bem.

—Sim. Não achas?

—Acho. Acho que sim.

Isto é um homem em pródromo psicótico a perguntar a uma mulher que há dias tem a bagagem preparada se estão outra vez bem, e a mulher a responder-lhe que sim, e o homem a acreditar nela. E ela não me mentia, ou não de todo: estava a ficar, e enquanto ficava aquilo era verdade. E eu não a estava a enganar a ela: estava a enganar-me a mim, que é o que faz um cérebro sem consciência da doença com o único instrumento de medida que lhe resta, que é a cara da pessoa que tem à frente. A cara marcava normal. A mala, não, mas a mala estava no armário.

E na última noite, já a roçar a meia-noite, perguntei-lhe do computador como iam os meus amores. Ela respondeu a perguntar a que amores é que eu me referia; que o cão estava a dormir, que ela tinha acabado de jantar e estava bem, e que eu como estava. Passada a meia-noite, um emoji pensativo. E de madrugada, três mensagens seguidas, que são as últimas daquele ano e as últimas daquela vida: que ia tentar dormir. Que me corresse bem o que quer que fosse que eu estivesse a fazer. E um beijo. O que quer que fosse que eu estivesse a fazer era montar vídeos sobre as canções dela a um metro da cama dela. Com aquela frase, e com aquele beijo, fechou-se um arquivo de quatro anos e meio, e demorei

anos a perceber que não se fechou por falta de carinho. Fechou-se porque umas semanas depois me roubaram o telemóvel.

E é preciso apresentar a Lidia, porque circulou durante anos uma versão em que ela chega antes. Depois da noite das urgências estive cinco dias sem telemóvel e sem rasto, e nesses cinco dias alguém de um grupo de filosofia da internet, a quem tinham contado o do número da escola, escreveu-me duas mensagens. Apresentou-se a dizer que eu não a conhecia mas que ela a mim sim, por referências; que se chamava Lidia, que era do grupo, e que tinha vontade de me perguntar se eu ia voltar, se não era indiscrição, e que se era, a pergunta já estava feita. E logo a seguir, que tinha ficado intrigada por me conhecer. Demorei quatro dias a responder-lhe. Mande-lhe um link, três versos de um poema e uma condição: que quando ela quisesse nos conhecíamos, mas fora do grupo, porque eu não aceito fazer parte de clubes que me aceitem como membro. Ou seja, que no dia em que a Marta tinha as malas feitas, a Lidia era um nome que me tinha escrito duas mensagens e a quem eu ainda não tinha respondido a nenhuma. O que houve nas semanas seguintes foram duas pessoas a discutir por escrito, de madrugada, se a cultura é amiga ou inimiga do indivíduo, se a origem remete sempre para o nobre e que ideologias obscuras se escondem por baixo da nossa. Numa madrugada ela propôs que fôssemos falando dos temas que nos interessavam e víssemos o que se podia fazer com aquilo, e eu respondi dezassete minutos depois que de acordo, que queria. Era isso a Lidia. Com a Marta já não conseguia falar de nada sem que aquilo se transformasse num delírio, e aquela mulher falava-me de Nietzsche.

Naquele domingo a cidade estava tomada por gente vinda de fora para um jogo, com as ruas cheias de camisolas de duas cores que ali não eram de ninguém, e até os bares tinham mudado de língua por um dia. Eu ia pelo meio daquilo tudo com uma canção às voltas na cabeça, a que ela me tinha mandado pouco depois de subirmos para a aldeia, a última da cantora preferida dela, a quem eu tinha levado de mota a um concerto. Era sobre uma mulher que tira a máscara a um homem que mente. Ela estava obcecada com aquela canção e com o que significava. Eu também a ouvia, e não fazia a mínima ideia de que falava de mim.

A Lidia veio à aldeia naquele domingo. Tomámos um café. Passeámos o Toby juntos, e depois levei-a de mota a Barcelona, com frio. E é preciso dizer o que era aquela mulher para mim naquele dia, porque a Marta foi-se embora a acreditar numa coisa e era outra: era uma amiga nova com quem falava de filo-

sofia, e aquele café não levava intenção nenhuma por trás. Nem um beijo, nem um plano, nem nada. Transformou-se no que se transformou semanas mais tarde, quando a Marta já não estava e eu encadeei sem um único dia de luto, porque não sabia estar sozinho com o que me estava a acontecer, e disso falo quando for altura. No dia da mala, a Lidia era exatamente isso: uma conversa sobre cultura e uma volta de mota com frio.

Quando voltei à aldeia, a Marta tinha-se ido embora. Não tinha dito nada. Tinha levado o que lhe cabia nas malas e tinha partido com o Toby. A minha mãe tinha-a levado à estação, a apanhar o comboio de Barcelona. Não houve despedida: só o quarto meio esvaziado e a ausência do cão. O que a minha mãe lhe contou naquela tarde, o café e a mota, não mudou uma decisão, porque a decisão estava havia nove dias no armário. Pôs-lhe data. E durante muito tempo odiei a minha mãe por ter escolhido o lado errado no pior momento da minha vida, e hoje sei que não escolheu lado nenhum: levou uma mulher só pele e osso a uma estação, e depois ficou com o que restava naquele quarto, que era eu.

E agora a canção, porque percebo o que ela fez com aquilo, e isto é uma leitura e não uma censura. Era uma canção de protesto em que uma mulher se liberta de um homem que mente, e ela viu ali o que tinha em casa. Só que o que tinha em casa não era um mentiroso: era um doente sem diagnóstico a ver alianças, e já disse o que era a outra coisa. Confundi libertar-se de um mentiroso com deixar um doente. E acho que no fundo nunca se perdoou por isso, e que foi por isso que depois foi preciso alguém que virasse tudo do avesso com palavras novas, e disso também falo quando chegar a altura.

E àquele cão é preciso dar-lhe o tamanho que tinha, porque até aqui escrevi-o como se fosse uma linha da mudança e não era. O Toby era o meu primeiro cão. Eu adorava-o. E não era só um cão: era o projeto que a Marta e eu tínhamos começado juntos, a única coisa de todo aquele ano que estávamos a construir para durar. Que mo arrancassem das mãos no pior momento da minha vida, somado a perdê-la a ela, que era o pior de tudo, não foi um desgosto. Foi o que me levou direito à loucura. E isto tem explicação, para que não pareça sentimentalismo com um cão. A vinculação a um animal funciona com o mesmo sistema que a vinculação às pessoas: foi medido, com a mesma teoria da vinculação na mão que explica o do sítio do meu pai, e dá que um cão é uma figura de vinculação em toda a regra, com a sua base segura, o seu refúgio e o seu protesto quando ela se vai. E um cão é, além disso, um relógio. É preciso tirá-lo às

horas dele, chova ou não, tenha-se a cabeça como se tiver. Ela própria me tinha escrito dois dias antes que o levasse à rua se ainda não tínhamos saído. Aquilo, num cérebro que já não dormia, era o último ponteiro que se mexia.

Porque já contei o do relógio frágil desta doença, e o que o mantém certo não está lá dentro: está fora. Está nas rotinas, na hora de se levantar, de comer, de ver alguém, de tirar o cão, e a essas rotinas, com uma palavra alemã, chamam-se dadoras de tempo. Os episódios dispararam-se quando esses ponteiros se soltaram de repente, e a maneira mais rápida de os soltar todos ao mesmo tempo é perder uma pessoa, porque uma pessoa leva consigo a hora do jantar, a hora de deitar e a conversa da noite. O meu cérebro perdeu, na mesma tarde, duas figuras de vinculação e o último horário que lhe restava. O chip estava em nome dela, e isso consta. O efeito de o cão se ir embora não depende disso. Um cérebro em pródromo que fica sem companhia, sem cão e sem horário no mesmo dia já não tem onde se agarrar.

Capítulo 26 · A nave

Naquelas semanas eu vivia dentro de uma nave espacial. Literalmente: a minha casa era uma nave que se tinha despenhado num planeta inóspito, a mota era o veículo ligeiro com que podia percorrer a superfície desse planeta, e a superfície estava cheia de seres hostis. Com o veículo saía para ver a Lidia, e pouco mais. E à minha namorada, dentro daquela história, tinham-na levado umas entidades inimigas do mundo desconhecido em que tínhamos caído. Não é uma maneira de falar nem uma metáfora escolhida para escrever este livro. É o que a minha cabeça construiu, a pés juntos e muito a sério, para que fosse suportável que ela se tivesse ido embora. E eu não me lembrava de nada disso: sei-o porque está dito para a câmara no que gravei naqueles dias.

De fora aquilo é um delírio de manual, com o seu cenário de série B. De dentro era outra coisa: era a minha cabeça a levantar uma realidade menos distópica do que a que tinha à vista. Porque façamos o inventário do que eu tinha à vista. A minha companheira, fora. O trabalho, perdido. A dignidade, perdida. Dívidas até ao pescoço. E o cão também não estava, porque o tinha levado ela. Tudo isso, além do mais, estava a acontecer-me sozinho, em casa da minha mãe, alcoolizado e em pleno surto. Perante semelhante panorama um cérebro partido faz a única coisa que sabe fazer: entrega-te uma nave despenhada e um veículo com que te mexeres. Acontece que se vive melhor num planeta inimigo do que num fracasso. O planeta inimigo traz uma missão, um piloto e um enredo; o fracasso traz-te só a ti, sentado num quarto emprestado.

E a clínica sabe perfeitamente porque é que a psicose fabrica sempre um relato. Um psiquiatra deixou-o escrito há vinte anos: no pródromo, a química do cérebro começa a assinalar como importantes coisas que não o são, uma luz, um número, uma notícia, uma coincidência, e quem o está a viver ainda não tem um delírio, tem um mundo que de repente significa demasiado sem que ele saiba o quê. Aquilo não há quem aguentar. O delírio é a explicação que a mente fabrica para pôr ordem nesse excesso, e por isso, quando por fim ganha corpo, não chega como um terror: chega como um alívio, porque por fim encaixa tudo. Esse

material não o inventa do zero, tira-o da despensa de cada um, e na minha havia ficção científica, um curso de História, cabala e a canção do meu pai. A biografia não se apaga numa psicose: usa-se como adereço. E fica uma parte que me põe os cabelos em pé de cada vez que penso nela, e é que no essencial eu não andava enganado. Os anos que vieram demonstraram que o planeta era tão hostil como eu julgava. A única coisa que falhava era a espécie: os seres hostis não eram extraterrestres. Eram conhecidos meus, e não traziam raios laser, traziam queixas e capturas de ecrã.

O que veio depois da mala, ela nunca soube. Bebi muitíssimo mais. Fumei até ficar inconsciente. E convulsionei no chão daquela casa, sozinho, nas noites em que a minha mãe não estava porque ia, assustada, dormir a casa da minha irmã. Podia ter morrido naquelas semanas, e digo-o com a palavra exata: na mota, no chão da minha casa e numa rua do bairro velho. E isso tem uma medida por trás, e não é minha: no ano que se segue a um primeiro episódio psicótico o suicídio multiplica-se por mais de dez, e a qualidade do apoio que se tem nesse troço prevê menos sintomas e menos internamentos anos depois. Não falo de dever. Falo do efeito que tem a cadeira vazia nesse troço exato, e que o levei eu inteiro. Só uma coisa conseguiu estabilizar-me, e o suficiente para chegar vivo ao internamento: a Lídia. Com isso basta para que eu esteja a escrever isto.

A Marta voltou ao fim de duas semanas para levar o que lhe restava ali. Antes de se ir embora de vez deu-me um abraço, e eu recebi-o sem acabar de perceber o que estava a acontecer. Do que falámos não me resta uma única frase. Não conservo essa conversa em parte nenhuma da cabeça: o surto estava a encarrregar-se de tudo o que não se podia sustentar de outra maneira. A única coisa que sei de certeza é que tinha a webcam a gravar, porque na altura gravava qualquer coisa a qualquer hora, e que a despedida ficou dentro de um disco rígido que já não existe. daquelas duas semanas sei uma coisa que me dói saber: que lhe disse barbaridades, bêbedo e psicótico, nalgum momento que sou incapaz de situar. Ela lembra-se de palavras que eu nem sequer sei que pronunciei, e isso é mais injusto para ela do que para mim, porque a mim resta-me o nevoeiro e a ela ficaram-lhe as palavras. Pedi-lhe perdão por aquilo muitos anos depois, e concedeu-mo. Deixo-o aqui escrito e mais nada.

Da consoada ficou registo, e oxalá não tivesse ficado. Naquele ano nem a minha irmã nem o meu cunhado me queriam perto dos meus sobrinhos, por isso o jantar foi a minha mãe e eu, os dois sozinhos à mesa, e a mim não me ocorreu nada melhor do que pôr-me a contar-lhe um crime célebre de quando eu era

miúdo, com todos os pormenores. Na noite de Natal. À minha mãe, que levava semanas a ver como se lhe ia o filho, e que vai ficar a saber ao ler isto que por então eu nem sequer era capaz de calcular o dano que faz uma conversa. Ao acabar o jantar fui-me embora com os meus, bebi que nem um cossaco e voltei a conduzir de madrugada pela estrada que sobe à aldeia, bêbedo perdido. Naquela noite podia ter-me matado ou ter matado alguém, e essa é a espécie de sorte de que ninguém se lembra quando faz a lista do que lhe fizeram. A passagem de ano tínhamos combinado passá-la juntos, a Marta e eu, e não pôde ser porque ela levava semanas adoentada, a encadear constipações. Passei-a fechado em casa, a beber sozinho e com vontade de morrer, e nessa mesma noite instalei pela primeira vez uma aplicação de mensagens com grupos abertos e dediquei-me a despejar delírios lá dentro. Foi a estreia da pior rede social da minha vida, a que mais dano me fez, e onde nessas mesmas noites conheci um dos meus melhores amigos.

E nisto a minha mãe tomou uma decisão que suponho que a ela lhe pareceu protetora: fechar-me no apartamento a sete chaves durante três dias. Sem aquecimento, sem luz, sem internet, com o inverno do Montseny lá fora. Lembro-me de me meter debaixo do chuveiro e de a água sair gelada, e de nem sequer tentar aquecê-la, porque tinha a sensação de que aquele castigo era precisamente o que me correspondia por ter destruído tudo. A comer mal. Sem dormir. E com uma coisa cá dentro que já não era um zumbido, mas a certeza total de que tudo tinha um sentido que mais ninguém era capaz de ver: a morte do meu pai, o lítio, o desabamento daquele ano, a Marta, a Raquel, tudo a formar um desenho cósmico que por fim se deixava ler e que ainda por cima me parecia de uma elegância enorme. No apartamento tinha ficado um portátil com alguma bateria e pus-me a gravar-me. Esses vídeos não sou capaz de os ver: abro-os e ao fim de poucos segundos fecho-os, porque ver-me assim descompensa-me. Passei-os por uma ferramenta de transcrição e li-os. E ali está a nave. Ali digo que a nave continua colidida, que não há maneira de conseguir energia, que me cortaram todos os abastecimentos mas me deixaram um aquecedor a gás e um cobertor, e que está um frio do caraças, irmãos. Ali digo que me vou deitar um bocado e que depois, se calhar, pego no veículo e chego-me ao planeta inexplorado. Ali proclamo-me, tudo seguido e sem tomar fôlego, idiota, cristão, judeu, autista, profeta e Messias de todos vós, amigos da alma. E ali, em pleno descarrilamento, aparece o meu pai pela porta de uma canção dele, das de que gostava. O que eu vejo ao ler aquilo é isto. Que aquele homem está sozinho: fala com uma câ-

mara porque não lhe resta ninguém com quem falar. Que aquele homem não está a passar mal: sente-se fenomenal, lícido, generoso, eleito e até com graça, enquanto se congela às escuras num apartamento vazio a raspar o que restava na despensa. E que quem está ali dentro sou eu. Não um desconhecido. Eu, com o meu curso, com as minhas piadas, com a canção do meu pai, com a minha maneira de falar, com tudo o que é meu em plena potência e sem ninguém ao volante.

Numa daquelas noites deu-me para me perder na cidade. Estive a beber de bar em bar até apanhar uma bebedeira de campeonato e acabei no bairro velho, e ali alguém de quem nunca soube nada fez-me uma gravata por trás e deixou-me estendido no chão e sem telemóvel. Dentro daquele telefone, sem cópia de segurança em parte nenhuma, estava tudo o que a Marta e eu tínhamos escrito um ao outro desde aquele último beijo de madrugada: tudo o que dissemos entre a mala e aquela noite foi-se embora com o aparelho. O nosso arquivo não se cortou porque o carinho se tivesse acabado. Cortou-se porque a um homem lhe roubaram o telemóvel numa rua. Morto de medo, fui pedir abrigo a casa de quem me trazia as drogas, que eu tinha por amigo. Aquela gente não é amiga de ninguém: aprendi-o a tocar à campainha como um desesperado e a receber um silêncio absoluto do outro lado. Fiquei um bocado sentado à porta dele e depois enfiei a pé até à estação à procura de um táxi que me subisse à aldeia, a uma hora larga de estrada. Não trazia um euro em cima. E em vez de pedir o dinheiro à minha mãe, como fiz com o da corrida, mandei parar o táxi umas ruas antes de casa e desatei a correr. O taxista apanhou-me em duas passadas, e eu, bloqueado, dei-lhe a única coisa que trazia em cima: o blusão da mota, que me tinha sido oferecido pela família. Enquanto tudo aquilo acontecia, e isto soube-o anos mais tarde a ler o arquivo dela, a Lidia estava acordada: perguntava se eu já ia no táxi, se teria ficado sem bateria, dizia que estava a passar mal por minha causa e que não sabia que mais fazer, e de madrugada, que não conseguia dormir a pensar em como é que eu estaria, que oxalá não me tivessem roubado nada, e que ia vir buscar-me. Uma mulher que me conhecia havia seis semanas.

Subi as escadas de casa da minha mãe e encontrei uma mãe que naquela noite já não tinha consolo nenhum para me dar. Transbordado, ameacei-a de morte na cara dela e fui para a cama dormir. Escrevo-o com essas palavras porque são as que constam. Do que faz um cérebro naquele estado não se responde como se responde por uma decisão; pelo dano, que foi real, sim. Dez minutos depois ha-

via dois agentes dentro do quarto. É assim que acaba a parte deste livro que leva o nome de Marta: com a polícia no quarto de doze metros onde ela tinha dormido, e com o homem que eu era então, que não era eu, a caminho da sua primeira ala.

Parte IV • O NOME

Capítulo 27 · A primeira ala

Nessa mesma noite dei entrada pelas urgências numa clínica convencionada pequena, e ali fiquei onze dias. Antes de continuar convém desmontar uma expectativa, porque eu entrei com ela posta: não houve correias. Não me amarrou ninguém. Uma ala pequena, um corredor curto, medicação, sono e perguntas. O espanto veio por outro lado, mais calado e mais fino: a porta que se fecha de fora, e dares conta aos trinta e três anos de que podes acabar num sítio assim sem perceber como é que lá chegaste. Ali o que houve foram estreias. O primeiro pijama de doente. O primeiro comprimido para dormir distribuído num carrinho. A primeira noite a ouvir um desconhecido a chorar do outro lado da parede. E não resisti. Em toda a minha vida nunca resisti fisicamente a nenhum internamento, e isso também está escrito nalgum lado: tiraram-me de casas e tiraram-me de um hotel, e fui sempre, com uma docilidade que dá nas vistas se se souber em que estados é que eu andava de verdade.

E é preciso explicar o que significava para mim aquela porta fechada. Um internamento, na minha cabeça, era o meu pai do outro lado de um vidro. Pois naquela primeira noite, com o pijama vestido e o comprimido a fazer efeito, percebi uma coisa de que ninguém me tinha avisado e que de fora não há maneira de contar: que por uma vez na vida quem estava do outro lado do vidro era eu. Que o dos olhos idos era eu. E que na fila, outra vez, tinha ficado a minha mãe. O que senti não foi medo. Foi reconhecer o sítio.

Meteram-me num quarto e apareceu a psiquiatra que estava de serviço com o questionário e o caderno dela. Fez o que havia a fazer e apontou o que havia a apontar, e de diagnóstico firme nada, porque onze dias de urgência não dão para um trabalho que pede semanas. Por escrito ficou uma perturbação psicótica atribuída aos tóxicos, e atrás, anotada como quem deixa uma porta entreaberta, a possibilidade de haver outra coisa por baixo, a avaliar com o tempo. Vim-me dali com uma medicação provisória, com um papel que dizia que continuasse no centro de saúde, com o medo metido no corpo, sem mapa e, sobretudo, sem uma palavra que desse nome ao que me estava a acontecer.

Naquela ala aconteceu além disso o que mais me custou digerir de todo aquele inverno, e conto-o tal e qual se via da cama. Veio a Lidia. Uma mulher que eu conhecia havia seis semanas, com quem tinha tomado um café e discutido Nietzsche de madrugada, e que na noite do assalto tinha ficado em claro a perguntar se eu já ia no táxi. Não ficou à porta: entrou, abraçou-me, beijou-me, esteve ali a cem por cento comigo, e instalou-se na cadeira ao lado da cama com mudas de roupa lavada, um nécessaire e um carregador. A cadeira da Marta. E eu olhava para ela da cama, fechado e medicado, sem ser capaz de perceber por que é que quem estava sentada ali não era ela. Tinha à minha frente uma desconhecida absoluta a preocupar-se comigo, a trazer-me roupa interior e carregadores a uma ala de psiquiatria, enquanto a namorada de toda a minha vida não telefonava. No mês do meu primeiro internamento, a mulher com quem tinha vivido quatro anos e meio não aparece no meu telefone a não ser porque apareço eu: uns dias depois da alta mandei-lhe o link de um vídeo do canal. Não respondeu. À Raquel mandei outros dois e também não. Foi esse o mês completo: um tipo acabado de sair de uma ala fechada a mandar às duas mulheres com quem tinha destruído o mundo no ano anterior os vídeos de um canal que a ele lhe parecia a obra da sua vida. E não vou escrever aqui que a Marta se estivesse a livrar de alguma coisa, porque não era verdade: eu não representava perigo nenhum para ela, estava doente, e pela primeira vez em toda a relação precisava dela a sério. Aquilo foi absurdo, horrível e dolorosíssimo, dessas coisas que não entram na cabeça e que a cabeça guarda inteiras porque não sabe onde as pôr. Continuam ali.

Na noite em que saí, a Lidia não me perguntou onde é que eu tinha estado. O que me escreveu foi que tinha posto o meu vídeo, o do que é a filosofia, e já de madrugada, que tinha levado as menções muito a peito e que mas agradecia. Ou seja, que com um dia escasso fora de uma ala fechada os dois tínhamos voltado a meter-nos no canal. E uns dias mais tarde, ainda descompensado, contei-lhe numa tarde o do ouro: que a minha mãe tinha ido verificar se continuava guardado onde eu lhe tinha dito, porque de mim já não se fiava, e que por sorte eu tinha os ativos bem repartidos e guardava sempre algum ás na manga. Já agora falei de cartas que reservava para mim e de oferecer a uma pessoa, pelos anos dela, uma sweatshirt de kevlar. Um homem acabado de sair, com a mania inteira a funcionar por baixo da medicação, a falar do seu ouro. E o que ela fez com aquilo não foi discutir comigo nem assustar-se. Respondeu-me que era preciso dar-lhes tempo para voltarem a aprender a confiar, e logo a seguir, com toda a

naturalidade do mundo, contou-me que dias é que tinha aulas naquela semana e perguntou-me se me apetecia encontrarmo-nos na quarta-feira para dar um passeio. Era esse o método dela, e não o tinha tirado de livro nenhum: não levar o contra ao delírio, e pôr-lhe uma quarta-feira ao lado.

E no outro arquivo, o da minha mãe, que daquele mês guarda quatro mensagens contadas, está a outra maneira de cuidar. A mensagem mais antiga que sobrevive é de três dias depois da alta e vem com três perguntas lá dentro: como é que eu ando, se corre tudo bem, quando é que tenciono voltar. Um quarto de hora mais tarde chega a quarta, que é se a mota já está recolhida. No dia seguinte quer saber se vou aparecer lá por casa. E no outro aparece a fórmula que me ia repetir todas as noites durante sete anos: que muito bem, que não me esqueça do comprimido, que descanse, até amanhã. Duas vozes, duas maneiras de cuidar, e uma diferença entre elas que demorei sete anos a distinguir. Uma procurava-me de madrugada. A outra apontava o comprimido e sentava-se à espera de que o médico saísse pela porta. As duas estavam a cuidar de mim; o que mudava era o motor, porque uma ia com a intensidade de quem está apaixonada e apavorada ao mesmo tempo, e a outra com aquela paciência de guiché de quem já viu o filme em sua própria casa e sabe de sobra que isto dura anos. E daqueles dias fica-me além do mais um conselho que não segui e que, com o que veio a seguir, foi o melhor que recebi em todo aquele ano. Estando a família inteira em cima a tomar decisões por mim, a Lidia sugeriu-me que me adiantasse e procurasse eu próprio um terapeuta: um psiquiatra não, alguém neutro, e escolhido por mim. Neutro, e escolhido por mim. Justamente o que me faltou nos cinco anos seguintes. Pô-lo em duas linhas uma rapariga de vinte e poucos anos e eu deixei passar.

As correias, que era o que eu esperava encontrar ao entrar, chegaram mais tarde: duas vezes em cinco internamentos, e a primeira ainda demorou mais de um ano a chegar. Quando chegarem contam-se inteiras, com a hora e com o que se sente, porque é a única coisa que este livro prometeu em voz alta.

Há, em contrapartida, uma sequela pequena que aquela ala sem correias me deixou, e conto-a porque não conheço melhor exemplo de como um corpo aprende. Existe uma sequência que sei de cor e que vai sempre pela mesma ordem: primeiro o veículo com as luzes, depois a salinha, depois a roupa que te tiram, depois a porta que se fecha de fora e, em duas ocasiões, as correias. Repetida cinco vezes, aquela cadeia ficou gravada no meu sistema nervoso, que hoje não precisa da cadeia inteira: basta-lhe ver o primeiro elo e já monta o alarme

completo, e não me consulta. Por isso, quando vejo passar uma ambulância, dou um salto. E não é uma maneira de falar: atravessa a rua uma ambulância, ou toca uma sirene três quarteirões mais adiante, e antes de eu ter tempo de pensar seja o que for já me deu o aperto no peito. Antes daquele inverno aqueles veículos não me faziam nada; eram carros com luzes e pressa. Depois deixaram de o ser, porque para mim uma ambulância já não significa que estejam a ajudar alguém. Tudo isto tem o seu nome, e o nome não é ter-se tornado um histórico: chama-se lembrete traumático, e o salto não é um exagero do corpo, é exatamente o trabalho para o qual aquele mecanismo existe. O inconveniente é que a mim calibraram-mo com um objeto que numa cidade grande desfila debaixo da tua janela de vinte em vinte minutos. E de toda a cadeia há uma coisa que me parece profundamente injusta: o único elo que nunca foi hostil é precisamente esse. Os que iam lá dentro estavam a fazer o trabalho deles, quase sempre faziam-no bem, e algum me falou com uma decência de que ainda me lembro. O que se passa é que o corpo não separa quem te leva do sítio para onde te levam. Sete anos mais tarde continuo a dar o salto. Ao lado do resto é uma tolice, bem sei. Também é o lembrete diário, gratuito e pontual de que aquilo aconteceu e de que continua arquivado num sítio aonde eu não chego.

Na altura não tinha com que comparar, mas aquilo era o encerro na sua versão suave: um centro pequeno, sem gritos ao fundo, com a chave dada e pouco mais. Em menos de um mês ia conhecer a outra versão, a a sério. E é por isso que, quando me perguntam de onde é que me vem o pânico de me internarem, nunca conto esta ala. Conto as seguintes.

Capítulo 28 · O nome

Saí da clínica e voltei para casa da minha mãe, e a minha cabeça continuou com o que era dela: dormir pouco e mal, as ideias que arrancavam e não fechavam, o mundo ligeiramente corrido do lugar. Aquela alta não tinha curado nada, tinha contido. E das semanas que vieram a seguir fica o arquivo da minha mãe, onde com quatro mensagens se vê inteiro o que vinha a caminho. Primeiro, a pergunta do costume dela: se eu trazia os comprimidos comigo. Eu mandei-lhe uma fotografia e ela devolveu-me um muito bem, querido, e uns beijos. No outro dia lembrou-se de me propor que fosse tratar do registo de morada e que já agora deixasse o comprovativo no centro de saúde. Teve de me perguntar duas vezes, porque à primeira respondi-lhe com um ahã e a ela um ahã não lhe servia: que o que é que aquilo queria dizer, se sim ou se não. E a minha resposta retrata o mês de fio a pavio: que queria dizer amanhã, que naquele dia tinha muitíssimo trabalho, que um canal de vídeos não se lança a tratar de papelada. Três minutos depois, com o aprumo de um diretor de marketing, acrescentei-lhe o dado técnico: que às segundas-feiras, vai-se lá saber porquê, é quando as pessoas veem mais vídeos, e que eu atribuía aquilo à seca do trabalho e ao regresso do fim de semana. A minha mãe pedia-me que passasse pelo centro de saúde. Eu respondi-lhe com audiências.

E depois está a outra série de mensagens, que é a que de verdade põe data ao surto, porque são as que uma mãe escreve a um filho que dorme na casa dela, a duas paredes de distância. Ao princípio, com educação: que se eu podia baixar o volume, por favor, obrigada. Uns dias mais tarde, o mesmo. Numa madrugada, outra vez o mesmo. Nessa noite telefonou-me ainda por cima, eu não atendi, e passada a meia-noite acabou-se-lhe a educação de repente: que baixasse o volume e me fosse dormir de uma puta vez. Eu respondi-lhe okii. Voltou a telefonar. E pouco depois, outra vez por escrito, que fizesse o favor de deixar de arrastar a cadeira e de não incomodar mais. Ali está uma mulher de idade a suplicar ao filho, de madrugada, que não arraste uma cadeira. Aquilo não é uma cena doméstica de mau ambiente. É um pródromo maníaco com auto lavado

por escrito, e pela única pessoa que estava dentro da casa. Dia e meio depois da mensagem da cadeira, eu mandava-lhe a ela e mandava à Lidia exatamente a mesma frase: que me obrigavam a internar-me.

Voltou a haver discussão com a minha mãe, e voltou a escalar até onde já não se pode escalar. Outra vez a polícia à porta, outra vez os médicos e outra vez o sim ou sim: vens connosco ou vens connosco. Também dessa vez não resisti. Daquela manhã o arquivo guarda as duas pontas do fio. Do meu lado: que me obrigam a internar-me; um minuto mais tarde, que não sei se isso é legal; sete minutos mais tarde, que quando leres isto já não terei bateria, e atrás um adoro-te. Do lado da minha mãe, no mesmo minuto: que ela ainda não conseguiu falar com o médico. E do da Lidia, a meio da manhã: que já vê que fiquei sem bateria, que vai telefonar à minha irmã para que me leve um carregador; e ao meio-dia, que gosta de mim, que muita força, e que na tarde seguinte me leva o nécessaire de emergência para onde me transferirem. Para onde me transferirem. Uma mulher que me conhecia havia nove semanas preparava um nécessaire para uma ala de psiquiatria cujo nome ainda nenhum dos dois sabia, e depois entrou ali, tal como tinha entrado na primeira, para me abraçar e sentar-se na cadeira. À Marta a notícia chegou-lhe pela minha irmã. E durante anos eu contei que me tinham internado por gritar, até que a minha irmã mo desmontou numa linha, muito tempo depois: que aquilo não veio por causa de uns gritos, veio atrás de muitos outros sintomas que se arrastavam havia meses. Tem razão. Contá-lo como um internamento por gritar vinha-me às mil maravilhas, porque assim ficava desproporcionado e eu ficava inocente. E era mentira. Fui internado pelo que andava havia meses a acontecer e que ninguém, a começar por mim próprio, soube chamar pelo nome a tempo.

Desta vez foi no público, no hospital do norte, que era o mesmo onde anos antes tinha passado três dias entre os cuidados intensivos e a medicina interna sem que ninguém ligasse uma ponta à outra. E desta vez não era a versão amável. Corredores de linóleo, e umas janelas que davam para o pátio interior: graxilha em baixo e a parede da ala da frente à frente. Nem uma planta, nem um jardim, nem um sítio aonde sair para apanhar ar. Um espaço que parece pensado para fazer mal a quem tiver o azar de passar ali várias semanas da sua vida sem um único direito civil. O bom é que ali houve mesmo tempo: tempo para olhar, para avaliar e para fazer aquelas perguntas cuja resposta demora semanas a aparecer. Um dia entrou a médica com um tablet na mão e uma expressão que demorei anos a saber nomear: a de quem está a pôr uma responsabilidade às

costas. Perguntou-me se eu sabia por que é que estava internado. Respondi-lhe que tinha ameaçado a minha mãe; que não guardava a recordação exata de o ter feito, e que a única coisa que me restava daquilo era a cara que ela fez. Assentiu e escreveu qualquer coisa. Depois perguntou-me pelos antecedentes familiares, e ali apareceu o meu pai: suicidado havia treze anos, com um diagnóstico de doença bipolar e com um lítio que tomava à maneira dele e não como lho tinham mandado. Outra anotação. E então disse-me que o daquelas semanas tinha sido uma fase maníaca com elementos psicóticos, e que aquilo que me tinha levado até ali tinha nome.

—E agora?

—Agora, estabilizar. Medicação e seguimento.

—Quanto tempo?

—A medicação, para toda a vida.

Demorei a digerir aquela frase mais do que normalmente se demora, porque os antipsicóticos deixam-te o pensamento com atraso, como se as palavras tivessem de percorrer um troço a mais antes de te aterrarem cá dentro. Perguntei-lhe se aquilo queria dizer que nunca ia estar bem de todo. Respondeu-me que com o tratamento adequado se pode levar uma vida funcional, e que sem tratamento os episódios chegam mais vezes e chegam pior à medida que os anos passam. Perguntei que medicação era. Entre outras coisas, lítio. Disse que está bem, sem perceber de verdade ao que estava a dizer que sim. Não assinei consentimento informado nenhum: aquele papel assinou-o a minha família por mim. E tomei o primeiro comprimido nessa tarde, já ao fim, com a noite de inverno em cima, e o que aconteceu então na minha boca está contado na primeira página deste livro, e o que aconteceu depois vai no capítulo que vem. Aqui é altura da outra coisa: o nome, e porque é que demorou tanto.

Porque o nome chegou-me duas vezes, e convém ser exato, que o processo é-o. Naquele quarto chegou-me de viva voz, com a palavra lítio, a palavra bipolar e a frase para toda a vida. Por escrito chegou muito mais tarde, e chegou por ordem. Na alta da primeira ala escreveram uma perturbação psicótica por tóxicos, a avaliar a evolução para uma doença bipolar primária. Na alta desta, um episódio psicótico. No centro de saúde mental, semanas depois, uma psicose tóxica em remissão, com a doença bipolar posta ao lado como uma possibilidade que era preciso avaliar com mais tempo e sem consumo pelo meio. Meio ano mais tarde a orientação continuava aberta entre três opções. E o diagnóstico em firme, doença bipolar tipo um com sintomas psicóticos, só se fixou na alta do

terceiro internamento, catorze meses depois daquela primeira ala. Olhe-se para a ordem, porque é a ordem desta história inteira: primeiro deram-me para sempre o mesmo sal que o meu pai tomou, e catorze meses depois escreveram-no num papel. E é preciso explicar porque é que demora, porque as pessoas saudáveis imaginam que um diagnóstico psiquiátrico se faz como uma radiografia, e faz-se como uma biografia. Primeiro, pela regra do manual: se há substâncias no sangue, a psicose atribui-se às substâncias enquanto não se demonstrar o contrário, e para o demonstrar é preciso ver o cérebro limpo durante meses, e eu levava um ano sem estar limpo um mês seguido. Segundo, pela própria doença: a doença bipolar costuma entrar pela porta da depressão, e uma depressão chama-se depressão e trata-se como tal durante anos; e a outra metade, a hipomania, nunca chega a uma consulta, porque se sente às mil maravilhas e ninguém marca consulta por se sentir às mil maravilhas. E terceiro, porque o diagnóstico se faz para trás, a ler uma história, e a minha estava inteira e por ler: duas urgências por sintomas psicóticos dois anos e meio antes, e um pai com o mesmo nome escrito no processo. Ninguém tinha juntado aquilo até que o juntou uma mulher com um tablet. Há séries que medem dez anos de média entre os primeiros sintomas e o diagnóstico; a mais benévola fala de seis. A mim deram-me o lítio e o nome aos trinta e três, escreveram-mo aos trinta e quatro, e o primeiro episódio que hoje sei ler como episódio tive-o mais de dez anos antes. O que alguém viveu ao meu lado como um ano interminável era, na escala verdadeira desta doença, o último troço de uma espera de mais de uma década. E depois está a briga de gramática que qualquer diagnosticado conhece: se uma pessoa é bipolar ou se uma pessoa tem uma doença bipolar. A clínica fica-se pelo tem, para que o diagnóstico não coma o nome próprio. Eu acabei numa terceira via: dentro do episódio a pessoa é a doença, porque quem decide ali é o surto; e quando volta a calma passa a tê-la, tal como se tem uma cicatriz.

Há uma coisa das alas de psiquiatria que de fora ninguém imagina, e é que ali dentro se fazem amizades a sério. As pessoas acreditam que uma ala de agudos é uma galeria de catatónicos e de maníacos perdidos. Há-os, e eu fui um. Mas também há gente afundada numa depressão, gente que chega de uma tentativa de suicídio, gente partida por sítios que não a impedem de falar nem de ouvir. E entre os que conseguem falar arma-se uma convivência que só se parece com o que se conta das prisões: a irmandade dos que estão fechados juntos, sem telemóvel, sem atacadores nos sapatos e sem personagem para representar, sem

nada para dar uns aos outros a não ser a verdade. Ali dentro o armanço não cabe, porque não há onde o meter.

Naquele internamento conheci uma mulher que me acompanhou mais do que ninguém naquelas semanas. Ficámos muito amigos em quatro dias, que ali dentro é o que as coisas demoram. Era uma pessoa maravilhosa, calorosa, das que perguntam e ficam à espera da resposta. Estava ali pelo mesmo que eu. Deprimida. Com o mesmo sal na mesa de cabeceira.

Tempo depois de nos darem a alta aos dois, tirou-se do caminho. Soube-o já cá fora, e fiquei um bom bocado sentado com aquilo na mão sem saber onde o pôr. Escrevo-o pelo que me ensinou, que é a única coisa que este livro sabe fazer com os seus mortos. A mulher que se ria comigo na sala comum era exatamente a mesma que tempo depois decidiu não voltar. E não era nenhuma das duas. Era as duas. Uma pessoa está mal num momento concreto e está perfeitamente bem noutros muitos, e o sal da mesa de cabeceira serve para as duas coisas, conforme quem o tenha na mão e conforme quando o tenha. Era isso que eu tinha na minha naquela tarde de inverno, com o nome acabado de estrear.

Capítulo 29 · A herança

Saí do segundo internamento com uma caixa de lítio, uma marcação para uma injeção mensal de antipsicótico, um folheto informativo de efeitos secundários que ocupava duas faces de uma folha e um quarto de doze metros quadrados na casa velha da aldeia, a mesma de onde a Marta se tinha ido embora com a mala. Zero euros na conta, e a dívida daquele ano à minha espera com a paciência que as dívidas têm. E a minha irmã. De organizar o que havia a organizar encarregou-se a Sonia: as consultas do centro de saúde, o controlo dos comprimidos e, sobretudo, as conversas com a minha mãe para que a culpa não me passasse por cima. Foi também ela que me despejou, na primeira semana, a única frase daquele inverno que me serviu para alguma coisa: que eu não tinha obrigação nenhuma de estar bem, que a minha obrigação era seguir o tratamento e mais nada. Ela e eu cuidámos um do outro desde miúdos, e levamos quarenta anos nisso sem que ninguém nos explicasse porque é que nos sai tão sozinho; naquela primavera calhava que a vez fosse dela.

E aqui vem a primeira peça, a que mais custa explicar. Eu cheguei àquela primavera a acreditar-me saudável. Não era um homem que soubesse que estava doente e se recusasse a tratar-se, que esse homem existe e tem o seu capítulo nos manuais: era um homem que se acreditava saudável e que vivia, no mínimo, numa hipomania perpétua que à Marta parecia o meu feitio e que a mim parecia o meu feitio. Ao que era um estado tínhamos-lhe chamado os dois, durante anos, personalidade. E foi com essa cabeça que me puseram o lítio. Aquilo não é receber um diagnóstico. Aquilo é receber uma herança de repente, sem testamento e sem notário: a de um pai que estava totalmente disfuncional, que me abandonou matando-se, e que acontece que além disso me tinha deixado isto cá dentro. Numa tarde transformei-me em três coisas ao mesmo tempo e sem ninguém que me explicasse nenhuma: no filho do doente que se matou, em doente eu, e em doente do mesmo fármaco que foi a arma.

E não acreditava naquilo. Digo-o com toda a clareza porque o comprovei depois, mensagem a mensagem, com o arquivo à frente. Nos quase dois anos de

conversa que me restavam com a Marta a palavra bipolar não a escrevi uma única vez. Nem acabado de sair da ala em que ma puseram, nem depois. Falava do internamento, dos comprimidos, da médica, do consumo, do pouco que era capaz de recordar; do nome, jamais. Com a Raquel, o mesmo: em anos de conversa a palavra aparece uma só vez, muito depois, escrita por ela e para me dizer que eu me escudava nela. Não o escondia de ninguém. É que não acreditava naquilo. E há mais duas provas, que me deixam ainda pior. À Lidia, com a alta recente, estive a detalhar-lhe por escrito as minhas reticências em meter aquilo no corpo, e um minuto mais tarde, sem sair da mesma conversa, jurava-lhe que o tomaria exatamente como mo tinham mandado desde que não houvesse consumo pelo meio: o mesmo homem, as duas coisas, o mesmo minuto. E ano e meio depois deixei escrito que eu tomava o lítio por causa de uma bipolaridade que, na opinião de quem escrevia aquilo, não tinha. Ano e meio de sal na boca de manhã e à noite, e quem o engolia continuava a não admitir para quê.

A falta de consciência da doença já a expliquei, e não se apaga com a alta: atenua-se, e volta a subir assim que assoma o episódio seguinte. Mas aqui havia mais qualquer coisa, e é o que dá título a este capítulo. Acreditar no diagnóstico era aceitar que eu era o meu pai. Que aqueles anos dele com o estore descido e aqueles meses no sofá sem passar pelo duche não tinham sido frieza nem desamor, mas a parte de baixo de um arco a que ninguém pôs nome. E que as temporadas em que parecia capaz de tudo, a lei incluída, não eram nem o feitio dele nem a fortaleza dele: eram exatamente os dias em que eu, décadas mais tarde, arrastava a Marta e a Raquel a um ritmo que deixava rebentada qualquer pessoa. Aceitar o comprimido era aceitar a cadeia inteira, do avô ao pai e do pai a mim, e pensar pela primeira vez na Claudia, a minha filha, com essa cadeia na mão. Ninguém quer assinar aquilo aos trinta e três anos. Por isso faz-se o que eu fiz: engolir o sal e não acreditar nele.

E agora o que o lítio é na prática, porque disto não me contou ninguém e a quem ler isto de dentro de uma ala vai fazer-lhe mais falta do que qualquer outra coisa deste livro. É um sal. Um elemento da tabela periódica, o terceiro, dos mais simples que existem, e ninguém sabe bem porque é que funciona; sabe-se que funciona, que é diferente, e que há setenta anos segura gente como eu e baixa o suicídio nesta doença como nenhum outro fármaco o fez. O que faz é pôr teto e chão: não tira a tristeza de um dia mau nem dá alegria, segura o pêndulo para que não passe ao largo nem por cima nem por baixo. E o que exige é precisamente o que o torna perigoso: a margem entre a dose que serve e a dose que

envenena é estreita, um gole de diferença, e por isso tem de se medir no sangue. Isso é a litemia: uma análise feita doze horas depois da última toma, primeiro de poucas em poucas semanas e depois de poucos em poucos meses, que diz se estás dentro do intervalo ou fora. Com a mesma colheita veem-se o rim e a tiroide, porque o sal sai por um e toca no outro. É preciso beber água. Um verão de suar muito, uma gastroenterite, um diurético qualquer, podem mexer-te o nível sem que tenhas mudado a dose. E tem de se tomar às horas, de manhã e à noite, sempre, sem dias de folga, porque a toma que se salta não se recupera. O meu pai guardava as tomas que saltava. Eu já disse o que faço com as minhas.

E o que tira, que ninguém me avisou. Levou as noites em claro, e não falo das da insónia por preocupação, mas das outras: as de não precisar de dormir, com o corpo a fabricar às três da manhã projetos e ideias e aquela certeza de que não havia porta fechada no mundo. Levou a velocidade, e com ela as ligações que chegavam em cascata antes de a pessoa as conseguir apontar, e aquela capacidade de atender quatro conversas sem que se me caísse o fio de nenhuma. E durante o primeiro ano, com o antipsicótico a fazer-lhe companhia, levou o prazer de sentir forte: ao mundo baixaram-lhe vários pontos a saturação das cores, e aquela hipersexualidade que me tinha governado vinte anos apagou-se tanto que parecia não existir. Ao centro chama-se eutímia, e o centro, durante meses, sente-se como um vazio. Como se alguém tivesse baixado o volume ao mundo e se tivesse ido embora com o comando no bolso. Isso não to conta ninguém, nem o médico nem a família, que já tinha que chegasse, e descobre-lo sozinho: que passaste anos a viver nos extremos e que o centro te soa a silêncio porque nunca estiveste nele. E ainda pior: que sem dares conta tinhas posto a hipomania como bitola da saúde, aquela versão tua brilhante e incansável, e que ao lado de um incêndio não arder parece-se bastante com estar apagado.

Aí está o motivo por que se abandona, e não é o que as pessoas saudáveis julgam. Não se deixa por descuido. Deixa-se porque estás plano e te lembras de como eras em cima; deixa-se porque assim que assoma um pródromo o cérebro decide por sua conta que o medicamento é o inimigo e que a outra coisa, a garrafa ou o que for, é o amigo de sempre; e deixa-se pelo que já disse na primeira página, quando se está bem. Os que o mediram calculam que quatro em cada dez doentes a deixam nalgum momento, e nisso não fui exceção: naquele ano continuei a tomá-la, a queixar-me, e larguei-a duas vezes depois, e as duas estão contadas onde devem estar.

E o que dá, que demorei um ano a ver. O que dá é continuidade. Devolve-te a possibilidade de começar uma coisa e acabá-la, porque o ciclo já não se te muda pelo caminho. A de sustentar uma conversa inteira sem que a cabeça se ponha a andar para outro lado. A de decidir uma coisa hoje e de daqui a duas semanas ainda existir quem a decidiu. Com os anos deu-me além disso a minha filha, que posso ver crescer em vez de desaparecer num surto; deu-me a Laia, porque para que alguém fique é preciso antes que a pessoa esteja suficientemente quieta para que ficar seja uma opção; e deu-me este livro, que em qualquer um dos dois extremos teria sido impossível de escrever.

E fica uma fotografia daquela primavera. Cinco semanas depois da alta, na cozinha de casa da minha mãe, com a Sonia e um bolo com velas em cima. É preciso olhar bem para ela, porque ali está tudo o que era preciso e não há mais nada: um diagnóstico por escrito, um tratamento começado, uma casa, uma família sentada à mesa e um homem disposto a aprender a viver com o que lhe acabavam de dizer que tinha. Ali podia ter acabado esta história. Não havia motivo nenhum para que depois daquele bolo viesse nada do que veio; nada disso estava escrito em parte nenhuma nem era a consequência inevitável de se estar doente.

O último é da minha filha. Já disse o que dizem os estudos com gémeos, e a Claudia tem no sangue uma possibilidade que eu não lhe posso apagar. O que está na minha mão é que, no dia em que lhe fizer falta, não passe trinta anos à espera de que alguém dê nome ao que lhe está a acontecer. É precisamente isso que a mim me faltou, e é a única coisa que lhe posso dar. E hoje, quando saio uns dias de casa, o aviso que mando aos meus não muda nunca: que de tudo o que tenho levo apenas o lítio.

Capítulo 30 · Bem e forte

Entre o primeiro internamento e o segundo, com o telemóvel novo que tinha tido de comprar depois do assalto, escrevi à Marta duas linhas: um olha lá, e a pergunta se me tinha bloqueado. Tinha-me bloqueado. Não houve resposta, e não a houve nos dois meses seguintes, que foram os das duas alas, o diagnóstico e a alta. E não era preciso que eu a avisasse de nada, porque sabia tudo: naqueles meses continuava a falar com a minha mãe e com a Sonia, e por essa linha chegaram-lhe os dois internamentos, com as suas datas e o seu hospital. Sabia-o e não veio. Quem veio foi uma mulher que eu conhecia havia semanas.

Três dias depois da alta a conversa voltou a existir, e quem quebrou o silêncio foi ela. A primeira coisa que lá está é que eu lhe agradecia por me ter falado, porque me fazia falta saber dela, e ela que não agradecesse, que não soube fazê-lo de outra maneira. Eu, que sabia disso, que eu também não soube, e que o milagroso era que continuava vivo. E a partir dali, em menos de meia hora, tudo o que ia sustentar e destroçar aquele ano, dito de enfiada: que agora ia viver com ainda mais vontade; que lhe desse tempo e mimos; que tinha uma folha em branco à minha frente; que não estava sozinho e que tinha ali muito amor; que não me queria fora da vida dela, mas que me queria bem e forte e saber que eu era capaz; e que não queria fazer mal a si própria. Eu respondi que a vida era muito longa, e que era estranho dar comigo a dizer aquilo. E acreditei em tudo.

Hoje leio-o com outra cabeça, e não para lho cobrar. Uma folha em branco três dias depois de uma alta é um homem sem memória de quatro meses. O amor que ali havia era o da minha mãe e o da minha irmã; o dela estava a dar-mo por escrito de onde não estava. E bem e forte é exatamente o que a doença acaba de tirar a um doente acabado de diagnosticar. Estava a dizer-me, sem o saber, que me queria na fase alta. No dia seguinte, quando lhe dei a minha primeira explicação do que tinha acontecido (que o mau se tinha ido embora com o internamento, que a droga me tinha feito muito mal e que não me iam internar mais), respondeu duas coisas seguidas. Que sabia que era melhor estar assim, porque há coisas que só curam assim. E que fazia três meses que ela estava ali,

só três meses. E quando eu disse que me tinha andado a drogar muito, corrigiu-me a cronologia sem levantar a voz: que eu já me drogava muito antes. Estar assim era estar separados. A ela a distância curava-a, e nisso não mentia a ninguém. A mim, segundo tudo o que se mediu sobre esta doença, a distância da pessoa com quem dormia era o fator que mais pesava contra. O que a ela a curava, a mim prognosticava-me. E nos três meses que ela contava cabiam duas alas de psiquiatria.

Uma semana mais tarde contei-lhe que tinha repassado com a minha mãe e com a minha irmã os dias em que ela se foi embora, e que não me lembrava de quase nada, como se a minha mente se tivesse protegido ou não tivesse estado ali. Demorou três horas a responder e respondeu que tinha ficado em choque, que ela pensava que eu me lembrava. Que para falar daquilo estava preparada, que levava meses a dar-lhe voltas. Meses a dar voltas a uns dias que eu não tinha. Daquele inverno existe uma única versão completa, e não é a minha.

E o que havia ao meu lado enquanto falávamos era isto. A minha mãe tinha-se mudado em pleno inverno para outra aldeia do Vallès, onde já vivia a Sonia, e a mim deixou-me a casa velha inteira, e eu não a aguentei: trazia-me recordações a mais, as da Marta e as da psicose, e eu não sabia sustentar uma casa nem sustentar-me a mim. Encontrei um trabalho temporário de dois meses, comercial de venda a frio ao telefone, que é telefonar a pessoas que não querem que lhes telefonem com o cérebro acabado de sair de uma ala e acabado de pôr a lítio. Se alguém tivesse de desenhar o emprego menos indicado para um homem na minha situação, custar-lhe-ia melhorá-lo. Mudei-me para perto do trabalho, para uma vila da área metropolitana, para um quarto num apartamento alheio com dois colegas que não trocavam uma palavra comigo, e não era capaz de ali passar um fim de semana: todas as sextas-feiras ia para casa da minha mãe ou combinava com a Lidia. E a Lidia era, então, uma desconhecida que me dava muitíssimo carinho, e eu agarrava-me a ela como uma pessoa se agarra ao que há. Foi naquele apartamento onde ninguém falava que pela primeira vez na vida fiz a um motor de busca a pergunta que não se faz a um motor de busca, como acabar com tudo, e com a mesma substância que levou o meu pai. Não me respondeu, obviamente. Deixo-o escrito porque faz parte do processo e porque quem hoje estiver nessa casa merece saber duas coisas: que aquilo era o quadro a falar, e que dali se sai.

Sete semanas depois da alta escrevi-lhe que me sentia sozinho, que isso era o pior, que estava um bocado em baixo. E ela respondeu que eu não fosse tão ne-

gativo, que esses pensamentos iam sempre dar a mim; que tinha de ter consciência de que não era uma vítima, e até de mudar a forma de falar; e que uma pessoa é como se mostra aos outros. Eu, uns minutos depois: que ela tinha toda a razão, mas que naqueles dias me sentia assim, ainda que no trabalho pusesse a cara amável. Ali está o ano inteiro: um homem com sete semanas de lítio a dar razão à frase que nega a sua doença. Eu não me estava a fazer de vítima: estava a descrever-lhe um sintoma, e ela respondeu ao sintoma como se fosse uma pose. E uma pessoa é como se mostra serve para a gente saudável; para o que eu tenho é exatamente ao contrário. Os critérios da mania são uma lista de maneiras de se mostrar (mais falador, menos sono, a autoestima disparada), e os da depressão a lista contrária (a fala lenta, o corpo de chumbo, o pensamento que volta sempre a si próprio). Esta doença é, literalmente, uma doença de como te mostras. Um cardiologista não te diz que tu és como se mostra o teu eletrocardiograma no dia do enfarte. Aqui, com o órgão que gere precisamente o mostrar-se, fez-se exatamente isso.

Um estudo de há mais de vinte e cinco anos seguiu mês a mês doentes com tipo um e mediu uma coisa muito concreta: o apoio social baixo não muda grande coisa na mania, mas prolonga a recuperação dos episódios depressivos e torna-os mais sintomáticos. É específico da fase em que eu estava, a depressão do depois da psicose. E ainda por cima a emoção expressa, que já está contada: não é preciso que a crítica de quem está à volta seja cruel, basta que diga ao sintoma que é uma pose. Naquela primavera tive as duas coisas ao mesmo tempo, da mesma pessoa e com carinho: a retirada (que não estava preparada; que como estava bem, lhe dava angústia ver-me; que não tinha medo de mim, mas de si própria; que se doía era porque havia vida) e a correção. E ainda por cima eu pedia-lhe desculpa por pedir. Desculpa por incomodar, desculpa por chatear, desculpa por te desestabilizar. Um homem acabado de sair de duas alas a pedir desculpa por perguntar se podia ver o seu cão, e uma mulher a pedir desculpa por demorar a responder porque estava no duche. Conto-o porque até há pouco tempo não tinha sido capaz de o ler.

O verão foi um ciclo fechado, e descreve-se sozinho. Eu cumprimentava. Ela contava o trabalho. Eu perguntava pelo Toby. Ela contava o trabalho. Eu dizia que tinha saudades dela; ela, que estava noutro momento. Eu pedia menos do que queria; ela concedia menos do que eu pedia. Os dois dizíamos que gostávamos um do outro, eu desculpava-me por ser maçador, e no dia seguinte outra vez do princípio. Um dia disse a coisa mais exata de todo aquele ano: que ela

tinha saudades de um Marcos que não existia, e eu de uma Marta que também já não existia. Noutro, que a sufocava; que era mais feliz sabendo que eu estava bem e me fazia forte cada dia um pouco mais; que me pedia que fosse eu a dar uma volta a tudo aquilo. Uma noite escrevi-lhe que lamentava muitíssimo ter sido tão egoísta, que tinha estado muito doente, que a culpa era grande, e ela duas vezes seguidas que a culpa não era minha; que eu tinha de me perdoar e deixar que doesse, porque não tinha decidido estar assim; e que ela também não pôde fazer mais por mim. Perdoar-me de quê, pergunto hoje. Uma pessoa perdoa-se uma falta, e o que eu tinha era um diagnóstico. E podia fazer mais por mim: era a única variável que a literatura aponta para o que eu tinha.

E na noite das três horas, já entrado o verão, disse finalmente em voz alta o que levava meses sem dizer: que por trás havia medo de uma reação da minha parte e de voltar ao inferno daquele inverno. Eu perguntei medo de quê, desculpa. De uma reação negativa, ou depressiva ao máximo, ou sabia lá ela. E quando lhe falei de tentar a partir da estabilidade, com o lítio posto e a injeção posta e quatro meses de tratamento, respondeu-me que aquilo era um conto maravilhoso, mas que a vida real era outra. E cinco palavras: ninguém morre de amor. Respondo-lhas com a única parte disto tudo que não depende de mim. Uma meta-análise com cem estudos mediu que nos três primeiros meses depois de uma alta psiquiátrica a taxa de suicídio é umas cem vezes a mundial, e que no resto do primeiro ano continua a ser quase sessenta vezes. Eu levava quatro meses de alta. Ninguém morre de amor. Morre-se do que eu tinha, nos meses exatos em que ela mo escrevia. E naquela primavera eu já tinha feito a pergunta a um motor de busca.

Por essa altura recusaram-me um quarto porque os senhorios tinham lido na internet o que eu tinha escrito durante o inverno, e nem o contrato de trabalho assinado nem o relatório médico lhes serviram. E uns dias depois contei-lhe que tinha encontrado um apartamento com a Lidia, que tinha sido uma decisão muito rápida porque estavam a pôr-nos os dois na rua. Ela disse que estava muito bem, que a vida dela estava a mudar para um rumo de que gostava muito; que não estávamos em condições de estar juntos e que dar-se conta de que não funciona também é amor; que tinha fechado esse capítulo e que precisava disso para ser feliz. E no dia seguinte, inteiro: que o melhor seria falarmos esporadicamente e deixarmo-nos ser; que não achava que eu percebesse quem ela era, e que não tinha forças para fazer mais esforços para me perceber a mim. Eu pedi para poder perguntar pelo Toby de vez em quando, e dei-me por avisado com

uma frase: que ela me estava a dizer que deixássemos de falar, para sempre. As últimas palavras dela daquele verão foram que me desejava o melhor, que é inseparável do amor.

Mantive a esperança de voltar com ela até esse dia, e um bocado mais, até que assumi que aquilo não era um parêntesis. Era a minha vida. E hoje digo uma coisa de que não gosto e que é verdade: teria sido melhor que ela não me tivesse voltado a falar. Não pelo que dizia, que era carinhoso; pelo que fazia. Um gosto de ti à noite e na manhã seguinte a frase de que não podia ser de outra maneira, do mesmo telemóvel e da mesma pessoa, meses seguidos. Um psiquiatra inglês descreveu há sessenta anos o que faz um animal quando a sua figura de vinculação desaparece: primeiro protesta, procura, chama e não para de chamar, e essa fase só se apaga quando deixa de receber sinal. Eu recebia sinal todas as noites. Com isso o protesto não se apaga: cronifica-se, e um cérebro acabado de diagnosticar passa um ano inteiro à espera, todas as noites à mesma hora, da frase que já não significava o que ele precisava que significasse.

Capítulo 31 • Dar a volta a tudo

No fim daquele verão mudei-me com a Lidia para um ático minúsculo e encardido na aldeia de cima, onde já viviam a minha mãe e a minha irmã, e o prédio trazia na placa da entrada um nome de santa. Conto-o porque é exatamente o que me acontecia por dentro: não conseguia olhar para aquela placa sem me lembrar da casa tremenda que a Marta e eu tínhamos visto numa rua de Barcelona com esse mesmo nome, aquela para a qual olhávamos como se olha para uma montra. De cada vez que entrava na minha casa nova, com outra mulher, a entrada devolvia-me à que não pudemos ter. E ainda assim com a Lidia houve carinho e houve paz: aquilo valeu. Mas de duas pessoas que se juntam sem terem feito um luto não sai nada de bom, e nenhum dos dois o tinha feito. Eu levava às costas a mala da Marta, e ela o ex, que continuou a ver naquele outono. Naquele ático viviam três lutos em quarenta metros, e eu passei meses a procurar para o meu um nome mais apresentável do que ciúmes, e eram ciúmes, e corroeram-me o suficiente para eu voltar a beber. Uma cerveja ao chegar do trabalho. E aquela cerveja foi a base de tudo o que veio depois.

De resto era a vida corrente, que é o que menos se conta neste livro e o que mais havia: um trabalho novo de suporte técnico, salário modesto e horário fixo; um mestrado à tarde; uma psicóloga todas as semanas, no privado, com quem estava a trabalhar pela primeira vez o dos treze anos e, com isso, o trauma da separação. E no telemóvel, ao fim de dois meses de silêncio cumpridos pelos dois, a Marta outra vez.

Foi numa tarde de princípio de outono e falámos quase quatro horas seguidas. Começou bem. Ela alegrava-se muito por eu estar tão bem, contava que estava muito estável e que já quase não pensava em coisas horríveis: que tinha chegado a perdoar-me e, o mais importante, a perdoar-se a si própria, e que andava bastante leve pela vida. Eu respondi-lhe com uma das frases mais duras que alguma vez me dediquei: que tão pouco de bom tinha visto ela de mim em tempo a mais, com o que eu tinha gostado dela; que havia um rapaz mau cá dentro que me tinha custado anos a tirar. Não havia rapaz mau nenhum. Havia

um episódio maníaco de doze meses com sintomas psicóticos, que é como lhe chama hoje o meu processo clínico, e eu chamava-lhe rapaz mau porque o vocabulário que tinha à mão era o dela, o do perdão. Ela explicou-me porque é que tinha mesmo de se perdoar: que me tinha visto mal de tantas maneiras que precisava de tirar aquelas imagens da cabeça, e que ver-me não lhe servia; que não tinha passado três noites seguidas sozinha em casa em toda a vida. Aprendeu a estar sozinha exatamente nas semanas em que eu aprendia a estar internado.

E ao fim de três horas fez a pergunta: se eu não estava com a rapariga que apareceu quando ela se foi embora. Respondi-lhe a verdade: que estava com a Lidia porque ela se tinha ido embora, e que quando me internaram a Lidia estava ali; que depois a coisa tinha funcionado, mas que eu na altura só estava assustado e perdido. E então escreveu a frase que resume o desacordo dos anos seguintes: que se eu me dava conta de que o meu ponto de vista continuava a ser muito egoísta. Que eu falava como se antes daquele abandono não tivesse acontecido nada, quando ela tinha tentado tudo e tinham tentado tudo todos à minha volta; que se foi por ela, e que nisso sim foi egoísta, e que foi a única coisa que tinha feito por si própria em anos; que a minha maneira de falar a punha furiosa. E que se alegrava por a Lidia sim me acompanhar.

A única coisa que tinha feito por si própria em anos, disse: ir-se embora. A única coisa que eu tinha feito por mim próprio nesses mesmos meses foram dois internamentos, um lítio e nove entrevistas de emprego, e a isso eu chamava sobreviver. Egoísta é quem prefere o seu próprio bem podendo escolher; ela podia escolher, escolheu, e nessa mesma tarde lhe pôs o nome. Eu não podia escolher nada. E aquilo de que tentou tudo já o respondi: tentou-se contra as drogas e contra o meu feitio, que era o que se via; contra a doença, não se tentou nada.

É aqui que encaixa uma frase que ela tinha deixado cair de passagem naquele verão, a falar do que lhe estava a servir na altura: que tinha aprendido a dar a volta a tudo. Dar a volta a tudo. Isso é precisamente o contrário de o reparar. De onde lhe veio aquela maneira de olhar não sei nem me compete, e não vou inventar um quarto onde não estive. O que sei é o outro: que um relato construído a sós, sem o outro à frente, escolhe as palavras pelo que aliviam. Da culpa saiu-se por duas portas, reparar o que se fez ou convencer-se de que não havia nada para reparar, e a frase com que ela saiu pela segunda repetiu-a o ano inteiro: que não podia ser de outra maneira. Ninguém se sente culpado do que não podia ser

de outra maneira; ninguém se sente culpado de chover. O corpo dela sabia que podia ser de outra maneira, e por isso, como ela própria contou, lhe doeu muitos dias.

E o relato que dali saiu tem uma estrutura que voltei a ver depois em todos os relatos sobre mim. Para se ir embora, empoderamento: a única coisa que tinha feito por si própria, ser egoísta dava-lhe paz, ir-se embora era amor; chamou amor a ir-se embora quatro vezes em quatro meses. Para o que foi doença, vitimismo: que eu não era uma vítima, que tinha de ser eu, que desse uma volta àquilo, que a sufocava. Exigiu responsabilidade plena ao único dos dois que tinha uma doença que o anula, e concedeu a si própria a fragilidade que lhe negava a ele. E o buraco que deixou aberto é este. Três dias depois da minha alta, ela própria tinha escrito que aquilo tinha sido uma nuvem negra que me apanhou pelo caminho e que não era eu. A distinção entre a doença e a pessoa tinha-a feita antes de qualquer médico meu, e usou-a para se ir embora das duas: a nuvem tratou-a um hospital, e quem ela deixou naquela casa fui eu. Depois dedicou-se a limpar a recordação da nuvem, que era a única coisa que de lá tinha levado. E dois anos mais tarde, noutro sítio e com outras pessoas, a mesma nuvem havia de ter outro nome. Isso conta-se onde deve.

A isto a clínica chama revitimização: primeiro castiga-te a biologia e depois castigam-te as pessoas pelos sintomas desse mesmo castigo, porque quem está à volta não lê um surto como lê um enfarte, lê-o como uma revelação. E quando o relato do outro precisa que tu sejas o mau, o relato fecha-se e já não admite nada que venha de ti, nem um gosto de ti nem uma pergunta pelo cão. Todo aquele ano lhe pedi desculpa por estar doente, e fi-lo porque acreditei no que ela me dizia. Um doente a pedir desculpa pelos sintomas à pessoa que o deixou por os ter tem nome, autoestigma, e está medido: prevê pior adesão, mais depressão e mais isolamento. Antes do canal, das queixas-crime e dos papéis, a primeira fonte do meu autoestigma foi ela. E aprendi-o tão bem que anos depois continuava a pedir desculpa por existir.

No dia dos meus anos deu-me os parabéns ao meio-dia, e à noite houve hora e meia de conversa que foi descendo degrau a degrau. Conte-lhe o dia: uma torradeira que nos faltava em casa, uma caneca, um almoço fora com a Lidia. E depois o ciclo: que tinha valido a pena termos voltado a tentar. Ela cortou no minuto seguinte, que aquilo não era real, que eu estava com alguém e ela consigo própria. E então escreveu o mais despido que disse em todo aquele ano: que tinha agora uma vida de que gostava, ainda que não fosse a que queria. Que não

queria estar sozinha todas as noites, e que não tinha voltado a dormir com ninguém como dormia comigo. E que mas pronto, que desculpa. Ponho-o porque é dela e porque explica o resto: gosto de ti mas não te posso ver, dito durante meses a um cérebro com o sistema de vinculação partido, é uma porta que se abre e se fecha a intervalos irregulares, que é exatamente a forma de manter agarrado um animal.

Uns dias depois ofereceu-se para falarmos ao telefone, e a chamada chegou, e eu atendi-a a passear com a Lidia. E nessa chamada, com a voz que não cabe numa conversa escrita, culpou-me da sífilis de quatro anos antes, da qual ela não sabia nada: nem que ia montada em cima do dos treze anos, nem que naquele outono eu estava precisamente nisso, em terapia, a vê-lo reemitir pela primeira vez na vida com o estabilizador cá dentro. Aquela chamada ensinou-me que o gosto de ti e será sempre assim era o que se podia escrever, e que o que se podia dizer em voz alta era a sífilis. E que a censura chegou no momento exato em que eu estava, finalmente, a curar-me daquilo que ela me censurava.

Nove dias depois foi o jantar de empresa. Pelos meus anos tinha ido a um concerto e tinha bebido bastante mais do que o normal, e no jantar voltei a beber muito mais do que o razoável. Pouco antes da meia-noite escrevi-lhe, e ela respondeu que era curioso que exatamente um ano antes estivéssemos péssimos. Eu, que sim: péssimos péssimos, pessimíssimos. Ela, que tudo acaba e começam outras coisas. Eu, que me rebentava dizer que sim. Passada a meia-noite perguntou-me pela canção do jantar de Natal, eu dei-lhe o título, e ela respondeu com um emoji de olhos revirados, e de madrugada perguntou-me o que é que eu tinha. E chegaram as três mensagens da noite. Que nada, que o que é que a espantava. Que porque ela não era o inimigo. Que era o meu inimigo. Ela perguntou a que vinha aquilo. Eu, que vinha de todo o processo de merda que tinha tido de trabalhar para a deixar para trás, para esquecer o que mais me importava nesta vida puta de merda. Ela respondeu uma única palavra, um está bem, e foi dormir.

Na manhã seguinte eu estava nas aulas. Ela escreveu que o da noite anterior não lhe tinha agradado nada; que não consentia voltar ao mesmo de um ano antes nem que eu achasse que podia vomitar ali o que me apetecesse; que não era saudável. Respondi no minuto seguinte: que tinha recente a última mobilização com a minha psicóloga, com quem estávamos a trazer ao de cima precisamente o trauma por separação; que me saiu a raiva e a tristeza de nos termos perdido, e que não lhe devia ter escrito. Ela disse-me que me centrasse no que tinha e que

a deixasse; que ela também o fazia e não me alterava as rotinas nem os sentimentos; que achava que ia cortar a comunicação por ali; que era sempre como eu queria. E eu: que bolas, Marta, que não a queria chatear, que me bloqueasse e pronto, que lhe pedia desculpa e que não o voltaria a fazer. Ela: pois fazes. Ou seja, que aquele bloqueio pedi-o eu. E respeitei-o um ano inteiro sem lhe escrever uma única vez. O que vomitei foi uma frase, num ano de gosto de ti e de desculpas; por uma frase, um ano de bloqueio, e assino por baixo, porque um cérebro como o meu aguenta um não quando tem três coisas à frente: um motivo, uma frase e o seu próprio pedido. Sem elas, não. Convém guardá-lo, porque é a prova de que se vai precisar para o seguinte.

E uma coisa daquela manhã em que ela acreditava e que é falsa: que o silêncio dela era neutro. A pessoa que acerta o relógio a outra não desaparece sem lhe mudar o ritmo, e já contei o que fazem as mudanças de ritmo nesta doença. O silêncio dela alterava-me as rotinas tanto como as minhas mensagens a ela. Com uma diferença: ela dizia-o e eu era internado. Nas semanas seguintes voltei a escrever de madrugada, cada vez mais, o primeiro sinal que anos mais tarde havia de aprender a ler. Três meses depois estava internado.

Capítulo 32 • A doutora

A médica que me acompanhou durante os cinco anos seguintes nunca me tinha visto internado, nem uma única vez. No primeiro atendeu-me a psiquiatra de serviço, que recitou o seu protocolo e me devolveu à rua sem pôr nome a nada; no segundo foi outra que me deu o nome e desapareceu da minha vida ao assinar a alta. A que me calhou depois, a do centro de saúde, a das consultas de poucas em poucas semanas e a dos relatórios e das receitas de todos os anos que vinham, era uma terceira, e neste livro não vai ter outro nome que não esse: a doutora do centro de saúde. Da primeira consulta saí a saber que aquilo ia correr mal, e não pelo que fazia, que estava bem feito. Pela maneira de olhar. Eu não era, para ela, um homem com uma doença. Era um toxicodependente. Daí saía a única pergunta que me foi feita consulta atrás de consulta durante um lustro: não o que é que te aconteceu, mas o que é que tomaste. E quando dois anos mais tarde chegou a queixa-crime, que tem o seu capítulo, entrou naquele quarto antes de mim e mudou a cor a tudo: a partir daí fui um agressor com uma perturbação que explicava a sua conduta sem a desculpar. O que lhe passasse por dentro estou a inventá-lo eu; o que ela assinava está nos papéis. Estável, um manipulador compensado. Recaído, a confirmação do que já se sabia. Calado, um desonesto.

Vou pôr aqui uma consulta inteira, porque sem ela isto é a palavra de um doente contra a de uma profissional que o leitor nunca viu.

Um quarto com uma janela virada para um pátio de prédios, uma secretária, o computador virado de lado e três cadeiras: a dela, a minha e uma terceira que em cinco anos não ficou vazia um único dia. Eu falava e ela escrevia, e de poucas em poucas frases assomava os olhos por cima do ecrã o tempo justo de confirmar um dado, como quem tira a vareta do óleo, a olha e a volta a meter. E arrancava sempre pelo mesmo sítio.

—Que é que consumiste?

Isso, e nada mais do que isso. Nem como é que dormes, nem como vai o do tribunal, nem como levas o do teu pai. Cinco anos de consultas abertas com

essa pergunta, sustentadas com essa pergunta e fechadas com essa pergunta, e o que quer que eu respondesse aterrava numa linha.

Houve um dia em que tentei explicar-lhe o esquema que eu tinha montado por minha conta, que era um disparate, sim, mas um disparate com a sua lógica cá dentro.

—Não a tomo por causa do tabaco. Tomo-a para não beber. O que eu tento é substituir o álcool por isso.

Meses mais tarde, num relatório dela de que eu precisava para outro trâmite, encontrei escrito que o doente referia consumo daquela substância com intenção de deixar de fumar. Nem a minha pior ideia chegou inteira ao papel.

Depois rodava um bocado a cadeira para o lado, onde estava a minha mãe, ou a minha irmã, conforme o dia.

—E a senhora, que é que notou?

E a minha mãe dizia o que se vê de fora e nos dias maus, que é a única coisa que se vê dali: que eu estava péssimo, que bebia, que andava a pôr vídeos. Nem uma palavra falsa. Estava morta de medo, não lhe tinham dado uma única ferramenta e respondia com o que tinha. Então chegava o que sustenta este capítulo: as duas punham-se a falar de mim na terceira pessoa com o interessado a meio metro. O doente minimiza. O doente não reconhece o consumo. Em consulta apresenta-se tranquilo, abordável, colaborante. Eu, ali sentado, com o casaco em cima dos joelhos, a ouvir como se escrevia à máquina o documento que umas semanas depois ia ser lido por um juiz.

O tratamento interditor, aquele que te deixa o corpo impossível se beberes, ofereceu-mo uma vez.

—Não.

Assim, seco, sem explicar porquê, porque explicar era oferecer material. No processo ficou como recusado pelo doente, e essa linha funcionou durante anos como a prova documental da minha má vontade.

E fechava pelo que era dela: a receita, o dia da próxima e um trâmite.

—Vou encaminhar-te para a enfermagem, para te explicarem quatro coisas sobre a doença.

Quatro coisas foram, literalmente: umas quantas sessões, o básico, até logo. Psicoeducação da a sério, com método e com horas, não me deram nenhuma semana sete anos depois de ter o diagnóstico, e desde logo não saiu dali. Daquele quarto eu saía sempre igual, com o papel na mão e com a sensação exata de quem acaba de passar por um controlo de estrada.

E um dia, por causa do álcool, disse-me uma frase. Que se alguma vez eu bebesse e perdesse o controlo, poderia violar alguém. Não consta em papel nenhum e por isso a escrevo aqui, que é o centro disto tudo. Saí da consulta a saber o que eu era para a minha médica, e não era um doente com uma perturbação afetiva: era um violador em potência que se mantinha vigiado com fármacos. Não engoli aquilo, porque não era verdade nem alguma vez o tinha sido; mas dizia-o a pessoa com autoridade total sobre o meu processo clínico, e os relatórios dela viajavam para o tribunal, e aquela frase ficou-me dentro do sistema nervoso com o peso de um objeto. E ainda falta a camada de baixo, que é a que mais me custa pôr. Numa anamnese minha de internamento figura, como dado biográfico sem mais, sexualidade precoce e múltiplas relações sexuais de risco desde os treze anos. Na passiva. Sem sujeito. Sem uma única pergunta por trás. Nenhum miúdo de treze anos tem sexualidade precoce: tem adultos à volta a fazer o que não deviam, e essa frase é um dos marcadores centrais do abuso sexual infantil. Estava escrita, e ninguém perguntou nunca. Dizer a esse doente que ele poderia violar alguém não é apenas um juízo temerário: é pegar na vítima e pô-la, sem querer saber, do lado do agressor. O que isso produz está descrito e chama-se selar o silêncio. Com aquela frase em cima, ora vejamos quem é que conta àquela senhora o que lhe fizeram aos treze anos. O dado verdadeiro, o do miúdo, ficou exatamente onde estava, enterrado e com uma vergonha nova a montar guarda por cima.

Depois estava o dispositivo, que é a palavra que lhe corresponde. Foi-me ordenado ir acompanhado, com a minha mãe ou com a minha irmã, um ano atrás do outro; sozinho não me queria, e um bocado a sós nunca me foi oferecido. Ora vejamos onde é que eu falava do suicídio do meu pai, com a viúva dele na cadeira ao lado. Ora vejamos onde é que falava da minha sexualidade, da minha vergonha ou do meu medo, com a minha família de origem a tomar nota à minha direita. Exigia-se-me transparência absoluta e negava-se-me o único formato onde a transparência é possível. E os relatórios cozinhavam-se com o que elas contavam ao telefone, que era o que se vê de fora e nos piores dias, porque o que eu dissesse não contava. Daquilo há uma manhã que o retrata inteiro, e é do pior mês da minha vida: soube que me tinham mudado uma consulta, dei por certo que a tinha mudado a minha mãe a telefonar por sua conta, e escrevi-lhe como pude que ela não era psiquiatra, que o doente era eu, mãe. E ela, minutos mais tarde, aterrorizada e sem uma única ferramenta na mão: que era porque eu

estava doentinho e me passava dos carretos e depois ia atrás delas. Eu estava em surto. E a minha psiquiatra redigia com o que lhe contavam os que telefonavam.

Por isso menti. Minimizei. Calei recaídas inteiras. Qualquer coisa que eu largasse ali dentro podia acabar redigida, e o redigido acabava à frente de um juiz: contar-lhe os meus sintomas e os meus consumos era, sem metáfora nenhuma, declarar contra mim próprio de três em três semanas. Não me escondia por desonesto; escondia-me por sobrevivência, e aquela ocultação que o meu processo anotou como um traço do meu feitio era, naquele gabinete, a única conduta racional que restava disponível. O lítio tomava-o como um preso cumpre o horário do pavilhão: não porque acredite nele, mas porque o outro é pior. E no pródromo de cada recaída daqueles cinco anos larguei-o e fui buscar o do costume. Demorei um lustro a conseguir dizê-lo com as palavras exatas: a aliança terapêutica não é o adorno da consulta, é uma variável clínica das que mexem com o resultado; e a adesão não é um traço do doente nem se lhe mede no feitio, é uma propriedade da relação entre duas pessoas. E o trauma, que era o que estava por baixo do meu diagnóstico, só se toca em condições de segurança: sem segurança não há revelação, e sem revelação não há nada para elaborar. Na minha vida não havia sítio menos seguro do que aquela consulta.

E agora a outra metade, com a mesma letra, porque senão isto não vale nada. Eu era um quadro para se ficar a tremer: um tipo um com politoxicod dependência, com processos abertos nos tribunais e com um talento sobrenatural para esconder o que me convinha. Os fármacos que me pôs foram os que havia a pôr, e isso reconhecerei sempre. Com a médica que ajustava a pauta não tenho problema nenhum. Tenho-o com a pessoa que segurava a caneta. Um lustro sem uma única pergunta sobre o luto pelo meu pai, sobre os anos de bullying na escola, sobre o dos treze. Sem me mandar para psicologia, sem uma intervenção psicoeducativa da mão dela. E os relatórios, semeados de gralhas, até um que eu tinha de apresentar num tribunal.

O que me custou sair dali explica o sistema inteiro. Uma noite escrevi à Sonia que ia mudar de psiquiatra, e o porquê ia em três mensagens seguidas: que não era adequada; que não cuidava de mim, que se limitava a dispensar psicofármacos; que nunca tinha demonstrado nem empatia nem respeito pela minha condição. Ali dentro não há rancor. Há um diagnóstico da relação. E demorou sete meses. Sete meses entre o dia em que um doente deixa escrito que a sua psiquiatra não lhe serve e o dia em que arranca ao sistema a transferência, e nesse buraco cabe, completa, a pior descompensação que alguma vez tive.

Quando por fim a minha mãe conseguiu a consulta eu estava a trabalhar e com o tribunal a andar, por isso pedi-lhe que subisse ela a pedi-lo em meu nome e ditei-lhe como tinha de o colocar: que se à doutora não incomodasse que o seu doente pudesse fazer uma vida normal, me daria jeito um de tarde e perto de casa. Com essas formas. A pedir licença para me deixarem mudar de médico. Naquela noite a minha mãe rematou o dia a contar-me que tinha falado com o advogado e que iam tentar que eu não voltasse a pôr os pés naquele quarto, e que se calhar não os punha nunca mais. Cinco anos depois, essa era a melhor notícia que alguém me podia dar sobre a minha própria psiquiatra.

E a prova de que o problema não era eu chega com o médico que veio depois, que tem o seu capítulo. Sentei-me à frente dele com o mesmo cérebro, a mesma doença, a mesma biografia e uns fármacos equivalentes. A única variável que mudou foi quem estava do outro lado da mesa e como olhava. O resultado consta no processo: mais de dois anos de consultas sem faltar a uma, as lições em dia, abstinência total. E um pormenor que vale pelo relatório inteiro: aquele tratamento interditor que na etapa anterior figura como recusado pelo doente pedi-o eu, pela minha boca, assim que tive à frente alguém com quem dizer a verdade não custava nada. A minha má adesão daqueles cinco anos nunca foi um traço meu. Foi uma propriedade da relação.

E entretanto o corpo ia levando a conta, e a enfermagem anotava-a com uma diligência exemplar: os quilos, a tensão alta, a taquicardia estando quieto. O que não consta é que alguém tenha lido aquela curva pelo que era, um organismo a inchar de medo. Desde o mês dos áudios até à embolia pulmonar que quase me mata, nove meses depois de sair daquela consulta, a balança subiu de noventa quilos para cento e cinquenta e cinco. Uma relação de causa não a pode demonstrar ninguém, e não vou fazer com a história dela o que ela fez com a minha, que foi afirmar sem provas. Digo só isto: viu-me engordar à vista desarmada, ano após ano, e não abriu a boca uma única vez.

Há uns meses pedi à minha irmã os relatórios daquele lustro, sentei-me uma manhã a lê-los de enfiada, e apresentei uma reclamação por escrito onde havia que a apresentar. Não para cobrar nada: para que fique registo, e porque se calhar está a acontecer agora mesmo a outro doente naquele quarto. Não me sustentou: vigiou-me. Não me explorou: classificou-me. Não amorteceu os meus fatores de stress: foi um deles.

Capítulo 33 • O Messias

Aquele inverno passei-o com a Lidia. A Lidia era a rapariga que se tinha sentado na cadeira do meu primeiro internamento, e desde então tínhamos construído uma vida inteira: o remendo que se pôs em cima de um buraco com a forma exata da Marta aguentou quase ano e meio e foi, por muito que os papéis dissessem depois, uma relação das a sério, e além disso bonita quase o tempo todo. Pusemos casa na aldeia da minha mãe, primeiro um apartamento e depois um ático, e qualquer pessoa que nos olhasse de fora teria dito que aquele homem tinha refeito a vida. Por dentro a coisa ia de outra maneira. Ela arrastava o que era dela por fechar: tinha-se separado do ex para vir para mim e continuava a apanhar um comboio quase todos os meses para o ir ver à cidade onde ele vivia, dias inteiros, e eu engolia aquilo calado. O que eu tinha sido dois anos antes nem se teria imutado, tê-lo-ia contado como parte da paisagem; esse homem já não existia, e a este doía-lhe cada viagem e não abria a boca. E chegaram as festas e ela voltou para o país dela umas quantas semanas, e deixou-me sozinho no ático. Por essa solidão, e não por outra coisa, voltaram as drogas. Não recaí em festa, não recaí por vício: recaí sozinho, naquele ático, com ela a milhares de quilómetros e com a Marta dois anos por enterrar. E até essa parte feia foi dos dois: o das drogas foi uma experimentação em companhia, e depois o arrependimento também veio a dobrar.

Já ela de volta, numa tarde do princípio daquele ano consumimos quetamina. Faltavam poucos dias para que um vírus se metesse na vida de toda a gente e montasse uma quarentena planetária das autênticas, e não é um pormenor menor, porque aquele fecho tinha-o eu pedido no ano anterior nos meus delírios: tinha pedido a Deus que metesse as pessoas nas suas casas com os filhos e os animais, outro dos paradoxos que a apofenia me ia servindo em bandeja. Num cérebro como o meu estava então, com a medicação que levava e com a fragilidade que levo sempre, aquela dose abriu uma porta que nunca deveria ter sido aberta.

E o que aconteceu do outro lado tem de ser contado, porque não foi uma moca e porque dali saiu a minha maneira de estar no mundo para o resto da vida. A alma descolou-se-me do corpo. Sem metáfora: acabou-se o corpo, acabaram-se os sentidos, acabaram-se o nome e os contornos. O que restava de mim flutuava num vazio que não era escuro nem era frio, mas cheio. Os cabalistas têm uma palavra para isso, Ein Sof, o que não tem limite, o anterior a qualquer criação; eu então não sabia que aquilo tivesse nome nem tradição. Sabia que estava dentro, sem contorno, e que naquele nada que era todas as coisas havia uma Presença. Olhos não tinha, portanto não a vi. Ouvidos também não, portanto não a ouvi. Chegou-me pelo único que me restava posto, a consciência em pelo, e o que me chegou foi Deus. Que era a droga, dir-me-ão, e claro que sim, e não serei eu a discuti-lo: a porta abriu-a uma substância, as portas que as substâncias abrem pagam-se a peso de ouro, e esta paguei-a com o pior surto que alguma vez tive. Agora, que a chave fosse química não informa de nada sobre o que havia por trás da porta. Messias já me tinha acreditado antes, noutra cidade, como mais um delírio da coleção. Daquela vez foi diferente: foi o ano em que o meu Deus e a minha doença se tocaram, e não voltei a conseguir separá-los de todo.

O nome clínico vai ao lado, e não lhe tira nada. Na mania com psicose o delírio costuma ir a condizer com o humor (os manuais dizem congruente com o estado de humor), e isso significa que um homem eufórico não delira que o perseguem: delira que o escolheram. A grandeza, a missão, o segredo que só ele entende, Deus a falar-lhe ao ouvido. O argumento escolhe-o o humor; a psicose põe unicamente a convicção. E o delírio místico é o mais antigo e o mais barato de montar, porque o cérebro não fabrica nada de novo: pega no mais valioso que tem guardado e enche-o até ocupar o quarto inteiro. Se a um miúdo com o cabo do místico solto desde sempre lhe puseres uma tarde de quetamina em que tocou em Deus, o material já está servido. A experiência era minha e não a discuto. O que a mania fez com ela foi promovê-la a cargo: de senti Deus passei a sou aquele que Deus mandou. A fronteira entre uma experiência e um delírio não está no que a pessoa sente. Está em que se acaba a dúvida.

O pródromo veio com cenário de cinema. Os meus irmãos e eu voltávamos de Roma, de uma viagem à terra da minha mãe em que já me tinham notado completamente descompensado e que saiu conflituosa do princípio ao fim. Vimos aquela cidade vazia como ninguém a viu desde que existe turismo: aterrámos ali exatamente no dia em que a Itália fechava. No avião de volta escrevi à

Lidia que me tinha levantado furioso por causa da distribuição dos amendoins, e ela respondeu-me coitadinho de mim, que já dormiria em casa. Três ou quatro dias depois de voltarmos ela foi-se embora para a cidade do ex, e o discurso do primeiro-ministro a decretar o estado de emergência vi-o sozinho, no nosso ático. E não só o vi: gravei-o. Anda por aí um vídeo meu a comentar em direto aquele decreto, em pleno surto, com uma voz que mete medo e a dizer coisas simplesmente brutais. De todos os meus surtos guardo gravações assim, feitas de dentro por quem os está a sofrer, e não encontrei nada parecido na internet. Por agora guardo-as e pronto.

Dois dias antes do estado de emergência, logo à primeiríssima hora, escrevi à minha mãe o que vem a seguir, e vai pela mesma ordem em que saiu dos meus dedos: que se o filho dela a matar, morre com um sorriso nos lábios. Que tinham de continuar fechados até aquilo passar. Que o vírus era uma invenção e eu não o tinha. Que ia chorar de felicidade pelo meu sacrifício. Que lamentava muitíssimo ter armado aquela confusão, mas que não existia outro caminho. E dez minutos depois, o mais honesto que pronunciei em todo aquele mês: que se calhar estava a inventar tudo e aquilo não tinha nada a ver com o que eu pensava de verdade. Ela respondeu o que uma mãe pode responder a isso: que carga é que eu levava em cima, porque é que voltava a estar paranoico e agressivo, se aquilo queria dizer que tinha deixado a medicação e que fazia fita à frente de todos. E ao ver que por ali não se entrava, afastou-se: que se eu via aquilo assim, adiante; que eles estariam à distância caso fossem precisos; e que gostavam de mim. No outro dia, com o país a entrar em estado de emergência e com o filho a explicar-lhe que o vírus era uma armação, mandou-me uma mensagem para me dizer que se tinha esquecido de uma coisa: se eu preferia que me fizesse uma omelete ou uma piza. E que oxalá eu não me tivesse zangado com ela. Nessas duas linhas está a minha mãe inteira e esta doença inteira: uma mulher sem uma única palavra técnica na boca, sem nenhuma ferramenta e sem nenhuma culpa, a oferecer comida quente e a pedir desculpa por se estar a incomodar.

E atrás veio o dos estores. Plantei-me em casa da minha mãe e pus-me a esmurrá-los, aos gritos que o pai estava ali, vivo, comigo. Em plena rua, aos berros, numa aldeia fechada a sete chaves. Lá dentro estavam a minha mãe, a minha irmã e a Lidia, que tinha voltado ao terceiro dia porque a minha família lho pediu. Não desceu. Isso soube-o um ano mais tarde e conto-o onde deve ser, porque o que me fez na cabeça não foi pouca coisa. Levaram-me detido, e da ambulância saíram três mensagens seguidas que ela guardou: que estava outra

vez na ambulância; que tudo menos o hospital outra vez, que não me fizessem aquilo, que não era justo; que queria alguma coisa melhor do que estar fechado como um pobre animalzinho. A última linha daquele dia não a escrevi eu. Escreveu-a ela, um bocado depois: que estava comigo. Não aguentei em surto nem duas semanas de quarentena. Ao internamento não apareceu um único dia.

De lá de dentro conservo pouco, e o pouco tenho-o completo, e ponho-o pela ordem em que aconteceu, porque a ordem é metade do que é preciso perceber.

Mal entrei deixaram-me numa salinha para me mudar e vestir o pijama e as sandálias de borracha. E ali fiquei, à espera de que aparecesse alguém. Não apareceu. Naqueles dias não aparecia ninguém em lado nenhum, com o pessoal a abarrotar e o planeta fechado por dentro. Por isso fui-me embora. Abri a porta, o corredor estava deserto, ao fundo via-se a saída do hospital, e ninguém mo impediu porque não havia ali ninguém em condições de mo impedir. Pus-me a andar pela zona industrial a ver se alguém me dava um cigarro. Não encontrei ninguém. Literalmente ninguém: em todo o caminho não me cruzei com um único ser humano. Estores descidos, ruas mortas, o silêncio de um país metido em casa, e eu pelo meio com o pijama do hospital e as sandálias de borracha, a passear pelo cenário do fim do mundo. Passei à frente do pavilhão que tinham convertido em morgue, com os caixões lá dentro, e vi-o sem o ver, porque naquele estado eu não registava o que tinha à frente. Ia ao cemitério onde estão o meu pai e os meus avós, que fica perto, apresentar-lhes os meus respeitos: ao mesmo pai a quem acabava de chamar aos gritos à frente de uns estores e que agora ia visitar debaixo da terra, e a contradição não me roçou nem um segundo, porque a psicose tem uma lógica própria e dentro dela tudo encaixa como numa planta bem traçada. Foi a terceira das três vezes que já anunciei: a do sítio onde o encontraram, a dos estores e esta, e as três com o mesmo desenho, um cérebro partido a correr para o mesmo homem. Não cheguei. Encontraram-me, como não. Encontram-te sempre.

E por isso me amarraram. Deixo-o escrito com o motivo à frente, porque o motivo é metade do assunto: não me amarraram por estar agitado; não me amarraram porque eu resistisse (não resisti, não resisti a um internamento em toda a minha vida); não me amarraram para travar seja o que for que estivesse a acontecer naquele quarto, porque ali não acontecia nada. Amarraram-me por eu ter dado um passeio.

Fizeram-no um auxiliar e uma enfermeira, e a eles não lhes guardo nada, que iam a abarrotar, sem meios, a fazer o que o papel diz que há a fazer. O que sim

tem de se explicar é o que é uma contenção mecânica, porque uma pessoa ouviu seguraram-no e imagina uma coisa quase sensata, do género de apertar o cinto a alguém. Não é disso que se trata. Trata-se de ter as quatro extremidades amarradas a uma cama, de barriga para cima, sem poder virar-te, sem poder coçar-te, sem poder beber água a não ser que venha alguém pôr-te o copo, durante horas e por vezes durante dias. E uma precisão a favor do hospital, porque a imagem que as pessoas têm vem do cinema e tem de se dizer na mesma: as correias já não são de cabedal, são largas e de algodão, e não deixam os pulsos em carne viva. Isso é verdade. E não muda nada do resto.

O resto é que ninguém me dirigiu a palavra. Nem antes, nem durante, nem depois: nem uma frase a explicar-me o que me estavam a fazer, quanto tempo ia durar ou o que se esperava de mim para aquilo acabar, e a esse silêncio dei mais voltas em seis anos do que às correias. Dentro de mim não havia agitação: havia pânico misturado com incredulidade, e essa mistura não a desejo a ninguém. Por um lado o corpo amarrado a uma cama; por outro a cabeça a repetir que aquilo era impossível, que a mim não, que isto não se faz a uma pessoa. E ainda por cima o que nunca aparece quando o assunto se discute numa tertúlia: pedir a um desconhecido que te limpe. Que te chegue a arrastadeira. Que te dê de comer às colheradas, como a um bebé, com a vista cravada no teto. Eu já tive uns quantos delírios, e os delírios, ao lado daquilo, parecem uma coisa razoável. O delirante era o quarto. O delirante era o procedimento.

E forcejei. É verdade que as correias não magoam se ficares quieto, e eu mexi-me na mesma, porque na minha cabeça o amarrado não era eu: era outro a quem estavam a fazer uma coisa de que era preciso tirá-lo. Levei as faixas dos pulsos à boca e roí-as. Com os dentes e com o pescoço, como um animal numa armadilha, até as arrancar. E assim que arrancava umas vinham e punham-me outras. Quatro jogos de correias comi em três dias. Três dias. É isso que está por baixo da oração subordinada que este livro anda a escrever desde a primeira página.

E lembra-te agora, leitor, do parágrafo que te pedi que guardasses, o do prego na parede. Aos treze anos, um daqueles homens da internet amarrava-me a uma cama. Imobilizava-me, violava-me assim e tirava fotografias. Quando o auxiliar apertou a correia estava a aplicar um protocolo de contenção mecânica; o meu sistema nervoso, entretanto, estava a vinte anos de distância e noutro quarto. A imobilização, sozinha, já é um trauma descomunal para qualquer pessoa. Em mim não inaugurava nada: reabria com precisão de decalque. E naquele-

la ala não o podia saber ninguém, porque nunca ninguém mo tinha perguntado: nem naquele internamento, nem nos de antes, nem numa única consulta em vinte anos. Por isso não estava a lutar contra as correias daquela noite. Lutava contra as outras.

Depois chegou o protocolo do vírus: dezanove dias isolado num quarto fechado, sem um estímulo, sem uma voz, sem tocar noutro ser humano, um trauma que nem aos presos se aplica. O mundo inteiro fechado em casa, e eu fechado dentro do fecho. E ali, esvaziado até ao fundo, fiquei outra vez a sós com a consciência em pelo, e a Presença continuava lá. Acontece que ao mesmo sítio se chega por dois caminhos opostos, enchendo-se até rebentar ou esvaziando-se até desaparecer: a quetamina ou a cela. E rezei, e não para que me abrissem a porta: rezei para que aquilo significasse alguma coisa, porque um sofrimento com significado aguenta-se e um sem significado não há corpo que o sustente.

Em três semanas o meu único contacto humano foi um enfermeiro que aparecia todas as noites, sempre à mesma hora, com a medicação. Careca, de uniforme, eficiente. Ficava-se pela ombreira com o copinho e largava-me invariavelmente a mesma pergunta.

—Como estás?

E a pergunta ia a sério, isso soube-o então e mantenho-o. Aquele homem tinha clarinho que meter um isolamento por causa do vírus em cima de um internamento psiquiátrico era uma crueldade acrescentada a outra que já vinha sendo considerável, e perguntava porque lhe importava. E ainda assim soava a piada de mau gosto, e de cada vez que a ouvia dava-me vontade de rebentar o quarto. Como estás. Como estás. Nem aos presos comuns se isola daquela maneira. Aos que fizeram mal a sério não se deixa três semanas sem ver uma cara, e eu estava ali porque o meu cérebro era uma tempestade que nem tinha pedido nem sabia parar. E no entanto esperava por aquela hora como se espera por uma visita. O resto era um quarto, uma janela e a minha cabeça. Até à alta não voltei a ver ninguém.

E agora o que ficou instalado, que é a parte que não aparece em relatório nenhum. Aquele cadeia que já contei, a da ambulância, a salinha e a porta que se fecha por fora, tinha desde então mais um elo no fim, e esse elo tinha deixado de ser imaginário. Os médicos chamam-lhe trauma induzido pelo tratamento, que é o dano que produz o próprio ato de curar quando não olha para a história de quem tem à frente; e ao que deixa atrás chamam fobia institucional, que em bom português significa preferir passar um pródromo sozinho, metido num

quarto, a voltar a pôr os pés no sítio onde te amarraram. Aí fecha o círculo mais cruel desta doença, e no meu caso fechou-se umas quantas vezes: por medo atrasa-se o internamento, o atraso torna-o mais grave, e quanto mais grave é, mais medo deixa para a próxima. Essa é a fatura escondida das correias, e não está nos pulsos, que os pulsos curam-se em quatro dias.

Com os uniformes o corpo faz precisamente o contrário, e é o mais difícil de explicar disto tudo. Não disparam contra mim: apagam-me. À frente de um distintivo ou de uma bata branca encolho-me, vai-se-me a voz, digo que sim a tudo, colaboro e ainda por cima agradeço. Por isso me calei de repente quando chegou a polícia municipal ao dos estores, e por isso fui a andar pelo meu próprio pé a todos os sítios, tranquilo, com uma docilidade que a qualquer pessoa que estivesse a olhar pareceria quase cómica num homem que acabava de gritar a um morto de madrugada. A quem cresceu a levar pancada da autoridade não lhe ocorre revoltar-se contra ela: obedece mais depressa do que ninguém e guarda-o para depois. Demorei anos a conseguir dizer isto em voz alta, e no dia em que finalmente o contei ao médico que veio depois contei-o a chorar, com a vergonha absurda de quem pede desculpa por uma coisa que lhe fizeram a ele.

Deram-me alta com o estado de emergência a decorrer e instalei-me a dez metros da minha mãe, e as mensagens dela daquelas semanas são o mais parecido com um tratamento que recebi em toda aquela primavera: como é que vais, se comeste, veste um casacão que arrefeceu. E pelo meio, sempre, a mesma pergunta: se a psiquiatra já me tinha telefonado. Quando telefonou por fim e me despachou em quatro perguntas, a minha mãe disse-me para ir pedindo a marcação da injeção e anulou ela própria a de outro hospital que já não servia de nada. Uma mulher de idade, ao telefone, em pleno confinamento e enquanto lhe fazia o jantar, a gerir o seguimento psiquiátrico de um filho acabado de sair de uma ala. E numa daquelas manhãs mandei-lhe um texto longo sobre a vinculação ansiosa, aquilo de o cuidador só estar presente a espaços e a criança passar a infância a medir, sem nunca saber se ele estará. Respondeu-me que era interessantíssimo, que oxalá o tivesse lido muito antes, que agora me percebia muitíssimo melhor e que a perdoasse por não se ter dado conta. E na mensagem seguinte, se eu o tinha mandado também à minha irmã, porque lhe parecia que devia lê-lo. Não se defendeu, não o discutiu, não me acusou de estar a reescrever nada. Três semanas depois de uma ala de psiquiatria, com o mundo fechado a sete chaves, a minha mãe e eu fazíamos finalmente o que não tínhamos feito em trinta e quatro anos: explicarmo-nos.

E há uma coisa daquele ano que não fui capaz de ver: a minha tia, a irmã do meu pai, morreu do vírus, e não a enterrámos, porque naquela altura os mortos daquilo não se enterravam. Tinha o dado dentro da minha própria família, com apelidos e tudo, e o cérebro a que chegava não estava em condições de o tramitar. E a Lidia, de fora, deixou-me por escrito o que eu também não soube ver: que o internamento tinha sido positivo se eu estava em surto, e que ela sentia que eu a estava a arrastar para o meu surto, e que também por isso se tinha ido embora. Anos mais tarde, quando já não restava nada para arranjar nem ninguém para convencer, escrevi-lhe a única coisa que havia: que me apaixonei por ela a sério, que por isso me custou tanto renunciar, e que daí saiu aquela veia vingativa minha em estado maníaco. É a única vez, em todos os meus arquivos, em que nomeio a minha própria parte feia sem que ninguém me esteja a atirar à cara.

Capítulo 34 • O vigésimo sexto andar

Do primeiro ano com nome e com o sal fica-me um borrão, e há motivos: foi o primeiro de medicação a sério, e também o primeiro em que cheguei a roçar a eutímia. Essa trégua não consiste em transformar-se numa pessoa vulgar; consiste em ser-se a pessoa que se é mas com o mar quieto, com as suas rajadas de cinzento e o seu ruído de fundo. E a trégua teve o seu preço ao princípio: sedação, lentidão e uma memória que funcionava aos saltos. Saí do internamento do confinamento, trabalhei, fiz um mestrado, fui a terapia e não fiz mal a ninguém. E nesse estado, no princípio daquele outono, um psiquiatra privado ofereceu-se para rever o diagnóstico. Que é exatamente o que um doente com anosognosia está desejoso de ouvir desde o dia em que lho deram. Agarrado a essa frase, deixei o injetável nesse mesmo outono, sem o dizer a ninguém. E quando chegou o inverno deixei o lítio. Os dois. Por minha conta. Ninguém mo tirou e ninguém deu por isso, porque um homem que leva uns meses bem não dá sinal nenhum de ter largado seja o que for. Dá o sinal contrário: está bem.

Isso é o que os médicos chamam perder a adesão, e nesta doença perde-a metade dos doentes nalgum momento, e não por parvos: pela sedação, pelos quílos, pelo luto das subidas, de que se sente falta ainda que tenham rebentado com a vida, e sobretudo pelo mecanismo que já leva o seu nome neste livro, o de se estar bem e usar isso como prova de que não havia nada para tratar. A mim calhava-me, ainda por cima, a volta a mais do sal: cada comprimido era o do meu pai. E o que acontece quando se retira o estabilizador está medido há mais de trinta anos: dos que deixam o lítio de repente, mais ou menos metade recai nos meses seguintes, a recaída costuma ser para cima, para a mania, e chega tanto mais depressa quanto mais brusco foi o corte. Quem o deixa no inverno planta-se na primavera sem travão, e se além disso não dorme, bebe, está sozinho e lhe tiram o chão, tem as quatro condições que num tipo um precedem um surto. Naquele inverno reuni as quatro, e a última trouxe-me o telemóvel.

Porque nessas mesmas semanas me chegou o bloqueio. Levava um ano sem falar com a Marta, e nesse ano tinha feito o que um homem pode fazer para se

portar bem: não lhe escrever. E num dia daquele inverno escrevi-lhe, para lhe perguntar como estava. Respondeu-me no mesmo minuto: que olá, que o cão estava ótimo, que se alegrava muitíssimo por eu estar bem e pela minha terapia, e que me cuidasse muito. Falámos de que ela ia ao cinema, do frio, de que tinha caído água-neve o dia inteiro. Três conversas assim, amáveis, sem nenhuma transcendência. Eu não queria voltar com ela. Queria uma coisa só, e não me deu tempo de a dizer: ver o cão. E na terceira, sem um aviso, bloqueou-me. Perguntei-lhe que tal o fim de semana. Dezasseis minutos mais tarde, se me tinha voltado a bloquear e a propósito de quê. E um minuto depois escrevi a última mensagem de uma conversa de quatro anos e meio: que as coisas dizem-se, que não havia necessidade nenhuma de o fazer assim. Ninguém respondeu. Mande-lhe uma SMS a pedir-lhe um fecho com um mínimo de dignidade, que aquilo não mo fizesse. Nada. E tem de se dizer com a mesma exatidão o que havia na margem dela, porque se lê nas frases dela próprias e eu não as soube ler: que me cuidasse muito, que não pretendia nada. Isso não é uma porta que se abre. É a fórmula com que se fecha uma conversa. Ela já se estava a despedir no primeiro dia, e eu li uma porta onde havia uma despedida.

E o que aquilo fez à minha cabeça não foi uma tristeza. Foi um curto-circuito. Num cérebro como o meu a rejeição não se processa como uma notícia: processa-se como uma ameaça, com o mesmo circuito com que outro processaria que o perseguem, e vai no diagnóstico com o seu nome: sensibilidade à rejeição. E um bloqueio sem fecho é a forma mais pura de rejeição que existe, porque não tem um porquê a que a pessoa se agarre nem um adeus a que responder: é uma porta que desaparece da parede. A minha cabeça não leu um bloqueio. Leu de uma assentada todos os cortes a seco da minha vida, a começar pelos dela: a mala do inverno do primeiro internamento e o funeral do meu pai a que não veio. Isso, num homem sem lítio havia semanas e sem dormir, não é um desgosto. É um fósforo num quarto cheio de gás.

Onde é que eu estava, que isso nunca ninguém o contou. Na sala de casa da minha mãe, na aldeia, a dormir numa cama desdobrável, com a televisão ao lado e a vida da casa por cima. Um homem de trinta e cinco anos a dobrar-se todas as manhãs com a sua cama. Trabalhava dali, fechado, com a agorafobia a começar a fechar-me a rua. Bebia todos os dias. Não dormia. E naquelas semanas fui eu que acabei com a Judit, uma mulher com quem estava havia uns meses e que era do mais adulto que passou por esta história, em pleno pródromo, ao telefone e mal. Ela ofereceu-se para acabarmos em pessoa, como adultos.

Não fui. A pedir à Marta por SMS o que estava a negar à Judit ao telefone, e sem o ver. Como quem procura os óculos com os óculos postos.

E a meio de tudo aquilo organizou-se uma chamada a três com a Lidia, com a melhor intenção do mundo e com o efeito contrário. Ali soube, pela boca dela, o que se tinha passado no dia dos estores: que ela estava na casa, com a minha família, e não desceu, e que ao internamento não apareceu um único dia. Saber o quão perto tinha estado, e que decidiu não se aproximar, acendeu-me uma raiva que eu não conhecia. Isto não o escrevo para justificar o que fiz depois. Escrevo-o para que se perceba. E além disso houve quem desse uma ajuda. Dois desconhecidos que se apresentavam como investigadores de internet decidiram dedicar as tardes à Lidia: puseram-se a rastrear-lhe a vida na rede e trouxeram-me um relato já montado. O que aquele relato dizia tanto faz; o que importa é que a minha cabeça o comprou inteiro. Uma paranoia fabricada a sós cai pelo próprio peso. Uma paranoia com duas testemunhas que te vão mostrando capturas de ecrã sustenta-se de pé. E lancei-me contra a Lidia nas redes, e não com a desordem do que tinha feito anos antes com a Marta, mas com estrutura, com uma lógica interna montada por um cérebro em surto. Fui muito mais sistemático. E precisamente por isso fiz mais mal.

Umás semanas mais tarde ela pôs-me por escrito o que levava meses a guardar: se eu percebia de uma vez por que é que se tinha ido embora, que era porque me eram indiferentes as consequências do que fazia e as pessoas que tinha à volta. E uns dias depois, com os pontos numerados, o resumo mais bem ordenado que alguma vez me fizeram daquele ano: eu estava mal; era preciso parar e não havia maneira, por causa das drogas e do delírio do Messias; ela não tinha ferramentas; eu era um muro para qualquer retroalimentação, metido num túnel cognitivo. Três dias antes de receber essa lista eu tinha-lhe anunciado que a minha terapia estava praticamente acabada. Um homem a proclamar que está curado enquanto lhe descrevem o túnel por dentro. E pelo meio escrevi duas frases que hoje leio pelo que são: que não sou bipolar e que sou o Marcos. Ela despediu-se bem: que o corpo dela não andava bem, que tinha de me bloquear, que déssemos um tempo por saúde. Desejou-me sorte com a mudança e pediu-me que me cuidasse. Doze dias mais tarde eu estava metido no grupo do capítulo seguinte.

Antes do hotel aconteceram mais duas coisas. Telefonou-me a Raquel e eu fui até onde ela vivia então, e naquela noite voltei a consumir. Quem eu tinha à frente conhecia a minha história de fio a pavio: os internamentos, o que aquela

mesma substância tinha feito ao meu cérebro um ano antes, os dezanove dias isolado, as correias e a fragilidade exata do momento em que eu estava. E eu sabia-o enquanto o fazia. Era o caminho mau, sim, e o outro caminho, o de me aguentar sem nada, metia-me ainda mais medo. E na semana anterior, com o pródromo já montado e o relato de agravo a comer-me todas as noites, peguei no carro da minha mãe e subi sozinho à montanha do mosteiro sem dizer a ninguém para onde ia. Fui procurar o ponto exato em que a Marta e eu, anos antes, tínhamos feito amor ao entardecer de um dia grande, com o mosteiro a calar-se à nossa volta. Daquela vez só havia vento, pedra e um homem de trinta e cinco anos cravado no mesmo sítio, a olhar para o mesmo horizonte, completamente sozinho. E ali caiu-me em cima uma certeza sem uma fenda: tinha-a perdido. O que mordida não era isso. Era a maneira. Que a mulher que provavelmente mais tinha gostado de mim em toda a vida dela me tivesse apagado sem se despedir e sem sequer me censurar nada. Não era que me tivesse deixado. Era que eu tinha deixado de existir para ela, e isso é outra coisa e morde noutro sítio. Desci a montanha inteira com uma pergunta que não tem resposta: se alguém assim me podia eliminar daquela maneira, o que é que eu era.

Portanto junta tudo, que é o que nunca ninguém fez, nem um tribunal nem eu próprio até há pouco tempo. Um homem de trinta e cinco anos na cama desdobrável da sala da mãe. Sem lítio desde o inverno e sem injetável desde o outono. A beber todos os dias. Sem dormir. Com a agorafobia a fechar-lhe a rua. Com uma recaída na quetamina em cima, à frente de quem sabia de sobra o que aquilo lhe tinha feito um ano antes. Com dois desconhecidos a alimentarem-lhe uma paranoia com provas falsas. Com uma relação que ele próprio tinha acabado e outra que tinha rebentado nas redes. E por baixo de tudo isso, o buraco que a Marta tinha deixado sem uma palavra, que era o único que ele não podia nomear. Sete coisas entrançadas, seis delas minhas ou de gente que não era ela, e por cima das sete uma doença sem tratar. Não foi um homem que um dia decidiu fazer mal a alguém. Foi um edifício inteiro a cair todo ao mesmo tempo.

Poucos dias depois de descer dali aluguei um quarto num hotel alto da cidade. Vigésimo sexto andar, com Barcelona por baixo e eu a olhar para ela como se fosse o rei do mundo. E tem de se dizer de que hotel se tratava, porque eu só liguei as pontas anos mais tarde e com esse dado o episódio lê-se de outra maneira: era o mesmo hotel e o mesmo andar onde a Marta e eu tínhamos dormido na noite da reconciliação, acabados de voltar a apaixonar-nos, a primeira vez na vida em que eu punha os pés num sítio daqueles. Primeiro subi sozinho ao pon-

to exato da montanha onde tínhamos estado juntos; uns dias mais tarde aluguei o quarto onde tínhamos dormido. Um homem convencido de que está a enlouquecer por sua conta e que na verdade vai visitando, um atrás do outro e sem o saber, os altares da sua própria história. Ponho-o porque é a prova mais limpa que tenho de que aquilo não era ódio. Era um cérebro sem travões a procurar às cegas o que mais tinha amado.

Comprei duas garrafas e subi. E agora a janela. Um vigésimo sexto andar tem uma vidraça de cima a baixo e a cidade inteira por baixo, de noite, com as suas luzes, e a um homem sem rédea, sem sono e sem chão aquilo não lhe parece uma vista. Parece-lhe uma saída. Quem subiu àquele andar não tinha ido ali fazer mal a ninguém. Tinha ido ali para não voltar. E teve a sorte, ou a graça, de que a polícia chegasse antes dele. O que aconteceu naquele quarto nas duas noites seguintes não o recordo.

Capítulo 35 · Os áudios

O grupo era meu. Tinha-o aberto tempos antes, com o nome que usava então, numa dessas aplicações de mensagens, e dava-lhe o uso que se dá a um sítio assim: desabafar. Naquele inverno reabri-o com duas frases, que tencionava pôr ali uma compilação dos meus áudios e que quem os ouvisse mos rebatesse em cru. E pus quarenta e tal seguidos, alguns de um quarto de hora. Aquilo acabou por ser uma espécie de fórum com reuniões por videochamada; eu convocava debates e pedia fotografias de graffitis e de notas com uma etiqueta. Era essa a sala. E já me tinham restringido a conta por denúncias.

Os desconhecidos entraram numa noite, quinze de uma assentada, e um deles contou-me de onde saíam: de um grupo de coscuvilhices onde levavam três dias com o meu nome na boca. A partir daí a curva daquela sala foi exatamente a curva do meu episódio, em mensagens e em gente: chegaram a ser quase duzentos a olhar para a mesma coisa, e quase tudo o escreveu uma dezena. E o que diziam àquele homem está escrito e ponho-o tal e qual, porque quem ler isto tem de ver o que se lia dentro daquele ecrã: és um incompreendido, o melhor é tirares a vida e passares de nível. Suicida-te e deixa de sofrer. Eu vinha ver um suicídio em direto e só há um gajo a pedir dinheiro. Não tens tomates para te atirares. Uma vez e outra, em dias diferentes. Na primeira noite, enquanto eu bebia cerveja, corrigiram-me o copo para cima, para o gin. Eu levava anos a usar o álcool para baixar as noites sem dormir, e eles sabiam-no porque eu o estava a contar em direto, e o que fizeram foi subir a graduação. E empurravam nas duas direções ao mesmo tempo: um escrevia que telefonassem à Marta e outro, na mesma tarde, que eu não tinha tomates para lhe telefonar; quando eu falava dela, que a Marta me odiava, que eu não existia para ela. Se alguém quisesse saber como se mantém um maníaco aceso doze dias seguidos, que leia aquelas duas semanas. É um manual.

E há uma coisa que já não se consegue ler sem que a alma nos caia aos pés. Eu tinha publicado ali, por minha conta, onde ia estar três dias depois: um retiro no monte, com gente, com o nome da quinta e da aldeia, a pedir que não telefo-

nassem para lá. Um retiro de plantas ao qual, com o meu diagnóstico, nunca deveria ter ido, mas que ao menos era gente, e monte, e horas sem ecrã. Durante três dias aquilo foi a piada do grupo. E na véspera um deu-o por morto com quatro palavras, e quatro horas depois outro escreveu: chama um táxi e vai para o hotel. Dois minutos depois, outro colou um link para um site de hotéis. Que se eu chegasse ao hotel gravasse vídeos de tudo. Que me entrincheirasse no quarto. O dia do retiro foi o dia da polícia à porta.

E agora a parte que mais me custa, que é a dela. daquelas duas semanas, nove dias são um homem em surto a falar da mulher que amava, à frente de desconhecidos, aos borbotões. Que era do melhor. Que nunca foi a seguinte, que era ELA, assim, em maiúsculas. Que não era o porto: que era o oceano. Que era a minha alma gémea. E quando algum se pôs a fazer piadas com o nome e com o corpo dela, saltei a defendê-la, e isso está escrito. E está ali também, do mesmo homem e dos mesmos dias, uma frase que leio com um nó: que eu não ia perseguir a Marta. E está ali o resto, que também é do mesmo homem: que se alguém se atrevia a telefonar-lhe e a explicar-lhe tudo; que quem era o primeiro a telefonar-lhe; e o número dela, escrito por mim, três vezes. As três vezes saíram do meu teclado. E uma frase do mesmo dia que retrata melhor do que nenhuma onde é que eu estava: que eu estaria a um telefonema de ser fechado para o resto da vida. Sabia-o. Escrevi-o. E continuei.

E depois chegou aquela noite, e conto-a como foi. Bebi uma garrafa inteira, e há gente daquele grupo que o deixou escrito por sua conta, a perguntar-me como ia a garrafa, portanto nem sequer é memória minha. Com aquilo cá dentro e com o surto a plena potência, telefonei-lhe. E telefonei-lhe outra vez. E outra. E nalgum ponto daquela madrugada fui-me completamente da cabeça e comecei a gravar à bruta. Horas de áudios, com a voz rota, tomada pelo álcool duro e pela loucura. Ameaças de morte brutais, aberrações que a minha cabeça ia fabricando com o aprumo de quem acredita que está a contar a verdade ao mundo inteiro. Disse que lhe cortaria a coluna com uma tesoura de podar. Publiquei os dados dela. E os meus. E a certa altura, depois de horas de áudios, um deles escreveu: bom, já a ameaçaste. E eu respondi nesse mesmo minuto, em quatro mensagens seguidas: bah. Era uma brincadeira. Uma trollada. E dois minutos mais tarde estava a pôr outro áudio. Conto-o porque é exatamente o que havia dentro da minha cabeça: eu achava que estava a dar um espetáculo a uma sala, a representar para uma plateia que me aplaudia. E nessa mesma noite, na mesma sala, partilhei fotografias nossas dos anos bons, com o orgulho de quem mostra

o que é seu, e houve quem respondesse que ela era muito feia. Saltei como se me tivessem insultado a mim, e respondi-lhe com um áudio, com toda a prepotência que me sai nos surtos: que a Marta era a mulher mais bonita que eu tinha conhecido, a mais bonita que os olhos dele veriam e a mais bonita de todo o universo e da multidimensão. Na mesma noite em que estava a dizer o outro.

Alguém daquele grupo fez chegar os áudios à Marta. Foi isso que lhe chegou, e não vou baixar-lhe uma vírgula, porque o que lhe chegou é verdade e o medo que senti é verdade. O que é preciso perceber daqueles áudios não os desculpa, apenas os explica: o que saiu da minha boca não era um plano nem um desejo. Era o material que a minha cabeça tinha à mão. E a minha cabeça levava vinte e cinco anos metida na internet, a ver e a ler todo o horror que ali dentro se pode ver e ler. Quando a um cérebro assim se tira o travão com álcool e psicose, ele pega no mais terrível que tem armazenado e cospe-o. Por isso, quando os ouvi depois, não reconheci nada. Nem uma frase. Não era o meu vocabulário. Era o esgoto onde eu nadava havia vinte e cinco anos, a sair por uma boca sem travão. Nada daquilo ia dar a lado nenhum, e não foi dar a lado nenhum. Mas chegou-lhe. E isso é o que não posso arranjar.

No dia seguinte o hotel chamou a segurança, a segurança não conseguiu tirar-me do quarto, e chamaram a polícia; eles iam transmitindo na sala, como quem narra um jogo: que tinha telefonado o pessoal do hotel, que havia um polícia à frente da porta, que a bófia já estava dentro do quarto, e um a propor, quando já era completamente redundante, que alguém telefonasse ao hotel para avisar de que o de lá dentro estava em surto.

A meio da tarde entraram. E esta parte não a conto de memória, porque de memória não tenho nada: o telemóvel ficou a gravar em cima da mesa e a gravação está ali, trinta e dois minutos que já pus umas quantas vezes com a sensação de estar a ouvir um desconhecido que usa a minha voz. Vai tal e qual, com o que se ouve.

A primeira coisa que se ouve é Bach, no máximo do volume no portátil, e por cima de Bach a porta e duas vozes novas. Eu estava na cama, completamente nu, tapado até cima com o lençol e a colcha e com a cabeça de fora, e não me mexi.

—Como está o senhor? —diz uma das vozes.

—Sou o Messias.

Disse-o assim, sem levantar a voz e sem pressa nenhuma, como quem dá um dado administrativo. E eles continuaram no que era deles, que é o que mais me

espanta na gravação toda: duas pessoas a fazer o seu trabalho com uma decência que eu não esperava.

—Tem antecedentes psiquiátricos?

—Sou trilionário.

E atrás disso, na mesma rajada, que a mãe de não sei quem era a rainha, que tinham de perceber o que estava a acontecer no mundo naqueles dias, e uma frase que me persegue porque é a única dos trinta e dois minutos que tem forma de argumento jurídico.

—Estou bêbedo de amor. Não de drogas.

A certa altura perguntam-me pelas normas. As da casa, as do hotel, as que eu levava dois dias a saltar sem dar por elas existirem. E aqui está o que de verdade me interessa desta história toda.

—Que normas? Não tocou na Marta.

Foi isso que disse. À frente da polícia. Na terceira pessoa, como se falasse de outro. E é que falava de outro: naquele minuto havia na minha cabeça um homem de quem eu dava conta aos agentes, um terceiro que eu defendia de uma acusação que ninguém lhe tinha ainda formulado, enquanto no telemóvel que estava a gravar havia quarenta áudios a dizer o que diziam. As duas coisas no mesmo corpo, no mesmo dia e com a mesma voz. E uma coisa pequena que também guardo, porque retrata o estado melhor do que qualquer outra: a agente que entrou primeiro tinha um nome composto dos de sempre, e ao fim de poucos minutos eu já lhe chamava pelo diminutivo, com a confiança de quem acredita que veio toda a gente à sua festa.

Tiraram-me dali a delirar, convencido enquanto descíamos de que aquilo tudo era parte de um plano maior que só eu estava em condições de perceber. Do trajeto não me fica nada. Fica-me o acordar: uma cama onde eu não me conseguia mexer, o sabor a moeda velha à minha espera na boca, e uma certeza que já vinha de dentro da queda, a de ter feito desta vez uma coisa que não se arranjava a pagar prestações todos os meses. E acertei.

Levaram-me para o hospital do sul, porque no do norte não havia camas, e ali entrevistou-me o juiz. Não numa sala nem com uma toga: num gabinete emprestado, com um portátil apoiado numa mesa e uma cara dentro de um retângulo no ecrã, e um médico ao meu lado até deixar de estar. Isso é um internamento compulsivo visto de dentro, e tem de se lhe chamar pelo nome: um trâmite que acaba por dar por bom o relato do sistema de saúde e quase nunca o do doente, e que termina com uma pessoa a quem se suspendem os direitos civis

por um tempo que ninguém lhe diz. A mim deixaram-me ali sozinho. Quando vi que não voltava ninguém, minimizei a videochamada, entrei no meu correio e copieei para um post-it os telefones para os quais queria ligar durante o internamento e que não sabia de cor. Escondi o papel dentro das cuecas. Depois servi-me um shot de gel desinfetante num daqueles copinhos de papel que há nas alas, com o desespero que tem um alcoólico em abstinência, e meti-o de um trago. Pedi para telefonar, disse que era à minha namorada, e telefonei à Marta. Disse-lhe: olá, Marta, estou a telefonar-te do hospital. Desligou-me ao ouvir a minha voz. E não lho censuro, sabendo o que havia do lado dela, que também está medido: uma voz que se associou a uma ameaça não chega ao cérebro como uma voz, chega como a ameaça, por um caminho curto que dispara o medo antes de o córtex ter percebido as palavras. Desligar, nesse ponto, não é uma decisão. É um reflexo. A palavra hospital ia pelo caminho longo e chegou quando o telefone já estava desligado. Depois telefonei ao Jordi, amigo da aldeia e de sempre, e ele contou-me que acabava de perder alguém de casa, de repente. Fui completamente abaixo, com o meu pai em cima e com a mulher do segundo internamento em cima, pus-me agressivo com um enfermeiro que tentou fazer-me alguma coisa fisicamente, não recordo o quê, e contiveram-me. Daquela vez com motivos de sobra. Ao fim de sete dias transferiram-me para o hospital do norte, o do meu processo clínico. O relatório de alta diz descompensação maníaca com sintomatologia psicótica, e nos antecedentes tóxicos diz que a minha mãe referia um aumento do consumo de álcool nas últimas semanas, e que o doente o negava apesar da confrontação. Esse é o homem que gravou aqueles áudios: um que oito dias depois era preciso amarrar a uma cama, e que negava ter bebido com as garrafas ainda no quarto.

E neste capítulo, que é o do pior que alguma vez fiz, é altura de explicar como é um surto por dentro, porque o que vem a seguir sustenta-se inteiro na ideia de que aquilo foi uma escolha minha. Primeiro vai-se o sono, que já está contado; depois acelera-se o pensamento, e a sensação não é de doença, é de lucidez; a seguir desliga-se o travão, o que avalia consequências, que é o que já expliquei. E há uma coisa que as pessoas não sabem da mania, porque a imaginam como euforia: uma em cada três, mais ou menos, é irritável e hostil, e a hostilidade verbal é um sintoma tão de manual como o não dormir. A agressão física, pelo contrário, é rara, e quando aparece vai quase sempre contra a própria pessoa. O que saiu daquele quarto foi a primeira, na sua forma mais pura. Enquanto isso dura, quem o padece não tem acesso à ferramenta que serve para

avaliar o que faz; não a usa mal: não a tem à frente. Daí que o direito penal preveja como causa de exclusão da imputabilidade a anomalia psíquica que impede compreender o que a pessoa está a fazer. E daí que à frase do costume, mas fizeste-o tu, não se possa responder nem um sim nem um não. Responde-se-lhe isto: fê-lo o meu corpo, com a minha voz e com o meu telemóvel, às ordens de um cérebro que naqueles dias não era o que eu sou. E depois está a parte que é minha e que assumo: levava meses sem tratamento, bebia, dormia mal e passei por cima de todos os avisos. Nenhuma dessas coisas provoca um surto por si só, e todas juntas tornam-no mais provável. O episódio não o escolhi eu. O que escolhi, muitas vezes e durante anos, foi não lhe pôr todas as barreiras que lhe podia ter posto. Aí está a linha e dela não me mexo: do que fiz em psicose não respondo, porque ali dentro não havia ninguém em condições de responder. Do que faço hoje respondo inteiro.

O grupo continuou sem mim mais dezassete dias, a comentar o meu internamento, a discutir em aberto se eu estava internado ou se estava a inventar, quantos internamentos levava. E dois dias depois de me tirarem do hotel, um deles escreveu a única frase sensata daquelas três semanas: que o grupo inteiro estava manchado, que levavam dias a incentivar o messias a fazer loucuras. Eu exportei-o e apaguei-o. A prova do que os outros fizeram guardou-a o único que nela saía mal.

Capítulo 36 · O perdão da Lidia

Saí daquela ala e no correio esperavam-me duas queixas-crime. Uma era da Lidia, pelo que eu tinha feito nas redes naquele inverno. A outra era da Marta, pelos áudios. E atrás veio a pior depressão pós-psicótica que tinha tido até à data, que quem nunca passou por uma não a imagina: não se trata de estar triste, trata-se de que se desliga a corrente geral. Outra vez a sala da minha mãe, outra vez sem ser capaz de atravessar a porta da rua, e com uma única janela para o exterior, que era o ecrã do telemóvel. Por essa janela meteram-se eles. Os daquela sala: mensagens privadas de contas sem fotografia, bocados dos meus áudios transformados em memes com as gargalhadas por cima, puto bipolar, puto maluco, faz um favor ao mundo. Houve um, mais documentado do que os outros, que me escreveu que me suicidasse tal como o meu pai. E as chamadas de madrugada, com número oculto, a tocar na sala da minha mãe para largar a mesma instrução e desligar entre risadas. Disparavam sempre com o mesmo: a minha doença. Não me davam por alguma coisa que eu tivesse feito; davam-me pelo que eu era. E não me fui embora dali, porque quem vive no poço precisa de saber o quanto o odeiam hoje, tal como uma pessoa aperta um dente partido para verificar se continua a doer. Todas as noites entrava a ler a minha própria lapidação.

E ao mesmo tempo, nesse mesmo telemóvel e nessa mesma semana, havia quatro mulheres a fazer comigo quatro coisas diferentes. A minha irmã montava a defesa de dentro: que eu procurasse os áudios com ameaças que diziam ter juntado ao processo, e de madrugada os dois limites de que eu precisava e que não queria ouvir, que a desobedecer aos médicos não ia funcionar nada e que aquilo não era uma prisão mas um processo de reabilitação. Não estás na prisão. Teve de mo pôr por escrito a minha irmã, porque de dentro eu não era capaz de distinguir uma coisa da outra. A Raquel mandava-me canções, um dia atrás do outro, sem me perguntar nada, e uma única frase séria que valia mais do que o repertório inteiro: que era a isso que ela se referia quando me pedia que aprendesse a reconhecer-me antes da mania. Detecção de pródromos, pela boca de

uma mulher que não tinha estudado medicina, três anos antes de me explicar algum profissional. A Judit estava a perdoar-me, que aquilo não era eu e via-se clarinho, e duas horas mais tarde chegava a parte que não era perdão mas fatura: que ela sabia perfeitamente o que havia, e que eu me podia ter apoiado nela em vez de a afastar. E a minha mãe escrevia-me das urgências, com o soro no braço, a interessar-se por como é que eu estava. E aquele homem, nessas mesmas semanas, andava convencido de que não o sustentava ninguém.

A advogada foi de opinião que não convinha contar à Lidia de onde tinha saído tudo aquilo: que provas não havia, que não era altura. A minha irmã telefonou-lhe na mesma. A Lidia não lhe atendeu o telefone, por isso deixou-lhe um áudio a contar-lhe o que se tinha passado. A Lidia ouviu-o. E o que voltou três dias depois, pela boca da minha irmã, é o melhor que me disseram em todo aquele ano: que não percebia por que é que eu não me afastava um bocado dali e não me punha a recuperar o autodomínio, e que se continuasse a deitar lenha na fogueira acabaria por me queimar outra vez. Foi isto que disse a mulher que me tinha apresentado queixa, com todo o direito do mundo a nunca mais pronunciar o meu nome. Eu demorei dois anos e meio a afastar-me. E queime-me outra vez, exatamente como ela tinha anunciado.

E então a Lidia teve um sonho. Tem de se dizer quem era ela para se perceber o tamanho daquilo: niilista, estudante de filosofia, convencida de que nada disto significa nada. Alguma coisa se lhe mexeu por dentro depois de uma viagem, num processo que vinha do sofrimento que tinha passado comigo, e a niilista acabou crente. E naquele sonho a Virgem disse-lhe que eu não era mau, que estava mau. Que era bom. Que ela me tinha de perdoar. Ela continuava num grupo em que eu também estava; pedi-lhe perdão e expliquei-lhe que não tinha sido eu, que aquilo não o fiz de propósito. Perdoou-me e retirou a queixa. Mais de um ano depois escrevi-lhe para lhe agradecer por ter sido compreensiva com a minha doença e para lhe contar que o tratamento ia bem, e respondeu-me sem uma censura e sem me pôr uma única condição: que lhe tinha custado um mundo perdoar-me, mas que Deus a tinha ajudado, e que sem Ele não acredita que tivesse sido capaz. Eu levo anos a querer que as pessoas me percebam. Ela fez uma coisa bastante mais difícil: perdoar-me sem me ter percebido de todo. Aquele perdão não agradou a toda a gente. Alguém que andava perto dela telefonou-me por videochamada estando eu em plena psicose, sabendo de sobra que eu publicava tudo o que me entrava pelo telemóvel, e assim que o publiquei processou-me na via civil pela imagem dele. Na via civil, onde a causa de ex-

clusão da imputabilidade não existe: ali eu não era um doente em surto, era um cidadão lúcido a difundir imagens por pura maldade. Custou-me o que não tinha em advogados e um pedido de desculpas assinado numa língua que não era a minha, em que quem tinha caído na armadilha pedia perdão por escrito a quem lhe tinha montado.

Isto com a Marta não aconteceu. A Marta foi até ao fim, até haver sentença. E não lho censuro, porque sei o que lhe tinha caído em cima pelo caminho e quem lho provocou fui eu: a ela também lhe telefonaram os daquele grupo, com os dados que eu próprio tinha publicado estando em surto, e com aquilo em cima aguentar o processo até ao fim é o que teria feito qualquer pessoa que só quer que aquilo acabe. O que se me ficou cravado foi uma pergunta. Na primeira declaração o advogado dela perguntou-me se eu tinha maltratado a minha companheira, e a juíza deixou por escrito que a pergunta não tinha cabimento. Com aquilo estive a ruminar dois anos. Dois anos a gravar áudios de noite num grupo privado onde não havia mais ninguém além de mim, a falar horas inteiras para uma Marta que não estava, a responder-lhe o que naquela sala não me deixaram responder. Era a isso que se dedicava o homem da cama desdobrável quando se apagava a luz. A responder-lhe.

E aqueles áudios acabaram num tribunal para que alguém respondesse a uma única pergunta: se aquele homem se conseguia governar ou não. Respondeu-lhe um perito médico-legal numa folha, e a folha ficou dentro do tribunal. Os áudios não. E um áudio de um homem em psicose, ouvido sem o diagnóstico ao lado, não informa de doença nenhuma: o que faz é fabricar uma personagem. O resto põe-no a repetição, que se estuda há perto de um século: em cada boca a história encurta, vão caindo os pormenores que não encaixam com o que quem ouve já acredita, e a primeira coisa que cai é sempre o contexto. Para isso não é preciso que minta ninguém em elo nenhum. Basta contá-lo três vezes, e quando uns quantos já decidiram, ao seguinte sai-lhe mais barato fiar-se do decidido do que ir ver por sua conta. Um único dado em contrário parte tudo isso, e esse dado nunca chegou, porque o único que o podia dar estava amarrado a uma cama, ou numa desdobrável, ou a falar de noite para uma ausente. E houve quem se adiantasse: aquela gente publicou uma nota a explicar que o responsável por tudo o que dali saía era eu. Um álibi, um mês depois do meu quarto internamento.

E nos últimos meses daquele ano apareceu alguém que ainda não contei. Chamava-se Nerea. Tínhamo-nos conhecido anos antes e eu tinha-lhe dado

tampa, uma tampa de que não me lembro, e naquele outono escreveu-me um olá esticado e sete minutos depois passou-me a fatura com segundas: que se eu já não era um cretino e se já não deixava as pessoas penduradas. Respondi-lhe o que na altura não teria sabido dizer: que naquela época a minha doença bipolar não estava medicada. A Nerea levava a vida atada com arames e sustentava-a com uma dignidade que eu nunca tinha visto: um trabalho mal pago e crianças a seu cargo. E ainda assim arranjou-me lugar. Ao fim de cinco semanas fez o que mais ninguém neste livro soube fazer comigo: dizer-me que gostava muito de mim, mas que se eu voltasse às drogas ela não ia estar; e vinte e três minutos mais tarde, para que aquilo não soasse a ameaça, que me queria na vida dela e que eu já sabia como era a vida dela. E no inverno: que estar incomodada comigo não significava gostar menos de mim; que gostava de mim, mas que gostava mais de si própria. Naquele outono chegou a Kira, a gata tartaruga, e naquele inverno operaram a minha mãe ao joelho, e quem criou a cria em casa todos aqueles meses foi a Nerea. Até a mania de se meter debaixo da colcha a aprendeu ali. E eu cuidei da minha mãe, levava-a à casa de banho, dava-lhe a picada de heparina. Cumpri.

E perdi-a por não pegar no carro um quarto de hora. A ação arrastou-se todo aquele ano; vendi a moto para pagar advogados e o álcool voltou pela porta das traseiras, uma cerveja para conseguir ler cada peça processual. Eu não comecei a beber com ninguém. Comecei a beber com o tribunal. Vivíamos em duas aldeias do Vallès separadas por um quarto de hora largo de estrada; quem tinha todas as razões para ficar quieta era ela, e mexia-se; quem tinha tudo a favor era eu, e tirar-me de casa custava cada vez mais. Aquilo não era desamor: era a agorafobia e a depressão daquele ano a transformar quinze minutos de estrada numa distância impossível. De fora não se vê doença nenhuma. De fora vê-se um gajo que não aparece. Ela disse-mo com todas as letras: que no meu horário ela não estava contemplada; que era sempre o que eu podia, e muitas vezes o que eu queria; que se acabaram as migalhinhas. E tinha voltado a aparecer uma mulher de antes, de quem falo onde deve ser, e o tempo que não dava à Nerea estava a dá-lo, à frente do nariz dela, a outro sítio. Numa manhã daquele fim de verão escrevi-lhe que ia assim-assim, que tinha tido muitos pesadelos, e cinco vezes seguidas que não a queria perder, e pelo meio, sem vir a propósito, se ela sabia que no dia anterior eu tinha estado reunido por videochamada com gente que tinha o mesmo que eu. Respondeu a isso e não ao resto. Em dezassete minutos meteram-se na conversa as duas coisas que iam decidir os anos seguintes:

a mulher que eu estava prestes a perder e a associação que acabaria por me sustentar. Com a Nerea aconteceu o mesmo que com a Judit, e o mesmo que antes com a Lidia: não as perdi porque tivesse deixado de gostar delas. Perdi-as porque tinha o coração metido num tribunal e numa sala às escuras, a falar com a Marta. Migalhinhas.

Parte V • A QUEDA

Capítulo 37 • A trégua

O ano a seguir ao do hotel foi o mais tranquilo dos últimos dez, e é precisamente o que às pessoas custa acreditar: que entre duas catástrofes deste livro cabe um ano inteiro sem surto, sem ambulância e sem uma má palavra com ninguém. Um ano em que a minha mãe me pediu que não pegasse no carro porque eu levava medicação a mais em cima e eu lhe respondi por escrito que tinha razão. Acertadamente, escrevi. Essa mesma frase, três anos antes, teria acabado numa porta batida. Aquele advérbio mede o que tinha mudado melhor do que qualquer relatório, e o que tinha mudado chama-se eutímia.

A eutímia é o humor normal de um bipolar, o troço do meio, sem mania em cima e sem depressão em baixo. Não significa felicidade e também não significa saúde: significa que a doença não vai ao volante. É uma trégua, e as tréguas sustentam-se com coisas nada épicas: o comprimido e meio da manhã e os dois da noite, dormir sempre as mesmas horas, comer sempre às mesmas horas, não beber, ter um sítio aonde ir de manhã e alguém a quem contar o dia. O dos ritmos sociais já está explicado, e quando se partem (um voo longo, uma rutura, um julgamento) o episódio vem atrás. Tudo isso tinha eu naquele ano. O que não tinha era quase tudo o resto, e aí está a armadilha que ninguém te conta: assim que a doença larga o volante, quem se senta a conduzir é um homem que leva dez anos sem conduzir, com a rua interditada pela agorafobia, com cento e trinta quilos em cima e com uma lista de gente perdida mais comprida do que a da gente que lhe resta. Estar bem, com esta doença, consiste em ter à frente a reconstrução inteira. E a reconstrução não a faz comprimido nenhum.

Fi-la eu, na sala da minha mãe, com dois processos ainda abertos por cima da cabeça e com a dívida que tinha deixado o ano da relação a três, e que paguei sozinho, porque os empréstimos assinei-os eu ainda que o consumo tivesse sido de mais do que um. Quatro anos a pagar. No primeiro mês abri o extrato todos os dias, com a vigilância que se dedica a uma ferida. Depois descobri que o trabalho ajudava: enquanto resolvia a alguém o seu problema, à minha cabeça não sobravam ciclos livres para contar prestações. Era suporte técnico; quem atende

quando alguma coisa se partiu. Não era o trabalho que eu teria escolhido, mas trazia uma coisa com que eu não contava: um problema concreto, de uma pessoa concreta, que telefonava com voz de precisar de ajuda e desligava com voz de já não precisar. Ou funcionava ou não funcionava, e para um gajo cuja vida inteira era ambígua aquilo era quase um tratamento. Pagar mês a mês durante quatro anos não tem nada de façanha. É um exercício de rendição: admitir que há consequências que não se vão embora sozinhas e que a única coisa que está na tua mão é não deixar de pagar.

E naquele ano tranquilo fiz o que qualquer pessoa faz ao descobrir que ficou sem ninguém: pôr-me a bater a portas velhas. Uma delas era a da Nuria. E isto convém dizê-lo claro, porque já foi contado ao contrário muitas vezes: a Nuria não voltou. Procurei-a eu.

Para se perceber o que era a Nuria quando abriu aquela porta é preciso olhar para os que estavam à volta. Os amigos de sempre dela não a deixaram pendurada: amadureceram, que não é o mesmo ainda que de dentro se pareça bastante. Eu próprio lhe tinha enredado o mundo dela com o meu no ano do sofá, quando lhe apresentei no aniversário o melhor que tinha. E um a um, os daquele grupo foram encontrando a sua saída: uma companhia, um trabalho, uns miúdos, uma vida que avança. A Nuria ficou onde estava enquanto os outros se mexiam. Tinha as suas próprias razões e a sua própria ferida, e não são minhas para as contar. Também não o ponho como censura: eu passei anos a fazer coisas parecidas para não olhar de frente para o que tinha à frente. Ponho-o porque a todos os que se mexeram os despachava com a mesma palavra. Tinham-na abandonado. Das saídas dos outros falava com troça, como quem comenta uma rendição, e o que estava a descrever sem se dar conta era o que a ela lhe tinha ido escapando. Eu ouvi um por um aqueles comentários e olhei para o lado, porque precisava de companhia. E a regra é velha e eu sabia-a: quem fala mal dos outros nas costas deles à tua frente, um dia falará mal de ti nas tuas. Abandono. A mesma palavra que anos depois me ia colar a mim.

Por essa altura alguma coisa se lhe tinha mexido, e era nisso que ela estava quando lhe escrevi, sem esperar nem de longe o que veio. Aquilo reativou-se com uma força que eu não tinha calculado, e tem de se dizer o que vinha dentro dessa força, porque o final tingiu o princípio e o princípio foi outra coisa: a Nuria deu-me compreensão sem limite. Deu-me carinho, deu-me cuidados e deu-me as chaves da casa dela. Descia a comprar pão, ovos, tomates e leite para me preparar o pequeno-almoço. Esteve atenta a mim num troço em que eu não esta-

va atento a ninguém. Deu tudo por tudo, e eu, naquele momento, precisava disso.

E agora a parte em que saio mal. Tudo aquilo me afastou da Nerea, e não por acaso: afastei-me porque escolhi. Com a Nerea eu não estava bem: continuava em pleno luto pela Marta, a gravar áudios de madrugada sobre uma história terminada anos antes, e não punha naquela relação nem metade do que havia a pôr. Um dia daquele outono ela escreveu-me as três coisas em que eu me devia centrar, ginásio, universidade e trabalho, e meia hora mais tarde o que precisava de mim, sem ambiguidades: que eu estivesse atento sem me obcecar, que soubesse que ela existia, que não desaparecesse, que fosse capaz de lhe ouvir um áudio quando mo mandava. E nessa mesma manhã escreveu-me o mais bonito que alguma vez alguém me escreveu: que eu tinha voltado a aparecer na vida dela de uma maneira tão inesperada que parecia mentira, e que em muito pouco tempo já fazia parte da pequena família dela. O elogio, o plano e o ultimato, tudo no mesmo dia. E é aí que a Nuria fez o que era dela, que consistiu em não me censurar nada: compreensão sem condições precisamente no minuto em que a outra porta me estava a pedir contas. Fiquei-me pela que não pedia contas e deixei de me chegar à que pedia. Um cérebro que vem de onde vinha o meu puxa sempre para onde não lhe pedem contas. E com a Nerea aquilo não foi justo.

A Nuria queria uma relação, e eu não lha podia dar, e não pelo que parece. Nunca a vi como companheira: não foi uma decisão, foi uma ausência, e as ausências não se explicam, descrevem-se. A mim apaixonaram-me sempre as mulheres com quem se pode falar até às quatro da manhã do que quer que seja, as que têm um mundo cá dentro a que a pessoa se chega. Com a Nuria ria-me como com pouca gente; o que nunca houve foi um sítio onde me chegar, e sem isso, num homem fabricado como eu, não arranca nada. Ela disse-mo muitas vezes, e não a brincar: que seríamos o casal perfeito, que como é que eu não via. Aquele desejo era real e era dela. E aqui a eutímia deixa de ser uma palavra e transforma-se na prova mais limpa que tenho: estando em eutímia nunca a desejei. Nem uma única vez em doze anos. Desejei-a no ano do sofá, e desejei-a a sério, mas aquele desejo ia montado em cima de uma hipomania e apagou-se com ela; sem episódio não havia nada do resto. Voltou, tive-a à minha frente meses inteiros, com todas as facilidades imagináveis, e não quis. Nem relação nem cama. Disse-lho de mil maneiras diferentes e todas lhe soaram a rejeição pessoal, quando o que eu lhe estava a descrever era como eu sou feito.

E havia outra razão, que explica este troço melhor do que nenhuma. Antes da Nuria tinha voltado a Raquel, e a ordem importa porque foi contada ao contrário durante anos: quem naquele ano me voltou a tirar de casa para os sítios daquela comunidade de onde eu me tinha ido embora foi a Raquel. Quando a Nuria reapareceu eu já estava dentro outra vez, e já não queria nada do que tinha andado a pregar durante uma década. E ainda assim fiz o que faço desde miúdo, juntar toda a gente com toda a gente, como se uma casa cheia fosse o mesmo que uma casa: pus a Nuria e a Raquel uma à frente da outra e disse olha, esta é esta e esta é a outra. E à Nuria disse o que pensava sinceramente, que ali dentro não a ia julgar ninguém, que faria amigos, que se calhar conhecia alguém. E meteu-se, claro. Só que quem ela queria era a mim. Portanto entrava com entusiasmo num mundo de onde eu saía com alívio, e esse mundo era justamente o que ela queria partilhar comigo. Caminhávamos em direções contrárias pelo mesmo corredor, e disso não tinha culpa ninguém.

O último dia daquele ano conto-o inteiro porque tem as duas coisas. De manhã estive a falar com a Nerea. Tínhamos combinado ver-nos e eu comecei a mexer na hora, porque a minha mãe me tinha pressionado com o plano do almoço, e propus-lhe atrasar. O que veio a seguir durou nove minutos e ponho-o como soou, que é como tem de se pôr.

—Lamento. Não vai poder ser: o plano não era esse. Obrigada por me mostrares qual é o meu lugar.

—Podemos fazê-lo de outra maneira. Eu adapto-me.

—Não vi nada que já não tivesse visto. A tua mãe volta a ganhar. Acaba-se este ano de merda.

—O que vem será melhor.

—Para mim sim. Para ti não sei.

Nove minutos, e ela tinha-o visto muito antes de mim. E nessa noite a Nuria levou-me a jantar com os dela. Apresentaram-me como o amigo da Nuria e arranjaram-me um lugar à mesa sem perguntar quem eu era, e fazia todo o sentido do mundo: levávamos meses a ser um casal esquisito e platónico, sem vida sexual e casal em tudo o resto, os fins de semana, as séries, os almoços, os planos. Pela lógica dela aquilo era o natural; pela minha, um sítio onde eu não sabia o que estava a fazer. Os dois tínhamos razão de onde olhávamos. Já de volta ao apartamento dela, tensionou-se-me alguma coisa por dentro. Precisava de sair daquela dinâmica e não me restava energia para levantar outra, e aquelas

duas eram o único fio que me segurava a alguma coisa parecida com uma vida social. Por isso fiquei. E a Nuria continuou à espera.

Capítulo 38 • A linha

Já partida a minha história com a Nerea, a Nuria parecia ter assumido que aquele homem afundado e medicado não queria ir para a cama com ela. E agora é altura de ser honesto quanto ao que eu ia buscar a casa dela, que não era sexo. Era carinho. Estava partido, com a agorafobia a comer-me a rua e com o tribunal pendurado do teto, e a única coisa de que eu precisava no mundo era que alguém cuidasse de mim um bocado. Por isso agarrei-me à única fonte que restava aberta: uma mulher que gostava de mim e me desejava, e que estava desejosa de me dar exatamente aquilo que eu não lhe pedia.

A linha tinha-a posto eu, em voz alta e sem me deixar uma palavra por dizer. Nem relação com ela, nem séria, nem sem etiquetas, nem nada a meio caminho. Nem sexo. Nem voltar ao resto, às práticas da minha vida anterior, as da coleira, que eu tinha largado com alívio e que não tencionava recuperar nem com ela nem com ninguém, por motivos que este livro já explicou. Larguei-lho tal e qual: que do ano do sofá para cá as coisas tinham mudado, que eu estava mal, medicado e acabado de sair de uma relação, e que aquilo, simplesmente, já não ia ser. Mais claro do que isto, água. E a linha atravessava-se na mesma, e não a atravessava eu.

De portas adentro aquilo iam sendo beijinhos. Beijos castos, desses que não comprometem a nada e que a mim me comprometiam a tudo, porque eram a fresta por onde entrava o resto. E o resto eram as mãos dela. Apalpava-me, mexia-me, porque lhe apetecia e porque queria. A mim aquilo era incómodo, e digo incómodo e não outra coisa. E aqui quero ser exato, que isto já o contei mal umas quantas vezes e nas duas direções. Não houve mãos à noite nem nada que se lhe pareça. Houve roçares e carícias de dia, de estar por casa, em quantidade maior do que a que eu queria. E agora o que menos me favorece: nunca lhe disse que não. Nunca. Não houve uma única vez em que eu lhe largasse um ouve lá, miúda, não me toques, que não gosto. Não me senti violentado, e não vou escrever o contrário porque seria mentira. Senti-me pressionado, incomodado, empurrado para um sítio onde não queria estar. Com forças ter-me-ia plan-

tado de vez. Não as tinha. Dizer que não consome energia, ainda que não pareça, e eu entrava naquela casa sem energia para nada.

E vinha a repetir uma coisa que eu não soube desmontar em todo aquele tempo: que quem lhe tocava a ela era eu, a dormir, que lhe tocava nos seios sem dar por isso, e que por isso o dela não era mais do que devolver-mo. Eu nunca lhe toquei de forma voluntária, nem a dormir nem acordado. O que sei é o efeito: qualquer conversa arrancava comigo em números vermelhos, e a partir dali eu já não encontrava a porta de entrada. De uma dívida inventada não sai um não. Levei anos a ver aquela frase pelo que era, que não é uma explicação mas uma manobra: quem ia protestar começa a dever, e vê-se obrigado a negar uma coisa (ter-lhe tocado em sonhos) em vez de poder afirmar outra (que não lhe apetece que lhe toquem). E não acredito que o montasse de má-fé: acredito que não o viu, tal como não viu tantas outras coisas que tinha à frente dos olhos.

O nome que eu usei nos meus piores momentos não é o correto, e o que usaria um tribunal também não. Assédio não foi: essa palavra tem um conteúdo preciso, e gastá-la aqui seria estragá-la a quem precisa dela intacta. E também não foi um pobre homem indefeso perante uma predadora, que é a caricatura contrária e é igualmente falsa. O que houve tem um nome menos vistoso e bastante mais útil: uma erosão. Erodir não é bater; é repetir a mesma pressão pequena sobre o mesmo ponto durante o tempo que for preciso, e nenhum daqueles roçares, por si só, teria deixado marca num homem inteiro. O dano está na soma e em como estivesse o terreno. E o terreno cabe-me a mim explicá-lo, porque sustentar um limite não é um traço do feitio mas uma função, e nesta doença essa função desgasta-se pelos dois extremos. Por baixo desgastam-na o esgotamento e o isolamento, e quando a pessoa a quem seria preciso dizer que não acaba por ser o único vínculo que te resta, o preço do não deixa de ser social e passa a ser existencial. Um homem sem companhia, sem rua e sem rede, com uma única casa aonde ir aos fins de semana, não joga essa casa por uma mão na coxa. Isso não é fraqueza de feitio: é uma conta. E por cima desgasta-a a hipomania, e então a pessoa não decide atravessar a linha que tinha pintado: deixa de ver que a pintou. Eu fui as duas figuras, e no ano que estou a contar calhou-me primeiro a de baixo e uns meses depois a de cima. E há uma metade de que nenhuma explicação me livra: ela não lia o pensamento. Um não dito com a boca teria mudado aquela situação, e eu não o disse. Essa omissão é minha. Pequena e verdadeira.

Aquele fim de semana fora, já a roçar a primavera, conto-o completo, porque teve muito mais de bom do que de mau. Correu bem: comemos às mil maravilhas, percorremos a vila e estivemos como levávamos meses a estar, de casal esquisito e platónico. Metemo-nos nus numa banheira de hidromassagem bastante pirosa e a mim pareceu-me ótimo: ninguém me forçou e não tenho nada a censurar-lhe. E há mais uma coisa que tem de se dizer em voz alta: a Nuria estava a levantar-me do chão uma autoestima que andava pelo chão. Achava-me bonito, com um corpo de que eu tinha vergonha; a Nerea tinha-me atirado à cara que eu estava a engordar, sem saber o que fazem a um corpo o cortisol e a medicação, e a Nuria aceitava-me tal e qual e além disso gostava de mim tal e qual. Seria injusto não o escrever. O resto foi diferente. Teimou em que fizéssemos uma daquelas coisas da minha vida anterior, das que eu tinha deixado, e queria que lha fizesse eu, e continuou a pedir-mo depois de me ouvir dizer que não, e disse-o várias vezes, até que disse que sim. Aí houve um não. Dito, explícito e repetido. E houve uma insistência que não parou com esse não, mas que continuou até eu ceder, e não cedi numa tolice: cedi exatamente no ponto que eu tinha assinalado como meu. Fi-lo a contragosto, por puro desgaste, e saí dali com a sensação de me ter traído. Não lhe ponho etiqueta jurídica nem lhe atribuo intenção, porque não acredito que pretendesse obrigar-me a nada. O que acontece é que a mim a insistência desarma-me: acabo por ceder para que aquilo pare, e quem carrega depois com o cedido sou eu. Aquele sim arrancou-o ao cansaço e não ao desejo, e por isso serviu para o contrário do que ela procurava: ali a Nuria percebeu que eu nunca a ia querer daquela maneira.

E houve outra coisa que me pediu com a mesma insistência, e vai em parágrafo à parte porque não tem que ver com o anterior nem com nada do que ela fizesse para ganhar a vida. Pediu-me que participasse numa coisa que teria significado incitar-me a cometer um crime. Não digo qual, porque não é preciso. Pediu-mo sem rodeios, como se pede um favor de vizinhos, e aí neguei-me redondamente, e expliquei-lhe porquê: porque me metia de cabeça numa alhada de onde depois não ia saber sair, e alhadas com a justiça já tinha de sobra. O que me descolocou foi outra coisa: dar-me conta de que a porta que eu tinha aberto para que ela fizesse amigos se tinha transformado noutra coisa, e de que eu, sem comer nem beber, podia acabar a dar explicações por um assunto que não tinha posto a andar. Aí erodiu-se-me a confiança. O padrão repete-se nos três casos: eu ponho o limite, ela empurra, e empurra, e empurra. E quando se construiu o relato de quem tinha feito o quê, a versão que sobreviveu foi a dela.

Eu passei a ser o predador e ela a vítima. De todas as versões desapareceram a minha recusa daquele fim de semana e também as minhas cedências, e fiquei sem o limite respeitado e ainda por cima com a etiqueta colada.

Dito isto, tenho de quebrar uma lança por ela. Naquele inverno voltei a ver a minha filha ao fim de oito anos e meio, e a Nuria incentivou-me muitíssimo. Entregou-se àquilo. Eu, em pleno entusiasmo, cheguei a propor-lhe que viesse conhecê-la, e foi ela que me travou com bom critério: que não era o momento nem era o sítio. Pôs-se do meu lado naquilo, e durante meses também no da Marta, que não era pouco. O que já não me bate certo veio depois: um dia deu a volta ao relato completo e passou a olhar para mim como se eu tivesse sido um monstro naquela casa, a torcer coisas que até aí lhe tinham parecido evidentes, e ainda por cima chegou a dizer-me que eu lhe tinha vendido um filme. O que eu lhe contei foi a versão avariada que eu tinha naquela altura, e este livro trata a Marta com muito mais compreensão do que a que eu tive naquele sofá.

Em suma, e sem batota: nem anjo salvador nem monstro. A Nuria fez-me muito bem primeiro e muito mal depois. Para ordenar isso uso a regra que devo ao Jordi e que atravessa o livro inteiro: pessoas boas e pessoas más não há; há ações boas e ações más. E na minha coluna é altura de escrever esta: anos mais tarde, já em pleno descalabro, gravei uns vídeos em que contei dela coisas falsas que a põem num lugar que não é o dela. Da parte dela nunca houve a intenção de me fazer um mal desse tipo. Ela queria-me a mim e ponto. E eu estava tão partido que acabava por fazer com ela coisas que não me apetecia fazer, e não por falta de carinho, que carinho tive-lhe às carradas, mas porque não olhava para ela dessa maneira nem alguma vez tinha olhado. Aí está tudo. Que se me tornou pesada é certo e não o retiro. O outro, o que larguei quando estava pior, não se sustenta: há palavras demasiado pesadas para se deixarem cair em cima de alguém, e eu sei bem quanto pesam, que me caíram umas quantas sem que por trás houvesse vontade nenhuma.

Capítulo 39 • O podcast

Há um episódio do podcast que ouvi uma única vez e que não voltei a pôr. É o terceiro, o último que editei, e editei-o tal como os dois anteriores: de madrugada, na sala da minha mãe, com os auscultadores postos para não acordar ninguém, a limpar os silêncios incômodos, a igualar as vozes, a cortar as risadas que se pisavam umas às outras e a colocar no início o genérico que eu próprio tinha composto com um programa gratuito. Pu-lo no ar, e catorze dias mais tarde estava fora.

Mas antes de contar como é que me puseram fora é preciso contar o que era aquilo, porque visto de fora um programa de três amigos a falar de cinema parece uma tolice de sobremesa e para mim não foi. O projeto nasceu no ano tranqüilo, num sofá, entre séries e sagas: divulgação de cinema, da de se sentarem três à frente de um microfone a explicar por que é que um filme é o que é. A ideia não foi minha e devo-a a quem a teve. Os outros dois punham a voz e as ideias; eu punha o que sei fazer, que é o som, a edição, a música e a parte técnica de pôr as coisas onde é preciso pô-las. Sem receber, evidentemente: ali não recebia ninguém. Foram meses de trabalho, de reuniões, de noites à frente da faixa de áudio e de conversas longuíssimas, e isso deu a um gajo que levava dois anos sem pôr os pés na rua precisamente o que lhe faltava: uma rotina e um sítio. Um sítio onde o que eu sabia fazer servia para alguma coisa. E não se montou por interesse de ninguém: montou-se porque nos apetecia estar perto e porque nos divertíamos, que é o motivo pelo qual as pessoas fazem as coisas normais. Quando chegaram as gravações, naquele verão, eu já ia de cabeça para a queda que conto no capítulo seguinte, e sentámo-nos à frente dos microfones um mês depois da pior discussão da minha vida, num programa que no papel ia reconciliar-nos. No papel. Durante aquelas semanas editar foi, sem exagero, a única coisa que me mantinha de pé: a única coisa da minha vida que devolvia resultados se eu lhe metesse horas. Também ma tiraram.

Como me puseram fora conta-se depressa, porque não houve nada para contar. Nem uma conversa, nem uma chamada, nem uma mensagem a dizer até

aqui chegámos. Decidiram-no os outros dois, e como chegaram a essa decisão é assunto deles e eu não o sei. No arquivo daquele mês não fica uma linha: nem a conversa em que se decidiu, nem o instante em que soube, nem o que eu disse naquele dia. Fica o rasto, e o rasto dura meses. Poucas semanas depois escrevo à minha irmã que ando em baixo porque o programa continuou sem mim, e eu olhava para aquilo do passeio como se olha para uma casa onde se esteve a viver. Algum tempo depois, a meio de uma discussão, escapa-me a única frase que diz como é que eu estava a viver aquilo por dentro: que não sei o que é que ela viu nem o que é que eu armei naquele mês. E a resposta arranca a dar por certa uma coisa que eu não sabia que se dava por certa: que aquilo não era só daquele mês. Já no outono, com todo o resto em cima, resumo-o à minha irmã numa pergunta que continuo sem conseguir responder-me: se de verdade, a sério, foi tudo por causa de um puto podcast. E no inverno o apagamento deixa de ser uma interpretação minha para se transformar numa frase com sujeito e verbo: que estou bloqueado na conta do programa.

Porque não se ficaram por me pôr fora. Os episódios em que eu aparecia foram apagados, e voltaram a ser gravados exatamente com os mesmos temas, sem mim, e publicados de novo como se a versão anterior nunca tivesse existido. E isto, como historiador frustrado que sou, reconheço-o à primeira: na Roma imperial costumava apagar-se dos registos o imperador caído em desgraça, picar-lhe o nome das inscrições, fundir-lhe as estátuas e atirar-lhe o corpo ao Tibre para que não ficasse memória de que tivesse existido. *Damnatio memoriae*, chamam-lhe os livros. A mim apagaram-me o trabalho como se eu nunca o tivesse feito. Com um pormenor que tira até a grandeza ao assunto: o programa continuou a ser publicado com o meu genérico lá dentro e sem o meu nome.

E a isso é preciso pôr-lhe o nome exato, que não é hipocrisia, porque com hipocrisia não se explica quase nada. Chama-se estigma de cortesia, e descreveu-o Goffman há sessenta anos no livro onde está descrito quase tudo o que aparece neste capítulo: o estigma contagia-se. Quem anda ao lado do marcado recebe uma porção da marca, e recebe-a pelo simples facto de continuar ali, sem ter feito nada. Isso tem uma consequência que não é de gente má, mas de gente vulgar: defender o assinalado sai caro. Custa reputação, custa amigos, custa que olhem para ti com a mesma cara de antes. E numa comunidade pequena como aquela, onde toda a gente se conhece com dois intermediários pelo meio e onde existem redes de mulheres cuja função é avisar acerca dos homens

perigosos, redes que fazem falta e que salvam mulheres a sério, colocar-se ao lado de um homem sobre quem circulou um aviso é meter-se na lista. Por isso não desceu ninguém a apanhar-me quando caí. Não porque fossem cruéis, mas porque continuar comigo no programa, com o meu nome nos créditos e a minha música na abertura, era levar a minha marca em cima. E isso faz-se sem se decidir, em pecinhas que andam sozinhas: não é uma expulsão, é que o projeto tomou outro rumo; a responsabilidade reparte-se entre dois até não ser de ninguém; e sobretudo o outro é recolocado numa categoria onde o cuidado já não se aplica. No relato daquele verão eu tinha deixado de ser uma pessoa: era um assunto. Aos assuntos não se pergunta como estão; resolvem-se. E o que faz com que o mecanismo funcione tão fino é que de dentro não se nota nada, nem então nem agora. Houve gente daquela comunidade que o viu por dentro e mo disse, mas disse-mo mais tarde, quando já não custava nada dizê-lo, que é exatamente o que o estigma de cortesia prevê.

E falta a segunda parte. Em saúde mental chama-se-lhe dupla vitimização, e descreve uma coisa muito precisa: a quem tem uma perturbação não lhe basta a doença, ainda por cima leva um segundo golpe, o que lhe dão os outros por a ter tido. O primeiro é teu e não o escolheste: o episódio, o que a tua cabeça faz, o que dizes sem te conseguires travar. O segundo dão-to: afastar-te, apagar-te, retirar-te o cumprimento, tratar-te como um problema em vez de como um doente. E a diferença entre os dois sustenta este livro inteiro: pelo primeiro eu não era responsável; pelo segundo eles eram. Entrar em surto não o escolhe ninguém. Apagar-me escolheram-no todos os que me apagaram. E não o escrevo para o cobrar. Escrevo-o porque um leitor com o meu diagnóstico podia fechar este livro a acreditar que o que lhe fazem quando o afastam foi ele que o mereceu. Não o mereceu.

E já sei o que se pode pensar, porque é o que pensaria a Marta, que procura sempre primeiro a razão do outro: que eles também não sabiam. É verdade, e assino-lho tal como lho assino a ela. Mas há um matiz que no caso dela pesa de outra maneira, e é a única censura que me vou permitir. A Marta não sabia nada porque não lho disse ninguém: em catorze anos eu não fui capaz de lhe dizer o nome do que tenho, e o pouco que lhe disse disse-lho com o nome velho. A eles disse-lho. Conheciam os meus internamentos, conheciam o das correias, conheciam a minha história inteira porque lha tinha contado eu naquele sofá. E quando naquele outono eu estava desfeito, a resposta que me chegou por escrito foi que eu dizia ser bipolar para me desresponsabilizar. Isso não é não saber. Isso é

sabê-lo e dar-lhe a volta. A ignorância não anula o efeito, mas anula a censura, e eles não tinham a ignorância a seu favor.

E para que se veja onde aterrava o segundo golpe é preciso explicar como estava a rua por essa altura. A agorafobia não aparece de repente; instala-se como se instalam as coisas que vêm para ficar: primeiro é uma preferência, depois um hábito, depois uma necessidade e por fim uma impossibilidade. A preferência de ficar em casa formou-se-me nos anos das sessões com a Marta, quando o mundo inteiro cabia num apartamento e a casa era o único sítio sem variáveis. O hábito instalou-se com a pandemia, que chegou precisamente quando a preferência estava madura, e eu pensei com um alívio que não me atrevi a dizer em voz alta: não sou eu, é que o mundo veio ter comigo onde eu já estava. Os internamentos agravaram-no, porque cada regresso a casa vindo de uma ala empurrava a rua um bocado mais para longe, e sair passou a significar a possibilidade de me cruzar com alguém que me reconhecesse. A necessidade chegou pela mão das queixas-crime, e no ano do programa já mandava em tudo: descer até à entrada do prédio era uma expedição, e o corpo carregava em cima todos aqueles anos. A esse homem, que saía de casa para pouco mais do que ir gravar com eles, tiraram-lhe a gravação.

E que aquele apagamento me durasse três anos e não três semanas tem um nome técnico que explico onde deve ser: uma perda sem corpo, sem papel, sem ato e sem data não tem onde se pousar, por isso fica às voltas até encontrar uma cena parecida onde aterrar. O programa continuou a ser publicado. Com a minha música e sem o meu nome. Isso é uma perda sem cadáver, e por isso não fechou. A um cérebro que por essa altura levava quase um ano sem que ninguém lhe tocasse na medicação, aquilo não passa: fica aceso. E que ninguém tivesse o dever de me conservar num projeto que não era meu e que se chamava como se quis chamar nunca o discuti, nem tenciono discuti-lo aqui. O efeito não dependia do dever.

Capítulo 40 · O dia em que começou

Naquela manhã de primavera ordenei a última transferência. A meio da manhã o ecrã devolveu-me um zero: quatro anos da minha vida para pagar a fumarada de um ano de mania. Eu esperava notar alguma coisa, e não chegou nada. Nem alívio, nem satisfação, nem o fecho que andava a imaginar desde que tinha começado a pagar. Um zero pelado e mais nada.

Duas horas mais tarde o carteiro trouxe-me, registado, o escrito da acusação particular, o da Marta, no processo dos áudios. Pediam para mim anos de prisão. Li o pedido. Afastei-me do computador, fui à cozinha, bebi um copo de água, voltei e li-o outra vez. Dizia o mesmo. Tomei um ansiolítico e atrás outro, por segurança. Pensei na minha filha, e na mulher que ela seria quando eu saísse. E então o zero transformou-se noutra coisa: o dia em que acabava de pagar o que economicamente me tinha custado uma vida com a Marta era o dia em que a Marta pedia que me fechassem. Daquela quinta-feira o arquivo guarda umas quantas mensagens com a minha mãe, e ao fim da noite quatro minhas de que só resta a marca de as ter escrito e apagado.

Nessa noite saí para beber um copo com o Chapa pela aldeia. O Chapa tem o seu capítulo; com ele a bebida deixou de ser um assunto clandestino e transformou-se em rotina. Bebemos. E depois mais. Da forma que teve aquele mês inteiro dá conta o arquivo da minha mãe: que já vou em quatro latas e que como é que o meu estômago aguenta aquilo. Ali está ela naquelas semanas, a administrar cêntimos, a contar-me as latas e a perguntar-me se eu queria uma omelete.

De madrugada, com o cérebro bêbedo e morto de medo, abri a conversa da Nuria e larguei-lhe tudo o que levava meses a engolir. Não foi uma coisa: foi um desabamento. O ressentimento que os meses de desgaste tinham ido deixando, o farto de me sentir tutelado, a rejeição que nunca tinha sabido pôr em palavras civilizadas. Foi brutal. Numa parte foi injusto. Noutra parte foi verdade. E o que ia por baixo já está contado: um ano a dizer que não e a comprovar que dizê-lo não servia para nada, e mais abaixo ainda o que nunca lhe disse, que não a desejava, porque aquele homem não tinha com que lho dizer na cara.

E agora a frase para a qual este capítulo existe: aquilo não foi um bêbedo. Com o envelope em cima da mesa, nesse mesmo dia, eu entrei em mania. Não ao fim de uns dias nem ao fim de uma semana: nesse dia. É assim que isto entra, sem subida prévia e sem aviso, e por isso quem o olha de fora não acredita. O álcool estava ali e o terror estava ali, e nenhum dos dois explica o que saiu naquela noite: explica-o a fase que se tinha posto em marcha de manhã, com o escrito na mão. Aquelas mensagens foram o primeiro ato de um episódio, não o último de uma amizade. E aí está a armadilha: visto de fora, o primeiro ato de uma mania é exatamente igual a um gajo que se passou com a bebida e larga o que pensa. Parecem-se tanto que nem eu próprio os distingui.

A Nuria leu-as ao acordar. E o mundo mudou de sítio. E eu apaguei-as. Apaguei-as todas e apaguei a conversa completa. Suponho que foi vergonha, e também que sabia o que ia acontecer com elas, porque a Nuria guarda tudo, captura tudo e reencaminha tudo, e sem capturas de ecrã não ficava nada para mostrar a ninguém. Aquilo, disse-mo ela própria, deixou-a ainda mais furiosa do que as mensagens. E aqui está a chave de tudo o que veio atrás: o que ficou registado foi a explosão. Não os meses anteriores, não o desgaste, não as vezes em que disse que não, não o envelope com os anos de prisão lá dentro. A explosão e nada mais. E a explosão sozinha, sem nada à volta, parece-se exatissimamente com o que a Nuria diz que foi. Com o que está à volta posto é outra coisa: um doente esgotado a pôr um limite da pior maneira imaginável, porque não sabia como acabar uma coisa que não sabia acabar. As duas descrições são verdade pela metade. Circulou uma.

Demorou três dias a responder, e quando o fez não me respondeu a mim: escreveu na conversa que tínhamos os três, com a Raquel à frente. Parágrafos inteiros em maiúsculas, e em nenhum deles uma linha sobre o que ela tinha feito: nem aquele fim de semana, nem a insistência, nem o que me tinha pedido. Era tudo eu. E eu pedi perdão, e voltei a pedi-lo, e pedi-o outra vez, porque por aquelas mensagens havia que o pedir, que foram minhas e foram brutais. O que acontece é que de cada vez que além disso tentava explicar alguma coisa (isto também aconteceu, isto fizeste tu) o ambiente piorava no ato. A única coisa que servia era baixar a cabeça. Dois meses assim. A Raquel entrou de mediadora e foi derivando para onde deriva quase toda a gente num conflito alheio: para o lado de quem lhe pareceu mais credível. Concluiu que eu mentia, e do sítio dela era uma conclusão razoável, porque as minhas recordações daqueles anos eram más, estavam esburacadas e não coincidiam com o que lhe contavam outros.

Ela não viu um doente com a memória partida: viu um gajo a quem as versões não batiam certo. E ao mentiroso já não se pesa o que ele diz. E com tudo aquilo em cima, três semanas depois daquela noite, eu contava à minha irmã que andava à procura de apartamento. Com a Nuria. A palavra ainda não estava posta. Foi posta no outono, e a partir do outono releu-se ao contrário tudo o anterior. E um mês depois dos gritos sentávamo-nos outra vez à frente dos microfones a gravar o programa.

E enquanto aquilo rebentava, a mãe da minha filha escrevia-me de longe que elas estavam ali, também para mim, e não me chegou ao sítio onde fazia falta, porque o sítio tinham-no ocupado uma conversa e duas pessoas a decidir que espécie de homem eu era. É a primeira coisa que um linchamento faz: não te tira as pessoas. Tira-te a capacidade de as ver.

Passado o verão deixei de existir naquele mundo, e para contar como é que aquilo rebentou de vez é preciso começar pelo que fiz eu, porque fi-lo eu primeiro. No outono, a estrear casa e uma estabilidade que me durou o que durou, publiquei na comunidade das duas um texto sobre a família escolhida: a casa nova, a gente que entra, a gente que se vai, e o que eu não tencionava voltar a consentir dentro da minha porta. Sem um nome, sem um insulto e com destinatárias, pendurado precisamente onde o ia ler o mundo inteiro delas. Na terceira pessoa e em tom de agradecimento, que é a forma mais limpa que existe de acusar alguém à frente dos seus sem que se te possa censurar uma palavra.

A resposta chegou no ato, e daquela conversa sobrevivem três minutos, porque ela apagou a conversa e eu, em plena discussão, tinha-lhe dito que a tinha exportada, e acabou por ser verdade. De doze anos com a Nuria conservo dezoito mensagens. Vão assim, uma atrás da outra e sem uma palavra minha pelo meio, porque é a única coisa que resta de doze anos e porque lidas de enfiada duram o que aquilo durou.

—Tenho a conversa exportada.

—Isto é a última coisa que vais ler de mim na tua vida.

E então mandei-lhe o link de um daqueles sites que fabricam conversas falsas, que é uma crueldade fina e que não tem episódio que a tape de todo: não lhe estava a anunciar que tinha provas, estava a anunciar-lhe que as podia fabricar.

—Não me admira que a Marta te queira na prisão.

—És uma obcecada pelo controlo.

—Mereces tudo o que te caia em cima.

E depois, sozinha numa mensagem, repetiu a última palavra. Caia. E eu fechei doze anos com uma frase que hoje não sei se foi sincera ou se foi o último golpe embrulhado em bênção.

—Espero que um dia encontres o perdão de que tanto precisas.

O anterior, as maiúsculas, o odeio-te, o oxalá morras, está na parte apagada, e sustento-o com o que escrevi à minha irmã no dia seguinte. E disse-o a um homem que tinha em casa um escrito a pedir anos de prisão, semanas sem dormir e um pedido de internamento num tribunal, sabendo-o doente, porque lho tinha contado ele próprio. Ela deixou-me reduzido a um condenado que merece a sua condenação; eu deixei-a reduzida a uma controladora. Nenhum dos dois estava a descrever ninguém: os dois estávamos a defender-nos. E quando de doze anos sobrevive apenas o pior momento, esse momento passa a ser a relação inteira. Não o foi. O que acontece é que o bom não o exportou ninguém.

E então chegou a palavra. Expulsavam-me de grupos sem me dizer porquê. Mulheres que eu não conhecia de lado nenhum respondiam-me nos meus próprios tópicos que eu tinha ido à procura daquilo, que era um assediador e um drogado, e eu lia aquilo sem perceber de onde saía tanta raiva por um desconhecido. A campanha vi-a inteira muito mais tarde, e contou-ma gente de lá que a tinha visto por dentro: que o aviso sobre mim foi passando de grupo em grupo, sobretudo pelos espaços de mulheres que existem para avisar acerca dos homens perigosos; que o meu diagnóstico viajava dentro do aviso como mais uma prova; e que naquele meio se tinha dito em voz alta que eu era perigoso, com um pormenor que tem o seu lugar mais à frente. E conheciam-me de anos, de cama, de cozinha e de sofá.

O que ia metido no aviso era o meu diagnóstico: bipolar, um dado médico, o mais íntimo que uma pessoa tem, enfiado no argumentário como se fosse uma prova de acusação. O estereótipo nem sequer foi preciso fabricá-lo, porque numa daquelas gravações, comigo sentado à frente, tinha-se dito como quem enumera uma evidência que é preciso ter cuidado porque há muito perturbado e muito predador, as duas palavras usadas como sinónimos, numa mesa onde o único diagnosticado era eu. E é isto que dizem os números: um estudo com mais de trinta mil pessoas concluiu que a doença mental grave, por si só, não prevê a violência; e outro concluiu que mais de um quarto dos adultos com perturbações como a minha tinha sido vítima de um crime violento no último ano, onze vezes mais do que a população geral. Do doente não é preciso ter medo. É o doente que o tem. As redes de aviso fazem falta; o que não têm é uma maneira

de separar um homem perigoso de um homem em surto, e eu caí do lado errado dessa rede. Isso é um linchamento digital: um enquadramento de onde não há forma de sair por dentro, porque qualquer defesa se lê como a reação de quem confirma o padrão.

Da ordem é da única coisa que peço que o leitor se lembre. Tudo o que acabei de contar aconteceu antes de eu gravar o primeiro vídeo. Quando naquele inverno me fechei num quarto de hotel com a câmara do portátil à frente, já levava em cima dois meses de censuras em que pedir perdão não bastava, uma expulsão, um apagamento, uma comunidade inteira avisada a meu respeito, um ódio-te e um oxalá morras, e a minha doença transformada na prova de que eu era perigoso. Daquele inverno viu-se a última coisa que eu fiz. Nunca a primeira que me fizeram.

Capítulo 41 • O apartamento

Naquele verão aprendi o que é a solidão a sério. Não a do fim de semana sem planos: a outra, a estrutural, a que aparece quando o mundo que a pessoa se foi montando à volta cai todo ao mesmo tempo e inteiro. Do programa tinham-me posto fora umas semanas antes, com o escrito que pedia anos de prisão em cima da mesa, e isso já está contado. A Inés, de quem falo no capítulo seguinte, andava em viagem pelo outro extremo do mundo e respondia cada vez menos. A Raquel simplesmente não respondia. E a Nuria tinha deixado de existir para mim, ainda que a ausência dela fosse das ativas: eu sabia que nalgum sítio se estava a falar de mim. À mão não me restava mais ninguém além do Chapa, e o que o Chapa e eu tínhamos era combinar beber no parque da aldeia.

E, apesar de tudo, aquele mês não foi deserto inteiro. Naquele verão conheci o Iván, bastante mais novo do que eu, e ligámo-nos logo à primeira cerveja porque somos os dois uns fanáticos da história. Poucos dias depois escrevi-lhe que tentaria sair assim que me sentisse melhor, e vinte e três minutos mais tarde, a pedir desculpa pelo que na verdade era a minha doença a falar, disse-lhe que lamentava, pá, que dava demasiadas voltas a tudo, que estava na merda. Semanas mais tarde, depois de outra noite a contar-lhe o que era meu, mandei-lhe na manhã seguinte a mensagem do costume, que lamentava tê-lo maçado com as minhas merdas, e respondeu-me ao fim de cinco minutos numa única linha: que não me tinha maçado nada, que simplesmente tinha expressado como me sentia. Eu levava meia vida a pedir desculpa por falar, e nesse mesmo verão tinham-me posto fora de um sítio por falar demasiado. E essa linha não a escreveu terapeuta nenhum.

Em direção contrária apareceu a Rocío. Vi-a ligada numa daquelas aplicações e escrevi-lhe em desespero, a ver se tirava um pouco de calor de alguém que tinha gostado de mim, e chegaram-me três linhas: que eu tinha sido nefasto para a vida dela e que não voltasse a escrever-lhe. Os factos não os discuto, que estão no capítulo dela; discuto o formato, porque transformava os sintomas em decisões conscientes de fazer mal. E é que precisar de que alguém tenha es-

colhido fazer-te mal leva-se melhor do que aceitar que o mal saiu de um cérebro incapaz de escolher outra coisa. À minha psiquiatra de então não lhe pedi ajuda naquele verão, nem naquele nem em nenhum: com ela não existia o modo urgência, e eu sabia-o de sobra.

Para se perceber por que é que aluguei aquele apartamento é preciso dizer onde é que eu dormia, que era na cama desdobrável da sala da minha mãe, e o que é que andava a fazer, que era tentar regular-me pelo pior método disponível: voltei às drogas. Numa noite do princípio do outono desabei por causa do GHB no chão daquela sala. Consta no meu processo clínico porque o contei em consulta duas semanas depois: a minha mãe viu-me a convulsionar, telefonou à minha irmã, que vivia ali a um passeio, e telefonou ao número de emergência, e quando abri os olhos tinha à minha frente dois médicos e atrás a minha mãe e a Sonia com uma cara que não vi a mais ninguém. Disseram-me que era preciso ir às urgências e eu disse que não. Disse-o com um medo de animal, porque já tinha aberto os olhos rodeado de batidas demasiadas vezes e demasiadas vezes essa cena terminava comigo semanas fechado numa ala, amarrado nalguma delas. O meu corpo já não sabia distinguir entre salvarem-te e levarem-te. Contra todos os prognósticos deixaram-me em casa, e tive sorte. Ao fim de duas semanas fui-me embora. Não houve porta batida: houve uma mãe esgotada que já não estava disposta a que o filho se drogasse na casa dela, e a razão era inteiramente dela. A Sonia viu apartamentos comigo, com as contas feitas, e deixou-me por escrito que o que tinha de correr bem estava em mim e não no lugar. Aluguei o apartamento na mesma. Dois quartos. E não correu bem.

Ao Chapa tinha-o conhecido no inverno anterior num parque da aldeia, quando se chegou a mim a pedir um cigarro. Éramos os dois solitários da mesma espécie. E no fim daquele verão passaram-lhe por cima umas dívidas e saiu malparado. Telefonou-me alguém do meio dele, porque não sabia a quem mais telefonar, e eu plantei-me no hospital. Quando acordou e me viu ao lado da cama disse que ele bem sabia que eu ia aparecer. Disse-lhe que claro. Que não tinha obrigação nenhuma, disse ele. E eu, que já sabia.

Por isso as duas necessidades, a dele e a minha, juntaram-se naquele apartamento. Levei o Chapa com as marcas ainda por fechar, e com o Chapa veio a namorada dele, que também não tinha onde se meter, e com ela uma amiga dela. E antes de contar em que é que aquela casa se transformou é preciso contar o que também foi. O Chapa toca guitarra, e toca bem. Um monte de noites daquele inverno ficávamos os três até altas horas, ele com a guitarra e nós os

dois a escrever letras em cadernos e a cantá-las a meia voz para não acordar a vizinhança. Ela é muito inteligente, madura à força, e desenha de uma maneira que me deixava calado. Aquelas madrugadas estão entre as poucas coisas daquele ano que eu salvaria inteiras. Chegámos a gostar muito uns dos outros. Continuam a gostar de mim, e eu deles, ainda que os queira longe.

O problema é que juntos potenciávamos o pior. Naquela casa consumia-se, e não como um episódio mas como uma presença: o cheiro metido nas paredes e a economia de urgência de quem precisa da dose seguinte acima de qualquer outra coisa do mundo. Gente a subir ao meu apartamento às três da manhã, passadores sentados na minha sala sem que ninguém os tivesse convidado, discussões que acabaram à pancada entre o Chapa e tipos que eles próprios tinham trazido. E eu do outro lado da parede, com os auscultadores postos e o sistema do trabalho aberto no ecrã. Um homem com agorafobia incapaz de descer a comprar pão mandava o Chapa ou a namorada dele, e pagava com o seu ordenado o que se consumia naquela casa enquanto se afundava. Meses mais tarde a minha irmã havia de mo dizer sem anestesia: que eu não estava em condições de discernir nada, que o meu suposto melhor amigo se estava a aproveitar precisamente disso, e que os que gostavam de mim tentavam esgotar a água sem nenhuma hipótese. Respondi-lhe o que se responde em pleno episódio, que é defender quem te está a afundar: que ele ficaria em minha casa todo o tempo de que precisasse.

Por aquele apartamento entrava também o Iván, como entrava toda a gente, e nunca tocou em nada. E entrava o Rubén, amigo de meia vida, que hoje, por muito que eu goste dele, é criptonite. Não era uma questão de quanto gostavam de mim. Era uma questão de como viviam.

E dessa conta é altura de fazer a lista, que é curta dos dois lados. O Jordi leva vinte anos. No inverno da mala também ele se afastou, um ano inteiro, e voltou sem pedir explicações e sem as dar: não percebia o que me acontecia porque aquilo não tinha nome, e desde que aprendeu a separar a doença da pessoa não se mexeu do sítio. Anda em terapia desde adolescente, não toca numa substância, e as chamadas das terças-feiras à tarde são um ritual que nenhum dos dois chegou a declarar. E está a Mireia, que vem da universidade e de um enredo de faculdade que se apagou sozinho e deixou atrás uma amizade melhor. Quando lhe contei o processo tomou notas e perguntou-me se eu tinha relatórios psiquiátricos dos episódios, se estavam datados e se coincidiam com os factos. Uma tarde no parque grande perguntei-lhe por que é que tinha estado sempre, e

respondeu-me que ela me conhecia de antes disto tudo, que os relatórios e os julgamentos eram o que me tinha acontecido e não o que eu era, e que os que se foram embora confundiram essas duas coisas.

Os que se foram também têm nome. A Elvira, uma amiga de dez anos, bloqueou-me no inverno da mala por um desentendimento, um só, e não voltou a responder, sabendo o diagnóstico com pelos e sinais. Dez anos e uma doença diagnosticada dão de sobra para uma conversa de vinte minutos. E o Quim, um amigo de sempre, da aldeia, com quem passei milhares de horas a filosofar até altas horas, foi-se desgarrando aos poucos, que é o normal, e explicou-mo a atirar-me a culpa, que é o cruel: as minhas atitudes, a minha maneira de ser. Tentei explicar-lho e despachou-me com três palavras: toma o lítio. Eu tinha o lítio tomado, de manhã e à noite, desde que aquilo teve nome. O que ele me estava a dizer não era toma o comprimido. Era a tua existência incomoda-me e a culpa de me incomodar é tua. E depois estão os que nem sequer têm frase: todos os amigos que eu partilhava com a Nuria, em bloco e no mesmo troço, gente que não andava naquele mundo e que não viu nada de nada. Escrevo-lhes uma mensagem normal, de há quanto tempo. E a mensagem fica lida, e atrás o silêncio.

Isso tem um nome, e encontrá-lo aliviou-me: ostracismo, a exclusão sem agressão e sem explicações. Nas fases longas não produz raiva, produz apagamento, e o dano multiplica-se quando a pessoa não sabe porquê, porque sem motivo não há nada a corrigir, e passam-se anos a preparar a defesa de um julgamento que nunca se vai realizar.

E foi assim que aquele apartamento se montou. Eu tinha amigos de duas décadas e não telefonei a nenhum quando a Nuria e a Raquel se foram embora, e não por os descartar, mas porque não apareciam no ecrã. E nesse buraco os únicos que batem à porta são os que também não têm porta, porque um homem sozinho com um apartamento e um ordenado é, para quem não tem nem uma coisa nem outra, uma porta. Abri-la a todos os que chegam partidos, sem parar para ver se a pessoa está em condições de sustentar alguém, não é bondade, ou não é só bondade: é tapar um buraco próprio com gente. A mim descreveram-me estes anos como um gajo que usa as pessoas, e um gajo que usa as pessoas não abre a porta a outro que acabam de largar feito em pedaços, três meses antes de se partir ele de vez.

Capítulo 42 · Sete palavras

A Raquel foi-se embora por escrito, em quatro dias, no fim daquele verão, e começou numa manhã de semana, a meio de uma reunião de trabalho. Escreveu-me que não vinha com intenção de discutir, mas pelo carinho que tínhamos tido um pelo outro. Respondi da reunião que claro, que me desse um bocado, que eu também não queria discutir. Nessa manhã ela mandou-me vários áudios, e eu pedi-lhe várias vezes para falarmos de viva voz. Não houve chamada. Pedia-me que apagasse qualquer material íntimo nosso, e eu não tinha nada: tinha-o apagado meses antes porque vê-lo me destroçava. Disse-lho, e daí saiu a única coisa daquela manhã que se pode pôr em fila.

—Não tenho nada. Apaguei há meses.

—Foda-se, miúdo, não acredito em ti.

Meia hora tratado como um chantagista, e no fim saiu-me a frase seca do gajo magoado.

—Vive com medo se quiseres. Nunca vou usar nada contra ti.

E não o usei: três anos a fazer barbaridades com uma câmara à frente, e nenhuma foi essa.

E a meio daquela manhã escrevi a explicação mais completa de mim próprio que há em todo o arquivo, sem público e sem advogado. Que estava feito numa merda. Que tinha estado muito perto da descompensação naquele verão, que aqueles fatores de stress me levavam ao limite, e que com o álcool era a combinação para outra situação terrível. Que fatores de stress igual a Marcos fica doentinho. E que levava dois anos a conhecer-me fora dos estados maniformes e ainda me faltava muito caminho. Ali está, escrito por um homem em pródromo, o que este livro haveria de demorar mais dois anos a ordenar. E ela respondeu isto, que é a única vez em anos de arquivo em que escreve a palavra.

—Olha, Marcos: tu és bipo só para te desresponsabilizares. Quando te enches de álcool, a doença bipolar não aparece nos teus raciocínios.

—Se sou um cretino, sou e pronto. O que preciso é de ternura, compreensão, lealdade, e de gente que FIQUE, PORRA.

—De coração, oxalá consigas sarar e deixes de partir tudo aquilo em que tocas.

Em anos de arquivo com ela a palavra bipolar aparece essa vez e mais nenhuma, e escreveu-a para me dizer que eu me escudava no diagnóstico. Repare-se no verbo: não que deixasse de beber, mas que deixasse de partir aquilo em que tocava, que é a maneira de dizer que o que parte não é o que a pessoa faz mas o que a pessoa é. E depois, que deixasse de mentir, que eu vivia na fantasia.

No domingo à noite deu-me as razões, e deu-mas bem: quarenta minutos, ordenadas, sem um insulto. Que ela e a Nuria se tinham tornado amigas e que levava meses a ler as minhas conversas com a Nuria enquanto eu contava a cada uma uma versão diferente da mesma coisa. Que eu tinha estado durante meses a meter-me com a maneira como a Nuria levava as coisas dela, que não era assunto meu; aí respondi mal, e escrevi três vezes que sabia que era feio e que estava com os demónios. Que a minha maneira de estar mal a levava a um sítio da infância dela onde não queria ir, e que os meus traumas chocavam com os dela. E que eu ficasse com a ideia de que ela tinha gostado de mim honestamente. Amor, chamou-me, na mesma frase em que me dizia que não podia confiar em mim. Na segunda-feira voltou para fechar: que eu estava sempre a complicar-lhe a vida, que talvez o problema fosse eu com as minhas dinâmicas turvas, e dois minutos depois, que se eu era incapaz de empatizar se calhar era o narcisismo que me podia. Que não me chegasse ao pé dela, por favor. E um beijo, com a alcunha de sempre. Na quarta-feira escrevi as três últimas mensagens de oito anos e uma canção. Depois disso, nada. E sete semanas mais tarde havia de vir à minha sala buscar a minha voz gravada, o que vai no capítulo seguinte.

Leia-se a lista e procure-se uma única palavra clínica: mentir, fantasia, mau fígado, incapaz de perguntar como estás, dinâmicas turvas, narcisismo. Seis maneiras de dizer o mesmo, e a sétima, a primeira por ordem de relógio, di-lo sem rodeios: que o diagnóstico era um álibi, ou seja, que aquilo era a minha maneira de ser. E por baixo de cada uma há um nome num manual. Ao que chamou mentir eram as lacunas de um cérebro em pródromo com álcool lá dentro, que contava o que lhe chegava e não o que tinha acontecido, e isso já o disse. Ao que chamou mau fígado era irritabilidade, que está listada como sintoma. Ao que chamou não perguntar como estás era o ensimesmamento de uma fase alta. Ao que chamou dinâmicas turvas e superioridade moral era a grandiosidade, somada à pressão do discurso, que é a urgência de dizer sem se conseguir parar. E ao que chamou veneno era heteroagressividade verbal, sintoma do esta-

do misto, com o filtro apagado: não se diz o que se pensa, diz-se o que mais mal faz. Que o mecanismo tenha nome não o torna menos horrível de ler. Mas um veneno escolhe-se e um sintoma não. E a prova é que se apagaram. Com lítio, com sono, sem álcool e sem tribunais em cima não aparece nenhuma das sete. Não um bocado menos: nenhuma.

As razões dela eram boas, e com elas em cima ir-se embora era o que havia a fazer. O que as palavras mudam cabe numa linha: se aquilo era o meu feitio, o problema era eu; se era a minha doença, ela fez bem na mesma, mas a conclusão sobre quem eu sou é outra. E daquela noite há uma frase dela, a mais suave e a que mais trabalho me deu: que eu lhe tinha feito mal com o meu momento de vida. Um momento de vida acontece à biografia de uma pessoa, não ao cérebro dela, e o nome que se dá a uma coisa decide o que se faz com ela: se era um momento de vida, o que há a fazer é afastar-se e esperar que passe, que foi o que ela fez; se era um pródromo, o que há a fazer é telefonar a alguém que sabia, e essa chamada não a fez ninguém. O nome escolheu-o quem não o tinha. E quem o tinha estava sentada à mesma mesa.

Porque a Inés tinha-a eu conhecido no princípio daquele verão, numa aplicação de encontros. No primeiro encontro disse-me que trabalhava em saúde mental. E eu disse-lhe: caraças, pois eu tenho doença bipolar. Naquela tarde falei-lhe do meu pai e de como morreu, logo à primeira, porque de quem sabe a pessoa espera uma coisa concreta. E ela deu-me, em cinco encontros, as primeiras aulas de psicoeducação da minha vida, cinco anos depois do nome e numa esplanada: a dopamina, o que fazem as substâncias num cérebro como o meu, e o aviso, tal e qual, de que eu não devia beber. Contento como um miúdo, apresentei-a à Nuria e à Raquel pelas redes, com capturas do perfil dela. Foi aí que começou tudo. No quarto encontro explicou-me que a vida sentimental dela era não exclusiva, e eu, que odeio esse esquema pelo que fez connosco na relação a três, não disse que não: perguntei uma coisa só, se dormiria com os outros. E disse-me que evidentemente. Eu pedi a noite, porque na minha doença o sono é a variável que a regula: a proteção mais barata que existe para um cérebro como o meu, pedida sem saber o nome à única pessoa da mesa que o sabia.

Dois dias depois do primeiro encontro escrevi-lhe duas linhas seguidas: que bonita que tu és, e a seguir, textual, que me estava a ir, que me travasse, que não lhe queria fazer love bombing. Um homem com um tipo um diagnosticado a avisar, com a palavra exata, uma especialista de que se lhe estava a ir: um dado de exploração, que a ela lhe pareceu um galanteio. E no fim daquele verão, do

outro lado do mundo, viu-o ela própria e escreveu-o: que lhe produzia uma sensação de instabilidade brutal, que era agora sim agora não agora sim agora não, que eu levava a viagem toda a dizer uma coisa e a contrária. Impulsividade, pressão do discurso, labilidade: três critérios do episódio, escritos por ela. No fim daquele verão meti-a num grupo para lhe deixar umas reflexões gravadas, de madrugada, incapaz de parar quando ela mo pediu, e a última mensagem dela foi um adeus com uns emojis a rir à frente. Bloqueou-me. Tentei contactá-la por outra via, e então chamou-me assediador. Que um particular use essa palavra a quente compreendo. Mas um estudo de há vinte e cinco anos sobre assediadores deixou escrito que essa conduta se vê por vezes nos estados maníacos e que o tratamento da doença costuma pôr-lhe fim. O que se parece com assédio num maníaco cura-se com lítio, e o que é assédio, não. Ela dominava essa literatura antes de escrever a palavra.

Semanas depois soube que se andava a contar por aí que a personagem já não se sustentava, e que a verdade acaba sempre por cair pelo próprio peso. E numa chamada daquele inverno, a última, fiquei a saber que a Inés tinha acabado perto da Raquel. Anos depois voltou a acontecer o mesmo, e pior, e vai no seu sítio: mandei à Inés para o correio dela dois vídeos sobre o mal que me tinha feito, sem lhe pedir nada a não ser uma coisa, expressa e por escrito, que não o dissesse à Nuria. Disse-lho. Eu nunca fui doente dela, portanto não houve segredo profissional que quebrar; mas entregar a um terceiro dados de saúde que alguém te mandou em privado, contra o pedido expresso dessa pessoa, é das coisas que não deveria deixar passar quem trabalha com gente doente. E o que é meu, para que a conta fique inteira: no nosso último cruzamento escrevi-lhe que esperava que nenhum dos doentes dela dependesse dela no seu pior momento. Hoje preferia não o ter dito.

Nada do que a Inés fez é crime. O que acontece é que uma formação não se pendura no cabide ao sair do trabalho, e quem a tem não deixa de a ter quando está numa esplanada, num jantar ou num grupo de amigos: a autoridade que o saber dá não se apaga ao fim do horário, e com o que se sabe não se fazem determinadas coisas. E para o ver sem nevoeiro, ponha-se noutro ofício. Uma nadadora-salvadora fora de serviço: afogar-se a sério não tem gritos nem braçadas ao ar, e por isso os afogamentos acontecem à frente de vinte pessoas que não veem nada; ela é a única da praia treinada para o distinguir, distingue-o, e diz aos outros que aquele está a armar-se em parvo, e volta para a toalha. Sabia ler a cena e leu-a ao contrário e em voz alta. Das três pessoas que decidiram sobre

mim naquele outono, duas não me deviam nada: fizeram o que sabiam fazer com o que tinham. A Inés devia-me alguma coisa, e não era carinho nem lealdade: era competência. Era precisa uma coisa muito pequena: que a única pessoa daquele mundo com formação clínica dissesse uma vez, no sítio adequado, que isto que estão a descrever não é um predador, é um quadro e tem tratamento. Não acredito que o fizesse por maldade. Acredito que estava assustada e que era parte. Mas estar assustada é não saber. Ela sabia.

Capítulo 43 · A sala

Há coisas que se me ficaram gravadas com uma nitidez que eu não pedi. O barulho do elevador, primeiro. A campainha depois. E a seguir a voz da Sonia da entrada a anunciar que eram a Raquel e uma das dela. Foi numa noite daquele outono, semanas depois da despedida por escrito e pouco mais de uma semana antes de eu apanhar um avião; trouxe-as a minha irmã de carro, porque a Raquel não sabia chegar até ali. Entrou com alguém da família dela, que trazia cara de não querer estar naquela sala, e sentámo-nos os quatro. A Sonia ocupou a cadeira do canto. Elas as duas, o sofá. Eu fiquei no chão, com as costas contra a parede, que era o único sítio livre que restava na minha própria casa. Por trás da parede estava o quarto do Chapa, e nas paredes, o cheiro do que ali se consumia.

A Raquel esteve a falar quase duas horas. Sem levantar a voz, com uma cadência tranquila e ordenada, a catalogar cada agravo como prova de um padrão. Umhas partes reconhecia-as eu e outras não. E de cada vez que tentava explicar alguma coisa (que na primavera eu estava desregulado, que o escrito da Marta tinha chegado nesse mesmo dia, que aquilo não era uma desculpa mas um contexto), devolvia-me a frase que se me ficou no corpo durante muito tempo: que a ela o contexto lhe era indiferente, que o dano tinha sido real. Quanto ao dano tinha razão. Quanto ao sinal de igual que punha entre o dano e a intenção, nenhuma. E aquelas duas horas têm descrição académica há setenta anos: um sociólogo chamou-lhes cerimónia de degradação, e a coisa funciona assim. Quem denuncia fala em nome de uns valores que apresenta como os de toda a gente. Ao denunciado não se lhe imputa um ato, redefine-se-lhe inteiro, para que deixe de ser alguém que fez coisas e passe a ser alguém que é uma coisa. E o passado relê-se para trás, de maneira que o que a pessoa foi durante anos fica como a fachada e o das últimas semanas como o que sempre foi de verdade. Por isso umas partes reconhecia-as e outras não. As que reconhecia eram minhas. As outras eram oito anos da minha vida relidos com a lanterna daquele fim de verão, e com essa lanterna mete medo qualquer vida humana.

No fim tirou o telemóvel e pediu-me que lhe gravasse um áudio a comprometer-me a nunca mais a procurar. Não houve ameaça de polícia nem lhe fez falta nenhuma. Com o que tinha à frente bastava-lhe: um homem que levava semanas sem dormir, com o processo da Marta pendurado do teto e com aquele cheiro metido nas paredes da casa. E bastava-lhe também o que nós os dois éramos: em todos os anos que a conhecia eu não lhe tinha levado a contrária uma única vez. Aquela mulher adorava-a como a uma deusa, e às deusas não se discute: obedece-se-lhes. Olhei para a Sonia. A Sonia olhou para mim. E peguei no telemóvel que ela me estendia e gravei o áudio, no telefone dela e não no meu, com a minha irmã de testemunha impotente, a dizer o que ela queria ouvir para se poder ir embora. Quando se foram, a Sonia e eu ficámos calados um bom bocado. E nessa mesma noite escrevi à minha irmã quatro linhas que retratam o estado em que saí dali: que tinha sido de muitíssima ajuda, que obrigado por tudo; que eu não queria deixar de ver a Raquel sem um abraço; que com aquilo me bastava. Era esse o homem que acabava de gravar aquele áudio: um que agradecia por se ter podido despedir. O áudio pedi-o no dia seguinte, por intermédio da minha irmã, e dois dias depois outra vez. Não o tenho.

E o mais pequeno daquela noite é o que mais guardo: o abraço. Deu-mo ela antes de ir embora. Dois segundos, atrás de duas horas de sentença e de um áudio arrancado, e uns dias mais tarde escrevi à minha irmã que poucos abraços me tinham dado como aquele. Esse abraço demonstra que o daquela noite, fosse o que fosse, não era ódio. E há outra coisa que escrevi à Sonia no dia seguinte: que eu teria gostado que a Raquel soubesse que, se não estivesse a tomar lítio, teria chorado como uma Madalena. Que quando bebia acabava quase sempre a chorar ao ficar sozinho, e que o lítio, entre outras coisas, me achata o choro. Naquela noite não me viu chorar, e não foi por não me doer. Não sei se lho chegaram a dizer.

E aqui vem a dureza que cabe à Raquel, medida e sem um insulto, porque insultos já lhe larguei os que não devia. Naquela noite pediu-me uma coisa que não me devia pedir, pelo estado em que eu estava e pelo que ela sabia do estado em que eu estava. A Raquel tinha visto o meu surto da pandemia e tinha visto o do hotel. Depois do hotel foi ela que me pediu que aprendesse a reconhecer-me antes da mania. E tinha à frente um homem com semanas sem dormir e com onze meses sem que ninguém lhe tocasse na medicação, e em vez de fazer o que fez na pandemia, que foi dizer-me chama-me louca mas eu acompanho-te, estendeu-me o telemóvel para que eu me gravasse a renunciar a ela. Para isso

não foi preciso maldade: foi preciso não querer olhar para o dado. Um compromisso arrancado a um homem nesse estado não é a vontade de ninguém, e sobre isto a psicologia clínica deixou de usar há vinte anos os contratos de não suicídio, precisamente porque um papel assinado em plena crise não segura crise nenhuma; e a mim fizeram-me assinar um contrato de não contacto tendo eu em marcha uma compulsão de contacto. A minha irmã, da cadeira do canto, permitiu-o porque também não tinha o dado: a ela ninguém lhe tinha explicado que a um doente em pródromo o que se lhe faz é ouvi-lo, baixar-lhe a temperatura e acompanhá-lo, e não abrir-lhe um julgamento na sala da casa dele. Às duas censuro o mesmo: que em todos os anos que eu levava diagnosticado ninguém tivesse sentado as pessoas que gostavam de mim a explicar-lhes o que é que eu tinha. E que a única que sabia andasse tão perto e não abrisse a boca. E ainda assim cumpri-o, com duas exceções em três anos.

O que havia naquele chão tem nome e não o pronunciou ninguém: pródromo, a fase que vai à frente do episódio. Não é o episódio: é a sua rampa, e em cada doente tem uma forma própria e bastante estável. A minha vê-se a olho nu. Baixa o sono, e não em forma de insónia mas de não precisar dele. Adianta-se a madrugada, que é a hora a que escrevo o que não devia escrever. Acelera-se a fala e estreita-se o juízo, com aquela irritabilidade que de fora parece mau humor. E aparecem os projetos, que naquele outono tinham forma de câmara. Eu dormia três horas e escrevia de madrugada muito mais do que no fim do verão. E tinha voltado a gravar vídeos para um canal que estava apagado desde o hotel. No mesmo dia em que saía para o aeroporto a minha irmã lembrou-me que o meu advogado me tinha recomendado não gravar, e no dia seguinte insistiu: que tinha visto dois daqueles vídeos, que os pusesse como ocultos e que num deles eu parecia estar pedrado. Umas semanas mais tarde a minha mãe apontou para outro sítio com a mesma pontaria: que procurasse não gravar nada estando mocado, porque se me notava, e que estava a ir à procura da ruína. E continuei a gravar.

E porque é que ninguém o vê, se a rampa se vê tanto. Por duas razões que se somam. A primeira é que um pródromo não tem ar de doença: tem ar de feito. Um gajo que dorme pouco, fala a mais, se zanga e tem razão em tudo não parece um doente, parece um insuportável, e com os insuportáveis as pessoas que gostam deles fazem o que se faz com os insuportáveis, que é sentá-los no chão e ler-lhes a lista. Tudo o que escrevi no fim daquele ano saiu de um homem descompensado, e elas trataram-no como se por trás de cada mensagem houvesse

alguém sereno a decidir com as cartas à vista. Ali dentro não calculava ninguém. A segunda razão é minha: quem vai a subir a rampa também não a vê, e isso já tem o seu nome neste livro. Semanas antes eu tinha escrito à Raquel que fatores de stress igual a Marcos fica doentinho; sabia-o e não o sabia ao mesmo tempo, que é a única maneira em que se sabe alguma coisa dentro de um pró-dromo. E o que estava por baixo também não era uma mania limpa: era um estado misto, energia de mania com conteúdo de depressão, a fase que fabrica exatamente o que se via naqueles vídeos, hostilidade e uma necessidade impetiosa de ter razão. E um pródrómo pede precisamente o contrário do que produz: pede que alguém lhe defenda o sono e lhe baixe a temperatura, e produz que toda a gente à volta lhe suba.

Daquela temperatura fica uma manhã de inverno, a pior conversa que tive com a minha mãe em quarenta anos, e ponho-a porque ali está tudo o que fiz mal com a única pessoa que nunca se foi embora. Começou ela, depois de ver os vídeos: que eu deixasse de uma vez de lhe atirar a culpa de tudo o que me acontecesse, que com o veneno que lhe tinha cuspidos naqueles dias não me queria ver nem ouvir por uma boa temporada; e nessa mesma mensagem, a frase que sustenta tudo o que veio depois: que gostava de mim tanto como dos meus irmãos. Eu defendi-me, que é o que faz um estado misto: que não tinha dito uma única mentira, e que se agora ela sofria era a consequência do sofrimento que me tinha infligido a mim. Ela chamou-lhe pelo nome: meias verdades, recordações alteradas e confundidas. E acertava: em fase alta a memória reconso-lida-se enviesada, e a minha cabeça estava a servir-me uma versão já editada. Disse-lhe então a frase que não tenho por onde justificar: que o pior daqueles anos, de longe, tinha sido ela, mãe. E no mesmo minuto recomendei-lhe pela primeira vez que se informasse sobre a minha patologia. Ela fechou a conversa, e dois minutos depois escreveu-me que o centro de saúde o tinha a dez minutos de casa, a ver se eu me mexia um bocado. E uma hora mais tarde fiz a única coisa construtiva de todo o dia: mandar-lhe oito links seguidos de um canal de psicoeducação sobre doença bipolar. Uma mãe e um filho a despedaçarem-se às nove da manhã, e o filho a mandar-lhe ao meio-dia material para que ela aprenda a entendê-lo.

E umas semanas depois, numa manhã de dia de trabalho longo e sem um euro no bolso, pedi-lhe que me comprasse tabaco. Respondeu-me o que levava semanas a guardar: que a deixasse em paz, que não era a minha criada de recados. E trinta e seis minutos mais tarde: que estava na tabacaria e que ali me es-

perava. Nove dias depois escrevi-lhe duas palavras que constam no arquivo e que não tenciono tirar deste livro: odeio-te. Escreveu-as um homem que dormia três horas, a poucas semanas de se sentar num tribunal e com o travão fora de serviço: a desinibição de um episódio, que naquele momento não soube reconhecer ninguém, e eu o primeiro. À minha mãe nunca a odiei. E daquele mês inteiro, com tudo o que se escreveu, a minha irmã falou comigo quase todos os dias, e a minha mãe também. Não se foi ninguém.

Capítulo 44 • Claudia

O meu apartamento ia a caminho de se transformar no que se transformou, e eu, entretanto, comprei um bilhete para a Bulgária. Ali vivia a Claudia com a mãe, já quase uma adolescente, e para ali ia eu quando os voos ficavam ao alcance e a cabeça deixava. Convém dizer de onde saía aquela viagem: o mês anterior tinha-o gasto numa recaída com o álcool e numa daquelas depressões pequenas que te deixam a funcionar a meio gás. Para me meter no avião limpei-me, porque uma coisa era eu e outra coisa era ela. Aqueles dias foram os mais limpos que tive em todo o ano. Nem um copo. Nada de nada.

E aqui é altura de contar de uma vez, e por ordem, a história inteira da minha filha. Nasceu quando eu era muito novo, de uma relação curta a que puderam os quilómetros e a minha desordem, e nos primeiros anos dela ela foi, para mim, uma vozinha ao telefone e uma cara que crescia dentro das fotografias. Sendo ela uma miúda juntei por fim o dinheiro e a coragem e plantei-me em casa dela para a conhecer: uma criatura que me examinou com seriedade de notária e que ao segundo dia decretou que aquele senhor grandalhão era de confiança. Naquele outono vieram elas. A Claudia era ainda muito pequena, e uma tarde adormeceu-me em cima, e daquele bocado fica-me o peso quente da minha filha a respirar contra o meu peito, que é uma das duas recordações mais luminosas que guardo. O que eu não sabia então é que ia ter de comer dessa recordação quase uma década. Naquele outono a Marta já estava comigo, portanto o da minha filha pequena soube-o desde o primeiro dia. E em quatro anos a viver juntos a minha filha foi o assunto de uma única conversa. Aquele silêncio levantámo-lo os dois: eu também não a nomeava, para não ter aberta uma gaveta que me doía. Quem o tinha de ter quebrado era eu.

Entre aquela criatura adormecida em cima de mim e o dia seguinte em que a tive à frente cabem oito anos e meio, e dentro deles cabe tudo o que este livro conta: a relação a três, a mala, os internamentos, as queixas-crime, o poço. A paternidade a essa distância é uma pontada que não faz barulho e que também não se vai embora: a pessoa sabe, todas as manhãs, que a milhares de quilóme-

tros a sua filha está a perder os dentes de leite, e a decifrar as primeiras letras, e a soprar velas, e a tornar-se uma pessoa devagar, e que naquele quarto não há ninguém que se pareça contigo. Perdi quase o lote inteiro, e essa fatura não figura em processo nenhum e continuo a pagá-la todas as manhãs. No inverno anterior àquela viagem elas tinham vindo a Barcelona um fim de semana. A Claudia estava a deixar de ser uma criança, e aquilo não teve nada de reencontro cinematográfico: tratou-me com a cortesia que se reserva a uma visita, educada, com reservas, a lançar-me olhares de esguelha como quem olha para um desconhecido de quem lhe contaram versões que não encaixam. E não lho censuro: nenhuma adolescente deve carinho a um pai que foi, basicamente, uma ausência. Nem me atrevi a tentar um abraço. Bastou-me sentar-me perto, ouvi-la, olhar para aquela pessoa esperta, completamente viva e completamente real, e pensar sem acabar de acreditar: existe.

Daquela viagem de outono o que fica é a logística, e a logística retrata a relação melhor do que qualquer outra coisa. Dois dias antes do voo a mãe dela mandou-me as instruções: que ali fazia frio e que levasse roupa, o táxi, o autocarro e o que custava cada coisa. E uma frase de uma delicadeza que eu na altura não soube ler: que tentaria vir ela ao aeroporto, para eu não ir descarregar as minhas emoções num sítio desconhecido. E houve uma condição, uma só, com todas as letras: que eu não fumasse à frente delas. Respondi com a trapalhice do costume, que tentaria cumprir todas as condições, e corrigiu-me no ato: que na verdade só havia uma, e que também não me deveria custar assim tanto. Uma condição em todos aqueles anos. Aí se mede exatamente o pouco que esta mulher alguma vez me exigiu. E mais um pormenor: no primeiro dia vinha ela sozinha; a miúda vê-la-ia no seguinte, provavelmente ao almoço; e se calhar jantávamos os três, conforme o que a Claudia dissesse. Naquela idade, era a minha filha que decidia quando é que via o pai. E assim tinha de ser.

E no dia do voo não cheguei. Fiquei encravado na estrada, perdi o avião e escrevi à mãe dela que andava à procura de alternativas e que me queria morrer, com uma fotografia cuja legenda o resume inteiro: perdido no aeroporto. À tarde encontrei a saída, outro aeroporto à meia-noite e um avião ao amanhecer, e aterrei ali na manhã seguinte com um dia de atraso. Aquilo é precisamente o contrário de Barcelona: um frio seco que corta, a neve já cinzenta nas bermas do passeio, uma luz branca e baixa que aqui nunca temos. De casa chegavam-me notificações do tribunal que eu ignorava de propósito e mensagens da Sonia que despachava com um estou-bem, porque estava. Vi-a à hora de almoço, com

a mãe à frente, e o que houve foi aquela cortesia tensa: um sorriso curto, um olá a meia voz, as mãos metidas nos bolsos do casaco. Nenhum abraço. E ainda assim continuava a ter intactas as obsessões da miúda brilhante que sempre foi. Largou-me uma teoria sobre os polvos, com a seriedade de quem expõe resultados num congresso: que a inteligência lhes vem de terem nove cérebros repartidos, um por tentáculo mais o da cabeça, e que daí lhes sai poderem ocupar-se de nove assuntos ao mesmo tempo. Eu ouvia-a com aquela atenção completa que só os apaixonados e os pais põem. E enquanto a ouvia pensei que, dissesse o que dissesse a sentença, aquilo existia. Que aquela miúda e a teoria dela dos polvos existem, e existem em parte porque eu existo. E naquele dia isso foi motivo suficiente para continuar a existir. Para tomar o lítio.

Há uma coisa de que quase ninguém fala, e é o que a doença decide por ti quando se é pai. Durante anos acreditei mesmo que o melhor para todos era que uma pessoa doente se mantivesse à margem. Aquilo não era uma decisão: era a depressão a falar com o vocabulário da consideração. Um cérebro em fase baixa não te diz não posso; diz-te não devo, e di-lo com uma lógica tão limpa que a pessoa a assina como se fosse sua. E em fase alta acontece o contrário, que se promete o que não se vai cumprir: num verão prometi à mãe dela um dinheiro para uma colónia de férias e dez dias depois cortei-lho com a pior desculpa imaginável, que a minha mãe me tomava as contas e que esperasse pelo fim do mês. Um homem feito e direito, com uma filha que fazia anos no dia seguinte, a explicar à mãe da miúda que a sua própria mãe lhe controlava o dinheiro. O que ela me respondeu era bem merecido: que a Claudia era assunto meu. É assim que esta doença decide a paternidade: não te tira a filha, tira-te os anos em que podias ter estado, uns por baixo e outros por cima, e em troca devolve-te uma adolescente que te olha de esguelha com toda a razão do mundo. E a outra metade da distância também não a governo eu: não há chamadas nem videochamadas, e nunca as houve de maneira sustentada. Há mensagens que escrevo eu, silêncios longos que não manejo eu, e alguma viagem quando os voos e a cabeça o permitem. A mãe dela não autoriza mais, e de crueldade nada: fá-lo porque ainda traz o estigma cravado e porque teme que, sem ela presente, me escape alguma coisa que faça mal à miúda. Prudência e medo, as duas coisas que fabrica uma doença que nunca ninguém lhes explicou. Eu a única coisa que faço é tentar demonstrar, com factos pequenos e repetidos, que aquele pai intermitente vai ficando para trás. E desde que sei que ela me pode ler, escrevo e publico a

contar com que tudo o que ponho no ar pode cair nas mãos de uma rapariga da idade dela.

A mãe dela mandou-me uma vez a fotografia de um desenho que a Claudia tinha feito para a escola quando era pequena: um mapa com uma estrela posta precisamente em cima de onde vive o pai. Guardei-o na pasta do telemóvel onde meto o que não quero perder, que não tem grande coisa lá dentro: a fotografia de uma árvore do Montseny tirada antes da tempestade, o áudio da Claudia a perguntar-me se eu estava bem quando estive no hospital, três canções e agora o mapa. São as coisas que fazem com que o e-se das noites más tenha uma resposta de carne e não apenas de fumo. A Claudia já é quase uma mulher e sabe onde vive o pai. E há uma coisa que demorei quinze anos a conseguir dizer sem raiva, e disse-a à mãe dela por escrito numa manhã do ano passado: que a minha mãe tinha vivido amargurada por não ter tido ocasião de ver a neta crescer, e que tem um coração de ouro. Um dos rancores mais longos da minha família, resolvido em duas linhas. Aquilo não tinha sido rejeição. Tinha sido luto.

Voltei no princípio daquele inverno com uma coisa na mão que não larguei desde então: esta pessoa existe, e é o mais perfeito que saiu da minha história inteira. E ao abrir a porta do apartamento contou-me tudo o cheiro, que naquela casa não se parecia com nenhum outro. O frigorífico, vazio. O chão, semeado de beatas. E o Chapa a olhar para mim a entrar com os olhos de quem já não está inteiramente dentro do próprio corpo. Um homem em pródromo chegava de quatro dias de dormir e de uma miúda a falar de polvos, e o que o esperava em casa era precisamente o contrário de tudo isso.

Capítulo 45 • A câmara às duas da manhã

O que recordo daquele inverno não é a sensação de estar a perder a cabeça. É a contrária, e por isso mete tanto medo contá-la: a de estar finalmente a fazer a única coisa sensata que restava, que era deixar registo, pôr à frente de uma câmara de madrugada aquilo que os outros teimavam em não olhar. Uma psicose não se vive como loucura. Vive-se como uma sanidade exata dentro de outra realidade, e falta um único elemento, o que muda tudo: a voz de dentro que na eutímia pergunta para quê, e espera, e duvida, e te deixa a mensagem a dormir até amanhã. Esse travão já está contado neste livro. Num episódio não se parte, apaga-se, e o que ocupa o seu lugar fabrica certezas mais depressa do que uma pessoa as consegue escrever. Com essa maquinaria a funcionar cá dentro voltei da viagem de ver a minha filha: três horas de sono anotadas na folha de uma consulta daqueles dias, onze meses sem que ninguém me tivesse tocado na medicação, e um canal de vídeos à minha espera.

Do canal convém desfazer um mal-entendido antes de continuar, porque quase toda a gente o conta ao contrário. Não nasceu naquela madrugada. Era o mesmo de sempre, o do quarto de doze metros, o mesmo onde eu punha vídeos a explicar as nossas canções e a Marta os via e depois me pedia que lhe contasse o que tinha querido dizer no minuto tal. Ali dentro ficaram dois vídeos que escrevemos e locutámos os dois, uma noite, mortos de riso como já quase nunca nos ríamos; se alguém me perguntar onde é que a Marta e eu nos rimos às gargalhadas pela última vez, a resposta é essa. Gravei em todos os surtos que tive, e depois de cada internamento apagava tudo, e nunca me trouxe um problema até àquele inverno, que foi quando voltei a ele com a cabeça completamente ida. A minha irmã pedia-me que o deixasse e eu respondia-lhe que gravar era a minha terapia. A terapia era-o. O momento era o pior possível.

Os primeiros vídeos foram sobre a Nuria, e não disse o nome dela: montei um arquétipo, a mulher que fabrica uma imagem pública de bondade enquanto por dentro deseja a morte ao homem que rejeitou, e sobre esse arquétipo descarreguei todos os insultos que me ocorreram, que foram muitos, com a desini-

bição de quem tem o travão fora de serviço. Não o conto para o justificar. Conto-o para o nomear: aquilo era um cérebro em surto a fabricar verdades envenenadas. E numa questão de dias o cérebro esqueceu-se dela e caiu a pique sobre o que de verdade me estava a dilacerar, que era a Marta. O processo. O Toby, que se tinha ido embora com ela sem me deixar despedir. O amor que eu tinha acreditado real transformado no processo mais grave da minha vida. No décimo quinto vídeo pronunciei o nome dela, e depois estive a falar duas horas e quarenta minutos seguidos. A transcrição daquele troço existe, são horas dedicadas a ela e só a ela, e o que lá está dentro não se parece com o que acabou por chegar a uma sala de audiências. Há minutos e minutos de fotografias, um homem a abrir uma gaveta para mostrar a uma câmara um móvel que ela tinha deixado como novo, coisas dela penduradas na minha parede, o capacete que fazia conjunto com o meu, uma viagem à montanha, a gente dela, a dar-lhe os parabéns um por um pelos aniversários que não lhe tinha dado. Há frases dirigidas a ela a dizer-lhe que não lhe pedia nada, que não lhe telefonava, que não a ameaçava, que não a queria esquecer ainda que nunca mais voltássemos a estar juntos. E há troços, e não os vou esconder, em que dizia que a odiava. Está tudo isso na mesma gravação e por vezes no mesmo minuto, porque uma cabeça sem regulação não são dois homens com duas intenções diferentes. É um. O que eu não sabia enquanto punha aquilo no ar é que alguém do meio dela o tinha encontrado nas primeiras horas e lho tinha feito chegar.

Se este livro deixasse cair que ninguém me avisou, mentiria. Avisaram-me todos, ao mesmo tempo e por escrito. A minha irmã passou um dia inteiro comigo, link a link: que cortasse o final onde insultava, que não continuasse a brincar com o fogo, e sete horas depois a frase que eu devia ter lido duas vezes e não li nenhuma, que ela estava a tentar proteger-me mas que aquilo não ia levar à frente também a saúde mental dela. A minha mãe ameaçou apresentar queixa contra mim, a única vez na vida dela, para que eu tirasse do meu último vídeo uma fotografia de família. Na manhã seguinte chegou a mensagem que pior se lê de todas: que eu não a tinha tirado, que continuava a mentir, que acabava de cavar a minha própria campa a dar o meu nome e os meus dados. Com a palavra parabéns atrás. E a minha irmã outra vez, na manhã seguinte, aviso à navegação, que com o que eu estava a dizer naquele vídeo ia direito a um julgamento pior do que o de quinta-feira; duas horas mais tarde atirou a toalha ao chão por escrito, que se lhe tinha acabado a energia, e dez minutos depois mandava-me um beijo para a pessoa com quem eu ia passar o dia. É assim que ela é.

Com seis avisos à frente do nariz, o que eu fiz foi gravar mais dezoito dias. Isso é a anosognosia na sua versão extrema, a que já expliquei: não negar o diagnóstico, que a frio o admitia sem pestanejar, mas ser incapaz de ver que o que estás a fazer neste preciso minuto é o diagnóstico. E é, ao mesmo tempo, um homem avisado que não conseguiu parar. As duas coisas são verdade e não se estorvam.

Num daqueles vídeos escapou-se um documento com os dados da Marta. Não o pus: escapou-se, à velocidade a que monta vídeos um homem que não dorme e que apaga com a câmara os incêndios que ele próprio vai ateando. Vi-o pouco depois de o pôr no ar. Tirei o vídeo. Voltei a pô-lo sem o documento. Entre uma coisa e outra passaram minutos, e nesses minutos alguém que estava à frente do ecrã fez a captura, e aquela captura terminou dentro de uma queixa-crime. Um cérebro em psicose não está apagado de todo: vai a rajadas, acende-se e apaga-se, e numa dessas rajadas vi o que ali estava, percebi o que era e tirei-o. Das três semanas inteiras, esse é o único momento em que fiz exatamente o que havia a fazer, sozinho, sem que ninguém mo pedisse, e é precisamente o momento que levaram para o tribunal. Castigou-se o minuto em que eu me estava a dar conta. E para pescar um documento que esteve no ar uns minutos, num canal que quase ninguém via, é preciso levar dias seguidos a olhar para um homem que não dormia. Lidas inteiras, aquelas capturas são a minha prova de inimputabilidade. Recortadas, foram os meus antecedentes. O canal fechei-o eu, e no último vídeo, que viram quatro pessoas, apareço a pedir perdão e a chorar.

Enquanto eu gravava, naquele meio falava-se de mim. Disse-se em voz alta, e a partir de um medo que era deles e era real, que eu era um homem perigoso. Já disse quem era o homem de que falavam. E para que não me saia barato: não soube na altura, soube meses mais tarde, quando já estava na depressão pós-psicótica, de modo que aquilo não foi o detonador de nada. O que me acendeu foi saber que a Nuria telefonava à minha irmã quase todos os dias para que eu deixasse de gravar, e ao sabê-lo gravei mais. Aquele medo leva ingredientes que conheço um por um, e nenhum é a maldade de ninguém: a palavra bipolar sem nada atrás; uma conduta real, a de um homem irritável, insone e sem filtro, que se lê como escalada porque ninguém lhes explicou que a escalada de um pró-dromo vai para dentro, para a câmara e para o próprio fígado, e não para o corpo de ninguém; o eco de gente assustada a falar-se todos os dias; e a única pessoa daquele grupo com formação clínica, que o podia ter desativado em trinta segundos e não o fez. Que um desconhecido te chame louco perigoso é ruído de fundo. Que te transformem em monstro os que gostaram de ti é uma amputação.

Na noite anterior ao primeiro julgamento sumário não dormi. Havia droga à mão e não lhe dei muitas voltas, porque a alternativa era continuar a contar fendas no teto até às oito. Levou-me o Jordi no carro dele. A Marta estava à porta do tribunal, acompanhada pelos dela, e eu não me aproximei, porque o tinha proibido e porque a vergonha me tinha comido por dentro, aquela vergonha raríssima do arguido que vai a pedir perdão em silêncio por uns crimes que foram sintomas. Acabámos a fumar a trinta metros uns dos outros, como três estranhos, elas sem levantar os olhos e eu a olhar para os meus sapatos. Um da família dela, que eu tinha quase por amigo, olhou para mim com vontade de me matar, e aquele olhar não o produziu o que eu era, mas a parte de mim que cabia dentro de um escrito. Dentro da sala a Marta não me olhou nos olhos uma única vez, como se aquele banco e aquele entardecer na montanha tivessem acontecido a duas outras pessoas. Eu entrei completamente em surto, sem capacidade nenhuma de saber que estava doente, que é tanto como dizer sem capacidade de pedir ajuda. A minha declaração foi lamentável. O advogado oficioso, que não me preparou nem me ouviu, recebeu o mesmo. A juíza foi compreensiva dentro do que se pode ser em quinze minutos, e no fim levantou os olhos dos papéis e fez-me a única pergunta que me foi feita naquela manhã.

—O senhor percebe que o que fez está mal?

—Sim.

E era verdade. Que aquilo estava mal percebia-o qualquer pessoa e percebia-o eu. O que não percebia, porque a doença não me deixava percebê-lo, era que estava doente. Isso não o perguntou ninguém. A um homem que leva três semanas a gravar-se às duas da manhã a pergunta que se lhe tem de fazer não é se sabe que aquilo está mal; e em quinze minutos por processo não há tempo para fazer nenhuma outra. Saí condenado a vinte dias de permanência na habitação e a um curso que ainda não fiz. A mim, que levava meses sem ser capaz de atravessar o patamar, condenaram-me a não sair de casa.

O segundo julgamento, o dos vídeos mais graves, os que apaguei eu e de que não resta registo em lado nenhum, foi uma semana mais tarde e resolveu-se por acordo. Naquele dia acompanhou-me a minha mãe. No corredor cruzou-se com a Marta e disse-lhe na cara como é que ela se atrevia, se não tinha vergonha; a Marta não respondeu, e a mulher que a tinha levado à estação com a mala pôs-se pela primeira vez, à minha frente, no único lado em que sempre tinha estado. Eu levava no carro, sem saber por que é que o tinha levado naquela manhã, um dos quadros que ela me ofereceu. Quando saí de assinar já não era capaz de vol-

tar para casa com ele lá dentro. Deixei-o encostado à parede, em cima de um banco da rua, para que o levasse o primeiro que passasse, e daquela manhã fica uma fotografia em que se vê que alguém tinha pintado nas costas do banco, com spray vermelho e em letras enormes, amo-te. Não sei o que fazer com isso a não ser contá-lo.

O acordo é o que se assina em psicose. O julgamento sumário está pensado para o condutor que sopra na berma e para a briga de bar com três testemunhas: naquele dia o tribunal de turno levava outros dezassete processos, quinze minutos cada um, e o meu advogado tinha disposto de trinta segundos comigo num corredor. No centro da invenção há um incentivo, e é um incentivo bom para quase toda a gente: reconheces os factos, a pena desce um terço e vais a pé para tua casa. Para um homem a três semanas de uma psicose, aterrorizado, com um causídico que o conheceu nessa mesma manhã, aquilo não é escolher entre duas opções. É uma saída de emergência com a luz verde acesa por cima. O que ninguém me explicou é que assinar significava deixar registada uma ficção, a de que eu tinha atuado em plenas faculdades, e que ao reconhecer os factos se renuncia também a discutir a imputabilidade, porque uma inimputabilidade precisa de peritos e de tempo, que são precisamente as duas coisas que aquele processo está desenhado para não ter. E a ficção não a sustenta só o tribunal. Na manhã seguinte a assinar escrevi à minha irmã que eu tinha querido que me julgassem como a alguém normal, sem perturbações, e que se era funcional para tudo o resto era justo que o fosse também para aquilo. Isso escreveu-o o autoestigma, que a essas alturas já falava pela minha boca. O mesmo surto produziu os vídeos e produziu a assinatura. No processo em que alguém parou para olhar a sério, que é o capítulo seguinte, aquele surto foi uma causa de inimputabilidade completa. Naquele em que ninguém teve quinze minutos, aquele surto não existiu. Os meus antecedentes saem destes dois julgamentos e de mais nenhum.

Na noite do primeiro julgamento escrevi que a Marta me tinha feito um favor enorme, que vê-la, ver o desprezo dela e que não me olhasse nos olhos me tinha libertado. E não ficou pelo telemóvel: sentei-me à frente da câmara e disse-o em voz alta, convencidíssimo, com aquela firmeza que dá estar em surto e precisar de acreditar naquilo. Assim que parei de gravar atirei-me para a cama, esmaguei a cara contra a almofada e gritei até ficar sem voz. Daqueles vídeos julgou-se sempre o que se via no ecrã. O que acontecia trinta segundos depois de o apagar não o viu ninguém.

Capítulo 46 • O biombo

Os vinte dias cumpri-os no princípio daquele verão. Vivia outra vez com a minha mãe: cama desdobrável na sala e um monitor velho, comprado na altura com a Marta, a partir do qual continuava a teletrabalhar para não perder também o emprego. Três vezes por dia subia a polícia municipal para eu assinar um papel a certificar que continuava no sítio de onde não me podia mexer. No primeiro dia resumi-o à minha irmã por escrito: uma coisa é não querer sair e outra diferente é não poder. Aquela condenação não me alterou a rotina um único dia, porque a minha cabeça me tinha fechado muito antes de um juiz o assinar. Dois dias depois de os cumprir entrei na sala do julgamento grande.

Realizou-se na vila onde eu me tinha tornado independente pela primeira vez, quando me mudei por causa da Marta. Das praças dela já não vou pôr os pés em nenhuma, e isso é uma coisa que quase ninguém conta desta doença: além dos anos e das pessoas, leva os mapas. À porta repetiu-se a cena do inverno, a Marta a fumar a trinta metros com alguém da família dela, os três a tratar-nos como estranhos. A acusação dela modificou o escrito antes de começar: se o tribunal reconhecesse a inimizabilidade completa, pediriam medidas de segurança, e se não a reconhecesse baixavam os anos de prisão que vinham a pedir, mais afastamento e proibição de comunicar comigo por qualquer via. Ou seja, que a própria acusação dava por certo que aquilo era sobre um doente. A luta não era culpado ou inocente. A luta era o que se faz com um inimputável, se se fecha ou se se vigia. O relatório da médica legista, onde constava que as minhas funções intelectuais e volitivas estavam totalmente alteradas, estava no processo havia três anos, e até àquela manhã havia um escrito com o meu nome em cima a pedir anos de prisão. O corpo não sabe distinguir entre a pena que se pede e a pena que se aplica.

Escolhi declarar. Reconheci a relação e reconheci os áudios, com a única precisão que era verdade: que os mandei para um grupo onde eu não sabia que ela estivesse.

—E o que é que o senhor dizia nesses áudios? —perguntou a procuradora.

—Eram uns áudios com umas ameaças hiperbólicas, fruto de um surto psicótico em que eu estava.

—E não tinha consciência de os estar a enviar?

—Não tinha consciência do que estava a fazer.

Expliquei que não tinha recordação de os ter gravado e que ao ouvi-los depois me tinha parecido um desconhecido a usar a minha voz. E quando o advogado dela puxou o tema do tratamento saiu-me o professor cá de dentro: os quatro pilares da saúde mental, o que significa uma descompensação, por que é que subir uma dose não é o mesmo que recair. Disse a palavra eutímia à frente de um tribunal. Conteí também uma coisa que quase ninguém sabe, e é que meses depois do hotel a contactei uma única vez, um áudio para lhe pedir perdão, e fi-lo porque a minha advogada me tinha dito que o processo estava arquivado e que a Marta não tinha recorrido. Tinha recorrido, as medidas continuavam vivas, saltei-as sem dar por isso, e assim que soube nunca mais lhe voltei a escrever: isso são cinco anos. Um perdão atirado ao vazio. Pelo que me chegou de volta, ela disse que eu não tinha percebido nada, e se calhar tinha razão, porque a uma pessoa a quem nunca ninguém explicou o que faz por dentro um episódio psicótico, a minha explicação só lhe podia soar a desculpa. Foi tudo o que saiu da minha boca naquele dia: nem uma ameaça, nem uma palavra contra ela; um diagnóstico, quatro pilares e um pedido de desculpa. Ela estava a três metros, atrás de uma divisória, e não ouviu nada.

Depois declarou ela. Contou as chamadas daquele dia e o catálogo inteiro do delírio, recitado em voz alta numa sala. Perguntaram-lhe se tinha tido medo e disse que sim, claro. De trás do biombo, eu não encontrei um único motivo para duvidar: aqueles áudios existiram e gravou-os a minha voz. Disse também que nunca me tinha pedido que parasse, e que depois daquilo não houve mais contactos, diretamente não, que o que houve foi um canal de vídeo. Diretamente não. Disse-o ela. E contou que daquele canal tinha visto os dois ou três primeiros vídeos e mais nenhum, e acredito, porque isso significa que não viu os piores, mas também que não viu as horas de fotografias nem os aniversários atrasados. O que se me cravou, em todo o caso, não foi o conteúdo. Foi a maneira. Ali estava a mulher com quem mais me liguei na vida a falar de mim sem um tremor na voz, sem um matiz, sem uma dúvida, e por mais que a procurasse eu não a reconhecia em parte nenhuma daquele tom. Tem explicação, e não é a maldade: ela não entrou naquela sala como testemunha, entrou como parte, com o seu advogado, o seu escrito e o seu pedido de pena. Uma testemunha recorda. Uma

parte sustenta. Aquela versão tinha tido três anos e um escritório para ficar redonda, e num escrito assim não cabe a mulher que apanhava um comboio para me vir ver. Não o escrevo como censura a uma decisão dela. Escrevo-o como o que um processo faz à memória de quem o sustenta.

Vamos ao biombo, que não aparece em código nenhum. No julgamento sumário do inverno não o houve: estivemos os dois na mesma sala, a uns metros. Pelos mesmos factos, seis meses mais tarde, apareceu a divisória. Ninguém a pediu. Vem de série no modelo da violência de género, que separa o agressor da sua vítima sem parar para olhar para quem são os dois que tem à frente. E aquela divisória fez três coisas num minuto: a mim colocou-me no sítio onde se colocam os perigosos, a um homem que seis meses antes se tinha ficado a trinta metros dela, em plena rua, a olhar para os sapatos; a ela meteu-a por protocolo no papel de minha vítima; e tapou-lhe os ouvidos precisamente no dia em que eu estava a falar.

Depois era a vez da perícia, e para aquele julgamento não me examinou ninguém em pessoa. A médica legista declarou por videochamada e a videochamada cortava-se. A minha vida esteve quase a ser adiada por culpa de um router. Quando finalmente se ouviu, ratificou o seu relatório, e a base inteira de uma inimputabilidade ficou despachada em poucos minutos e a pinceladas grossas. O meu advogado puxou o fio: se tinham à frente um doente tratado, cumpridor, com três anos de seguimento, era preciso um internamento? A médica legista admitiu que a sua avaliação era a de então, não a de agora. E a meio daquela discussão soube que o Toby tinha morrido. O meu cão. O único que gostou de mim sem me pôr condições. Nem sequer sei o dia; sei como me chegou a notícia. Cinco anos e meio com ela, nem um comigo, e morreu enquanto me estavam a julgar. Eu ali, a chorar por um cão, com uma divisória à frente a anunciar ao mundo que o perigoso era eu. Agradeço-lhe que tenha cuidado dele os anos em que eu não pude, ainda que ela não me agradeça nada.

Nas alegações finais, a procuradora pediu o internamento. O advogado dela lembrou que inimputável não quer dizer impune, e pediu afastamento, incomunicabilidade e custas. O meu disse que aquilo tinha sido um delírio, que nunca houve uma aproximação física e que o proporcional era vigiar-me, não fechar-me. A inimputabilidade não a discutiu ninguém. O que se discutiu foi o meu futuro, e discutiu-se em termos de logística. E no fim chegou a última palavra, que é o único minuto de um processo inteiro em que a lei te deixa falar a ti, e aí passei por cima de todas as instruções que levava decoradas. Disse que não só

não desejava mal nenhum à Marta: é que sempre tinha gostado dela. Que aquilo se tinha transformado numa loucura judicial, que não tinha de ter acabado assim, que nalgum momento nos podíamos ter sentado a falar. Expliquei à juíza que o próprio processo é um fator de stress permanente e que o cortisol de três anos me tinha posto cinquenta quilos em cima. Desejei-lhe a ela que fosse feliz. E pedi uma coisa só, que aquele pesadelo acabasse. O meu advogado fazia-me sinais para eu abreviar, e à saída levei com a descompostura, que a mim dizem-me que não faça uma coisa e vou direito a fazê-la. Na forma tinha toda a razão. No fundo, aquela última palavra desordenada foi o mais verdadeiro que ali dentro se disse.

A sentença chegou-me no fim do verão e dizia isto: um ano de internamento psiquiátrico em estabelecimento adequado, proibição de me aproximar dela e proibição de comunicar com ela por qualquer meio. Telefonei à minha irmã e disse-lhe que, se o recurso não vingasse, eu entrava. Ficou calada. Depois disse que o recurso ia vingar, e quando lhe perguntei como é que sabia respondeu-me que não sabia, mas que íamos ser nós a fazê-lo vingar. No dia seguinte tirou-me a metafísica das mãos com um estalo: que de carma nada, que dali em diante eram só advogados. A Mireia leu a sentença nessa mesma tarde e disse-me que o recurso tinha base; perguntei-lhe o que é que eu supostamente fazia entretanto, e disse-me que entretanto, viver. E agora vem o que demorei quase dois anos a perceber. Aquela sentença não era uma condenação. Reconhecia a inimpugnabilidade completa, com todas as letras, e onde há inimpugnabilidade completa não há condenação: há absolvição e medidas de segurança. Não te castigam. Tratam-te. O problema é que o papel trazia a palavra condenação escrita, e assim se me ficou cá dentro. Um mês mais tarde o Ministério Público pediu que se esclarecesse exatamente isso, e o esclarecimento demorou a chegar muito mais do que aguenta a paciência de seja quem for. Todo esse tempo vivi com uma condenação em cima das costas, com a vergonha posta e o sou um condenado a repetir-se sozinho. Estava absolvido desde aquele verão e não mo disse ninguém. Também não é má-fé: é um tribunal com mais papéis do que mãos, e o atraso paguei-o eu. O recurso, a dia de hoje, continua à espera.

A primeira coisa que fiz ao acabar de ler a sentença não foi telefonar a advogado nenhum. Foi ir buscar as pessoas que se tinham ido embora. Pedi à minha irmã que fizesse chegar à Nuria um vídeo e as canções que eu tinha escrito, e o que voltou foi silêncio, e por trás do silêncio o contrário do silêncio: a exigência de que apagasse o canal e apagasse as canções. À Raquel escrevi umas mensa-

gens para um número que se calhar já nem era dela e disse-lhe que me queria morrer. E semanas depois perguntei por ela à minha irmã, e respondeu-me o que me respondeu: que ela não lhe tinha respondido, mas que o sabia pela Nuri. Ninguém era obrigado a responder-me. Mas não responder também é um ato, e do outro lado havia um homem que começou a pensar em tirar-se do caminho com aquela frieza esquisita que dá o esgotamento extremo. Daí sai o corpo dos cento e cinquenta e cinco quilos, que tem o seu próprio capítulo.

O que me aconteceu naquela vila tem nome há cinquenta anos e chama-se criminalização da conduta mentalmente perturbada. Consiste nisto: quando a única porta que resta aberta é a da esquadra, tudo o que o doente faz entra por essa porta. O mesmo surto é um internamento se o olha um médico e uma queixa-crime se o olha um instrutor. A mim olhou-o três vezes um instrutor. Aí está a dupla condição que nenhuma sala sabe sustentar, doente e culpado ao mesmo tempo: o mesmo Estado que escreveu numa folha que eu não podia governar os meus atos passou-me depois a conta da loiça partida do incêndio. Porque a outra fatura, a de dinheiro, também chegou: cinco advogados, contando com os oficiosos, que também não são grátis, e as custas dos processos, que somaram quase ao cêntimo a mesma cifra que a dívida do ano da mala. E a repartição real de forças é precisamente a contrária da que o processo conta. Ela, hoje, com um telefonema, pode pôr outra vez em marcha uma maquinaria capaz de me meter um ano numa ala. Eu não lhe posso fazer nada, nem quero: não sei onde vive, não quero saber, e em todos estes anos de queixas e de julgamentos não há uma única lesão nem um relatório médico. Quem tem o poder é ela. Quem vive com medo sou eu. O medo dela do hotel foi verdadeiro e não lho censuro. Escrevo isto para que saiba que o homem de quem lhe disseram que era preciso protegê-la leva cinco anos sem conseguir ler o nome dela sem acabar a tomar um comprimido.

Parte VI • A LINHA ERRADA

Capítulo 47 · O médico que falava

A minha mãe levava as consultas médicas daquele mês apontadas num papel e ia riscando-as à medida que se cumpriam. Naquela primavera, entre os julgamentos sumários e o do verão, ficou uma única por riscar, a do psiquiatra novo do hospital, e ela lembrou-mo assim, pela conta que fazia. Mudar de psiquiatra custou-me o que já está contado, que arrancar uma transferência ao sistema não é coisa de se pedir e pronto, e ainda por cima pedi-a com uma desculpa de horários, porque dizer a verdade (que a anterior me tinha partido por dentro) não cabia em formulário nenhum. A consulta calhou nos primeiros dias daquela primavera, à tarde. Uns dias antes eu tinha largado à minha mãe uma daquelas frases com que um homem se defende sem se dar conta de que se está a denunciar: que o psiquiatra já saberia o que eu fazia. Não sabia. Não tinha por que saber. Tive de lho contar eu. E essa coisa mínima, absurda de tão pequena, foi precisamente o que havia de novo.

Aquele médico não se parecia com nenhum dos que me tinham tratado, e a primeira diferença saltava ao fim de dez segundos: falava. Falava mais do que qualquer outro médico que eu tivesse conhecido, e sabia-o, e dizia-o a sorrir. Eu vinha de cinco anos com uma psiquiatra que administrava as frases como se cada uma lhe custasse dinheiro do bolso, por isso passei a primeira consulta a fazer uma coisa que não fazia desde o diagnóstico: falar a sério. Sem ir a calcular. Sem tirar a versão apresentável de mim próprio, aquela que uma pessoa aprende a montar para que na consulta saia tudo correto. Ele ouvia como ouve quem quer perceber alguma coisa, não como quem vai preenchendo quadrículas. Separava o doente da doença, e dentro do doente separava os sintomas de um surto das decisões de uma pessoa, que é uma distinção que eu levava cinco anos sem que ninguém me fizesse. Acreditava em mim. E escrevia relatórios onde punha o que de verdade tinha acontecido. Naquelas primeiras consultas disse-me além disso uma frase que eu repeti depois a um monte de gente, porque resume a diferença inteira: que me apresentasse nas urgências sempre que precisasse. Um doente psiquiátrico a quem o médico diz aquilo tem uma porta.

Nos cinco anos anteriores eu não tinha porta. Tinha uma consulta de três em três meses e um impresso.

Um dia a sessão foi por onde não estava previsto e perguntei-lhe por que é que se dedicava a aquilo.

—Porque me parece o trabalho mais honesto que há.

Pedi-lhe que me explicasse o do honesto.

—Porque aqui dentro não se pode fingir. Um doente em surto não está a representar. Um em depressão não está a exagerar. O que há é o que há.

Perguntei-lhe se não cansava.

—Tudo cansa. A questão é se o que te dá compensa o que te custa.

Perguntei-lhe pelo dele, pelo caso dele. Disse-me que sim, que no dele compensava; que há dias em que se lhe cai a alma aos pés, mas que quando alguém que levava anos sem conseguir levantar-se se volta a levantar, e tu sabes que tiveste alguma coisa a ver, isso não to paga nenhum outro ofício. Não lhe disse que eu era um desses. Não fazia falta nenhuma dizer-lho. E havia outra coisa, menos vistosa e mais importante: era o mesmo homem na consulta boa e na má, o mesmo tom, a mesma amabilidade, entrasse eu pela porta como entrasse. Isso tem um nome, consistência, e é bastante mais raro de encontrar do que a competência clínica.

Para que isto não acabe transformado numa história edificante, ponho da minha parte o material que a estraga. No inverno seguinte houve uma manhã em que acordei e não me consegui levantar. Já à tarde estava a contá-lo à minha irmã: que horror, que não me conseguia mexer, e um minuto depois, que a minha alma não queria voltar ao meu corpo e que eu o notava. Ela pôs-lhe nome numa linha, que aquilo era a depressão, e propôs-me o que propunha o senso comum, ir nessa mesma tarde ver o psiquiatra, que ela me levava, que era para isso que ele tinha dito que estava. Respondi-lhe que não no mesmo minuto. Insistiu. Meia hora mais tarde disse-lhe que não acreditava que aquele homem me pudesse ajudar e que além disso eu não estava para falar com ninguém. E um quarto de hora depois, quando já me tinha negado duas vezes e a conversa se tinha ido embora à procura do telefone de uma psicóloga, escreveu-me que mesmo assim falar com ele naquele dia me ia reconfortar, que é um bom homem e gosta de mim. Sublinho o pormenor de quem o diz: não o digo eu, di-lo alguém que não sou eu. Voltei a saltar uma consulta que ela me tinha pedido, e saltei-a com o vocabulário do doente que sabe mais do que o seu médico, que ao psiquiatra vai-se de três em três meses. Ou seja, que a continuidade não me

transformou em doente modelo. Transformou-me num doente com médico, que não é o mesmo e que já é bastante.

Há, apesar de tudo, uma coisa que nenhum dos dois fez, nem a doutora do centro de saúde nem ele. Nunca ninguém me explicou o que me acontecia. No técnico chegou tudo: chegou o diagnóstico, chegou a medicação, chegaram os nomes clínicos. O que nunca chegou foi o prático. O que significa, numa vida, ter um tipo um. Como se vê a cara a um pródromo. O que se faz quando o sono começa a falhar. Como se conta isto aos teus para que, em vez de saírem a correr, saibam dar-te uma mão. Isso tem nome, chama-se psicoeducação, tem por trás evidência sólida (reduz internamentos e melhora o prognóstico) e no serviço nacional de saúde não existe protocolo nenhum para ta darem: o psiquiatra leva a medicação e assina papéis, e o psicólogo, quando to atribuem, dispõe de meia hora de três em três meses. A minha dei-ma eu. A ler, a cruzar os meus próprios relatórios, a atar pontas às três da madrugada, e depois na associação. Trinta e três anos à espera de que alguém pusesse nome a isto, e mais sete até eu descobrir por minha conta o que aquele nome queria dizer. Aí está também a piada da moca mais barata do mundo, a de deixar de dormir: o meu preditor de surto, dito em voz alta à frente de médicos durante anos sem que ninguém, e incluo-me, o apanhasse do chão.

E não o censuro apenas aos que se foram embora, que tinham a resposta a cinco segundos de um motor de busca. Censuro-o a todo o meu meio, que funciona com uma boa vontade que lhe sobra e com um conhecimento que ninguém se deu ao trabalho de lhe dar; e censuro-mo a mim, que levava aquela palavra escrita num relatório havia anos sem a perceber. Bipolar é daquelas palavras que toda a gente dá por sabidas porque as ouviu mil vezes e porque soam a duas coisas, cima e baixo. Ninguém procura num dicionário o que julga já saber.

Por isso deixo aqui junto, ordenado e sem épica, o que funcionou mesmo, para o caso de servir a alguém com este diagnóstico ou a alguém que goste de uma pessoa que o tenha. Primeiro, um psiquiatra que olhava para mim, e não o digo por impressão minha: a aliança terapêutica é dos preditores de resultado mais sólidos que há em saúde mental. Segundo, uma terapia longa que se meteu na cave, nos treze anos, no abandono, na vergonha, e que em vez de compreensão genérica me deu ferramentas de usar e deitar fora do bolso: ver vir um pródromo, distinguir uma ideia de um impulso, travar a mão antes de mandar a mensagem. Terceiro, uma mulher que em vez de me medir a culpa me media o

sono, e dessa falo no sítio dela. Quarto, deitá-lo cá para fora por escrito, cantado e gravado. E quinto, saber o que tenho: que a irritabilidade é um sintoma e não o meu feitio, que se durmo quatro horas três noites seguidas é preciso pegar no telefone, que a euforia das ideias geniais às três da manhã não é inspiração mas aviso. Nenhuma dessas cinco coisas é força de vontade. A mim vontade não me faltava. Faltavam-me essas cinco coisas, e assim que as tive em cima, a conduta que toda a gente pendurava no meu feitio foi-se sozinha, sem que ninguém tivesse de se esforçar por a corrigir. A nenhum diabético lhe dizem que com mais feitio lhe baixaria a glicemia. A nós dizem-no todos os dias. Pela primeira vez desde que me puseram o nome, a medicação significava alguma coisa que não era o medo das consequências. O lítio continuava a saber a moeda velha, mas engoli-lo tinha deixado de ser obediência para ser outra coisa: cuidado.

Capítulo 48 · Cento e cinquenta e cinco quilos

Centenas de horas extraordinárias em menos de três anos. Piquetes, disponibilidade a qualquer hora do dia e da noite e um cliente que não tinha horário, porque os sistemas também não o têm e a ninguém ocorre que uma máquina espere por amanhã. Eu respondia a correios do quarto ao lado daquela casa minha onde se consumia e eu pagava, do sofá onde não dormia, do medo fixo à sentença que estava para cair. Com quem se parte entrega-se toda a gente; de quem aguenta não se ocupa ninguém, e não se ocupa ninguém precisamente porque aguenta. O dinheiro daquelas horas também não serviu para nada de bom: foi-se a tapar as dívidas que aquela casa ia gerando.

Antes daquele inverno houve um outono, o de logo a seguir à sentença, e naquele outono conheci uma mulher. Apresentou-nos um amigo comum, estivemos um mês a falar e fui vê-la, quatro dias na cidade dela, longe da minha. Para chegar até ali tive de partir a agorafobia, que levava três anos sem me deixar atravessar a porta de casa. Ela tinha o seu próprio abismo, e isso é a única coisa que me compete contar dela; eu não lho soube ler, porque um homem tão sozinho e tão à beira não olha para a etiqueta do salva-vidas. Despediu-se com um beijo, como se nos fôssemos ver em breve, e assim que voltei deixou de me falar sem dizer uma palavra. Precisamente naquelas semanas, enquanto eu digería a sentença. Os desaparecimentos entram-me diretos pela ferida do abandono: não os vivo como uma descortesia, vivo-os como um gatilho. Cheguei a tomar um ansiolítico porque um amigo levava dias sem me responder, e acabou por se ver que só estava atarefado. O abandono não me deixou uma cicatriz. Deixou-me um alarme que dispara sozinho.

Cento e cinquenta e cinco quilos. Foi isso que apontaram na balança do hospital do norte naquele inverno. E daqueles dias de festas há uma frase minha que situa melhor do que nenhuma outra onde é que eu estava antes de o pulmão me obrigar a parar. A minha irmã censurava-me ter bebido e eu defendia-me com o argumentário completo: que tinha sido uma garrafinha pequena de rum, que o álcool liberta emoções, que aquilo não era o descontrolo que ela estava a

pintar. No mesmo minuto já andava a fazer planos, que dali a três dias me chegava a passadeira e me punha a dieta estrita, e que a ver se as festas seguintes as passava com a Claudia, que aquele ano era crucial. E três minutos mais tarde, sem nenhuma transição, escapou-se-me isto: que até à embolia me era indiferente morrer. Escrevi-o como quem contribui com um dado de contexto. E atenção ao matiz, porque não é que eu quisesse morrer: é que me era indiferente, que é outra coisa e é pior, porque isso não tem urgência, não alarma ninguém e não pede ajuda. Um homem a quem é indiferente morrer não se atira de uma janela. Engorda cinquenta quilos, faz horas extraordinárias sem parar, não sai de casa, deixa entrar pela porta o que entrar e continua a responder a correios. E demora seis horas a ir às urgências com um trombo nos dois pulmões. Um homem a quem era indiferente morrer a fazer planos para as festas do ano seguinte com a filha. Não sei dizê-lo melhor.

Foi numa terça-feira do princípio daquele inverno e começou como uma contratura, uma dor esquisita no peito. De manhã estive nas urgências com a minha mãe, e o que escrevemos um ao outro enquanto eu esperava lá dentro mede com precisão de laboratório o que eu percebia do meu próprio estado. Ela pergunta se eu tenho fome. Eu digo-lhe que estou esfomeado. Ela oferece-se para me fazer uma sandes de peru e queijo e corrige-se sozinha, que para já não posso comer nada. E então sou eu que proponho o plano da tarde: que à saída do dentista podemos parar para comer um hambúrguer. Um tromboembolismo em marcha e eu a pensar no hambúrguer da volta. Às quatro veio buscar-me a Sonia e levou-me ao hospital do norte, e o médico das urgências largou a frase completa, tromboembolismo pulmonar bilateral maciço, com aquela seriedade de quem te está a dizer que passaste a milímetros de não estares. Perguntou-me há quanto tempo estava com a dor e disse-lhe que desde de manhã. Perguntou-me por que é que não tinha ido antes, e enquanto eu procurava uma resposta passaram-me por dentro as verdadeiras: o medo dos hospitais fabricado em anos de internamentos com correias, a impossibilidade de separar uma emergência real do ruído de fundo que uma cabeça como a minha produz, a agorafobia. Respondi-lhe que não tinha sabido reconhecê-lo. Puseram-me anticoagulantes, tiveram-me internado oito dias e disseram-me que eu tinha tido sorte. Dali trouxe um pormenor que não me sai: o desodorizante do saco era o mesmo que me tinham levado nos internamentos de psiquiatria, e tive de pedir à minha mãe que me comprasse outro. Quatro anos de correias e de corredores metidos dentro de um cheiro, e disparados numa ala de pneumologia por um frasco que

alguém tinha metido num saco com a melhor intenção do mundo. No dia da alta a minha mãe, que já é uma mulher de idade, mandou-me dois links seguidos: um sobre o risco de morrer de uma embolia sendo fumador e outro sobre como deixar de fumar depois de uma embolia.

E o que é que a empresa fez com um gajo acabado de sair do hospital depois de ficar a milímetros? Nada. Seis dias depois da alta já estava de semana de piquete e acordaram-me às seis e meia para resolver um incidente. Ao fim de duas semanas, com a heparina ainda no corpo, fazia intervenções às sete da manhã e à meia-noite, e perdi com os meus o jantar grande daquelas festas porque saltou um aviso e quem estava de piquete era eu. Quando o sistema vê que aguentas não te tira peso de cima: põe-te mais, a ver por onde rebentas. E ninguém me obrigou, que essa é a parte que me cabe a mim, porque o primeiro que não sabia parar era eu. Daquele mundo não telefonou ninguém, e até isso tem explicação: os que estão à volta não desaparecem por terem deixado de gostar do doente, desaparecem porque não aguentam o que sentem quando o têm à frente, e no meu caso soma-se-lhe o estigma de cortesia de que já falei. Com um trombo na artéria pulmonar as pessoas levam-te tupperwares. Com o que vinha atrás do trombo, não. E o melhor daquele mês não aconteceu em hospital nenhum: dez dias depois de entrar nas urgências soube o que a minha filha tinha respondido quando lhe perguntaram o que queria pelo aniversário. Nada, que já tinha tudo o que queria. Eu tinha os pulmões cheios de coágulos e um ano de internamento em recurso, e longe daqui uma miúda que eu mal conheço dizia que não lhe fazia falta nada porque já tinha tudo. É a única coisa que alguém fez bem nesta história toda, e não a fiz eu.

A agorafobia, que levo capítulos e capítulos a nomear, era exatamente isto. Abrir a porta de minha casa exigia uma preparação que me podia levar horas: o coração a subir ainda antes de tocar na maçaneta, o corpo a fabricar cortisol para uma situação que a cabeça sabia perfeitamente que não era perigosa. E o medo não era cruzar-me com alguém. O medo era que me vissem. O medo era o meu corpo. Uns miúdos gritaram-me gordo do passeio da frente e tiveram-me semanas sem descer à rua; e quando a minha irmã me pediu que fosse a Barcelona vê-la, pus-lhe por escrito que não podia ir e aguentar os olhares, que eu metia pena e nojo, que não queria que me vissem assim. Este sou eu aos trinta e oito anos, a dizer palavra por palavra o que teria dito aos catorze num recreio. E este mesmo corpo levantou noutros tempos mais de duzentos quilos do chão e fazia flexões em pino. Do pino a resfolegar no sofá: essa é a distância, e a sen-

sação de se estar preso dentro da própria carne não a desejo a ninguém. Ainda por cima o mecanismo mantém-se sozinho, sem ajuda: a evitação tira a ansiedade no ato, e por isso reforça-se; cada dia que não sais, o teu cérebro anota que não sair funcionou, e a fasquia para sair amanhã fica um bocado mais alta. Ninguém decide fechar-se em casa. A pessoa acorda um dia fechada, sem ter tomado decisão nenhuma.

Tudo isto tem nome, e é o nome que fecha o circuito entre o tribunal e a balança: carga alostática, o desgaste que deixa num corpo ter ligados anos seguidos os sistemas de resposta ao stress. O cortisol não sobe porque vivas triste. Sobe por ameaça sustentada e sem resolver, que é a definição literal dos anos anteriores àquele corredor de urgências: anos de prisão pedidos por escrito, quatro queixas-crime ao mesmo tempo, dois julgamentos sumários, um bloqueio sem explicação, um grupo onde se repartia o meu nome, e por baixo a agorafobia e os antipsicóticos a fazer o que lhes compete com o metabolismo. Um investigador americano passou anos sentado num tribunal de causas pequenas e resumiu-o em cinco palavras: o processo é o castigo. A mim não me mudou a vida sentença nenhuma. Mudou-ma o envelope. E olhei para aquilo com uma calculadora à frente, porque eu também engoli durante anos que um gordo é um preguiçoso com a boca aberta. Sessenta e cinco quilos em três anos e nove meses são quilo e meio por mês, e quilo e meio por mês produz-se com um desequilíbrio de trezentas calorias diárias. Trezentas calorias: um copo de leite. Ali não houve ataques de comer nem houve derrocada moral nenhuma. Houve um corpo com cortisol crónico, que dá a ordem de armazenar gordura por via de vir outra crise; uns antipsicóticos que desligam a saciedade; uma depressão, que não é tristeza mas o colapso dos mil movimentos pequenos de um dia; uma agorafobia; o sono partido; e o álcool. Cinco coisas a empurrar na mesma direção durante quarenta e cinco meses seguidos. Com aquilo nem sequer é preciso comer mal. Basta continuar vivo. Um animal ferido não incha por gula: fica quieto, e incha. E a embolia não foi má sorte, foi aritmética: sangue que não circula porque o corpo não se mexe, obesidade grave e o próprio antipsicótico empurravam os três para o mesmo coágulo. Aquilo não interrompeu a história. Rematou-a, e deixou-me anticoagulado para o resto da vida. Que fique claro o que estou a dizer e o que não. Não passo esta fatura à Marta, que assinou a sua queixa com a única informação que tinha à frente, a voz de um homem a ameaçá-la. Passo-a ao aparelho: ao que não distingue, ao que demora anos a decidir o que

um perito médico-legal tinha escrito numa folha, e que entretanto vai cobrando em pulmões e em quilos.

Capítulo 49 · A gatinha

Quando o surto daquele inverno se apagou de vez e eu fiquei a olhar para o que havia à volta (uma casa a quem o consumo se tinha metido nas paredes, um canal cheio de vídeos, a polícia a subir a tocar à campainha), caiu-me em cima uma conclusão que não foi uma rendição mas uma conta: não podia continuar a viver sozinho. O apartamento tinha deixado de ser um apartamento havia meses. As dívidas daquele outono pesavam mais do que o ordenado aguentava a pagar além disso uma renda. E a um cérebro que acabava de fabricar aqueles vídeos não se lhe pode pedir que viva sem rede por baixo. Por isso pus o Chapa fora, pus fora a rapariga que então vivia com ele e à amiga que tinha vindo com ela não foi preciso pô-la fora, porque já se tinha ido embora sozinha. E a desmontar a casa, a meter em caixas o pouco que cabia e a deitar fora o resto, tive de tomar a decisão mais dura daquele ano, que não aparece em papel nenhum de tribunal nenhum.

Havia uma gatinha. Pequeníssima. Tinham-na encontrado no fim daquele outono debaixo de um carro, num dia de chuva, encharcada, a miar com aquela voz tão aguda do gato que leva demasiadas horas sem que ninguém lhe responda, e subimo-la para casa. Adotámo-la entre os três, o nome pôs-lho ela, e comprámos-lhe uma caixa de areia pequenina que pusemos ao lado da da Kira. Existiu naquela casa tal como existem as coisas pequenas no meio do desastre: apesar do desastre, nunca graças a ele. Entre o barulho que havia naquela sala e as noites de guitarra, ali vivia um animal de meio quilo capaz de adormecer em cima de qualquer coisa que estivesse quente. E quando aquilo se dissolveu, não a podia levar. Eu voltava para a sala da minha mãe, outra vez para a cama desdobrável, e voltava com a Kira, que já era minha e já era crescida. Duas gatas naquele espaço, uma delas cria, com a cabeça que eu tinha então, não era uma opção a sério por muito que me rebentasse. Procurei-lhe uma casa boa. Encontrei-lha: gente que gostava dela. Fiz o que havia a fazer e doeu-me exatamente o mesmo que se tivesse feito o contrário.

Aterrei na sala da minha mãe no princípio daquela primavera, esgotado, arruinado pelo que aquela casa tinha deixado atrás e metido numa depressão pós-psicótica que não se parecia com nenhuma das anteriores. Demorei um ano largo a voltar a aguentar-me de pé, e consegui-o pela mão do meu psiquiatra, que já está contado, e à custa de uma coisa que não tem épica nenhuma: rotina. Trabalhar. Dormir. O da manhã e o da noite. Ir pagando as dívidas do apartamento uma a uma com as horas extraordinárias que já contei. Se alguém pegar naquele ano e o medir com as mensagens do telemóvel à frente, o que lhe sai é um arquivo aborrecidíssimo: o volume a metade, as madrugadas apagadas, duas ou três pessoas a falar todos os dias de coisas sem importância. E depois de tudo o que este livro já leva escrito, um arquivo aborrecido é precisamente a prova de que alguma coisa estava a correr bem.

Convém contar também como é que aquilo se vivia do outro lado, que é o lado dela. Convalescente e a compor sem parar, eu falava. Falava a toda a hora, houvesse alguém à frente ou não houvesse, e as mensagens que a minha mãe me escreveu naqueles meses, lidas hoje umas a seguir às outras, são uma só coisa dita de mil maneiras diferentes: que me calasse. Que se eu podia baixar a música, por favor, que como é que ela ia fazer uma reunião com aquele estrondo. Que agora que eu tinha dormido, se lhe ia dar a seca a ela a noite inteira. E um minuto mais tarde, uma palavra sozinha: cala-te. Que parasse a verborreia incontinente, que baixasse a voz ou me calasse de uma puta vez. E a mais dela de todas, uma noite, rematada com o seu emoji de esgotamento: que se eu poderia acalmar-me, que ela não estava a meditar. Aquilo é uma mulher de idade a conviver com a logorreia de um filho em estado misto, e a dizer-lho como lho diz uma mãe: mal, tarde e com toda a razão do mundo. Levo o livro inteiro a explicar que a irritabilidade é um sintoma, por isso é altura de dizer o resto: a verborreia também o é, é dos sintomas que mais desgastam quem vive contigo, e a pessoa que mais a aguentou não a escolheu nem teve ninguém que lha explicasse.

E no meio de tudo aquilo havia uma gata. A Kira chegou anos antes, no outono das queixas-crime: a minha irmã ouviu-a a miar perto de casa e pensou em mim antes de se baixar para a apanhar, porque nesta família todos os gatos saíram da rua. A casa reorganizou-se à volta dela em quatro dias. Ao terceiro já estava a minha mãe no sofá com a gata adormecida em cima; ao quinto perguntava-me de quanto em quanto tempo é recomendável mudar a areia da caixa. É tartaruga, com o laranja, o preto e o branco repartidos por alguém que não tinha

regras claras sobre a simetria, uma carinha picassiana que demorei dias a olhar a sério. Quando finalmente reparei nela pareceu-me a coisa mais encantadora que tinha visto em muito tempo. E daquelas primeiras semanas há uma conversa que tenho gravada inteira.

—É bom ter uma gata? —perguntou-me.

—É.

—Porquê?

—Porque não me pede que lhe explique nada. Só exige calor e comida.

—Isso também peço eu.

—Tu pedes explicações.

—Sim.

—As tuas são bem-vindas.

A minha mãe sorriu. Um gato não cura nada. Não faz a mínima ideia do que é uma doença bipolar. Sobe-te para a coxa, amassa-ta com as patas da frente e aí acaba a ciência dele. O que faz é outra coisa: prende-te a uma rotina mínima, dar-lhe de comer, limpar-lhe a caixa, abrir-lhe quando arranha a porta, e essa rotina mínima, nos dias em que não existe nenhuma outra razão para sair da cama, é por vezes a única razão para sair da cama. Um gato não sabe que te está a salvar a manhã. Salva-ta na mesma.

Volto à gatinha que foi preciso dar, porque não a conto como anedota terna. A doença bipolar é, antes de qualquer outra coisa, uma doença de perda. Vão-se-te amigos, companheiras, dinheiro, saúde, empregos, casas e anos que não voltam, e a cada surto perdes tudo outra vez e voltas a começar do zero. Mas há duas espécies de perda que não se parecem nada com um funeral, e esta doença produz-nas às pazadas. A primeira é a perda ambígua, a que deixei anunciada quando contei o do podcast, aquela que não tem corpo nem certidão e que precisamente por isso nunca fecha: uma filha a crescer longe e em fotografias; a Marta longe e ao telefone; o Toby, o meu cão, vivo durante cinco anos e meio noutra casa; uma gatinha de meio quilo que está perfeitamente, com gente que gosta dela, num apartamento que não é o meu. A segunda tem um nome ainda pior, luto desautorizado, e é a que leva a palma: a dor por uma coisa que ninguém reconhece como uma perda. A ninguém ocorre dar-te os pêsames por um gato que tiveste de dar. Nem por um cão que morreu em casa da mulher que te apresentou queixa. Nem pela vida que tinhas antes de a doença a levar à frente, nem pela pessoa que eras antes de te porem o nome. E um luto que não se pode chorar à frente de ninguém não se faz: fica ali dentro. Por isso aos doentes

como eu se nos vão amontoando os mortos sem funeral. E por isso uma gatinha, que olhada de fora é uma tolice ao lado de um tribunal, no arquivo da minha cabeça pesa tanto como um tribunal.

Um ano e tal depois daquela sala mudei-me para uma casa só para mim, a primeira em muitos anos que não era a sala de ninguém nem um apartamento cheio de gente partida, com a Kira de copiloto no banco do carro. Da minha janela vê-se o monte. Saio com o café na mão e todas as manhãs penso o mesmo, e não penso no monte: penso no que tenho atrás quando me viro. O que me mete medo já o escrevi na primeira página, que me fechem e eu fique sem a Laia e sem a minha gata. À Laia, se me fecharem, alguém lho explicará. Apanhará um comboio, ou o carro, sentar-se-á na cadeira de uma ala e pôr-se-á a contar dias, que é o que ela faz. À Kira não lho vai explicar ninguém. Uma gata não sabe o que é uma sala de audiências nem um ano de internamento. A única coisa que sabe é que um dia saís pela porta tal como saíste mil vezes e que desta vez não voltas. E senta-se a esperar. E continua a esperar. É isso que me revolve o estômago às oito da manhã, com o monte à frente e a chávena na mão: que uma gata fique à espera à porta de um homem que levaram por estar doente.

E então digo a mim próprio que hoje não. Que hoje estão as duas. E bebo o café, e pronto.

Capítulo 50 • Sem linha reta

Primeiro os charros, depois o tabaco, depois o álcool. É essa a ordem por que se foram embora, e é a ordem por que chegaram à meta, não a ordem por que correram, porque nenhuma das três corridas foi em linha reta. Vou contá-las com todas as suas curvas por dois motivos: porque a história de que se deixa de beber à força de feitio fez mal a muita gente, e porque o meu feitio dava para aguentar troços, nunca para aguentar anos.

As drogas ficaram todas dentro daquele apartamento no dia em que fechei a porta, e desde então não entrou no meu corpo nem uma linha nem um comprimido que não venha numa caixa com o meu nome impresso. Os charros aguentaram mais tempo, porque ao lado do resto um charro não parece nada, e é precisamente aí que se esconde. Esconde-se também atrás do álibi mais velho do mundo, que eu tive montado e bem montado numa tarde, acabado de sair do hospital da embolia, quando a minha irmã viu o que eu estava a publicar e me escreveu que eu me estava a passar e que cortasse o consumo, por favor. Eu respondi-lhe com o argumentário de artista: que metade dos temas os tinha escrito com vinho e com erva, que eu era um Bukowski, que sob os efeitos escrevia melhor e sentia com mais intensidade. Ela respondeu que o problema era precisamente essa desculpa, porque com essa desculpa a pessoa consome mais e não larga aquilo nunca; que eu estava com a cabeça feita num oito; e que o ciclo não mo iam tirar as drogas. Os charros foram o primeiro da lista e o último das drogas, já na casa nova, e não sou capaz de me lembrar do dia. Do que me lembro é do álibi, que soa convincente até ao segundo exato em que deixas de precisar dele.

O tabaco caiu depois, num outono, e disso quero contar uma coisa que a mim me apanhou de surpresa. Desde então o café de manhã tomo-o sem cigarro e não sinto falta. Nada de nada. Aquele cigarro era o bom, o único de que gostava a sério, e era bom por um motivo que não tinha que ver com o tabaco: fumava-o com a Marta. Ela com a chávena dela e eu com a minha, o fumo entre as duas, e a conversa das oito da manhã, que era a melhor do dia. Sem ela à frente, o ciga-

rro não valia nada. Não sinto falta do de com ela, porque esse já sei que não volta. E o por si próprio afinal não era nada.

O álcool é a curva longa. O primeiro dia sem beber anunciei-o à minha irmã nessa mesma noite, na primavera anterior ao julgamento do biombo, e o relatório que lhe mandei dá a medida exata de por onde andava a fasquia: que eu tinha tomado banho, que não tinha provado álcool e que tinha estado ótimo em todo o trato com as pessoas. Ao fim de poucos minutos larguei-lhe o motivo verdadeiro: que não podia apresentar-me alcoolizado naquele julgamento. Ou seja, que da garrafa não me afastou a saúde. Afastou-me olhar para o espelho e fazer a conta de que com aquela cara não se entra numa sala de audiências. E até a origem daquilo tem a sua explicação, porque no dia anterior eu tinha bebido pelo aniversário da Marta. Depois começam os dentes de serra. Três dias depois daquele primeiro dia conseguido, a minha irmã continuava a ter de me pedir por favor que parasse. Nas festas partiu-se outra vez, e quando ela me respondeu com o tom com que as irmãs respondem, disse-lhe que não me falasse com aquele tom de decepção, que o primeiro dececionado era sempre eu. Meses depois escrevi a frase que resume aqueles dois anos melhor do que qualquer coisa que eu possa acrescentar agora: caraças, que nojo de álcool, que difícil que isto é. Aquilo foi a vontade em cru. Dias conseguidos, recaídas soltas, outra vez o dia um, e um homem a suplicar à irmã que não lhe pusesse aquele tom.

Ainda houve mais um deslize, e foi um. Tinha acabado de me mudar para a casa nova, e uma mudança, a uma cabeça como a minha, desarruma-lhe os horários de tudo ao mesmo tempo: o sono, as refeições e os comprimidos. Ainda por cima caiu pelo meio o aniversário da Marta. O que fiz naqueles dias não foi ir para a farra: foi tentar fazer-lhe chegar um pedido de desculpa, porque precisava de fechar aquilo, e o que me chegou de volta vai no seu capítulo. O que importa aqui é que na minha doença um deslize não é um copo. É a primeira peça de uma fila que eu vi cair inteira quatro vezes. O álcool foi-se de verdade atrás do tabaco, nesse mesmo outono, e foi-se como se vão as coisas quando finalmente se vão: numa conversa com a minha irmã sobre um cabaz de comida, metido na mesma frase que a carne de porco, com um emoji a rir no fim, que nem porco nem álcool.

E se o álcool é a substância deste livro é por uma razão concreta. As pessoas acreditam que relaxa. Não relaxa: desinibe. Apaga exatamente o mesmo travão que numa fase alta já vem apagado de fábrica, portanto não soma, multiplica. E também não é verdade aquilo de que com o copo sai o verdadeiro. O que acon-

tece é que não fica ninguém de serviço. Eu não digo que as drogas me tenham feito isto. O meu vinha de nascença; elas foram o fósforo. E que fique clarinho, porque não tenciono escamoteá-lo: o primeiro copo levantou-o a minha mão, todas as vezes. A partir do vigésimo já não restava ninguém a quem perguntar seja o que for.

O interditor chegou em último, e não chegou depois de uma recaída: chegou antes. Naquele inverno acabou-se-me o projeto e fiquei de baixa, e com o projeto foi-se a última estrutura que me segurava as horas. O que é preciso contar aqui é que soube duas coisas ao mesmo tempo. Uma, que me ia descompensar. Duas, que assim que me descompensasse voltaria a beber. Li-o no meu próprio processo tal como se lê um manual: golpe laboral, insônia, pensamento disparado, e precisamente no ponto em que a cabeça arranca a correr, a garrafa para tentar travá-la. A minha irmã estava a ver aquilo tanto como eu, e disse-mo com as palavras dela, que não me desse para beber, ouviste. Por isso fiz uma coisa que uns anos antes não teria sabido sequer imaginar: telefonei ao meu psiquiatra e pedi-lhe o interditor antes de ter acontecido o que quer que fosse. Numa segunda-feira li-lhe em voz alta um relatório que eu próprio tinha redigido, e que nessa mesma manhã mandei também à minha mãe, à minha irmã, ao meu irmão e à Laia. Dizia que precisava de parar já por prevenção, com a palavra escrita em maiúsculas; que não tinha tocado no fundo, mas que precisamente por estar lúcido detetava sinais de risco, um acordar de repente às cinco e meia com taquipsiquismo e a cabeça a ruminar em ciclo fechado o trabalho e a sentença; e que não estava deprimido, que estava em alerta, outra vez em maiúsculas. Aquilo é um homem a pedir licença para travar. E é a primeira vez na minha vida em que a parte de mim que vigia chegou antes da parte de mim que arde.

Poucos dias depois descompensei-me, e o que veio a seguir terminou no internamento que pedi eu, que também tem o seu capítulo. Mas não bebi. No pior daquele troço escrevi a uma amiga a única frase desta história toda que é um resultado: que levava mais de um mês com o comprimido e que não tinha voltado a beber uma gota. O comprimido não me livrou do surto, porque do surto não livra nada. Livrou-me de um surto com álcool dentro, que é a versão do surto que me meteu nos tribunais. A mecânica não tem mistério: se beberes, o corpo põe-se contra ti numa questão de minutos. Não te pede vontade. Pede-te tê-lo engolido nessa manhã. É tirar a decisão das três da madrugada, que é a hora a que eu não ganho uma única discussão, e pô-la às oito, à frente da minha irmã, que desde aquele inverno me leva a medicação inteira. Na minha cozinha há dois

copos de shot que não vão voltar a ter licor lá dentro enquanto eu viver: num estão os comprimidos da manhã e no outro os da noite.

A outra coisa que as pessoas me penduram no feitio sem ser feitio é a irritabilidade. De fora vê-se apenas um gajo que de repente responde com uma aspe-reza que ninguém pediu. Mas é um sintoma, tão sintoma como a insónia. Na mania e nos estados mistos o alarme vem hipersensível e o travão chega tarde e fraco: a faísca fica maior e o extintor mais pequeno, e então um comentário que a frio nem me roçaria recebo-o como uma agressão. O disparador principal é o sono. À força de pancada aprendi que a irritabilidade é o meu aviso número um: assim que dou por mim a responder mal sem motivo, é altura de ver quanto dormi e é altura de telefonar ao médico.

E a irritabilidade não discrimina ninguém. Não escolhe por sexo, nem por carinho, nem por hierarquia. Falei mal à Marta, sim, e daí saiu um processo judicial. E falei igualmente mal ao meu irmão, e à minha mãe, e aos amigos. Uma noite, quando o Gabriel e eu vivíamos juntos, cheguei a casa bêbedo como um cacho e dediquei-me a insultá-lo. Ele aproximou-se e deu-me uma bofetada. Uma só. Sem discursos. Caiu-me a boca ao chão, porque não estava à espera e porque sabia perfeitamente que a tinha ganho a pulso. É uma das duas únicas bofetadas que levei na vida. A outra deu-ma o meu pai, eu teria nove anos, no dia em que chamei filho da puta ao meu irmão: a única bofetada de toda a vida dele, acompanhada de uma frase que nunca se me apagou, que a minha mãe não era puta nenhuma. Tirando aquela vez, nunca nos pôs um dedo em cima, e recusou-me a que a doença e o fim o levem à frente também na memória.

Se o conto no passado é por alguma coisa: hoje de irritabilidade quase não me resta nada, e o mérito não é da minha boa vontade, é da química bem posta. Com o lítio no seu sítio, sem uma gota de nada e com o sono cuidado, o limiar voltou à altura que lhe corresponde e as coisas escorregam-me como escorregam a qualquer pessoa. Esse é o melhor termómetro que tenho para saber que estou bem: que já quase não salto. Digo quase porque às vezes o que tomo para dormir deixa-me no dia seguinte um pontinho de mau feitio, e a diferença em relação a antes é que agora identifico-o no ar, ponho-lhe nome por dentro (isto não sou eu, isto é o comprimido) e corto-o antes que saia pela boca transformado numa má resposta. E nos dias em que não sou eu a apanhá-lo primeiro, apanha-o a Laia. Diz-me que já estou irritável. Sem dramas.

Capítulo 51 • Lidia, outra vez

Quando aquilo foi arquivado, a Lidia e eu deixámos de falar com normalidade. Ficou uma mensagem solta de vez em quando, e silêncios cada vez mais longos entre uma e outra. O arquivamento não fechou ferida nenhuma: a única coisa que fez foi deixar de sangrar nos papéis. A certa altura ela mudou de número e o canal apagou-se por inteiro. Mais de dois anos sem nada. Do que lhe aconteceu a ela durante esse tempo vou contar apenas o imprescindível para que se perceba o que veio depois, porque a história dela é dela e não minha: a Lidia passou por um surto. Não lhe chegou por onde me chegavam a mim os meus, nem por nenhuma substância, e corrigiu-me com toda a razão no dia em que eu o insinuei. O dela veio do fervor, de uma experiência espiritual tão intensa que ficou sem comporta, ao ponto em que a realidade de todos os dias deixa de servir como referência. Desta vez quem perdeu o chão foi ela. Quem passou a saber o que é perdê-lo e não fazer a mínima ideia de como se volta.

Numa tarde do princípio daquele verão, acabado de mudar, entrou-me uma mensagem de um número que eu não tinha guardado: que olá, Marcos, que como é que eu estava. Respondi no mesmo minuto, e a primeira coisa que me saiu foi devolver-lhe a pergunta, que como é que estava ela, querida amiga, que me sentia péssimo pela última vez que tínhamos falado e que não me tinha atrevido a procurá-la. E atrás, em rajada, o relatório de cinco anos metido em sete linhas: que estava bem, que tinha deixado as drogas para sempre, que vivia sozinho com a minha gata, que era feliz. Ela explicou-me por que é que tinha escrito: que tinha tido um daqueles sonhos dela e com ele o pressentimento de que já estava bem desbloquear-me. Dois minutos depois confessei-lhe que tinha acabado de chorar um bocado, e disse-lhe porquê, porque na altura tinha gostado muito dela e perdê-la tinha doído, como doeu tanta gente que se foi embora naqueles anos. E ela, no minuto seguinte: ai, que não a tinha perdido. Que ela só tinha precisado de tempo.

Dez dias mais tarde perguntou-me se eu achava que nos faria bem vermos-nos, e nessa conversa saiu-nos aos dois o mesmo, cada um por seu lado e quase

ao mesmo tempo. Eu disse que seria como fazer as pazes com o meu passado turvo e louco. Ela, um minuto depois, disse que também precisava de fazer as pazes com aquele passado. Vimo-nos numa quinta-feira daquele verão numa esplanada, e não houve um segundo de incómodo: houve um abraço. Um abraço que não acabava, e os dois a chorar dentro dele sem necessidade de explicar nada ao outro. Depois disse-me o que levava tempo a guardar. Que agora sim sabia o que é um surto. Que nunca o teria podido saber de verdade sem o ter vivido. Que ela julgou percebê-lo na altura, porque tinha lido e tinha ouvido, mas que perceber um surto de fora e percebê-lo de dentro são duas coisas diferentes, e que entre as duas está tudo. Chorei eu também. Quando alguém te reconhece finalmente aquilo que levas anos a explicar a gente que não tem vontade nenhuma de o ouvir, cai-te do peito um peso que nem sabias que continuava ali. À Lídia foi preciso perder o chão para acreditar em mim. Naquela tarde não teve de pedir perdão nenhum dos dois. O perdão esteve em ir.

Desde então falamos quase todos os dias. Ela já não vive aqui, voltou para o país dela, e continuamos a ser amigos com milhares de quilómetros pelo meio, que é uma maneira bastante honesta de gostar de alguém, porque não há nada a ganhar. Do que mais falamos agora é de Deus. Ela a partir do cristianismo dela e eu a partir do meu, os dois com a mesma seriedade com que aos vinte e tal nos pegávamos por Freud de madrugada. Quando ela fecha um assunto pondo-o nas mãos de Deus, eu respondo-lhe que sim, mas que Ele obra através de nós. Antes discutíamos se a origem remete para o nobre. Agora discutimos onde está o locus de controlo. Somos as duas mesmas pessoas. O que lhe aconteceu a ela tem na boca dela um nome que vem da sua fé e não de um manual, e eu não lho discuto, entre outras coisas porque aprendi na minha pele o que se sente quando alguém te arranca da boca a explicação que estavas a dar de ti próprio. E daquelas conversas levo comigo uma frase dela: que podemos falar sem estarmos plenamente de acordo. Com tudo o que este livro leva contado de gente que deixou de me falar precisamente por não estar de acordo, essa frase vale o seu peso em ouro. É a única pessoa destas páginas que leu o que escrevo sobre ela antes de ser publicado, e corrigi tudo o que ela me corrigiu.

Depois chegaram mais duas coisas, as duas por escrito, e são as que fecham isto a sério. A primeira, numa madrugada daquele inverno: a lista, numerada e sem uma única censura, das razões por que se foi embora seis anos antes. Que não queria ver-me voltar aos tóxicos, que um dos motivos para me deixar foi dar-se conta de que eu não ia parar por minha conta, e que além disso lho estava

a esconder. É a única mulher deste livro que me explicou por que é que se foi embora. A segunda chegou numa manhã da primavera seguinte. Eu tinha-lhe acabado de contar de onde vinha tudo o que é meu, o dos treze anos e o que veio depois, e tinha-lhe dito que agora estava bem e que não se preocupasse, que gostei dela tanto quanto fui capaz de gostar naquela altura e que perdê-la me partiu ao meio. À tarde escreveu-me isto: que lamentava muito; que não estava preparada para ter uma relação, que não tinha terminado o luto nem o desapego necessário para isso; que lamentava de coração ter-me feito mal. Seis anos mais tarde. Sem eu lho pedir. E com a precisão de quem fez o trabalho por dentro, porque ali não há um lamento o que aconteceu: há o que é que se passava com ela e por que é que aquilo não tinha forma de correr bem. Levava seis anos à espera daquela frase sem sequer saber que a esperava, e quando chegou não senti alívio. Senti vergonha, porque o pedido de desculpa grande devia-lho eu a ela e tinha-lho ido dando aos bocados e a destempo. Respondi-lhe ao fim de três minutos que não a culpava de nada e que também lamentava ter-lhe feito mal. Essa palavra, culpa, fui procurá-la à mão por tudo o que escrevemos um ao outro, porque durante anos a minha cabeça fez o mais cómodo e o mais injusto que existe: de cada vez que eu perdia a Marta, a culpa caía em cima da mulher que tivesse à frente. Pois bem, a palavra aparece dirigida a ela duas vezes e as duas são para lha tirar de cima. O mecanismo estava dentro de mim e eu notava-o a funcionar. O que ficou por escrito é o contrário.

Um processo repara-se arquivando-o. Um perdão não repara o passado: repara o futuro, o que a partir desse dia vai poder acontecer entre duas pessoas. O passado não o arranja nada, e a única coisa que o mexe do sítio é que alguém acabe por se pôr exatamente onde tu estiveste, e isso nem se pede nem se assina. A Lidia não me reparou ao perdoar-me, que isso já o tinha feito anos antes. Reparou-me numa tarde de verão em que as duas pessoas sentadas à mesa sabiam por dentro o que é um surto. E de que a reparação foi nas duas direções há uma prova, e é daquele inverno em que se me acabou o projeto. Escreveu ela primeiro, de madrugada, sem saber ainda nada de nada: que se eu estava bem, que me notava meio em baixo e que não deixasse que aquilo me tirasse a paz. Estava a ler-me o estado de humor por escrito, do outro extremo do mundo, tal como aos vinte e tal. Respondi-lhe, desperto, que se me acabava o projeto e que estava a pensar pedir a incapacidade e deixar de remar. A resposta dela veio de enfiada: que não me desesperasse; que podia pedi-la, ainda que talvez fosse má ideia, porque a mim o trabalho ordena-me a vida; que o falasse com o meu psi-

quiatra e com a minha família; e que o problema de fundo era a incerteza. Ali está a lucidez inteira em quatro linhas: o consolo, a saída, o aviso sobre a saída e o nome exato do que me estava a acontecer. E logo a seguir, sem transição nenhuma, pôs-se a contar-me o que era dela. É essa a diferença entre alguém que te atende e alguém que está contigo.

Não há muito tempo escreveu-me que se alegra por eu ser amigo dela, que o valoriza muito e que sabe que os conselhos que lhe dou são para o bem dela. Da mulher que se pôs à minha frente quando eu saí daquela ala à mulher que me agradece um conselho há seis anos, dois surtos (o meu e o dela), uma conversão e muito trabalho das duas partes. E aquela cadeira da primeira ala, a que era de outra e acabou ocupada por ela, continua a ser dela. De todas as pessoas que na altura se puseram à minha frente, a que mais motivos tinha para me condenar foi a primeira a afastar-se e a única que veio abraçar-me.

Capítulo 52 • O terceiro encontro

A Laia apareceu no mesmo mês em que me mudei para a casa nova, que foi também o mês em que finalmente fechei o da Marta, e isso vai no seu sítio. Não apareceu com música de filme. Apareceu sem avisar. A primeira mensagem escreveu-a ela e já vinha com o feitio dela lá dentro: apresentava-se a rir-se de si própria, e três horas mais tarde pedia desculpa por ter ficado a dormir estendida no sofá, que uma pessoa já não está para farras. Humor seco, nenhuma pose. Ao terceiro dia de nos conhecermos, com os meus versos a chegarem-lhe a desoras, largou-me uma frase que nunca nenhuma me tinha dito ao princípio: que dissesse às musas que me deixassem dormir, porque senão depois custa mais render. Terceiro dia, e aquela mulher já me estava a cuidar do sono. Nessa mesma tarde veio a outra: que não me preocupasse, que quando ela não pode, não responde, e que nisso é um bocado radical. Nunca ninguém me tinha dito uma coisa daquelas. E com essas duas frases acabaram-se-me onze anos de pânico ao silêncio, porque quando alguém te avisa ao dia três de que haverá dias sem resposta, o silêncio transforma-se em informação e deixa de ser uma ameaça.

Dela vou contar o estritamente necessário, porque não é de bom tom expor alguém num livro que é sobre mim. Chegou aonde chegou pelos seus próprios méritos, com uma independência que ganhou sozinha, e ainda assim escolhe estar numa relação, que é o contrário do que faz a gente que se junta porque não sabe estar sozinha. Tinha cuidado dos dela durante anos, com uma doença longa em casa, e daí tirou uma coisa que ninguém ensina: que estar ao lado de alguém no pior não é uma emoção, é uma técnica. Por isso não tem medo de mim nem tem pena de mim. Três semanas depois de nos conhecermos viu inteira a trilogia de vídeos em que eu explicava a minha vida, e escreveu-me que grande viagemzinha. E ficou. No primeiro encontro contei-lhe tudo, sem preâmbulos: o diagnóstico, o processo, a sentença pendente, os internamentos, as correias, o da Marta. Inteiro. E fiquei a olhar, a ver se ela se levantava.

—Isso é o que aconteceu ao teu cérebro nesses momentos —disse ela—. Não o que tu és.

—Nem toda a gente vê assim.

—Nem toda a gente se deu ao trabalho de olhar.

E continuou a jantar, como se acabasse de dizer a coisa mais normal do mundo. Para ela era-o. Aquele primeiro encontro foi no meu sítio, a aldeia da montanha: a da árvore e do granizo, a da casa que não me atrevi a assinar com a Marta. Levei a mulher nova ao mesmo sítio onde anos antes tinha pedido ao céu um sinal, e desta vez não aconteceu nada de milagroso. Só duas pessoas a jantar e a voltar devagar. A voltar para o carro demos as mãos. Aí acabou o encontro, inteiro. E foi exatamente igual a ter outra vez treze anos, quando com a Britney dar as mãos já era o acontecimento do dia. Só no terceiro encontro a beijei, e não o tínhamos falado: esperámos os dois. Quando finalmente aconteceu passámos a tarde a beijar-nos como dois miúdos, sem sairmos dali nem irmos a lado nenhum. Na primeira canção que lhe escrevi depois pus-lhe que beijá-la tinha sido chegar a casa. É a palavra exata e demorei quarenta anos a dar com ela. A Laia é a minha casa.

E para explicar essa palavra tenho de contar uma figura que uso para me perceber. É de romance de ficção científica, daqueles em que o protagonista descobre que alguém mexeu no passado e que a vida que está a viver não é a que lhe calhava: há uma linha temporal que era a dele e outra onde foi parar. A minha cabeça, quando se partiu, construía realidades com essa estética, e isso já está contado; agora sei que é uma metáfora, a mais exata que tenho. Havia uma linha que me correspondia. Era a da Marta: a do apartamento do bairro velho e das imperiais com os amigos, a dos nove meses de desporto, a da entrada de um crédito à habitação que estava dentro do meu ordenado e que se foi em drogas para três. Nessa linha a Marta e eu acabávamos como acabam os casais normais, e não acontecia nada do resto. Nada: nem o hotel, nem os tribunais, nem as correias, nem os cento e cinquenta e cinco quilos. Essa linha cortou-se no inverno da mala, e cortaram-na duas coisas ao mesmo tempo: uma doença por diagnosticar e uma mala. No dia em que ela fez a mala eu não perdi uma companheira. Mudei de dimensão. De um dia para o outro largaram-me numa linha em que eu tinha uma doença crónica com nome, um comprimido para o resto da vida, uma desconhecida sentada na cadeira que era dela, e ela longe mas a falar comigo todos os dias, que é a pior de todas as distâncias. E nessa linha vivi seis anos como vive a personagem desses romances: a saber que aquilo não era a minha vida, à procura do ponto onde se tinha torcido para o desfazer, a escrever às pessoas da linha anterior como se dali me pudessem devolver. Foi isso que

foram as mensagens à Marta daqueles dois anos, e o hotel, e boa parte do que depois se chamou assédio: um homem a tentar voltar a uma linha que já não existia.

E agora o ponto de inflexão, que nesses romances acontece sempre numa cena pequena. No terceiro encontro com a Laia, a tarde dos beijos, senti-me no meu lar. Não numa casa nova: no meu lar, o que tinha perdido naquele inverno, com a mesma temperatura. E aí percebi o que nesses romances o protagonista percebe no fim: que não é preciso voltar à linha anterior, porque a linha anterior não existe e porque nesta já está o que procurava na outra. O que a doença e a mala decidiram foi em qual das duas linhas eu ficava. O que aquele beijo decidiu foi que a linha em que fiquei deixasse de ser um exílio e passasse a ser a minha casa. Desde então não escrevo a ninguém da outra linha para que me devolva. Escrevo-lhes, quando lhes escrevo, para fechar, que é o contrário. E digo também a metade que falta: se a Marta não se tivesse ido embora, a mulher da minha vida continuaria a ser ela. Na linha que me correspondia era ela; naquela em que me calhou viver é a Laia, e não é um prémio de consolação: é que tudo o que aconteceu, até o pior, me foi transformando no homem de que ela precisava. A Marta foi a primeira casa. A Laia é a casa a que cheguei sabendo finalmente ler as plantas.

E o primeiro momento difícil chegou cedo, e conto-o porque pode servir a alguém. Levava dias a dormir mal. Não era a insónia dos episódios, que tem a sua própria textura e reconhece-se, era a do medo, aquela que te levanta às quatro com o e-se já montado em cima do peito. E se ela se for embora como se foram todas. E se isto é outra vez a fase alta disfarçada de amor. E se sou eu a parti-lo. Não lhe disse nada. Notou ao terceiro dia.

—Quando é que dormiste bem pela última vez?

—Não sei.

—Falaste com o teu médico?

—Tenho consulta na quinta.

—Podes antecipá-la?

—Não quero ser o maçador que telefona ao psiquiatra entre consulta e consulta de cada vez que dá uma volta a alguma coisa.

—Não é pela ruminação. É pelo que a ruminação está a fazer ao teu sono.

Disse o nome dela, mais nada, para a travar. E ela perguntou-me há quanto tempo eu lhe dizia que estava bem quando não estava bem. Disse-lhe que não lhe tinha dito que estava bem. Que lhe tinha dito que estava ali, respondeu ela,

que é a minha versão de estou bem. Que então lhe dissesse como é que estava de verdade. Disse-lhe que tinha medo. De que aquilo não acabe nunca. De que haja sempre outra carta, outra ameaça, outro processo. Perguntou-me o que é que acontecia se aquele medo fosse real. Disse-lhe que era real. Perguntou-me o que é que eu podia controlar. Como respondo, disse-lhe. O tratamento. Não beber. Escrever à Claudia ainda que não responda. E o da Nuria: largá-lo, deixar de olhar para trás.

—Então começa por dormir. O da Nuria não se vai resolver esta noite, e levavas três noites sem pregar olho. Amanhã telefonas ao médico. Hoje dormes. E eu fico aqui, que foi para isso que vim.

E ficou. Não para me arranjar, que eu não sou uma coisa partida: sou um doente. Ficou porque, quando o outro tem medo, ficar é a única coisa que serve de alguma coisa. Isso aprendi-o naquela noite, com quarenta anos feitos e com uma mulher ao lado a respirar devagar de propósito, para que o meu corpo lhe copiasse o ritmo. E o que ela fez naquela noite vem nos manuais, e ela não tinha aberto nenhum: é o que já contei a falar da Marta, a pessoa do lado que protege o sono e defende os horários. Não me perguntou o que é que eu tinha por dentro nem deixou passar os três dias. Perguntou-me quando é que eu tinha dormido e quando é que tinha médico. A Laia diz-me menos gosto de ti do que vai para a cama, ou descansa. E essa é a maneira mais bonita que alguém alguma vez teve de mo dizer, porque o gosto de ti di-lo qualquer pessoa, e o vai para a cama só o diz quem sabe que se eu não durmo fico doente. E com os comprimidos, numa manhã: que ela bem sabia que eu sabia, mas que tinha de o dizer, que tomasse os da manhã. Não me vigia: acompanha-me. E a meio da descompensação do inverno seguinte, quando eu estava a mil rotações com papéis e nevava, escreveu-me que parasse dois minutos para beber um café quentinho a olhar para a neve. É isso que diz a um homem em pródromo alguém que sabe o que está a acontecer.

E quando daquele inverno saiu o internamento que pedi eu, que vai no seu capítulo, ela escreveu bom dia e boa noite para um telemóvel desligado. Todos os dias. E veio três dias seguidos buscar-me. Eu tive de deixar que ela me visse entrar numa ala de agudos com um saco de três mudas de roupa sem atacadores, e que voltasse no dia seguinte, e não sair a correr de vergonha. E isso, deixar-me querer sem brilhar, é o mais difícil que fiz na vida. Eu só sabia que gostassem de mim em fase alta. A Laia não gosta de mim apesar disso, nem por isso. Gosta de mim inteiro, sem precisar para nada do de antes. E aceitar que alguém

goste de mim precisamente na fase que todos os outros usaram para se irem embora foi a reconstrução a sério, muito mais do que o lítio. Tem o seu feitio. Às vezes é seca, e quando se zanga e se cala, esse silêncio faz-me um dano que não lhe corresponde, porque me acerta precisamente onde me partiram em miúdo; e ainda assim digo-lho, falamos e passa, que é exatamente o que nunca me tinha acontecido com ninguém. Ela não acredita em Deus e eu sim. Chama-me graxista, porque eu distribuo gostos de ti como quem distribui pão, e di-lo com meio sorriso. E quando alguma coisa é dos dois, diz que é muito nosso.

Este verão voltámos ao hotel alto, ao mesmo andar em que anos antes tinha dormido com a Marta e no qual depois me parti inteiro. Depois do que armei da última vez, ali havia uma norma com o meu nome: eu não podia voltar a subir. E na receção alguém decidiu que podia. Disse-me que confiava em mim. Não houve um único problema. Pela primeira vez aquele hotel foi apenas um hotel: um quarto alto de onde se vê Barcelona, com uma mulher a dormir ao lado e um homem acordado a agradecer a ninguém em particular. E estou feliz. Uso essa palavra tão insossa porque é a exata e fazia vinte anos que não a podia usar sem mentir: feliz, apaixonado e, sobretudo, tranquilo. Levantar-me e saber como vai ser o dia, e quem vai estar, e que não vai acontecer nada.

Capítulo 53 • A carta

Naquela primavera eu não conseguia subir um lance de escadas. Tinha o anti-coagulante acabado de pôr, o trombo a uns meses de distância e a vida reduzida a uma janela pequena, que é o que deixa a depressão do depois de um surto quando ainda por cima o corpo esteve a milímetros de parar. E nesse estado fiz uma coisa que, contada depressa, parece outra. Meses antes tinha-me chegado que a Raquel se afastava daquele projeto, e com a notícia entrou-me uma curiosidade que não é nobre nem tem de o ser: tinha sido eu a apresentá-las, e queria saber se a mesa que montei continuava de pé. Abri uma conta sem nome numa rede social e pedi para seguir a Nuria, que me aceitou sem me perguntar quem era. Entrei duas vezes, vi pouco, aborreci-me, e a conta ficou ali morta. O único uso real que lhe dei foi escrever à Raquel para lhe pedir um perdão que lhe devia havia anos. Aceitou-mo. Dois dias mais tarde chegou a carta.

A minha irmã soube-o no mesmo dia, porque a minha irmã sabe tudo no mesmo dia: perguntou-me a quem mais eu tinha escrito com aquela conta, avisou-me de que a Nuria se podia acender, e foi ao que era dela. Que eu tinha de deixar todas as adições, que assim que me altero sai-me. Que todas são TODAS, com as maiúsculas dela. Que sim, disse-lhe eu, até a poesia. Nessa noite ficou a dormir em minha casa. A Raquel, entretanto, disse à Nuria que visse se aquela conta a seguia.

A carta não veio ter comigo. Foi parar à Sonia, e dizia-o lá dentro, que queria que a minha irmã soubesse o que me estava a mandar. Eu não estava localizável, ou estava-o de uma forma que lhe metia medo, e aquela era a única porta que lhe restava aberta. A Sonia passou-ma numa noite; li-a inteira e apaguei a conversa, que é o que faço com tudo o que não consigo sustentar, e na manhã seguinte pedi-lhe a cópia dela, e dessa cópia sai este capítulo. O texto dela não o vou colar aqui, porque é dela. Digo o que diz e pronto.

Arrancava a avisar do que não era: nem uma mão estendida, nem uma porta aberta. Era a vez de ela falar, e o que me mandava era a conta detalhada do que os meus atos lhe tinham custado. Que eu não tinha consciência do mal que lhe

fizeram aqueles vídeos do inverno. Que o surto tinha sido ajudado por mim a acontecer, por me ter rendido às adições e ter apanhado o caminho fácil, a deixar ganhar a partida ao narcisismo, ao egocentrismo e aos delírios de grandeza. Vinha depois o que aquilo lhe custou em sono, em corpo e em dinheiro, e não o copio porque é dela; digo que acredito nele inteiro, e que uma parte lha produzi eu com o que gravei. Que a conta sem nome era voltar a meter-me na vida dela a partir do anonimato, e que ela vivia obrigada a pedir a cada pessoa que conhecia pela internet que demonstrasse não ser eu. Que eu me escondia atrás da minha saúde mental sem mexer um dedo para a recuperar. Que de cada vez que eu me aproximava lhe fazia uma coisa insuportável. Que conhecia os áudios pelos quais me apresentaram queixa e que a minha versão, a que lhe tinha contado a chorar no sofá dela, era mentira. Que eu não pararia de precisar que me ouvissem até me fecharem, para que os quatro gatos pingados que me aturavam me validassem o papel de vítima. E ali, no meio de tudo o resto, escrita, a palavra: maltratador.

Depois vinha o aviso. Que a próxima comunicação entre nós seria através de advogados. Que tinha tudo guardado e que se não me tinha apresentado queixa era pelo carinho que tem pela minha família. Que agora sim tinha com quê, que aquilo significava mandar-me direito para a prisão e que não lhe ia tremer a mão. Que se aquela carta não me servisse de aviso, me exporia em público com nome e apelido. Que nada daquilo eram ameaças, que eram realidades. E rematava a falar-me dos meus: que desse à minha mãe um entardecer tranquilo, e à minha filha o legado de um homem que lutou pela vida, e não o que lhe estava a deixar. Que eu era um mesquinho e um vingativo. E um adeus para sempre, sem dramas.

Nessa noite a minha irmã quis saber se eu estava bem, e o que me saiu ponho-o à frente de tudo o resto: que me doía muitíssimo não ter previsto aquilo, mas que não tinha lido nada que não esperasse, só que estava pior do que eu esperava. A Sonia respondeu o que pensa desde sempre, que o erro foi não aceitar que era preciso desintoxicar-me. Consumo igual a agravamento e a asneiras. Aponte-se a fórmula, porque é exatamente a mesma que sustenta a carta, e assinam-na duas mulheres que não se parecem em nada. De manhã fiz a única coisa que fiz em tudo aquilo: deixar escrita à minha irmã uma carta para a Nuria. Dizia-lhe que ela tinha estado ali quando já quase não restava ninguém e que ainda assim eu a arrastei comigo; que não o fiz sequer querendo, mas por não saber travar; e que não escrevia para que me perdoasse, mas para lhe contar que esta-

va a tentar reparar. Não sei se chegou a lê-la. À dela não respondi, nem então nem nunca. A conta desapareceu.

E agora o que respondo a partir de hoje, que me custou dois anos, e respondendo-o por mecanismo e não por agravo, porque de um agravo a pessoa defende-se e de um mecanismo a pessoa toma conhecimento. Começo pela viga que sustenta a carta inteira: que o surto foi ajudado por mim a acontecer. Um episódio maníaco com sintomas psicóticos não o escolhe ninguém. E em alguém como eu o consumo também não é o caminho fácil: é o que em clínica se chama automedicação, e a comorbilidade entre esta doença e as substâncias é a mais alta de toda a psiquiatria. Dizer que colaborei para que aquilo me viesse tem o mesmo sentido que censurar a um epilético ter colaborado na sua crise por dormir pouco. O sono influi, claro que influi, e ainda assim a ninguém ocorre procurar intenção no braço que se dispara sozinho. Além disso está contado ao contrário, porque aquilo foi uma cadeia e as cadeias têm uma ordem. Primeiro caiu a rede: as duas pessoas que eram o meu mundo inteiro, e um meio a quem já tinham avisado de que eu era um perigo. Depois, e só depois, voltaram as drogas a procurar na química o que já não havia nas pessoas. A seguir partiu-se o sono. E no fim chegou o que chega sempre quando uma cabeça como a minha passa semanas a dormir três horas, a consumir, sem ninguém à volta e com um pedido de anos de prisão em cima da mesa. Desses elos, a carta não nomeia nenhum. Pega no segundo, o consumo, promove-o a causa primeira e acrescenta-lhe três palavras que, aplicadas a isto, não aparecem em manual nenhum.

O segundo é o que essas três palavras dão por certo: que naquele inverno saiu finalmente a minha verdadeira versão, a que levava doze anos tapada. Pois o manual que me diagnostica diz exatamente o contrário. O que eu tenho é uma perturbação do humor: episódica, com fases, com remissões. Uma perturbação da personalidade é outro capítulo do manual e define-se pelo contrário, um padrão estável desde a idade adulta precoce, presente em todos os contextos, medicado e sem medicar. E o próprio manual avisa de que a mania imita a grandiosidade narcísica, de que o álcool imita traços que não existem, e de que por isso não se diagnostica uma personalidade durante um episódio. Para se poder chamar episódio a um episódio exige, além disso, que a mudança seja imprópria da pessoa quando não está sintomática. Que aquilo não se parecesse comigo não é a desculpa que arranjo agora: é o requisito que foi preciso cumprir para mo diagnosticarem. Se aquele gajo tivesse sido eu, eu não teria este diagnóstico.

E ela tinha a prova nas mãos, sem necessidade de acreditar em mim: doze anos de convívio, o sofá dela, a mesa dela. Se aquilo tivesse sido o que eu sou, teria saído antes, e não apenas nas semanas exatas em que não dormia, bebia e levava onze meses sem que ninguém me ajustasse a medicação. Um traço não aparece unicamente quando falham o sono e a química, e não desaparece quando se arranjam. Os sintomas desaparecem. E a experiência está feita: aos trinta e três puseram-me lítio, e a partir daí os insultos desapareceram, a madrugada desabou e os pedidos de desculpa multiplicaram-se; e no surto que veio depois, com a doença tratada e sem uma única substância em cima, aquilo ficou-se por uns vídeos que não viu ninguém e apagou-se sozinho em poucos dias. Um feito não se apaga com um sal. Um estado apaga-se. E o que ficou por baixo quando o estado se foi era um homem que pedia perdão cinquenta vezes e se culpava até do que não tinha feito: o contrário, exatamente, do que falta a um narcisista, que é a culpa. Durante dois anos pensei que aquilo era eu, e essa ideia fez-me mais mal do que os tribunais. Era eu sem travão, que não é o mesmo que eu sem máscara. A máscara, quando muito, é a que trago quando estou bem, e chama-se córtex pré-frontal.

E a outra palavra, a do cartaz. Maltratador é uma coisa concreta, e não a defino eu: alguém que isola, que controla o dinheiro, o telemóvel e os horários, que degrada todos os dias a frio e faz da humilhação uma estratégia sustentada, sem uma gota de culpa. Precisa de anos. Entre a Nuria e eu nunca houve nenhuma dessas peças: não fomos casal, não houve economia partilhada nem dependência de espécie nenhuma. A Marta, que viveu comigo, nunca me chamou aquilo, e nenhum dos processos foi alguma vez por maus-tratos. A única pessoa da minha vida que sustenta essa palavra é a que menos me conheceu e a que menos perguntou. E há uma experiência de há cinquenta anos que explica como se faz isso sem mentir: a um grupo de pessoas mostraram um acidente de carro, e a umas perguntaram a que velocidade iam os carros quando bateram e a outras quando se espatifaram; os do espatifaram recordaram mais velocidade, e uma semana depois o dobro recordava ter visto vidros partidos que não existiam. Uma palavra em cima de uma recordação produz vidros partidos. Ela pegou na palavra e foi com ela procurar em doze anos, e encontrou-os, porque encontraram-se sempre. E a mim aconteceu-me o mesmo com a dela: durante dois anos procurei em mim o narcisista da carta dela e também o encontrei. Nenhum dos dois mentia. Por isso o arquivo, por isso as datas.

E não parou. A dia de hoje continua a dizê-lo a toda a gente que a ouve, que eu sou um maltratador com cinco queixas, e duas amigas minhas, que não estiveram em nada disto e a quem eu não tinha contado nada, deixaram de me falar por causa disso. Aponto-o sem sinais e sem o devolver, porque devolvê-lo seria o mesmo método, e o método é exatamente o que estou a discutir. Dou as parcelas e não dou a soma. E dos quatro gatos pingados, um é de verdade, a Kira, a que a minha irmã foi buscar para um homem afundado pelas queixas; os outros vão no seu capítulo. O que de verdade decide como é que aquela carta tem de ser lida cabe numa linha. Em todas as folhas dela não aparece uma única vez a palavra bipolar. Nem pródromo, nem episódio, nem psicose, nem estado misto. Está a descrever, um por um, os sintomas de uma doença cujo nome conhece porque lho disse eu, e descreve-os como se fossem a minha maneira de ser. Eu escrevi o que era meu dentro de um episódio que um tribunal reconheceu por escrito. Ela escreveu o que era dela ano e meio depois, sem febre e sem urgência, sabendo pela minha irmã que eu estava convalescente de um trombo nos dois pulmões. Um foi ditado por uma doença. O outro não.

Capítulo 54 • O internamento que pedi eu

Dez meses depois daquela carta assinei o quinto internamento da minha vida. Foi o único que pedi eu, e o único dos cinco em que a mulher que gostava de mim se sentou na cadeira do lado. E arranca, como arranca quase tudo o que é meu, num canal. Durante quase dois anos tinha tido outro canal à parte onde não punha nada a não ser canções, centenas de canções com a letra escrita à mão e a música posta por uma máquina: o meu diário sonoro da época em que a minha cabeça não aguentava um texto longo. Punha-as a minha irmã, que foi o filtro que me faltou no inverno dos vídeos, e ouvia-as a chorar no escritório. Naquele inverno, de baixa e sem projeto, eu levava semanas em estado misto, com o sono partido e o juízo estreitado, e o canal mudou de natureza. Gravei vídeos com pseudónimos, com a voz deformada por uma máquina, a desmontar ponto por ponto a carta da Nuria. Quase ninguém os viu. Não iam à procura de escárnio. Iam à procura de uma voz.

E aí cometi o erro de que ainda me arrependo: mandei dois daqueles vídeos à Inés, para o correio dela, com uma única coisa pedida por escrito, que não o contasse à Nuria. A Inés telefonou à Nuria. A Nuria entrou no canal e viu o vídeo em que eu me tinha atrevido a responder-lhe. Com o trauma que arrasto com ela, assim que me descompenso as ruminações saem sozinhas: o cérebro agarra a maior ferida que tem, mói-a às quatro da manhã e deita-a cá para fora por onde pode. Daquela vez deitou-a por um canal para onde ninguém olhava. Não a nomeei, não a procurei, não lhe escrevi.

Na quinta-feira, a meio da manhã, escreveu-me a minha irmã do trabalho: que eu apagasse do canal tudo o que tivesse que ver com elas, e que o apagasse JÁ, assim, em maiúsculas, porque uma delas queria falar com ela e isso significava que alguma coisa lhe tinha chegado. Que lhe dava vontade de me estranhar. Que não podia mais, que a sério que não podia mais. E poucos minutos depois apareceu a ideia, e apareceu na boca dela e não na de ninguém de fora: um internamento voluntário, para eu me desintoxicar daquilo e sair do ciclo. Seis horas depois escrevi-lhe que o canal já estava apagado. Não uma parte: in-

teiro. Centenas de canções com a letra escrita à mão, dois anos de um homem fechado em casa a fazer a única coisa que sabia fazer com o que lhe estava a acontecer por dentro. Apaguei-as eu, com o meu próprio dedo, numa quinta-feira à tarde, para que deixassem a minha irmã em paz. Não me obrigou ninguém, e é precisamente isso que o torna pior. Ao anoitecer já só era capaz de escrever que me tinham aterrorizado e que tinha medo de sair à rua. Daquela semana fico com uma imagem acima de todas, e não é a de ninguém a ameaçar-me. É a minha irmã a esconder os ansiolíticos pela casa e a dar-mos um a um, um atrás do monitor, outro atrás de uma moldura de fotografias. Um para o dia inteiro, e que eu calculasse bem a hora, porque à tarde vinha a Laia e ela queria que eu a recebesse acordado.

Na sexta-feira perguntei à minha irmã se conseguiria arranjar alguma prova de que me estavam a forçar a internar-me sob ameaça de queixa, para nos cobrirmos. A resposta, no mesmo minuto, deixa claro quem mandava ali: que eu não podia mentir sobre os meus sintomas, que se me notam, e que a alguém que não está agudo não o internam. Nessa mesma sexta-feira escrevi-lhe que o pior me tinha passado de repente, e no mesmo minuto escrevi-lhe a outra metade, que continuava aterrorizado. Ali cabe este capítulo inteiro, em duas linhas: tinha-se apagado o episódio, continuava aceso o medo.

Na segunda-feira a Nuria mandou à minha irmã uma mensagem para que ma passasse. Que levava dias a ouvir tudo o que eu tinha dito dela na internet durante dois anos, que levava noites sem dormir, e que ela lhe dissesse, de mulher para mulher, se isso se pode perdoar a alguém. E por baixo ia a lista do que eu tinha dito. Não a copio aqui nem tenciono copiá-la nunca: disse-lhe coisas que não vou repetir, das que afundam uma pessoa. Fechava com a única linha que não era um insulto mas uma censura, que eu lhe tinha dito que nunca lhe apresentaria queixa e que por isso era uma mentirosa. Por baixo vinham as condições: apagar todo o material que tivesse que ver com ela e assinar um silêncio que durasse o resto da minha vida. E pela mão da minha irmã chegou a ordem dos passos: o internamento primeiro, um documento de advogados depois, e uma indemnização pesada à espera se eu o saltasse. Vinha também o resto, que a mim me deixa pior e que ponho na mesma: que ela não me queria apresentar queixa, e que estava a passar muito mal. Do outro lado daquilo não havia uma mulher a maquinar nada. Havia uma mulher a quem as minhas publicações não deixavam dormir.

Respondi em menos de dez minutos que assinava e que me retratava de tudo. E passei o dia inteiro a ditar mensagens à minha irmã, todas começadas da mesma maneira, com três palavras: diz-lhe que. Diz-lhe que assino sem problema. Diz-lhe que amanhã farei o que for preciso para que me internem. Diz-lhe que nunca mais me referirei a ela na vida. E uma que não tenciono tirar daqui porque é a pior de todas: que lhes dissesse que eu estava muito pior do que estava. Um homem de quarenta anos a negociar a sua rendição através da irmã, e a oferecer-se para exagerar a sua doença em troca de que o deixassem em paz. Nessa mesma tarde chegou-me uma frase que me atravessou a cara, e atravessou-me porque saía de dentro da minha própria casa. Disse-a a Sonia depois de passar o dia a fazer de ponte: que ela é boa pessoa, a sério, mas que eu lhe fiz demasiado mal. Dois anos levava eu a fabricar uma personagem, e a pessoa que tinha estado nos meus cinco internamentos estava a avisar-me de que essa personagem não era ela. Retrato-me de tudo. Da lista completa. E sustento-o hoje, sereno e com a cabeça no sítio.

Na terça-feira fui à consulta do meu psiquiatra, e isto tem de ser contado com muito cuidado. Não lhe menti. Não fingi um único sintoma que não tivesse. Pus-lhe em cima da mesa o que havia: os vídeos, a lista, os advogados, o documento, a minha irmã transformada em central telefónica, e que eu precisava que ficasse por escrito que me punha em tratamento por vontade própria. E foi ele, vendo-me como me vii, quem autorizou o internamento voluntário para me poupar males maiores. Saí para a rua com o papel numa mão e com uma hora larga de pânico cá dentro, porque no relatório estava escrito episódio maníaco, e com essas duas palavras impressas o normal é que te internem compulsivamente, e um compulsivo não o levanta o doente quando lhe apetece. Mandeí à minha irmã o relatório da mochila, que é o pormenor que só escreve quem já esteve lá dentro: nada de calças com cordões, três mudas. Respondeu-me que levasse mais roupa, que ali não se pode lavar, e que não me esquecesse das meias. E a Laia, a trabalhar naquele dia e a responder-me entre uma coisa e outra, fez o pouco que se pode fazer de fora: lembrar-me de que aquele internamento não era como os anteriores e pedir-me que lhe procurasse uma coisa boa e me agarrasse a ela. Depois veio a frase mais honesta que se disse em todo o dia: que eu fizesse o que pudesse, que ela não fazia a mínima ideia de como, que ia às cegas e sem volante.

Entreí na quarta-feira à tarde, a pé, com a minha mochila, no hospital do norte. Da sala de espera escrevi à Laia: internam-me, gosto de ti. Respondeu no

mesmo minuto: gosto de ti. E atrás: tens uns tomates que nunca vi. Cabeça erguida. Sê esperto. Para mim uma ala não é um hospital: é o sítio onde o meu corpo volta a ter treze anos. E ainda assim entrei. A Laia subiu comigo. O quarto tinha uma cama, uma cadeira e uma janela virada para a parede do edifício da frente; sentámo-nos ali e estivemos um bom bocado calados. Depois desatou a chorar, como chora quem tinha decidido não chorar e descobre que o seu corpo tem as suas próprias decisões.

—Não é justo.

—Não.

—Tu não devias estar aqui.

—Não.

—Amanhã volto.

Comecei a dizer-lhe que não era preciso e ela repetiu: amanhã volto. Não era um oferecimento. Era um facto, tal como com a Sonia tudo são factos e nunca oferecimentos. E naquela ala, pela primeira vez em cinco internamentos, alguém que tinha escolhido ficar sentou-se a chorar comigo em vez de esperar lá fora que aquilo me passasse. Aí aprendi de repente a diferença entre segurarem-te e acompanharem-te.

Foi a pior ala em que estive, e olhe-se que tenho material para comparar. Os quartos fechados à chave de dia e de noite, que traduzido quer dizer que em três dias não te podes deitar nem fechar uma porta atrás de ti; a vida inteira a passar-se numa sala comum com os fluorescentes acesos e os gritos dos que estavam pior a bater contra o azulejo; uma única casa de banho para a ala toda. Passei quase três dias sentado numa cadeira de plástico, lúcido, a olhar para uma parede com uma revista atrasada na mão. Eu via os meus companheiros tal como os via a Laia de fora, gente que estava péssima; e a Laia via-me a mim, que estava bem, ali dentro com eles. Aquilo destroçou-a. Ao fim de quarenta e oito horas pedi a alta voluntária e deram-ma sem a discutir, porque os profissionais estavam a ver perfeitamente que ali não havia nada para tratar em regime fechado. E quem acabou por me tirar de lá foi a mesma que na terça-feira me tinha dito que não saísse a correr: a minha irmã, horrorizada com as condições.

A palavra voluntário, aqui, engana. Quando isto tudo começou eu estava mal, e não o discuto. Mas entre aquela quinta-feira e o internamento passaram seis dias, e em seis dias uma descompensação breve apaga-se, ainda mais se pelo caminho levores um susto de morte. Quando pedi a cama eu já não cumpria critério clínico de internamento: estava lúcido, sem um único sintoma psi-

cótico, e o que precisava era de um ajuste de medicação e de dormir, não de uma ala fechada à chave. Assinei pelo ultimato, não pela doença, e é isso exatamente que transforma um internamento em iatrogénico: um castigo de bata. Há trinta anos alguém mediu que o papel que a pessoa assina e a coação que a pessoa sente são dois eixos diferentes: há doentes internados à força que não se sentem forçados, e doentes que assinam pelo próprio punho e pontuam altíssimo em coerção. O que separa uma coisa da outra não o decide a lei. Decide-o se a pessoa teve voz enquanto se decidia sobre ela. E aqui teria bastado um telefonema: no dia em que a Sonia me pediu que tirasse aquilo, aquilo esteve fora antes de anoitecer. O que a Nuria queria tem de se dizer com todas as letras: queria que eu estivesse bem, e por isso pediu um internamento e não uma queixa, tendo-a à mão e não a apresentando; e queria, imagino, que ninguém lhe reescrevesse a história pelas costas, que é precisamente o que eu ando a fazer com a minha neste livro todo. O que havia era um homem descompensado a gravar coisas e uma mulher assustada a tentar travá-lo com a única coisa que tinha à mão, que era o medo. O que se escolhe é sempre o instrumento. E pagaram-no duas pessoas que nem sequer estavam naquela discussão: a Laia e a minha irmã.

E no entanto. Do hotel tiraram-me uns polícias, a delirar. Desta vez entrei eu sozinho pelo meu próprio pé, com a mochila feita e com a mulher que gosta de mim ao lado, e no dia em que me pediram que retirasse o publicado demorei umas horas a apagá-lo inteiro. O mesmo homem, a mesma doença. A única coisa que mudou foi quem decidia. Pedir ajuda não é um traço do feitio: é uma competência, aprende-se tarde e à pancada, e eu aprendi-a no pior sítio possível e pela pior razão possível. Saí dali com três coisas claras. Que não tencionava ceder mais. Que ia largar o da Nuria, porque o passado tinha deixado de ser um sítio onde eu quisesse continuar a viver. E que ia escrever esta história. A psicóloga da associação perguntou-me se era boa ideia remexer tudo aquilo. Disse-lhe que não se tratava de o remexer: tratava-se de o ordenar. Remexido estava havia anos.

Capítulo 55 • Os pesadelos

Naquela primavera, a do trombo, subi à montanha com a minha irmã com uma pen no bolso, e contado a frio soa ridículo e no entanto curou-me: dois anos de áudios gravados quase todos os dias num grupo que eu tinha aberto só para isso, com o nome da Marta, e onde não havia ninguém. Dois anos de desculpas dirigidas a uma mulher que nunca as ia ouvir. Enterrei-a ali, debaixo da minha árvore, a do granizo. Disse o nome dela em voz alta, agradei-lhe o que me tinha dado e o que a dor dela me tinha ensinado, e larguei-a, com a Sonia a olhar, que é a única pessoa à frente da qual se pode fazer o ridículo sagrado sem se sentir ridículo. Não caiu raio nenhum. Descemos da montanha os dois um bocado mais leves. E ali continua, debaixo de uma árvore por onde passa gente todos os fins de semana sem fazer a mínima ideia do que há por baixo. Acredito mesmo que aquilo lhe deu força.

E a outra coisa daquele mês não a fiz eu. Chegou-me o perdão dela, pela minha irmã, seis anos e meio depois de eu o ter começado a pedir de um quarto de doze metros, e é a maior coisa que alguém me deu nestes anos, incluindo os médicos. Porquê, não o vou dizer. O que fez comigo sim: soltou-me. Deixei de lhe escrever canções, e não porque tivesse deixado de gostar dela, mas porque pela primeira vez em cinco anos já não tinha nada para lhe pedir, e um homem que não tem nada para pedir pode finalmente olhar para outro sítio. Três semanas depois entrou a Laia pela porta que aquele perdão tinha deixado aberta. O agradecimento não lho dou com palavras, que comigo já fizeram estrago que chegue: dou-lho ficando onde estou.

Perdão e reconciliação não são a mesma coisa, e a distinção deu-me uma oração que não é minha. No judaísmo há uma oração que se diz todas as noites, antes de dormir: Senhor do Universo, perdoo e desculpo todo aquele que me tenha feito zangar ou tenha cometido uma falta contra mim, no meu corpo, na minha propriedade ou na minha honra, por acidente ou com má vontade, de palavra ou de obra; e que nenhum ser humano seja castigado por minha causa. Não diz que amanhã o outro possa voltar a entrar, nem que se lhe devolva a

chave. Diz que a pessoa larga o que é seu para poder dormir. Perdoar é o que a pessoa faz com o seu rancor; deixar que te voltem a fazer mal é outra decisão, e essa não está na oração. Eu fi-lo por essa ordem. O primeiro, todas as noites que foi preciso. O segundo, não. E está tudo perdoado, da minha parte e a sério, sem letra pequena: a Marta, a Nuria, a Raquel, a Inés. A Nuria é a única que não conseguiu perdoar-me a mim, e pedi-lho muitas vezes; mas a única metade que depende de mim é a minha, e essa está feita.

E agora o que o perdão não tira, porque perdoar limpa por dentro e não toca no corpo. Tenho medo. Não é uma maneira de falar: é uma reação medida em pulsações. Tenho os dois quadros da Marta pendurados na parede e não consigo ler o nome dela sem que me percorra um arrepio, o mesmo que me produz uma ambulância. Não tenho saudades dela: tenho-lhe medo, e não a ela, que já a larguei, mas ao nome dela num processo, às queixas dela, que continuam vivas num recurso que ninguém resolve. O medo de que o recurso me feche um ano numa ala como a do capítulo anterior impede-me de adotar um cão e de pensar um futuro com a Laia para lá do mês que vem. E com a Nuria é o mesmo, e acho que ela não o sabe. Tenho-lhe fobia, e não uso a palavra de enfeite. Basta que leia o nome dela escrito em qualquer lado e o corpo vai-se-me antes de a cabeça chegar a explicar-lhe que ali não se passa nada. A distância que ela me pediu tê-la-ia precisado na mesma sem que ma pedisse. O que há aqui é um homem que muda de passeio.

Isso tem nome e não é um defeito de feitio, nem o dela nem o meu: chama-se generalização do medo condicionado, e é o que faz um sistema de alarme quando o estímulo original foi suficientemente grande, que deixa de responder à coisa que aconteceu e começa a responder a tudo o que se lhe pareça. À Nuria uma canção em que se reconhece chega-lhe com o calibre daquele inverno, e a mim um envelope com timbre chega-me com o calibre de um tribunal. Um trauma não é uma má recordação. É uma recordação que não aprendeu que já passou.

E de noite vem o resto. As noites em claro tirou-mas o lítio, mas o que acontece dentro das noites em que durmo não mo tirou nada. Continuo a ter pesadelos hoje, em eutímia, medicado e com a vida em ordem, e isso está escrito em anos inteiros de mensagens de bom dia: que a noite tinha vindo carregada, que os pesadelos me tinham dado cabo. Os mais antigos são os dos internamentos, e esses nunca pararam: numa manhã contei à minha irmã que tinha sonhado que voltava a estar lá dentro, com aquele trato que te dão ali, como se fosses menor de idade. E depois estão as três. Sonho com a Marta, com a Raquel e com a Nu-

ria, que se me metem lá dentro sem eu as convidar, e nunca, nem uma única vez, tive um sonho bonito com nenhuma: entram para me censurar alguma coisa ou para me deixar de fora, congeladas no papel que lhes calhou no dia em que aquilo se partiu. Com a Marta sonho vezes sem conta: num dos últimos dizia-lhe que ainda gostava dela e que me perdoasse, e ela respondia-me que gostava de mim mas que não me podia perdoar. E o que prova que isto é trauma e não que eu tenha saudades dela é que na realidade ela perdoou-me; o que se me ficou cá dentro não é o que aconteceu, é uma coisa de mais abaixo e de mais antes.

E o pior foi numa noite deste último verão. Sonhei que o nosso tinha sido muito pior do que foi, uns maus-tratos selvagens, que aparecia na televisão e nos jornais e que eu era um apestado em todo o país; e que por trás havia uma sociedade secreta que me tinha captado em miúdo, aos catorze anos, que me tinha pervertido, e que quando quis sair me tinham raptado, me tinham apagado a memória e me tinham mudado a linha temporal para me transformar num maltratador. Aquilo não é um delírio que saia do nada. É o relato que me montaram entre três pessoas, feito pesadelo. Maltratador pôs-me a Nuria, e da boca dela passou às outras; partes tudo aquilo em que tocas escreveu-me a Raquel; e assediador pendurou-me a Inés. As três pegaram no buraco que a Marta deixou ao ir-se embora e ainda por cima escreveram-no, repartiram-no e transformaram-me no monstro de um filme que eu não tinha rodado. A Marta é o buraco; elas são a letra. E as duas coisas voltam de noite, juntas, com a mesma cara. Trato-o em terapia, e nem assim consigo tirá-lo de cima; a única coisa que por agora sei fazer é pôr-lhe nome, que é o que estou a fazer aqui.

Por que é que continuam a vir, anos depois, dou-me duas respostas de doente e não de médico. A primeira: o que se fechou bem e o que se fechou mal não se arquivam na mesma gaveta. O que ficou aberto continua em cima da mesa de trabalho, e o sono é o turno da noite que trabalha nessa mesa. Fecho não houve em nenhum daqueles assuntos: os internamentos acabaram em correias, o da Marta acabou num tribunal, o da Raquel num áudio gravado no telemóvel dela, o da Nuria num linchamento. Ali não se despediu ninguém de ninguém, e o que não se despede acaba por voltar. A segunda resposta é mais incómoda e parece-me a boa: eu não sonho com elas. Sonho com o que me fizeram sentir, e nos três casos foi uma variante de uma mesma coisa: que eu estava a mais, que tinha falhado, que me tinham posto fora de um sítio onde eu acreditava ter lugar.

Isto não tem um final limpo. Há isto: dois anos e meio sem uma droga e, desde o outono em que deixei o tabaco, sem um copo, com um interditor que tomo todas as manhãs à frente da minha irmã; a pauta inteira, manhã e noite; psiquiatra, psicóloga e associação; uma casa minha; uma mulher ao lado que não se vai embora quando fico doente; a minha irmã a levar-me a medicação e a minha mãe a dormir tranquila. E ao lado, o que continua sem se levantar, porque também é a verdade: estou de baixa e não vou voltar a trabalhar; saio pouco; e o recurso continua pendente, e se vingar tudo isto volta a uma sala. E mesmo fazendo tudo bem posso entrar em surto na mesma: no dia em que a minha mãe faltar é provável que entre em surto; se a Laia me deixasse, é provável que entrasse em surto. O que todas essas coisas conseguem, que não é pouco, é atrasar o episódio, encurtá-lo e baixar-lhe os estragos. Não me tornam invulnerável. Tornam-me atendível, que é uma palavra feia e é exatamente a que corresponde.

E a conta final. Repasso a lista inteira e já não vejo uma fila de carrascos. Ali quase ninguém mentia. A Marta contava a verdade dela, a de uma mulher rebentada e com medo a quem ninguém explicou o que era que a estava a rebentar. A Nuria contava a dela, com a única palavra que tinha à mão para nomear que alguém se afasta. A Raquel, a de quem está treinada para sair a correr ao primeiro cheiro a fumo. A Inés, assustada e a fazer parte. Em nenhuma daquelas mesas faltou bondade. Faltou um dado, que era a minha doença explicada, e não o tinha nenhum dos que ali se sentavam, a começar por quem escreve. Já o disse: a ignorância não apaga o efeito, mas apaga a censura, e este livro decidiu cobrar em compreensão o efeito e deixar a censura por cobrar. Se alguém me perguntar o que é que eu queria a estas alturas, a resposta não é uma retratação nem uma sentença a meu favor. É um abraço. Um, desses que se dão a olhar para o chão e sem dizer nada, como o da Lidia, e depois cada um para sua casa. E os quadros continuam na parede.

Capítulo 56 · Os que ficaram

À minha mãe não sei o que fiz eu para a merecer, e ponho-o à frente de tudo o resto porque tudo o que vem depois está pendurado daí. Uma mulher que passou anos com um marido diagnosticado que largava o lítio a cada passo, que acabou por o enterrar, e que quando viu ao segundo dos filhos o mesmo ciclo a começar outra vez não saiu a correr: abriu a porta da sua casa. Eu cheguei a essa casa em estados em que a dignidade era uma palavra de dicionário, e ela mudou-me os lençóis sem um único comentário e meteu-me no duche quando os dias sem me lavar já se contavam por semanas. E no inverno da mala fez o que faz uma mãe com duas pessoas de quem gosta numa casa que arde: tirou a que podia tirar. Levou a Marta de carro, deixou-a no cais e voltou para esperar que eu chegasse. Não escolheu um lado. Devo-lhe a vida no sentido literal.

E a Sonia, oito anos mais velha do que eu, já bastante adulta quando o nosso pai morreu para carregar com o que havia a carregar, e ainda bastante nova para que aquela carga lhe roubasse pedaços de vida que nunca veio reclamar. Na noite do primeiro internamento fez em vinte minutos um caminho de quarenta, e quando atravessou a porta eu já estava estendido no chão e a polícia a subir. Isso fê-lo cinco vezes. O dela é uma vigilância de fundo que se lhe instalou entre o meu segundo internamento e o tribunal, e que não se foi embora. E uma competência que mais ninguém tem: distingue os meus silêncios. O bom é o de quando estou a trabalhar, e podem passar dias sem notícias. O mau tem outra textura: as respostas mais curtas, e uma hiperprecisão no que escrevo, sem as gralhas do costume, que ela aprendeu a ler como o sinal de que alguma coisa se está a conter.

Foi esse silêncio que reconheceu no outono do apartamento, e apareceu num sábado sem avisar. Abriu a porta com cara de levar dias sem pregar olho. A primeira coisa que quis saber foi quando é que eu tinha comido pela última vez, e disse-lhe que no dia anterior, uma sandes. Abriu o frigorífico, viu-o vazio e mandou-me sentar; comecei a dizer-lhe que não era preciso e repetiu-mo tal e qual. Sentei-me. Desceu ao supermercado, comprou para três dias, cozinhou,

pôs a mesa e não perguntou absolutamente nada. Quando os dois pratos já estavam vazios, com o café feito e comigo a recuperar alguma cor, então sim: que o que é que se estava a passar. Contei-lhe o do Chapa, o do apartamento e os meses anteriores. Ouviu sem mexer um músculo da cara, e ao acabar quis saber por que é que eu não lho tinha contado antes.

—Porque estás cansada de ser a pessoa a quem eu digo estas coisas.

—Ouve-me. Não estou cansada de ser a pessoa a quem dizes estas coisas. Estou cansada de haver tantas coisas que tenhas de me dizer. E não é o mesmo.

—Qual é a diferença?

—Que uma das duas posso mudá-la eu e a outra não. Posso continuar a ser tua irmã. Não posso fazer com que o teu cérebro funcione de outra maneira.

Não respondi. Perguntou-me se eu estava a tomar a medicação, se tinha consulta com a doutora, se precisava que me levasse. Depois disse que gostava de mim, e como lhe respondi que isso já sabia, exigiu-me que lho dissesse eu a ela. Disse-lho. Assentiu, largou um bem, e passou a perguntar-me que planos é que eu tinha para o fim de semana. Que passasse por lá para almoçar. E quando arranquei a agradecer-lhe cortou-me a seco, que os agradecimentos já estavam dados e que não abusássemos. Quarenta anos a fazer de muro sem que ninguém lhe tenha alguma vez perguntado se queria sê-lo. O meu pai pediu-me que eu cuidasse dela. Foi ao contrário desde o primeiro dia.

E o Gabriel, que é a outra face dessa mesma moeda. O meu irmão mais novo foi-se embora novo para outra cidade, o do nosso pai apanhou-o demasiado miúdo e comigo fabricou uma maneira de olhar para mim que em vinte anos não se mexeu um milímetro: a de quem tem por irmão, antes de mais nada, uma chatice. Para ele, sintoma e feitio eram a mesma coisa. A ferida a sério chegou com o internamento do hotel: eu estava numa ala e ele tinha naqueles dias uma celebração importante, e não a mudou. Por ali não apareceu mais ninguém além da minha irmã, a sustentar tudo de fora, enquanto ele vestia o fato. Quando anos depois lho perguntei não se defendeu com discursos: que eu era muito imprevisível, que a vida não se põe em pausa porque me internam outra vez, e que não lhe serviam as comparações com as pessoas com cancro. E aquela conversa tínhamo-la com um surto meu em marcha, e disse-lhe o que levava vinte anos a querer ouvir: que eu nem sequer era bipolar, que o meu problema era a minha personalidade. Quando chegou a vez de a Sonia se casar, pelo contrário, fui eu que a levei pelo braço, no sítio que teria cabido ao nosso pai. Do que nós, os doentes, sofremos fala-se sempre dos juízes e das ex-companheiras; quase nun-

ca da cadeira vazia. E ainda assim é preciso contar o resto: voltou. Devagar, sem a conversa inteira. Disse-me que admirar-me tinha-me admirado nalgumas etapas, que já não me via tanto como um irmão mais velho, que gostar de mim gostava muito, e que podia falar comigo enquanto eu estivesse na boa. Deixa de te admirar, continua a gostar de ti e aprende a pôr-te uma condição: é isso que esta doença faz a um irmão mais novo. E na manhã do meu último internamento, o que pedi eu, escreveu-me que me corresse bem, que a mãe já lho tinha dito, e que bem feito se eu precisava. Não apaga tudo. Mas conta.

E depois está a família que chegou pelo lado da minha irmã. O Paco entrou em nossa casa quando eu era um miúdo e desde então não me lembro da família sem ele. Dele aprendi o que me manteve vinte anos dentro do mercado de trabalho com a cabeça que gasto: que ao trabalho vai-se, e que há obrigações que não se contornam por muito destroçada que a pessoa esteja. Quando o meu pai morreu, o buraco ocupou-o ele sem que nenhum dos dois o dissesse alguma vez em voz alta. Estando em surto disse-lhe uma coisa imperdoável na cara, e ele levantou a mão e não a baixou sobre mim: conteve-se e foi-se embora. Isso vai na coluna dele. Aquilo acabou por se partir, e como é que se partiu não é meu para o contar. O que é meu é isto: durante trinta anos toda a gente lhe chamou pelo diminutivo, e para mim já é o nome dele inteiro, porque o diminutivo era de quando era a minha família.

E com ele chegou a mãe dele. A Amparo ocupou durante quase trinta anos o lugar da avó que eu não cheguei a ter. Centenas de tardes na sala dela, uns copos de vinho, o tabaco preto dela e tudo o que é humano e divino, porque com ela se podia falar de Deus com a liberdade que tem uma mulher muito velha que já não tem medo de nenhuma pergunta. Conheceu a Marta, gostou dela, e em duas das nossas crises fez de ponte entre os dois. Quando aquilo se partiu, a Amparo desapareceu da minha vida: um dia deixou de me responder, sem conversa e sem adeus. Com a família por afinidade acontece a toda a gente; o que se passa é que a mim um desaparecimento acerta-me onde me acerta. E aqui está a parte que há dois anos não teria conseguido escrever: dói, mas não me atira ao chão. Essa é a prova mais limpa que tenho de que o tratamento funciona.

No prognóstico desta doença há uma variável que não é um fármaco e pesa quase tanto: quem está à volta e o que sabe. Os números já os contei; o que fazem na prática é isto, que a anosognosia me tira a capacidade de ver o meu próprio estado precisamente quando mais falta faz e a rede vê-o por mim: uma

irmã a ler um silêncio, alguém que aparece num sábado com as compras. E tem reverso: uma cadeira vazia num casamento é uma forma de hostilidade ainda que ninguém grite, e o que faz a hostilidade já o disse. O que ninguém mede é o que custa a quem sustenta. Uma mãe de idade a pegar-se com a central telefónica do centro de saúde para que devolvam uma chamada ao filho, na mesma manhã em que escreve que está um bocado alheada porque não tinha conseguido dormir. Ela a dormir mal e a levar-me a mim a caixa.

E onde estão hoje. A minha mãe continua na aldeia, a dez minutos, telefonamos todos os dias e manda todas as manhãs um daqueles vídeos com flores que as mães da geração dela mandam aos filhos. A minha irmã, há uns meses, pela primeira vez, escreveu-me que precisava da minha ajuda para umas coisas, e que era importante. Depois de cinco anos em que quem precisava era eu, a minha irmã pediu-me ajuda e eu pude dar-lha. Isso é, para mim, o final desta história melhor do que qualquer sentença. O Gabriel aparece e sustenta a parte dele. O Jordi continua com as chamadas de terça-feira, a Mireia arranja espaços para almoçar comigo, e o Iván senta-se na minha cozinha com uma das cervejas que tenho frias no frigorífico, que não são minhas, enquanto eu bebo um chá frio. E depois estão aqueles que tive de afastar eu, sem rancor nenhum e com a mesma condição limpa por despedida para os dois: que no dia em que o vosso estiver arranjado, falamos. Quem se aguenta com as unhas não pode ter ao lado, às quatro da manhã, quem lhe oferece precisamente aquilo que lhe rebenta. Durante meia vida senti-me absolutamente sozinho, e nalguns troços deste livro estava. Hoje não.

Capítulo 57 • Para a Claudia

O melhor dia destes quarenta anos foi o dia em que os fiz. Pela primeira vez de que eu me lembre juntou-se a minha família inteira: a minha mãe, a Sonia, a Laia, e a Claudia com a mãe, que vieram de longe para estar ali. Ficaria bonito escrever aqui que a minha filha se me atirou aos braços. Não o fez, e este livro também não vai mentir nisto. A visita foi como as anteriores: reservada, educada, um bocado perdida, a olhar para mim como se olha para um puzzle a que faltam peças que ninguém lhe entregou. Tentei entregar-lhas eu. Numa tarde, com toda a trapalhice do mundo, tentei explicar-lhe o que é que eu tenho e por que é que estive longe tantos anos, e saiu-me mal: as palavras, que levo a vida inteira a usar de andaime, não me aguentaram à frente da única pessoa perante a qual de verdade importavam. Fiquei-me a meio, e ela assentiu com aquela piedade tão educada que têm naquela idade. E no entanto, no aeroporto, ao despedirmo-nos, aconteceu o que não acontecia desde que ela era pequena: abraçou-me. Um abraço tímido e curto, dos que se decidem no último segundo. O primeiro desde aquela menina pequena adormecida em cima do meu peito. Três segundos mal medidos que fizeram por mim mais do que toda a medicação deste livro.

Daquele fracasso e daquele abraço saiu a única coisa que sei fazer quando a voz não me chega até ao fim: escrever. A carta fugiu-me das mãos, porque tantos anos de silêncio não cabem numa folha. Aqui vai a parte que pertence a este livro, tal e qual lha mandei, quando me pareceu que ela já a podia entender.

Claudia:

Quando leres isto já serás quase uma mulher, e eu estarei a fazer o mesmo que faço todas as noites, e no fim digo-te o quê. Começo pelo que tentei dizer-te em pessoa e não me saiu, porque uma carta tem uma vantagem sobre um pai: não gagueja.

Tenho uma doença. Chama-se doença bipolar, e é do tipo que às vezes traz psicose. Não é um monstro e não te vou pôr eufemismos: é uma doença do cérebro, do órgão com que se pensa, e por isso é tão difícil de ver por dentro. Tem

dois lados. Num, que se chama mania, não é preciso dormir, tudo parece possível, as ideias vão mais depressa do que a boca, e a pessoa faz coisas que depois não reconhece como suas. De fora esse lado não parece uma doença: parece um homem encantador e cheio de planos, e por isso ninguém o deteta enquanto não tiver já partido alguma coisa. No outro lado está o poço, e no poço a pessoa não está triste: está convencida, com uma certeza que não admite discussão, de que tudo é irreversível e de que os outros estariam melhor sem ela. Esse lado mente. Repito-o porque é o mais importante desta carta: quando essa voz fala, mente.

A mim ninguém mo disse até aos trinta e três anos. O teu avô, que não conheceste, também a tinha, e também não o soube a tempo, e quando o soube não teve ninguém que lhe segurasse o tratamento. Morreu quando eu tinha vinte. Com o mesmo medicamento que hoje me mantém vivo. Conto-to sem enfeite porque tens direito a saber de onde vens, e porque há uma coisa que quero que saibas de mim antes de qualquer outra: eu não vou fazer isso. Nunca. Quando se passou pela morte de alguém querido daquela maneira sabe-se o mal que faz a quem fica, e nem sequer passa pela cabeça. Tenho demasiadas coisas por fazer, e uma delas é esperar por ti.

Agora a parte que um pai preferia não escrever. Esta doença herda-se em parte. Não inteira, não sempre, e digo-o para que não te assustes nem por excesso nem por defeito: a maioria dos filhos de alguém que a tem nunca a desenvolve, e os que a desenvolvem não estão condenados ao que eu vivi, porque o que eu vivi não é a doença: é a doença mais vinte anos sem nome. E há outra coisa que te toca de perto e que te digo sem o orgulho cego que os pais gastam: és muito inteligente, e dás-te bem com quase tudo aquilo em que tocas. Isso é teu e é magnífico. Mas quem anda há anos a estudar esta doença descobriu que a inteligência, sobretudo a das palavras, e este quadro partilham parte do mesmo chão. Não é uma ameaça. É um mapa. E o mapa diz isto: o que dispara esta doença não são sobretudo as drogas, ainda que empurrem; é o stress sustentado e a falta de sono. Tu vives com a pressão de quem ganha sempre. Por isso dou-te as quatro regras que a mim ninguém me deu. Dorme; se três noites seguidas não precisares de dormir, isso não é energia, é um aviso. Se um dia sentires que vem aí a tempestade, conta-o cedo a alguém, ainda que te pareça que estás a exagerar. Nem uma única droga de rua, e não to digo por moral: o que se toca é a química com que pensas. E pede ajuda antes de precisares dela, porque pedi-la cedo é de espertos e não de fracos. Se um dia for preciso, terás desde o primeiro

dia o que o teu avô nunca teve e eu tive tarde: um nome, um tratamento e gente que sabe o que fazer.

Os anos em que não cheguei até ti conto-tos sem amargura. Estive doente sem o saber, e depois doente sabendo-o e sem conseguir com aquilo, e houve temporadas em que acreditei sinceramente que era melhor para ti que um homem assim não estivesse por perto. Hoje sei que aquilo era o poço a falar. O que quero que te fique é uma coisa só: os buracos não foram esquecimento. Guardo-te as cinco vezes que te tive perto em toda a tua vida como se guardam as pedras que brilham, e devolvo-tas uma a uma para o caso de seres demasiado pequena para as guardares tu: a miúda que me examinou com seriedade de notária e decidiu ao segundo dia que aquele senhor era de confiança; a tarde em que adormeceste nos meus braços; o fim de semana em que me trataste com a cortesia de uma visita, e com razão; a teoria dos polvos; o abraço do aeroporto.

Vão agora os conselhos, que são a parte de pai que se pode exercer por correio. Para escolheres as pessoas, olha para duas coisas: o que fazem quando não tiram nada em troca, e como falam dos que não estão à frente, porque é assim que um dia falarão de ti; e fica-te pelos que aparecem no momento mais inoportuno. Do perdão: perdoar é largar a pedra, não absolver quem a atirou. Do amor: escolhe alguém a quem as tuas alegrias alegrem de verdade. E sê decente com os que tens mais perto, que é o único sítio onde isso se demonstra. Dentro desta carta deixo-te outra mais pequena, para os dias maus. E deixo-te dito que aqui tens uma casa tua, e que nunca vais ter de escolher entre os sítios de onde vens.

Enquanto lês isto eu estarei a fazer o que te prometi no princípio: a tomar os comprimidos, a escrever, a gostar dos que ficaram e a deixar a porta aberta. Não te peço que venhas. Digo-te onde estou.

O teu pai.

E o de depois, o de hoje, é silêncio: a minha filha e eu não voltámos a falar desde aquela visita. Da vida dela fico a saber pelas redes, tal como um desconhecido com boa memória. Às minhas mensagens, a mãe dela responde com silêncios que às vezes se prolongam até parecerem desaparecimentos, e já disse porquê: prudência e medo. Com a cabeça percebo-o perfeitamente. Com o resto, não. E ainda assim é preciso dizer o que aquela mulher fez bem, e com ela este livro não tem uma única conta pendente: criou sozinha uma rapariga brilhante, educada e decente, e quando lhe contei o meu diagnóstico foi ler sobre ele, sem que eu lho pedisse. Um dia disse-lhe a única coisa que de verdade

precisava de lhe dizer: que se alguma vez visse na Claudia um sintoma precoce, a pusesse em tratamento o mais depressa possível, para que não sofresse o que eu sofri antes do nome. Respondeu-me que já tinha lido. O que eu ponho naquela carta é um grão de areia em cima de um trabalho que já estava feito.

E é isto que se tem de contar a um filho sobre esta doença: não o medo, o mapa. A herança não se pode mudar; o que se parte não é a cadeia do gene, mas a do silêncio. O meu propósito é ficar quieto onde estou: escrever sem exigir resposta, chegar-me sem invadir, e continuar localizável e estável para o dia em que lhe der para vir procurar o pai. A infância dela inteira perdi-a e isso já não tem remendo. O que falta pela frente tenciono esperá-lo no cais, com a pontualidade de quem trabalha nos comboios. Trago-o no sangue: o meu avô acabou a trabalhar nos comboios.

Epílogo · A toma da noite

Fecho o portátil.

Onze e meia de uma noite de verão na casa da aldeia. No sofá dorme a Kira. No quarto dorme a Laia. Lá fora, a aldeia faz a estas horas o barulho de sempre, que é quase nenhum.

Vou à cozinha. Em cima da bancada estão os dois copos de shot que nunca mais voltarão a ter licor lá dentro, e isso já o contei: num vai o da manhã e no outro o da noite. O da noite leva dois de lítio e o que o meu médico me pôs para dormir depois do último internamento. Dois inteiros, à noite. O comprimido e meio é o da manhã, e essa metade parte-se com a minha mãe ao lado. Aqui não há nada para partir. Deito-os para a palma da mão e engulo-os com um copo de água, tal como todas as noites desde há mais de sete anos.

E o lítio sabe a moeda velha. Escrevi-o na primeira página e repito-o na última porque não mudou nem vai mudar nunca: sabe a metal, àquela ferrugem que larga o reverso de uma peseta quando se passa pela língua. Atrás do sabor chega o do costume, pela mesma ordem e sem me pedir licença: o meu pai, o frasco cor de laranja ao lado do lava-loiça, entre o esfregão e o sal, aquela cozinha, a pasta azul que continuo sem abrir. O meu pai está por trás de cada toma. Esteve nas mais de cinco mil que levo em cima e estará em todas as que me restarem, e deixei de me pegar com isso, primeiro porque não se pode e depois porque, se for sincero, também não quero. Ele guardava-as. Toma a toma, meses inteiros, escondidas nalgum canto da casa, até juntar as suficientes. Eu engulo-as. Aí está a diferença inteira, e cabe dentro de um copo de shot.

Desta vez não.

Penso-o com essas três palavras exatas, todas as noites, e não é uma frase que eu tenha fabricado para rematar um livro: é o que se me acende sozinho na cabeça quando o sal desce. Desta vez não. E não porque eu seja mais forte do que ele, que não sou, nem melhor, nem mais esperto. Porque tenho o que a ele não lhe deram: o nome disto, um médico que é o mesmo todos os meses, uma irmã capaz de me distinguir os silêncios, uma mãe a dez minutos daqui, uma

mulher no quarto ao lado que de manhã me olha para a cara antes de olhar para o telemóvel, e uma gata que exige calor e comida e nunca me pede explicações. Com tudo isso à volta, o mesmo comprimido faz precisamente o contrário do que fez com ele. E se desta doença há alguma coisa que valha a pena repetir, é isso: que com o mesmo sal e o mesmo cérebro se pode acabar morto num descampado aos sessenta e seis ou de pé numa cozinha aos quarenta e um, e que o que decide qual das duas coisas acontece não está dentro do comprimido. Está à volta dele.

O livro existe.

A história da minha puta vida com esta gente está escrita. Com os nomes mudados para proteger quem há que proteger e com o que aconteceu contado tal como aconteceu. Com o primeiro internamento e com este sabor. Com a Claudia e o seu mapa com uma estrela em cima do sítio onde vive o pai. Com a Kira e a cara dela repartida sem nenhuma simetria. Com a Laia, que ficou.

Está tudo aqui dentro, e finalmente fui eu a contá-lo. Escrito pesa menos, e outra coisa não pedia eu a este livro: nada de me devolver o perdido, só deixar-me carregá-lo de outra maneira. O que eu fazia antes era ruminar, que também tem nome e capítulo nos manuais: dar voltas às mesmas cenas e às mesmas frases, todas as manhãs, sempre no presente, como se tudo estivesse a voltar a acontecer-me desde o princípio. Escrever uma coisa com a sua ordem e o seu contexto manda-a para o passado, que é onde lhe compete estar. Deixa de ser uma ferida que se abre sozinha e passa a ser um parágrafo escrito que já não é preciso voltar a escrever. Cada capítulo que fui fechando fechou também, um bocado, aquilo de que falava. E não é que doa menos: é que já está dito, e não tenho de mo repetir a mim próprio às três da manhã.

E fica uma conta pendente com uma canção, porque a percebi a meias há dez anos, sentado no banco de um abrigo enquanto caía o granizo, e a outra metade só a percebi ao escrever isto. Diz a canção que a coisa acaba por sair como no cinema, e que dói na mesma. Naquela tarde, com a mania acesa e com tudo por perder, aquilo soou-me a consolo de perdedor. Hoje assino por baixo, porque me aconteceu. Comparo como o faço agora com como o fazia então e o resultado é de filme. Uma mania geria-a eu a deitar fogo à minha vida e a gravar de madrugada; agora giro-a com lítio, com um médico, com uma mulher que me lê a cara e com estas páginas. Perdia por lotes casas, empregos, companheiras, amigos. Agora há uma casa, alguém que não se vai embora, uma filha que sabe

onde vive o pai, e um livro no sítio onde antes só havia entulho por recolher. Antes contavam-me os outros. Agora conto-me eu. Portanto sim: de cinema.

E dói na mesma.

Dói a Marta. Dói a Rocío. Dói a Inés. Doem os anos que se me ficaram em tribunais, em alas de psiquiatria e em horas extraordinárias, a pagar o que partiu uma doença que ninguém me consultou se eu queria. Doem oito anos e meio sem ver a minha filha, que já não mos devolve ninguém. Dói a gente que muda-va de passeio ao ver-me chegar. E dói de outra maneira, mais limpa, saber que parte daquele estrago o fiz eu. É isso que a canção sabia e eu ainda não: que fazer as coisas bem não cancela fatura nenhuma. Pode-se acabar bem e continuar a doer, porque a dor não é o que se paga por se ter feito mal. É a marca de que ali houve alguma coisa.

Deixo o copo no lava-loiça. Apago a luz da cozinha. A Kira nem se imuta.

E amanhã é dia de partir um. Vou telefonar à minha mãe.